

REINO PERVERS

SÉRIE ROYAL ELITE - 3

Rina Kent

cherish
BOOKS

REINO PERVERS

SÉRIE ROYAL ELITE - 3

Rina Kent

Título original: Twisted Kingdom

Copyright © 2020 Rina Kent

Copyright da tradução © 2025 por Cherish Books Ltda

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito das editoras.

Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Lucy Vargas

Revisão: Elimar Souza

Diagramação: AJ Ventura

Capa: L.K. Design

Rina, Kent

Reino Perverso/ Rina Kent; tradução de Lucy Vargas. Rio de Janeiro: Cherish Books, 2025.

Tradução de:

ASIN

1. Ficção americana I. Vargas, Lucy. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Cherish Books

Rua Auristela, nº244 - Santa Cruz

E-mail: cherishbooksbr@gmail.com

SUMÁRIO

[Capa](#)

1. [Aiden](#)
2. [Aiden](#)
3. [Elsa](#)
4. [Elsa](#)
5. [Aiden](#)
6. [Elsa](#)
7. [Elsa](#)
8. [Elsa](#)
9. [Elsa](#)
10. [Aiden](#)
11. [Aiden](#)
12. [Elsa](#)
13. [Elsa](#)
14. [Elsa](#)
15. [Aiden](#)
16. [Elsa](#)
17. [Elsa](#)
18. [Elsa](#)
19. [Elsa](#)
20. [Aiden](#)
21. [Elsa](#)
22. [Elsa](#)
23. [Elsa](#)
24. [Aiden](#)
25. [Elsa](#)
26. [Elsa](#)
27. [Elsa](#)
28. [Aiden](#)
29. [Elsa](#)
30. [Elsa](#)
31. [Aiden](#)

- 32. [Elsa](#)
- 33. [Elsa](#)
- 34. [Ethan](#)
- 35. [Elsa](#)
- 36. [Aiden](#)
- 37. [Jonathan](#)
- 38. [Aiden](#)
- 39. [Elsa](#)
- 40. [Elsa](#)

[Epílogo - Aiden](#)

[Epílogo - Elsa](#)

[Sobre a Autora](#)

I

AIDEN

Passado

Nós sempre estaremos juntos. Você é a razão de eu estar viva, Aiden.

A voz da minha mãe flutua na minha cabeça como calor em meio ao frio. A algema chacoalha e protesta enquanto puxo as pernas até o peito. O chão gelado envia rajadas congelantes por todo o meu corpo, mas não tenho energia para me levantar. Os dedos dos meus pés estão dormentes. Os vergões nas minhas costas queimam. As marcas vermelhas deixadas pelas algemas nos meus tornozelos ficaram roxas.

Eu acho que isso é ruim.

Parece que horas se passam e ainda não tenho energia para me levantar, muito menos para olhar meu ferimento de perto. Meu torso desliza para o chão frio que cheira como os estábulos da casa do amigo do meu pai.

Meus dentes batem e mordo o lábio várias vezes, tentando parar.

— Mãe... — eu sussurro na sala escura como breu.

Ela disse que temos um vínculo especial entre mãe e filho e ela pode sentir minha dor. Minha mãe sabe quando ficarei doente antes mesmo de eu acordar. Ela deve estar sentindo minha dor agora. Ela deve estar chorando.

Não gosto quando mamãe chora, mas quero que ela me encontre.

Este lugar não é como nenhum outro onde já estive. Tudo aqui dói.

Meu estômago ronca como um animal. Pressiono minha mão nele, mas

isso não acalma o som. Na verdade, fica cada vez mais alto, como se estivesse me provocando.

Lambo meus lábios secos e rachados e olho para a garrafa de água vazia aos meus pés. É a única coisa que consumi desde que me separei de Xander e Cole. Será que eles também estão com fome? Eles também foram feridos pela mulher vermelha?

Não sei quanto tempo passei neste lugar escuro e sujo, mas já faz tanto tempo que meu estômago está roncado por horas. Se eu não comer logo, não terei forças para abrir os olhos, muito menos me levantar e procurar uma saída.

Mamãe está esperando por mim. Ela fica triste quando não estou com ela e odeio quando mamãe fica triste.

A porta range quando se abre. Eu me levanto e estremeço quando a parede de pedra corta minhas costas machucadas, mas essa é a menor das minhas preocupações.

A mulher vermelha está de volta.

A corrente está ao meu redor. Agarro a algema e puxo com a pouca energia que me resta. Eu sei que não vai sair. Eu sei que estou apenas arranhando minha pele, mas é tudo que posso fazer.

Se eu não me libertar, a mulher vermelha vai me machucar de novo.

Ela vai me bater.

Ela vai queimar minha pele.

Uma luz suave entra no quarto escuro, cegando-me. Aperto os olhos quando o eco de passos se aproxima. Não é o clique nos saltos altos da mulher vermelha. Minha respiração desacelera um pouco e minha mão afrouxa em volta da algema. Com a luz entre nós, um rosto pacífico aparece. Um halo branco a envolve, completo pelo seu vestido branco de algodão e sapatos de coelho.

Um anjo.

Ela é como a estátua de anjo que mamãe tem em nosso jardim.

É a mesma garota da outra época. Acho que foi ontem. Já que ela está vestindo roupas de dormir, deve ser noite novamente. Ela solta a luz no chão e se agacha a minha frente. Suas mãozinhas estão arrastando uma sacola pesada atrás dela, mas não me concentro no som ou na bolsa dela.

Eu me concentro nela.

A garota que se parece exatamente com uma das bonecas de Silver e Kimberly. A garota com cabelos loiros dourados e olhos azuis brilhantes me

olha com a testa franzida. A garota com pele branca leitosa e bochechas vermelhas. Eles transformam as bonecas de Silver e Kimberly em pessoas reais que podem mover e arrastar coisas?

Ela balança a mão na frente do meu rosto, as duas linhas entre suas sobrancelhas se aprofundando.

— Você pode me ouvir?

— Você é real? — minha voz soa distante, como se eu estivesse falando de outra sala.

Eu toquei nela ontem. Segurei a mão dela e pedi que me ajudasse, mas talvez eu esteja vendo fantasmas. Talvez eu esteja me tornando como minha mãe quando ela não consegue dormir à noite. Talvez a mulher vermelha esteja tentando me torturar novamente.

— Claro que sou real, bobo. — Ela sorri, mostrando um dente perdido.

Ok, as bonecas de Silver e Kimberly não têm dentes perdidos.

Ela pega uma sacola menor e revela um guardanapo. O cheiro de pão e Marmite me atinge direto no estômago. O ronco pode ser ouvido de outro continente.

— Eu trouxe para você.

Arranco o pedaço de pão de sua mão antes que ela tenha a chance de terminar a frase. Se meu pai me visse comendo agora, ele gritaria comigo por minha falta de educação. Eu nem mastigo, não espero engolir a primeira mordida antes de dar a próxima.

— Desculpe. Estas foram as únicas coisas que consegui encontrar na cozinha tão tarde.

A garota se aproxima de mim com cuidado. Eu me afasto dela como um cachorro faminto protegendo sua comida. Ela se levanta e envolve algo fofo e quente em volta dos meus ombros.

— Está congelando aqui.

Eu olho para ela enquanto mastigo um pedaço de pão. Eu tusso e engasgo com a mordida. Ela enfia a mão em sua bolsa mágica e tira uma garrafa de água. Eu pego dela e bebo metade de uma só vez. O líquido frio acalma minha garganta áspera como mel. Sinto falta dos sanduíches de mel que Margo fazia para mim.

Volto a devorar meu pão. Começo a provar a Marmite perto do fim. Algo quente se conecta à minha pele e paro de mastigar para olhar a garota novamente. Ela está limpando meu rosto com um pano de algodão úmido, mas quanto mais ela limpa, mais se entristece. Seus dedos penteiam meu

cabelo emaranhado e então ela desliza o pano pelo meu braço, forçando-me a comer com uma mão. Uma lágrima gorda desliza por sua bochecha. Engulo o último pedaço de pão e permaneço completamente imóvel.

Por que ela está chorando? Fiz algo de errado? É porque eu disse que ela não é real?

— Eu sei que você é real — minha voz está menos áspera do que antes.
— Não chore.

— Sinto muito que aqueles monstros tenham feito isso com você. Eles levaram Eli, mas não se preocupe. — Sua palma se apoia em minha bochecha, determinação brilhando em seus olhos azuis. — Eu não vou permitir que eles levem você também.

2

AIDEN

Presente

Este é o pior cenário que poderia ter acontecido. E parte do desastre é que eu não esperava que isso acontecesse – e sempre vejo as coisas chegando.

O erro mais catastrófico que qualquer general pode cometer é sentir-se confortável e ignorar o mundo exterior. Fiquei cego por causa de Elsa e sua proximidade, estava sobrecarregado com sentimentos e pensamentos irracionais e não tentei controlá-los.

Elsa tem esse efeito em mim; tem o poder de foder com os planos mais bem traçados. Depois da noite passada, eu queria que ela tivesse um aniversário tranquilo, sem permitir que o mundo exterior o estragasse.

Resultado: fui pego de surpresa.

Ethan Steel está vivo e parado no meio do salão do Meet Up – um lugar que minha mãe considerava um santuário.

Elsa não tirou o olhar de cima dele desde o momento em que ele entrou. Seus olhos azuis se arregalaram e seu queixo quase caiu no chão. Acho que ela nem percebe, mas seus membros tremem levemente, como se ela não conseguisse controlar sua reação.

Jonathan também não está se controlando. Seu olhar ameaçador estuda Ethan como se ele estivesse assistindo um demônio surgir das cinzas. A julgar pelo aperto em sua mandíbula, ele não esperava ver Ethan vivo.

Jamais.

O pai de Elsa simplesmente embaralhou todas as peças de xadrez ao voltar dos mortos como a porra de um fantasma.

Queens está na entrada, encolhendo-se contra a parede. Ela segura o telefone com força e observa a cena se desenrolar como se fosse um show de horrores. Lidarei com ela mais tarde por não me avisar sobre a chegada de Jonathan e por fazer com que Elsa descobrisse o noivado dessa forma.

Jonathan deve ter aparecido na porta dela sem avisar e tornou impossível para ela recusar, mas ela poderia ter enviado uma porra de uma mensagem. A vida como ela a conhece será despedaçada. Eu vou me certificar disso.

Minha atenção se volta para Van Doren, que está ao lado de Ethan com um sorriso orgulhoso nos lábios machucados.

O filho da puta.

Eu sabia que havia algo de errado com ele desde a primeira vez que entrou na CRE, integrando-se à vida de Elsa como um parasita. Só não sabia que ele fazia parte do plano de Ethan Steel.

Bem jogado, velho. Bem jogado, porra.

— É você... pai. — O sussurro assombrado de Elsa ecoa nas paredes, envolvendo-nos como uma oração.

Há um brilho inocente em seus olhos que lembra sua infância. Ver seu pai novamente a fez voltar dez anos no tempo. Ela é novamente a menina de sete anos que sempre mencionava o pai em todas as conversas.

Ela o chamou de super-herói.

Seu herói invencível.

Agora ele está de volta e vai tirá-la de mim depois que eu finalmente a encontrei. Quem diabos ele pensa que é para entrar depois de dez anos se fingindo de morto e tirar o que é meu?

É hora de irmos para casa?

Porra, não.

Nem fodendo.

— Sim, princesa. Sou eu. — Ele sorri com tanto sentimento que tenho vontade de arrancar seus olhos e empurrá-lo de volta para o túmulo de onde ele saiu.

É ele, eu o reconheci como o homem e não como o pai de Elsa.

Ethan Steel — ex-amigo de Jonathan e seu rival mais digno.

Ele envelheceu desde a última vez que o vi, mas ainda usa o mesmo estilo de terno preto de Jonathan. Ele ainda ostenta seu cabelo castanho penteado para trás com propósito e poder; ele ainda usa sapatos Prada e punhos de

diamantes e um relógio que custa o orçamento anual de um país do terceiro mundo.

Ele é o imperador do Império Steel, de volta para buscar sua herdeira.

O lábio inferior de Elsa treme como se ela fosse chorar, mas não há lágrimas. Quando olho mais de perto, quase posso ver o reflexo de Ethan em seus olhos azuis elétricos.

Ela dá um passo trêmulo. Seus fios loiros úmidos grudam no rosto e nas roupas molhadas, mas aposto um dos meus membros que ela não está tremendo por causa do frio. Agarro seu braço, impedindo-a de dar outro passo. Ela não me reconhece e continua tentando chegar até o pai.

— Tire as mãos da minha filha. *Agora.* — Ethan ordena em um tom autoritário que teria assustado qualquer outra pessoa.

Ethan não é um homem para ser menosprezado. Ele é tão implacável quanto Jonathan, se não mais. Se ele mirar em alguém, não vai parar até que essa pessoa seja eliminada. O fato de ele ter ressuscitado dos mortos é mais uma prova de sua personalidade implacável.

Mas ele não me assusta.

A única pessoa com quem me importo é essa linda garota que nem reconhece minha existência.

— Deixe-a ir, Aiden. — Jonathan finalmente fala.

Eu o ignoro.

— Elsa, olhe para mim.

Ela não olha.

Deslizo meu polegar ao longo de seu braço, acariciando suavemente.

— Querida, olhe para mim.

— Você está noivo da Silver? — Elsa continua olhando para o pai, mas suas palavras são dirigidas a mim.

A pergunta repentina me deixa paralisado. Como posso responder a isso sem desencadear o lado feio dela?

— Não é o que você...

— Sim ou não? — ela me interrompe, ainda sem me olhar.

Eu cerro meus ps dentes com a forma apática como ela está se dirigindo a mim. Não posso culpá-la, mas meu cérebro só tem um único pensamento: jogue-a por cima do ombro e tire-a daqui.

Só estou me contendo porque ela está se reunindo com o pai e nunca vai me perdoar por levá-la embora. E embora eu não me importe com ele ou com qualquer outra pessoa nesta sala, eu me importo muito com ela.

— Elsa, há tanta coisa que você precisa saber — falo no meu tom mais calmo.

— É uma pergunta simples, Aiden. Sim ou não?

— Sim. — Meu olho esquerdo se contrai quando digo a palavra.

Elsa fica completamente imóvel; ela nem pisca. Espero que ela se vire e me bata. Eu deixaria. Se isso vai ajudá-la a desabafar, vou deixá-la me bater o quanto quiser. Contanto que ela finalmente me olhe, estou pronto para fazer qualquer coisa.

Ela puxa o braço do meu aperto. Minha mão se fecha em punho ao meu lado, mas não a agarro novamente. Sinto agonia por tê-la perto e não tocá-la, mas se eu estender a mão para ela, realmente vou arrancá-la daqui.

Todo o tremor de antes desaparece. Sua coluna se endireita e seu queixo se ergue enquanto ela dá passos decididos na direção de seu pai. Para longe de mim.

— Elsa. — O nome dela sai dos meus lábios como um grunhido de dor.

— Vamos para casa — ela diz ao pai com tanta determinação que ecoa pela sala.

Ethan passa um braço em volta dos ombros da filha. Ela se aconchega ao lado dele como uma gatinha.

— Estou ansioso para acabar com você, Jonathan. — Ele acena em nossa direção.

Então ele sai pela porta com Elsa e Van Doren andando um de cada lado dele.

Vá atrás dela.

Traga-a de volta.

Sequestre-a se for preciso.

Uso toda a minha força de vontade para não seguir as exigências da minha besta. Se eu usar qualquer tipo de força com ela, o tiro sairá pela culatra e me queimará. Se alguma distância ajudar a acalmá-la, que assim seja.

Por agora.

Encaro Jonathan, esperando que ele esteja furioso com a aparição repentina de Ethan. Meu pai gosta de usar o elemento surpresa, mas, com certeza, não gosta de ser a vítima. A ressurreição de Ethan dos mortos embaralhou todas as suas cartas e arruinou o plano que ele vem tramando há dez anos.

Um sorriso sádico aparece em seus lábios. Ele senta no sofá e seus dedos

assumem o formato de uma torre de igreja sob o seu queixo. Só posso imaginar todos os cenários macabros que estão rodando por sua mente.

Queens se aproxima de mim com passos cuidadosos, como se estivesse andando por um campo minado.

— Eu não queria vir aqui, mas...

— Some daqui — Levanto a mão, calando-a.

Sua voz e rosto são as últimas coisas que quero ver e ouvir agora.

— A propósito, você mereceu — ela sussurra, então sou o único que ouve. — Isso é o que acontece quando você fode com as pessoas. Acaba fodido de volta.

Eu dou a ela o meu melhor olhar de “você tem um desejo de morte”.

— Estou indo. — Ela levanta um ombro e bufa ao anunciar.

Jonathan nem repara nela, ainda perdido em sua própria cabeça. Somos iguais: quando há um alvo a eliminar, desligamos o mundo interior e ficamos perdidos em nosso caos interno. Ele provavelmente está contando suas opções e bolando um plano para destruir Ethan. O raciocínio rápido e a capacidade de tomar decisões sob estresse são as razões pelas quais Jonathan é o que é hoje. Enquanto outras pessoas enlouquecem, Jonathan se concentra em encontrar soluções eficientes. Se ele cair, ele não fica pensando no golpe, ele pensa em como nunca mais cair.

— Você realmente não sabia que ele está vivo? — pergunto.

O sorriso ainda inclina seus lábios.

— Se eu soubesse, não teria ido atrás da filha dele. Interessante. Talvez ele tenha continuado escondido para ver como eu lidaria com a existência de seu único herdeiro.

Eu não ficaria surpreso.

Mas, ao contrário de Jonathan, Ethan é afetuoso com Elsa. Ele não se apagaria da vida dela e a faria acreditar que ele está morto só por causa de um jogo com Jonathan.

Além disso, Ethan é um homem de negócios. Ele não teria deixado seu império voluntariamente por dez anos sem motivo.

— Ethan não perderá tempo e atacará imediatamente. — Enfio a mão no bolso.

— Então atacamos primeiro. — Ele se levanta e abotoa o paletó. — Ligue para Levi. Temos uma guerra para tramar.

3

ELSA

Dizem que basta um segundo para que tudo vire de cabeça para baixo.
Tive muitos segundos como esses na minha vida.
Quando apaguei minhas memórias.

Quando conheci Aiden pela primeira vez no CRE.

Quando quase me afoguei na piscina.

Quando me lembrei de um pouco do meu passado sombrio e sangrento.

Porém, o momento em que coloquei os olhos em meu pai supostamente morto é, sem dúvida, o ponto alto de tudo.

Desde que ele entrou pela porta, tudo que pude fazer foi olhar para ele. Eu até parei de piscar, com muito medo de que ele desaparecesse no ar no momento em que eu fechasse os olhos.

Papai, Knox e eu seguimos na traseira de um carro. Não prestei atenção ao modelo, mas deve ser luxuoso considerando os bancos de couro caramelo de alta qualidade. Tem até um motorista que está separado de nós por uma divisória.

Os fones de ouvido de Knox estão pendurados em seu pescoço enquanto ele se senta ao lado do meu pai sem nenhuma preocupação no mundo. Ele sorri como um idiota enquanto olha seu telefone.

Por favor, me diga que ele não está olhando memes agora.

Estou aqui, na frente deles, com as mãos congeladas entre as pernas. Fios do meu cabelo e roupas molhados grudam na minha pele e um arrepio desce do meu couro cabeludo até os dedos dos pés, apesar do calor no carro.

Nada disso importa.

Toda a minha atenção se concentra no homem à minha frente.

Pai.

Meu pai está vivo.

No pesadelo que tive esta manhã, ele estava se afogando em uma poça de seu próprio sangue, gritando para eu correr.

Como ele pode estar aqui agora?

Ele está me observando com calor brilhando em seus olhos.

Memórias nebulosas voltam.

Naquela época, papai costumava ser severo e maníaco por controle. A equipe e os amigos do papai que usavam preto – que agora reconheço como guarda-costas – tremiam ao vê-lo. Ele era o tipo de homem que comandava qualquer sala em que estivesse.

Ethan Steel — o imperador da fortuna Steel. Um empresário impiedoso e um inimigo implacável.

Meu pai.

Quando eu era mais jovem, eu o via de uma perspectiva diferente de todas as outras pessoas. Para mim, ele não era o homem impiedoso e sem coração que todos temiam e de quem se esquivavam. Ele era papai.

Apenas papai.

Ele era o tipo de pai que não apenas lia histórias para mim antes de dormir, mas também performava para mim. Ele me fazia cócegas até que risse.

Ele me levou em longas corridas na chuva.

Ele me salvou dos monstros no lago.

Papai nunca franzia a testa ao olhar para mim. Quando ele estava tendo um dia ruim, bastava me ver e um sorriso aparecia em seu rosto.

— Você está confortável, princesa? — ele pergunta com uma voz baixa, mas calorosa.

Princesa.

Naquela época, eu era sua princesa. Sua favorita. Seu Legado. Sua obra-prima.

Um nó se aloja no fundo da minha garganta. Não consigo falar, mesmo que queira, então aceno com a cabeça. Durante longos minutos, o silêncio é a única linguagem no carro. Observo as rugas no rosto de papai. Ele tem um queixo pontiagudo e maçãs do rosto salientes que lhe conferem um tipo não tradicional de beleza masculina. De longe não nos parecemos em nada, mas de perto compartilho a espessura de seus cílios e o formato de seus olhos - os

meus são um pouco maiores.

Ele apoia o cotovelo na beirada do assento do carro e se inclina enquanto me observa. Somos como dois animais feridos que não sabem aceitar a ajuda oferecida. Ou, talvez eu seja a única que se sente assim. Afinal, papai sabia exatamente onde me encontrar.

— Eu entendo que isso pode parecer demais. — O sotaque elegante do papai preenche o carro.

Pode parecer demais?

Ele está brincando? Ele acabou de voltar dos mortos. Certamente, existem outras palavras que ele poderia usar.

— Eu disse que ela não está pronta. — Knox não desvia a atenção do telefone.

— Isso cabe a mim decidir — Ethan diz a ele.

Knox dá de ombros.

— Só estou dizendo, pai.

Pai?

Meu olhar se volta para Knox. Ele acabou de chamar meu pai de pai *dele*?

Ele tem mais ou menos a minha idade, quando diabos papai o teve? Ele é de outra mulher?

— Você é... — Eu limpo minha garganta. — Você é meu irmão?

— Irmão adotivo, meu bem. — Knox levanta o olhar do telefone e pisca.

Oh. Okay.

Ele tem alguma semelhança com Eli. Foi por isso que papai o acolheu?

Embora eu duvide que papai aceitaria alguém só por isso; ele não gosta que ninguém entre em sua bolha familiar. Agora que penso nisso, a preocupação do meu pai com a privacidade veio antes de tudo. É por isso que ele nos manteve longe da civilização.

No entanto, tudo isso é apenas uma especulação baseada no que me lembro do meu pai. Já se passaram dez anos, ele poderia ter se transformado em uma pessoa totalmente diferente.

— Estou magoado por você não se lembrar de mim. — Knox faz beicinho como uma criança que foi privada de seu brinquedo favorito.

— Lembrar de você? — pergunto.

— Sim. Você deveria se lembrar de mim depois...

— Knox. — O aviso no tom de papai é alto e claro.

Knox encolhe os ombros e volta a navegar pelo telefone.

Okay. Isso é estranho.

Muito estranho.

Encaro os olhos castanhos do meu pai. Eles são tão sábios e profundos que você pode se perder lá dentro e nunca encontrar uma saída. Ele deve usar seu olhar penetrante como método de intimidação durante reuniões de negócios.

— Você esteve criando Knox todo esse tempo? — Tento não parecer amarga mas não tenho certeza se consegui.

Papai me deixou por dez anos. Todo esse tempo, pensei que ele estava morto e enterrado em algum lugar que eu nunca encontraria enquanto ele estivesse vivo e bem. Inferno, ele está criando outro filho enquanto sua única filha morava com parentes.

— Não, na verdade não. Nós nos criamos por nossa conta — diz Knox.

— Nós?

— Há outro. — Ele sorri.

— Outro? — Eu quis gritar, mas minhas cordas vocais se contraem, então a única coisa que sai é um murmúrio abafado.

— Cale a boca por um segundo, Knox. — Papai parece exasperado e resignado.

— Tanto faz.

Papai se concentra novamente em mim. Ele tira o paletó e, antes que eu possa reagir, coloca-o em volta dos meus ombros. Meus dedos afundam no material caro enquanto ele se acomoda em seu assento. Tem cheiro de cravo e canela. Tem cheiro de papai.

— Você está tremendo. — Ele bate na divisória entre nós e o motorista. — Ligue o aquecimento, Joseph.

— Sim, senhor.

Não estou tremendo por causa do frio, mas não digo isso. Minha mente está repleta de tantas perguntas e teorias, mas tenho dificuldade em formar palavras. Minha cabeça continua relembrando a visão de sangue enquanto meu pai estava deitado nele. Essa é a sensação de estar algemada ao passado. Está sempre lá, enrolando fios em volta do seu pescoço, ameaçando cortá-lo.

— De quanto você se lembra? — papai pergunta.

— Não muito. — Minha voz é pouco mais que um sussurro.

— Eu te disse — diz Knox.

Papai lança um olhar furioso para ele antes de se concentrar novamente em mim.

— Você se lembra da noite do incêndio?

Balanço a cabeça uma vez. Uma mistura de decepção e alívio cobre suas feições.

— Entendo.

— Eu sonhei com sangue, no entanto. Você... Você foi baleado e coberto de sangue, pai. Como... Como você... C-como...

— Ei! — Ele desliza para a beirada do assento e segura minha mão na sua palma quente. — Respire, princesa.

— Você morreu! — eu grito a plenos pulmões. — Achei que você estivesse morto nos últimos dez anos. Por que você apareceu agora? Por que não antes? Por que, papai? Por quê?

— Você acha que eu teria deixado minha princesa sozinha se tivesse escolha?

— O-o que aconteceu? — Eu olho para ele através dos cílios molhados.

— Levei um tiro e fiquei em coma desde então. Só recuperei a consciência há um ano. Se dependesse de mim, eu teria encontrado você no momento em que acordei, mas não queria que você me visse naquele estado.

— Isso é verdade. — Knox enumera nos dedos. — Ele teve que passar por fisioterapia e terapia mental e um monte de outras terapias que me deixaram maluco.

Observo papai de perto. Mesmo que ele pareça bem agora, isso não significa que ele esteve bem o tempo todo. Papai ficou em coma por nove anos.

Li uma vez que pacientes em coma sofrem imensamente durante a reabilitação e lutam para voltar ao normal. Existe uma pedra sob a qual eu possa me esconder? Agi como uma mimada com o fato de ele ter desaparecido quando eu não sabia de toda a história.

— Fiquei de olho em você — diz papai. — Eu simplesmente não apareci.

— A Mercedes preta. — Eu suspiro.

Ele concorda.

— E Knox.

Este último aponta dois dedos em minha direção.

— Sempre ao seu serviço, minha senhora.

As peças começam a se encaixar. Desde que Knox apareceu na minha vida, ele sempre esteve por perto, mesmo quando eu não precisava dele.

— Você me deve, lembra? — Knox pisca.

Eu concordo.

— E sua amiga de cabelo verde me deve isso. — Ele dá um tapinha no

hematoma no canto da boca.

— Kim?

— Aquele babaca do Xander fez isso. — Ele se inclina para sussurrar. — A propósito, seu Aiden assistiu e depois partiu em direção ao pôr do sol como se não tivesse visto nada.

Meus lábios se separam.

A verdade é que não estou surpreso que Aiden estivesse envolvido. Suspeitei que ele tivesse algo a ver com isso. No entanto, estou *surpreso* que Xander tenha se entregado à violência. Ele nunca demonstrou comportamento violento.

Exceto aquela vez no refeitório.

— Ele não é o Aiden dela — papai fala inexpressivamente. — Ele é Aiden King, filho de Jonathan King, que arruinou nossas vidas.

Engulo em seco, e não é só por causa da lembrança de uma briga entre nossas famílias.

Papai está certo.

Ele não é meu Aiden.

O problema é o seguinte, Steel, você não tem futuro com Aiden porque ele já está noivo de Silver.

As palavras desapaixonadas de Jonathan arranham meu coração defeituoso, rasgando-o. Silver estava certa o tempo todo – ele nunca me pertenceu. Ele me reduziu ao papel mais repugnante e desprezível: o de outra mulher.

Sentimentos caóticos apertam meu peito, mas escolho desligá-los. Eu me recuso a ser arrastado para esse inferno. Agora não.

— Você está bem agora? — Eu me concentro no meu pai.

— Estou.

— Haverá efeitos colaterais do coma?

— De acordo com meu médico, estou estável.

— Mas ele precisa fazer exames regulares — Knox interrompe.

Lágrimas brotam em meus olhos com a lembrança. Assim como eu, papai levou um tiro naquele dia. Nós dois fomos vítimas.

Ou realmente éramos nós as vítimas?

Tudo está embaçado e sem solução à vista.

Há uma coisa que tenho certeza: papai está aqui. Ele não está morto. Ele manteve sua promessa de não me deixar como Eli fez.

Ele voltou por mim.

— Pai?

— Sim, princesa?

— P-posso te abraçar?

Os cantos dos seus olhos suavizam e, sem hesitação, ele abre os braços. Mergulho direto e enterro meu rosto em seu peito. Os braços do meu pai me envolvem em um abraço caloroso e reconfortante. As lágrimas que lutei desde que o vi hoje escorrem pelo meu rosto.

— Você está... V-você está de volta.

— Eu prometi a você que nunca iria te deixar. Desculpe-me pelo atraso, princesa.

Balanço a cabeça freneticamente.

— Você voltou.

Pelo que parece uma eternidade, continuo a chorar contra seu peito. Meus dedos afundam em sua camisa como se eu tivesse voltado a ser aquela garotinha.

A garotinha do papai.

— Eu nunca vou deixar você novamente. Eu prometo.

Solução em seu peito, minha respiração frenética.

— Chegamps! — Knox grita e depois murmura. — Graças a Deus.

— Você está pronto para entrar em nossa casa? — Papai afasta o cabelo do meu rosto.

Tiro a cabeça do peito do meu pai e aceno com a cabeça, mas mesmo assim, um tumulto começa no fundo do meu estômago.

Estou *pronta* para entrar na casa onde perdi minha infância?

Só há uma maneira de descobrir.

4

ELSA

Lar.

Uma palavra tão estranha.

Estou aqui de novo. Em Birmingham. Em casa.

Knox já pulou do carro como se o banco estivesse pegando fogo. A distância do portão da frente até a mansão é longa. Um jardim elegante se estende até onde a vista alcança e está repleto de árvores cortadas em diferentes formas geométricas.

Um tremor percorre meus membros enquanto papai e eu paramos em frente ao grande portão da mansão. Duas estátuas de leões decoram a entrada, tal como nas minhas memórias fragmentadas.

Acho que nunca percebi o quão grande era a nossa mansão quando eu era mais jovem. Lembro-me das cercas, do lago particular e das longas corridas que papai e eu fazíamos dentro do perímetro de nossa propriedade.

Nossa casa é maior que a mansão dos King. Talvez seja porque eles estão em Londres enquanto nós moramos longe da cidade, em Birmingham.

O céu nublado lança uma mortalha sombria sobre as duas torres altas no lado leste.

Um arrepio percorre meu corpo com a visão, arranhando minha caixa torácica como um prisioneiro precisando de libertação. Há algo estranho sobre essas torres, mas o quê?

— Bem-vinda ao lar, princesa.

Desvio o olhar da obra-prima arquitetônica para olhar para meu pai. Ele me observa com orgulho e realização, como se quisesse me trazer de volta há muito tempo.

— Eu... pensei que a casa inteira tivesse sido queimada no incêndio.

— E foi — a nostalgia cobre seu olhar antes que logo desapareça. — Não foi fácil, mas renovamos para que parecesse como antes.

— Percebo.

É tudo muito... surreal.

Se ficasse vermelho e enevoado agora, eu saberia que é um sonho. Talvez eu ainda esteja no consultório do Dr. Khan, revivendo a memória do meu primeiro encontro com Aiden. Talvez esta manhã nunca tenha acontecido. Talvez Aiden não esteja noivo de Silver.

Balanço minha cabeça internamente. Não vou pensar nele. Não vou pensar nele...

Papai pega minha mão e a entrelaça com seu braço.

— Vamos entrar. Você deve estar cansada.

Meus pés se movem por vontade própria quando entramos no hall de entrada.

Mármore.

Esse é o primeiro pensamento que vem à mente. Piso de mármore, escadas de mármore e até uma estátua de leão em mármore.

Espere. Isso está na moda?

Um homem de meia-idade – que se parece com Robert De Niro – e duas mulheres vestidas com trajes de empregada fazem uma reverência à nossa entrada.

Eu aceno de volta sem jeito. É tão estranho ver pessoas se curvando como se fôssemos da realeza. Porém, pelo que aprendi sobre a Steel Corporation, meu pai poderia muito bem ser considerado nobre em Birmingham. Ele não parece nem um pouco perturbado pela equipe. Ele os cumprimenta e segue em frente.

Sou como uma órfã perdida andando ao seu lado. Com minhas roupas semi-molhadas e cabelos desgrehados. Papai e eu entramos na enorme sala de estar com tetos abobadados dourados e luz ofuscante. Duas grandes estátuas de leões decoram as amplas escadas de mármore. Duas pinturas de guerreiros chineses ficam de cada lado da escada em perfeita simetria.

Agora sei de onde vem meu amor pelos antigos livros e filósofos de

guerra chineses.

Várias janelas francesas estão estrategicamente alinhadas em toda a área do salão, permitindo uma espreitadela para o jardim.

É exatamente como na minha visão. Talvez isto seja uma visão também. Talvez eu esteja tendo alucinações e meu pai não esteja vivo. Esse pensamento leva um gosto amargo e pegajoso ao fundo da minha garganta. Aperto sua mão para ter certeza de que isso não é um truque mental.

Não. Papai está aqui.

Ele voltou por mim.

— Aí está você.

Minha atenção se volta para a minha direita. Um homem de meia idade desce as escadas com um sorriso educado no rosto. Ele está vestido com um terno listrado de três peças, parecendo em forma e bem constituído para um homem de sua idade. Seus olhos azuis-claros lembram um tigre da neve e, embora ele não pareça velho, seu cabelo é salpicado de mechas brancas.

Espere.

Há algo familiar nele.

Olho mais de perto para o homem e meus olhos se arregalam.

— Você.

— Eu disse que ela te reconheceria. — Knox bate no homem por trás, passando um braço em volta de seu ombro, sorrindo travessamente. — Pague os cem, Agnus.

— Você me reconhece? — O homem, Agnus, pergunta sem prestar atenção em Knox.

— Você estava sempre naquela cafeteria. — Eu aceno lentamente.

— Bingo! — Knox sorri, estendendo a palma da mão. — Meus cem. A qualquer momento.

— Só para constar, você fez a aposta. Eu nunca concordei. — Agnus enfia a mão no bolso e pega sua carteira. Knox pega as notas e sorri enquanto conta o dinheiro.

— Alguém pode me dizer o que está acontecendo? — Meu olhar salta entre os três.

— Este é Agnus — diz papai. — Ele é meu braço direito, conselheiro e melhor amigo. Ele cuidou da empresa e do patrimônio enquanto eu não podia.

— Você não se lembra de mim, Elsa, mas eu era seu tio favorito quando você era mais jovem.

— Tio Reg era meu favorito. — As palavras saem dos meus lábios em um sussurro assombrado.

O rosto de Agnus fica branco. Knox fica tão visivelmente tenso que quase rasga o dinheiro com os dedos. A expressão do papai permanece ilegível.

— Reginald não existe mais, princesa.

— Ele era meu irmão gêmeo. — Agnus sorri com facilidade considerando a situação. — Você nunca poderia nos diferenciar.

Eu olho duas vezes para o rosto de Agnus. Ele tem olhos ligeiramente esbugalhados, mas não são tão proeminentes quanto os que tive no meu pesadelo com o tio Reginald. Além disso, Agnus é bonito como uma raposa prateada. Não me lembro de tio Reg ter sido bonito.

— Como ele morreu? — eu pergunto.

— O Grande Incêndio de Birmingham. — Knox enfia o dinheiro no bolso. — Como um porco assado.

— Knox — papai repreende. — Vá para o seu quarto.

— Ah, não! — Knox solta seu peso no sofá, joga uma das pernas sobre a outra e envolve a mão no encosto do sofá. — Ei, T. Você me deve cinquenta. Elsa não é uma vadia como você previu que seria.

Uma garotinha entra com fones enfiados nos ouvidos. Ela tem características tão pequenas que são adoráveis. Seu cabelo preto como a meia-noite cai direto sobre os ombros; seus olhos são enormes e pretos – ou são castanho-escuros? Seus lábios me lembram um botão de rosa e seu nariz é minúsculo como o resto do rosto.

Apesar da fofura de sua aparência geral, como uma espécie de Branca de Neve, o resto grita que ela não gosta disso. Para começar, ela está usando batom roxo escuro e sombra preta que dá aos olhos de corça uma aparência de bruxa. Ela também usa brincos de caveira.

Até as meias dela têm caveiras. Fora isso, ela está vestindo shorts jeans, uma jaqueta de couro preta e um top curto que revela sua barriga pálida.

Faço uma pausa para ler a escrita vermelha em sua blusa branca.

Às vezes o rei é uma mulher.

Interessante. Essa garota deve ser muito mais do que sua aparência sugere.

Tirando os fones de ouvido, ela me encara atentamente com olhos vazios e desolados. É como se ela estivesse pensando em maneiras de abrir minha cabeça e olhar para dentro.

— Elsa, esta é Teal. — Papai aperta minha mão, me tirando da

competição de encarar com a nova garota. — Teal, Elsa.

— A princesa mimada. — Teal brinca com os fones de ouvido. — Quem não sabe sobre ela?

— Pague, T. — Knox estala os dedos. — Você me deve.

— Ainda não. Eu tenho que tirar minhas próprias conclusões.

— Knox, Teal — papai fala devagar, mas com um tom autoritário. — Espero que vocês se deem bem com Elsa. Estou sendo claro?

— Já nos damos bem. — Knox pisca para mim. — Eu até ganhei dela em matemática.

— Sem promessas, pai. — Teal joga o cabelo para trás e sai sem olhar para trás.

As primeiras gotas de chuva começam a bater no vidro, mas ela parece não se importar. Talvez ela também goste da chuva e de sua capacidade de purificação.

— Dê algum tempo a Teal. — Papai sorri para mim. — Ela não é boa com mudanças ou estranhos, mas vai se acostumar.

— Ela também é... — Eu paro.

— Irmã adotiva. — Knox estala os dedos. — Bingo.

— Quantos mais têm?

— Só esses. — É Agnus quem fala. — Bem-vinda de volta, Elsa.

Okay.

Esta casa não é como eu me lembro. Muitas coisas mudaram, inclusive a adição de dois irmãos adotivos, um tio que não me lembro e as empregadas domésticas. Levarei algum tempo para entender a nova dinâmica, mas estar aqui já é um progresso por si só.

Voltei para onde tudo começou – e terminou. Este é o lugar que pode responder a todas as minhas perguntas e me levar ao caminho certo.

Respiro fundo, o aroma de jasmim e especiarias enche minhas narinas.

Não importa o quanto tenha mudado, este continua sendo o lar.

Minha casa.

Talvez, apenas talvez, seja aqui que eu deveria estar.

5

AIDEN

— E stou aqui. E por falar nisso, não quero estar aqui.
Levi se senta à mesa de jantar e agradece a Margo por preparar seu bife favorito.

Ela lança um último olhar para nós com preocupação gravada profundamente entre suas sobrancelhas. Levi, sendo um cavalheiro proclamado, dá-lhe um aceno tranquilizador, como se dissesse: ‘Não, nós não comeremos uns aos outros no jantar.’

Margo diz para chamar se precisarmos de alguma coisa e recua com passos rápidos. A porta dupla da sala de jantar se fecha atrás dela com determinação.

São apenas os King e suas cabeças confusas.

Bons tempos.

Não me lembro da última vez que nós três nos sentamos para comer. Desde que Levi começou seu relacionamento com Astrid e se mudou, ele quase não aparece mais, e quando aparece é só com ela ao seu lado.

Jonathan e eu sabemos que Astrid o convence a manter contato com sua família. Essa é a razão pela qual meu pai a aceitou ao longo do tempo, apesar de ela ser uma Clifford.

Novidades sobre os Cliffords; Jonathan não gosta deles.

A mãe dela matou o tio James em um acidente – no qual os dois morreram. Jonathan, sendo Jonathan, ainda guarda rancor de Astrid e de pai, como se eles que tivessem enfiado drogas na garganta do tio James naquela noite.

Em poucas palavras, esse é Jonathan. Ele é vingativo e implacável.

Ele ocupa a cabeceira da mesa enquanto Levi e eu nos sentamos um de cada lado dele. O lustre acima de nós lança uma luz branca sobre a comida, como se estivéssemos num programa de culinária.

Arrasto a faca sobre meu bife, mas não estou cortando nem comendo.

Meus pensamentos continuam voltando para como Elsa foi embora ontem. A dormência em seu rosto ainda espregueada dentro de mim, amarrando um laço em volta do meu coração. Como diabos eu pude deixá-la ir assim? Ela nem está com seu maldito celular. Não que ela teria atendido minhas ligações ou mensagens de texto.

Faz apenas um dia, mas parece que estamos separados há uma eternidade – e eu nem acredito em eternidade e toda essa merda. Estou aqui me perguntando quando exatamente ela se tornou parte integral da minha vida e da porra do ar que respiro.

Foi quando eu a reivindiquei como minha? Quando a toquei pela primeira vez? Quando me reencontrei com ela há dois anos? Ou talvez tudo tenha começado no maldito porão.

— Você está aqui hoje porque temos um inimigo.

— Quer dizer que *você* tem um inimigo — Levi zomba, dando uma mordida generosa em sua carne e mastigando sem se importar com nada.

— A família King tem um inimigo, seu insolente.

Levi revira os olhos, mas não diz nada. Já o informei sobre o retorno de Ethan Steel. Quer ele goste ou não, Levi é um King e o precioso legado de Jonathan. Ele já fazia parte do jogo antes de nascer.

Como eu.

Como Elsa.

— Conhecendo Ethan, ele tentará atrapalhar nossa formação antes de atacar. — Jonathan corta sua carne com facilidade, como se não estivesse falando sobre ataques e guerras.

— Você *conheceu* Ethan. Passado — eu digo.

— Ethan não muda seus métodos de ataque. — Jonathan faz uma pausa na refeição. — Além disso, minhas fontes me disseram que ele esteve em coma por quase nove anos. O passado é tudo o que ele lembra.

— Suas fontes não poderiam lhe dizer isso antes de ele fazer uma visita surpresa? — Levi zomba.

Jonathan olha para ele.

— São apenas os fatos, tio. Quem só conhece a si mesmo e não ao

inimigo sofre uma perda a cada batalha vencida, lembra? — ele recita as velhas estratégias que Jonathan usou para nos enfiar goela abaixo.

Levi nem está tentando fingir interesse na coisa toda. Ele já construiu sua vida como jogador de futebol profissional. Ele tem sua garota e seu futuro pela frente. Para ele, toda essa provação é uma perda de tempo e ele não para de lembrar esse fato a Jonathan.

— Eu conheço meu inimigo. — Jonathan sorri enquanto dá uma mordida em sua comida. — Muito mais do que eu me conheço.

— Qual é o plano? — eu pergunto.

— Agora estamos conversando.— Jonathan aponta o garfo em minha direção. — Primeiro de tudo, você vai parar com suas aventuras idiotas com a filha de Steel e se comprometer com Silver. O pai dela e eu somos amigos e nos conhecemos há muito tempo. Não quero que você estrague isso.

Tá, não.

Queens e eu não ficamos juntos por causa do que nossos pais esperavam. Nos reunimos por um motivo diferente, que em breve será erradicado.

— Você é muito amigo de Sebastian Queens, ou seja, você compartilha interesses comerciais com ele — Levi fala sem levantar a cabeça. — Sabe como é, como ele usa seu poder no ministério para deixar seus navios passarem despercebidos. Ah, e você prometeu financiar a campanha dele para primeiro-ministro. Muito amigável da sua parte, tio.

Escondo uma risadinha.

— Estou sendo claro? — Jonathan ignora Levi, concentrando-se em mim.

Eu aceno distraidamente. Ele não precisa saber do meu movimento até que eu o faça. Afinal, ele não é o único que gosta do elemento surpresa.

Ele não é o único que gosta de destruir.

— Perfeito. — Ele aponta o garfo entre Levi e eu. — Fomos convidados para uma arrecadação de fundos organizada pela família Rhodes nesta sexta-feira. Vocês dois estarão presentes.

— Passo. — Levi finge um bocejo.

— Não estou interessado — digo ao mesmo tempo.

Jonathan sabe que é melhor não nos arrastar para festas de amigos e besteiras de arrecadação de fundos. Participamos de uma reunião uma vez por ano e isso já aconteceu.

— Escutem, vocês dois. — Jonathan bate o garfo e a faca na mesa. — Esta não é apenas uma arrecadação de fundos qualquer. Os Rhodes são aristocratas que recentemente retornaram aos negócios. Eles estão procurando

um parceiro de longo prazo, que será a King Enterprises. Estou me preparando há meses para este projeto e não aceitarei perder uma oportunidade tão grande.

— O que temos a ver com isso? — Levi pergunta.

— Você trará a filha de Clifford. Gente com títulos gostam de pessoas que se pareçam com eles. Se virem um membro da família King em um relacionamento com a filha de um lorde, eles amolecerão.

De acordo com Jonathan, Cliffords são ruins até que sejam úteis.

— E eu? — Mastigo a comida, mas não sinto muito gosto.

— Você é meu herdeiro. Eles ficarão tranquilos ao ver o futuro da empresa ser tão diligente quanto seu pai.

Levi revira os olhos e eu suspiro.

Vou encontrar uma desculpa para pular fora. Se fosse em circunstâncias diferentes, eu faria o show da minha vida para os amigos de Jonathan e os persuadiria a assinar com ele na hora. Se eu conseguir um grande negócio para o meu pai, ele me deixará em paz depois.

No entanto, não estou com vontade de beijar a bunda dos amigos de Jonathan.

Há uma tonelada de coisas que preciso fazer e todas elas levam de volta a Elsa, não ao nome da minha família. Ela não apareceu na escola hoje. Eu não deveria ter ficado surpreso, mas uma parte de mim esperava que ela fosse. Uma parte de mim pensou que ela iria me confrontar e me deixar louco com sua teimosia como antes.

Mesmo Reed não teve notícias dela desde ontem e estava tendo um mini ataque de pânico por andar sozinha pelos corredores da escola. Se eu fosse uma pessoa melhor, teria oferecido minha companhia a ela. Infelizmente para Reed, não sou. Astor passou o dia inteiro com ela. Knight o matou mentalmente de mil maneiras diferentes e quase quebrou a perna dele no treino.

Bons tempos.

De volta a Elsa. Se ela não está falando com a melhor amiga, como diabos vou contatá-la? Digo a mim mesmo que ela precisa de tempo e que depois estará aberta o suficiente para me ouvir.

O problema é que não sou uma pessoa paciente.

Ficar longe dela por um dia inteiro está mexendo com meus sentidos. Estou em uma porra de abstinência e isso está me irritando. Só posso voltar ao normal quando Elsa estiver ao meu lado, onde ela pertence.

Ela prometeu.

Ela me *prometeu*, porra.

Se ela pensa que vou deixá-la fugir, ela não deve me conhecer, afinal.

Fico contente por fazê-la aprender tudo de novo.

— Ethan fará sua jogada durante esta arrecadação de fundos.

As palavras de Jonathan me trazem de volta ao presente.

— Como você pode ter tanta certeza? — Levanto uma sobrancelha.

— Ele deve saber que estou atrás desse acordo há meses. Não é mera coincidência que ele tenha retornado quando o contrato está quase concluído. Ele gosta de perturbar os planos de seus inimigos.

— Ele vai competir com você? — Levi pergunta.

— Provavelmente. Ainda não tenho certeza sobre suas táticas, mas estarei lá para arruinar cada uma delas.

— Já se passaram dez anos, tio. E vocês dois perderam suas esposas. Não é hora de o passado ser passado? Você pode até cavalgar ao pôr do sol e essas merdas todas.

Jonathan lhe lança um olhar tão severo que Levi balança a cabeça.

— Só uma ideia. Jesus.

— Vocês dois estarão lá. — Jonathan limpa a boca com um guardanapo.

— Está decidido.

Se Ethan for, provavelmente Elsa também irá. Não porque ela goste desse tipo de coisa, mas porque Ethan aproveitará a chance para mostrar ao mundo sua filha e herdeira do Império Steel.

Ela estará lá.

Quase posso sentir o cheiro de coco dela até sexta-feira.

— Tudo bem — digo a Jonathan.

Ele acena com aprovação.

— Vejo vocês dois na sexta-feira.

— Espere um minuto. Eu não concordei — Levi protesta.

Mas Jonathan já partiu. Ele provavelmente passará a noite em seu escritório tornando o mundo um pouco mais horrível.

— Esse filho da puta. — Levi joga uma maçã na minha cabeça.

Eu pego e dou uma mordida.

— Isso é sobre Elsa, não é? — ele pergunta.

Levanto um ombro. Tudo gira em torno de Elsa, mas nem ele nem Jonathan precisam saber disso. Mostrar fraqueza é a maneira mais fácil de ser derrotado em sua própria batalha contra seus próprios soldados.

Jogo a maçã de volta para Levi e me levanto, outro plano está se formando na minha cabeça.

— Você não a merece. — Ele pega a fruta e dá uma mordida.

— Assim como você não merece Astrid?

— Pelo menos eu mudei por ela. O que você fez por Elsa?

— Eu a encontrei novamente.

E ninguém vai tirá-la de mim.

Saio da sala de jantar e pego meu telefone. Um número me ligou 1001 vezes hoje. É um exagero, mas sim, ele me ligou sem parar. Estou surpreso que ele não tenha invadido a escola.

— Elsa, é você? — A voz preocupada de Jaxon Quinn é filtrada pelo telefone. — Você disse que voltaria hoje, mas não estava na escola. Sua tia está preenchendo uma denúncia de desaparecimento.

Então eles invadiram a escola.

— Aqui é Aiden King.

— Aiden. — Ele parece surpreso, mas acrescenta rapidamente. — Elsa está com você?

— Não.

— Não? — ele grita, e eu tenho que segurar o telefone longe do ouvido para não ficar surda. — Onde ela está? O que aconteceu com ela? Por que você não ligou e nos informou? — Ele lança uma série de perguntas curtas.

— Ethan Steel a levou para Birmingham.

Depois de contar a ele os detalhes sobre o reaparecimento de Ethan, desligo com um sorriso no rosto. Talvez eu não consiga trazê-la de volta, mas a tia e o tio dela conseguirão.

6

ELSA

Nos últimos dois dias, papai tem me levado em longos passeios pela propriedade.

Lembro-me de pedaços do passado, mas eles representam apenas trinta por cento da minha infância. É como se minhas memórias estivessem congeladas e não houvesse como — descongelá-las.

Papai tem sido paciente, falando sobre como nós dois costumávamos ir ao jardim depois que ele voltava do trabalho. Eu estudava em casa na época e ele sempre me ajudava com os deveres de casa.

O assunto da minha mãe está na ponta da língua, mas me impedi de mencioná-la. Primeiro, eu não tive coragem suficiente. Dois, Knox sempre se juntava a nós em nossas caminhadas, desafiando-me a vencê-lo para me tornar o favorito do papai. Por fora são piadas, mas posso sentir a rivalidade dentro dele. Embora pareça alegre, Knox é, na verdade, letal quando se trata do que deseja.

Estar com ele é divertido, no entanto. Isso me lembra das amizades que deixei para trás. Meu peito dói com o pensamento. Dói o quanto sinto falta de Kim e Ronan e até mesmo de Xander e Cole. Sinto falta da amizade agradável que compartilhamos, das risadas e até dos segredos escondidos sob a superfície. Os cavaleiros podem ser da realeza do CRE, mas cada um deles carrega um mistério tão tangível que é atraente.

Quanto ao Aiden...

Não.

Eu o tenho bloqueado da minha mente desde que cheguei aqui. Ele não

merece meus pensamentos ou minhas lágrimas. Nem agora, nem nunca. Talvez se eu continuar me entorpecendo por ele e sua existência enigmática, eu eventualmente apague ele.

Iludida, Elsa?

Eu esmago essa voz assim que ela surge.

— Você se lembra daquela árvore? — Papai aponta para uma velha ameixeira no lado leste do jardim. — Você subia o tempo todo e depois tinha dificuldade para descer, como um gatinho.

Eu sorrio, parando ao lado do meu pai.

Agnus precisava de Knox para ajudá-lo com o inventário da casa. Meu irmão adotivo – ainda é estranho pensar nele dessa maneira – só concordou quando Agnus lhe prometeu os novos fones de ouvido caros que ele estava de olho. Por alguma razão, acho que Agnus afastou Knox porque sabe que papai e eu precisamos de um tempo a sós.

Puxo o casaco em volta do peito. Não está chovendo, mas o tempo frio me atinge até os ossos. Nuvens cinza escuras pairam sobre nós com uma promessa sinistra de uma noite sem estrelas num futuro próximo. Como os olhos de Aiden.

Não. Não vou pensar nisso.

Por que diabos ele tem olhos da cor das nuvens antes da chuva? Agora ele invadirá minha mente sempre que chover. Num país como a Inglaterra, isso é pura tortura. É como ser pego no olho de um furacão, esmagado e despedaçado, e não ter saída.

Eu o afasto da minha mente e me concentro em papai. Ele está vestindo um terno preto sob medida, mas sem casaco. É como se ele não sentisse frio.

Como Eli.

Quando éramos pequenos, minhas mãos viviam geladas, mas as de Eli pareciam invernos aconchegantes e chocolate quente. Bebemos muito juntos. Chocolate quente, quero dizer.

Uma onda de tristeza me atinge com a lembrança dele – ou a falta dele. Seu rosto ainda é um borrão, mesmo agora. Esta é a primeira vez que papai e eu passamos um tempo sozinhos; é minha chance de fazer perguntas. Quem sabe quando Knox decidirá se juntar a nós novamente?

— Houve um balanço ali. Mamãe costumava me segurar e cantar para mim. — Aponto para o espaço vazio perto da árvore.

Papai fica paralisado como se eu tivesse acabado de derramar um balde de água gelada na cabeça dele. Fico tensa como uma corda no limite. O que

eu fiz? Eu disse algo errado?

— Você lembra. — Não é uma pergunta, é mais uma observação. E não muito feliz.

— Um pouco. — Solto um longo suspiro como se eu não suspirasse há dez anos. — Eu sei que mamãe não estava mentalmente estável e ela piorou depois que Eli se afogou. Eu sei tudo sobre sua aposta com Jonathan King, o incêndio no Grande Birmingham e o sequestro de Aiden.

Uma rajada de vento sopra meu cabelo e meu casaco para trás. Cerro os dentes por causa do frio e... de outra coisa. Não tive a intenção de soltar tudo de uma vez, mas acho que minha sede pela verdade levou a melhor sobre mim. Papai permanece imóvel, mas não tenho certeza se é devido ao choque ou à contemplação.

— Sua mãe nunca quis machucar você, princesa. Ela não estava mentalmente bem. As pessoas fazem coisas que não querem quando sofrem de doenças mentais.

— Mas ela me machucou, pai. — Minha voz treme como os galhos das árvores. — Ela me bateu nas costas com um chicote.

— Ela... bateu?

O tique em sua mandíbula quase me faz querer parar de falar, mas não paro. Estou em silêncio há dez anos e agora que comecei a falar é impossível voltar atrás. Eu devo isso a mim mesma. Lágrimas enchem meus olhos enquanto eu sondo minha cabeça inútil em busca de respostas.

— Acho que foi quando ela me encontrou perto do porão. Eu não te contei porque não queria que vocês dois brigassem.

— Princesa...

— Ela torturou Aiden — deixo escapar. — Ele era uma criança, pai. Ele era tão velho quanto Eli naquela época, tinha marcas vermelhas por toda a pele e estava acorrentado à parede. Você sabia que ele ainda tem aquelas cicatrizes? Suas costas e tornozelo são testemunhas do abuso da mamãe.

A necessidade de chorar por Aiden me atinge do nada. É verdade que ele é um monstro agora e nunca vou perdô-lo, mas isso não nega o que aconteceu com ele quando criança.

Mamãe arruinou sua inocência. Ela a quebrou e esmagou contra o chão, deixando um menino arrasado em seu rastro. Não admira que ele tenha escolhido ser um monstro. Em sua lógica distorcida, ser um monstro é melhor do que ser um caos enfraquecido.

Eu não posso nem culpá-lo.

No fundo, quero chorar pelo garotinho que ele era. O garoto com cabelos pretos desgrehados e olhos metálicos. Aquele garoto era meu amigo, minha luz na escuridão. Eli o enviou para mim.

— Isso foi minha culpa — ele suspira.

— Sua culpa?

— O sequestro de Aiden era apenas para ser um susto. Ele deveria ter retornado como os outros dois garotos se eu tivesse me certificado disso pessoalmente.

— Você quer dizer que mamãe ficou com ele sem te contar?

— Com a ajuda de Reginald.

— Tio Reg?

Papai pega minha mão e me leva até um banco próximo. Eu o sigo como um cachorrinho perdido, minha cabeça atada em nós tão complicados que é difícil pensar direito.

Tio Reg ajudou Ma a sequestrar Aiden.

O pensamento atravessa minha mente como uma bola de demolição. Eu escuto as palavras, mas não consigo compreendê-las. Sentamos no banco de madeira que cheira a tinta fresca. Papai me inclina em direção a ele, então ficamos de frente um para o outro.

— Eu queria que você se acostumasse com a casa antes de qualquer conversa sobre o passado, mas não tenho escolha agora. Talvez você nunca mais veja sua mãe da mesma forma depois que eu lhe contar isso.

— Você não pode me fazer odiar a mamãe mais do que já odeio, pai.

Ele estremece, mas não comenta. Talvez, como eu, papai reconheça o quanto ela arruinou nossas vidas.

— Você tem que entender que a morte de Eli atingiu duramente a sua mãe. Antes de nos casarmos, Abigail sofria de episódios maníacos, depressão e ansiedade. Ela não gostava de médicos e muitas vezes escondia seus remédios. Às vezes, ela parava de usá-los completamente. Quando ela engravidou de Eli e deu à luz ele, ela não precisou mais dos comprimidos. Era como se ela tivesse encontrado um propósito na vida. Então, quando ele morreu, o propósito dela morreu com ele. É seguro dizer que todos perdemos uma parte de nós naquele dia.

Aproximo-me dele e envolvo sua mão, comunicando silenciosamente o meu apoio.

— A única maneira de sua mãe sobreviver era imaginar que Eli ainda estava vivo. Dois meses depois da morte dele, ela trouxe um menino para

casa e me contou que havia encontrado Eli no mercado. Eu o devolvi aos pais e pedi desculpas. Então, ela começou a fazer isso pelas minhas costas com a ajuda de Reginald. Esse canalha fazia qualquer coisa por dinheiro. Ele também era inteligente e só trouxe meninos sem-teto, órfãos ou fugitivos porque ninguém sentia falta deles. A única condição de Abigail era que eles se parecessem com Eli.

— Lembro vagamente disso. — Minha carranca se aprofunda.

As peças se juntam lentamente. Eu costumava chamar o tio Reginald de super-herói porque os monstros desapareciam quando ele aparecia. Na minha mente infantil, eu categorizava os episódios maníacos da minha mãe como monstros. Ela se vestia de branco, apertava-me como a morte e me levava para o lago. Quando ela era a mãe branca, ela nunca sorria e sempre parecia fora deste mundo.

Ela era um monstro.

No entanto, quando o tio Reg aparecia, ela usava vestidos vermelhos e passava batom e maquiagem vermelhos. Ela ficava deslumbrante. Ela sorria mais e tinha tanta energia que às vezes me deixava perplexa. Ela me levava para fora e brincava comigo. Ela lia histórias para mim, ria e brincava.

Ela era minha mãe.

Meus olhos se arregalam e meu coração quase bate na grama. Isso significa que mamãe só ficava alegre quando tio Reg lhe trazia um menino da rua?

— O que ela fazia com eles? — Minha voz sai tão assombrada que me assusta.

— Abraçava-os e lhes dizia que estava feliz por Eli estar em casa. — Ele suspira. — Ela nunca os machucou, então permiti que ela mantivesse esse hábito.

— Você *permitiu*? — eu grito.

— Eles vinham almoçar e ficavam algumas horas com ela. Quando o dia acabava, eles recebiam dinheiro e roupas e iam embora. Todos saíam ganhando. Os meninos recebiam comida e abrigo durante o dia e sua mãe ficava feliz.

— Não teria sido melhor se você a levasse ao psiquiatra?

— Eu levei. Até a deixei num hospital psiquiátrico por recomendação deles, mas ela piorou e começou a se cortar. Eu tive que trazê-la de volta. Na época, eu ainda estava de luto por Eli. Não poderia perder Abby também.

Abby.

Ele ainda a chama assim mesmo depois de todo esse tempo. Reflito sobre suas palavras, mas não consigo formar pensamentos claros. Por um momento, papai e eu observamos a distância, o vento gelado e as nuvens escuras.

Aquelas nuvens *cinzentas*.

Fodam-se essas nuvens. Por que elas têm que piorar minha miséria?

— Mamãe os machucou em algum momento, não foi? — Minha voz é quase inaudível. — Aiden foi torturado, pai.

— No início ela só almoçava com eles e conversava sobre o dia deles. Aqueles moleques de rua a amavam. Abby era gentil e paciente e tinha jeito para lidar com crianças.

— O que mudou?

Ele passa a mão pelo rosto e desliza os dedos indicadores nas sobrancelhas.

— Não sei. Ela espiralou, eu acho.

— Espiralou?

— Um dia, cheguei em casa e a encontrei sentada no quarto. Ela estava cantando e escovando os cabelos com as mãos cobertas de sangue. Corri direto para o seu quarto, com medo de que ela tivesse lhe feito algo. Felizmente, você estava dormindo em segurança.

— O-o que aconteceu?

Sua mandíbula tensiona e reconheço o gesto como raiva. Papai não demonstra suas emoções com frequência, e provavelmente herdei dele a minha fachada gelada.

— Encontrei duas crianças no porão. Eles estavam à beira da inanição e seus joelhos foram arranhados e cortados horizontalmente. Foi horrível.

— Dois deles?

Ele lança um olhar fugaz em minha direção.

— Você os viu naquela época, mas não se lembra.

— Eles estavam... vivos?

— Sim. Os ferimentos não foram fatais, mas eles estavam morrendo de fome e prestes a morrer. Abigail geralmente alimentava as crianças e nunca colocava a mão nelas. Quando perguntei por que ela fez isso, ela disse que eles não tinham o machucado de Eli quando ele caiu da bicicleta, então ela consertou.

Eu arquejo e cubro minha boca com a mão livre.

— E você ainda permitiu que ela chegasse perto de crianças?

— Não. — Ele balança a cabeça. — Não depois daquele incidente.

— Graças a Deus.

— Ela descontou em você, princesa. — Ele aperta minha mão. — Tentei protegê-la da melhor maneira que pude, mas falhei.

— Pai, não diga isso.

— Admito ter falhado com você. Se eu pudesse voltar no tempo, eu a teria trancado na ala psiquiátrica.

— Eu sei que você não conseguiria. Foi logo após a morte de Eli. Se você e eu perdêssemos os dois tão próximos, isso nos teria arruinado — eu balanço minha cabeça.

— Teria valido a pena. Pelo menos, eu não teria ficado separado de você por dez anos. — Ele faz uma pausa. — E ela não teria feito o que fez com Aiden.

Eu me animei, piscando para afastar as lágrimas.

— Por que ela fez isso com ele?

— Após o incidente com as duas crianças, Abby permaneceu sem um ‘falso Eli’ por três meses. Isso a bagunçou muito, então quando ela finalmente teve Aiden, ela descontou nele. — Ele passa a palma da mão no rosto. — Eu estava ocupado com as consequências do grande incêndio de Birmingham, com o RH e com os procedimentos policiais, então não voltei para casa por um tempo. Se eu tivesse retornado, nada disso teria acontecido. De qualquer maneira, não importa mais. Pensar em “e se” é...

— Inútil — completo junto com ele.

Sorrimos com uma ponta de tristeza um para o outro. Papai me ensinou que é inútil se preocupar com “e se” quando tudo está dito e feito.

— Nós temos um ao outro agora, princesa. Nada nos manterá separados.

A primeira gota de chuva atinge meu nariz.

— Vem, vamos entrar.

Corremos em direção à casa e, por um momento, me imagino como a menininha que se agarrou à mão do pai com toda a força, rindo e gritando de alegria enquanto corríamos na chuva. A memória envia raios de felicidade através de mim. Papai pode ser cruel com o resto do mundo, mas para mim ele é apenas pai. No entanto, não sou mais aquela criança de sete anos. Não estou cega para os fatos diante de mim.

Embora mamãe tenha torturado Aiden, foi papai quem o sequestrou. Foi ele quem iniciou o círculo vicioso de má sorte entre as famílias Steel e King. Ou talvez tenha sido Jonathan quem começou tudo, provocando um incêndio que, embora não intencional, matou dezenas de pessoas. As ambições e a

fome por poder de Jonathan e Ethan são as razões por trás de toda essa rivalidade.

No entanto, foi Ma quem torturou Aiden e levou a situação mais longe. Ela foi a razão pela qual Alicia dirigiu no meio de uma tempestade e caiu no penhasco. Minha mãe é a razão pela qual Aiden se tornou um monstro cruel. Minha cabeça dói com toda a situação.

O telefone do papai toca assim que chegamos à entrada. Ele dá uma olhada e sorri para mim.

— Entre primeiro. Eu tenho que atender isso.

No caminho para dentro, sua voz séria soa atrás de mim.

— Sim. Não, quero erros... Perfeito... Sexta à noite...

Agnus acena para mim a caminho da cozinha. Eu sorrio de volta, mas é no mínimo estranho. Ele não só estava me observando o tempo todo em nome do papai, mas também é gêmeo do tio Reg. Um era o fornecedor de meninos órfãos para mamãe e o outro é o braço direito de papai.

Dinâmica estranha.

Subo as escadas e paro ao som de uma música que vem do quarto de Knox, em frente ao meu. Ele deve ter terminado o trabalho para Agnus.

Agora que penso nisso, não falamos sobre voltar ao CRE. Papai disse que vai nos matricular numa escola particular aqui em Birmingham; a escola de Teal e Knox.

Ainda não me decidi, mas isso provavelmente se deve à carga de informações que meu cérebro está tentando processar. Se eu falar com Knox, poderemos chegar a um acordo. O som de metal rock explode do cômodo. Bato, mas não há resposta. Ele provavelmente não me ouviu por causa da música. Empurro a porta com a ponta dos dedos e paro.

Knox está deitado de costas na cama, vestindo uma camiseta de mangas curtas e shorts. Ele está rindo alto enquanto olha para o telefone. Aposto cem que ele está lendo memes.

Teal revira os olhos de sua posição na mesa dele. Ela está mexendo em algum software de programação e bufa enquanto Knox ri. Ela está com shorts jeans, sem meias desta vez. Esforço-me para ler a estampa.

Uma cicatriz significa que sobrevivi.

Assim como as minhas cicatrizes e de Aiden. As palavras me atingiram com mais força do que gostaria de admitir. Temos essas cicatrizes porque somos sobreviventes. Por que diabos continuo encontrando coisas para compartilhar com aquele bastardo?

Teal não tem sido exatamente calorosa comigo desde que cheguei, mas também não tem sido hostil. Ela basicamente está me ignorando. Tanto Knox quanto papai me disseram para dar tempo a ela, então é isso que estou fazendo.

Estou curiosa para saber como eles acabaram com meu pai. Eles o chamam de pai, mas nenhum deles é filho biológico — conforme confirmação dele outro dia. Estou prestes a bater novamente e entrar quando algo na minha visão periférica chama minha atenção.

Um ursinho de pelúcia está nas prateleiras. Parece fora de lugar para o quarto de Knox. As paredes são todas pretas e cheias de grafites sobre Metallica, Slipknot e Megadeth. Não deveria haver ursinhos de pelúcia.

Oh, meu Deus.

Não, não, não...

Esta cena é familiar.

Muito familiar.

Um arrepio percorre todo o meu corpo enquanto minha mente volta para o passado.

— *Papai? Quem são eles?*

— *Elsa? O que você está fazendo aqui? — Papai olha para mim.*

Agarro sua perna e me inclino para o lado para olhar a porta.

Dois pares de olhos me observam. Um é claro, o outro é escuro como a noite lá fora. Seus rostos estão sujos, como se não tomassem banho há dias. Seus cabelos escuros estão espalhados para todo lado como se eles não se penteassem. Abraço meu ursinho contra o peito com tanta força que tenho certeza de que vou sufocá-lo.

— *Eles só precisam de ajuda, princesa. — Papai se agacha na minha frente. — Agora volte para o seu quarto.*

— *Eles não têm um ursinho — eu digo.*

— *Não, eles não tem — papai diz com tristeza.*

Eu franzo a testa, lágrimas enchendo meus olhos. Todo mundo deveria ter um ursinho de pelúcia. O meu é meu brinquedo favorito. Papai me deu quando eu tinha três anos e nunca saio sem ele. Ele é meu companheiro de sono e meu amigo. Fazemos chás juntos.

Mas papai disse que eles precisam de ajuda, então precisam mais do Ted do que eu.

— *Aqui — eu ofereço o Ted a eles — Ele vai ajudar você. Cuide dele, ok? Ele não gosta de sentir frio e não gosta de nadar.*

Aquele com olhos mais claros pega o urso da minha mão com um sorriso tímido. Meu olhar cai sobre seus joelhos. Eles estão vermelhos e sangrentos.

— Papai! Eles estão feridos!

Sou jogada de volta ao presente com um suspiro. Eu olho para a cena na minha frente com olhos arregalados.

Meu olhar salta entre Ted, Knox e Teal.

Meu coração quase para de bater quando aperto os olhos. Tanto Knox quanto Teal têm cicatrizes horizontais desbotadas nos joelhos direitos. Assim como a cicatriz que Eli teve depois de cair da bicicleta.

São eles.

Knox e Teal são os primeiros que Mamãe machucou.

Aiden e eu não somos os únicos sobreviventes.

7

ELSA

Durante o café da manhã do dia seguinte, fico isolada e mal toco na comida. Normalmente, eu participaria das conversas de Knox, mas hoje não consigo nem olhar nos olhos dele. Não depois do que me lembrei ontem.

Papai e Agnus estão conversando sobre ações e o FTSE 100. Knox desistiu de alguém ouvi-lo, então ele apenas brinca com a comida de Teal. Ela o chuta por baixo da mesa, o som ecoando na sala de jantar. Ele uiva como se estivesse sendo assassinado.

Eu me pergunto se ele gritou quando a minha mãe cortou seu joelho naquela época.

Não.

Se eu permitir que esses pensamentos sombrios tomem conta de mim, não serei capaz de funcionar. Eu ficaria acordada a noite toda, abraçando os joelhos contra o peito, como fiz ontem à noite. Continuo de cabeça baixa para que nem Teal nem Knox possam ver meu rosto vermelho.

A terra pode se abrir e me engolir?

Como seria se Aiden estivesse sentado ao meu lado agora? Por um lado, ele não se sentiria envergonhado. Por outro, ele saberia como lidar com essa situação.

Maldita mente. Não deveríamos bloqueá-lo?

Faz apenas três dias desde a última vez que o vi. Ou seja, ele e a porra do seu noivado estão frescos na minha mente.

Não, cérebro. Não é assim que funciona. Bloqueie-o. Bloqueie-o, porra.

— Estaremos em meu escritório se precisar de alguma coisa, princesa. — Papai e Agnus se levantam.

Eu estava muito envolvida em uma conversa com meu cérebro para perceber que eles pararam de falar.

— Vamos andar a cavalo depois — Papai sorri para mim.

— Não sei andar a cavalo.

— Você sabe. — Ele sorri. — Teremos apenas que refrescar suas memórias.

Só depois que ele e Agnus desaparecem no topo da escada é que me lembro que estou à mesa com Knox e Teal.

Sozinha.

Oh Deus. O que diabos eu devo fazer agora?

Correr? Não, isso seria rude.

Esconder-se debaixo da mesa? Isso seria uma loucura.

Coloco uma quantidade generosa de geleia na minha torrada e demoro moldando-a como se eu fosse um artista ou algo assim. Neste ponto, eu faria qualquer coisa para escapar da companhia deles, mas não confio nas minhas pernas o suficiente para me tirar daqui.

— Você está bem? — Knox morde um bolinho. — Você está em silêncio desde o jantar da noite passada.

Teal me encara por baixo de seus cílios longos e grossos, mas não diz nada.

Você é uma adulta. Enfrente isso, caramba.

Respirando fundo e trêmula, finalmente levanto a cabeça, ainda segurando a torrada. Dois pares de olhos me observam atentamente. Olhos castanhos e olhos meia-noite. É por isso que Knox e Teal pareciam tão familiares quando os conheci – ou os encontrei novamente.

— Lembro-me de ter conhecido você anos atrás. — Minha voz está pesada com emoções contidas. Mal consigo respirar, muito menos falar. — Sinto muito pelo que mamãe fez. Eu sinto muito.

— Finalmente. — Knox bate no peito. — Fiquei magoado quando você não se lembrou de mim. Isso me atingiu bem no minúsculo espaço branco do meu coração.

— Seu pedido de desculpas não significa merda nenhuma para mim — Teal fala casualmente enquanto toma um gole de café. — Isso não me devolve o que perdi.

Eu estremeço.

— Você soa como uma vadia, T — Knox diz com indiferença, como se fosse uma ocorrência normal. — Há algo que você precisa saber sobre Teal, Ellie. Ela tem uma maneira estranha de se expressar. Ok, agora, T. Repita o que disse depois de pensar nas palavras.

— Certo. Ok. — Ela levanta a cabeça, uma ruga aparecendo entre as sobrancelhas. — Eu quis dizer que você não precisa se desculpar por algo que não fez.

— Viu? — Knox sorri. — Isso não foi muito difícil, foi?

Teal não está focada nele, no entanto. Toda a sua atenção recai sobre mim e me sinto como um rato perseguido por um gato. Isso é estranho.

— Embora você se pareça muito com aquela mulher, então fico pensando em esfaqueá-la até a morte com um garfo enquanto você dorme. — Ela pega seu café e desaparece da sala.

— Haha, muito engraçado. — Knox me oferece um sorriso torto. — Ela está brincando...

Meus ombros relaxam.

— Ela está certa, sou uma cópia em carbono da minha mãe. Como você pode ser tão tranquilo com isso, Knox?

— Porque você não é ela. Vou ser sincero, no dia do incidente na piscina, fui eu quem te levantou quando você caiu de joelhos no estacionamento. Acho que você estava tão fora de si que nem me notou. Eu também estava muito confuso, pensando que aquela mulher havia retornado. Imagine meu choque! De qualquer forma, eu te segui e encontrei flutuando naquela piscina. — Ele passa a mão na nuca. — Por um segundo, pensei em te deixar lá, mas não o fiz porque sabia que você não era ela. Quanto mais tempo eu passava com você, mais eu tinha certeza de que você não era como ela. Dê algum tempo a T e ela chegará à mesma conclusão.

— Obrigada, Nox. — Luto contra as lágrimas em minha voz.

— Não, eu que agradeço. Ted foi o primeiro brinquedo que Teal e eu recebemos. Papai disse que era o seu favorito. As crianças não dão seus brinquedos favoritos a ninguém. Droga, eu também não dou minhas coisas agora.

— Não foi nada. — Eu engulo.

— Foi tudo para nós dois. T e eu éramos o tipo de criança que não tinha esperança, mas você nos deu isso na forma de Ted. — Ele sorri. — A propósito, cuidamos muito bem dele.

— Você e Teal são irmãos?

— Gêmeos. — Ele assente.

— Gêmeos?

— Fraternos. — Ele pisca. — Eu fiquei com a beleza.

Vou ter que discordar disso. Embora Knox seja bonito, Teal tem uma beleza única que é rara de encontrar; inocente e dura. Adorável e perigosa.

— Éramos crianças de rua — continua Knox. — Nós fugimos de uma mãe drogada que estava prestes a nos prostituir por dinheiro e toda aquela coisa.

Enfrento a imagem e deixo cair a torrada. Não que eu tenha pensado em comê-la em algum momento.

— E seu pai?

— Nunca o conheci. Papai é o único pai que tivemos.

Meu coração se aquece como se eu tivesse saído de uma noite escura e gelada de inverno direto para um dia de verão. Papai pegou dois filhos perdidos e deu-lhes um lar.

— Ele acolheu você desde o incidente no porão?

Ele assente.

— Morávamos em uma casa separada com Agnus, mas papai aparecia o tempo todo. Depois do incêndio, fomos morar com ele.

— Mas ele estava em coma.

— Ele ainda era pai mesmo enquanto dormia.

Tudo o que Knox me contou sobre seu pai faz sentido agora. Ele nunca deixou de considerar papai como seu pai, mesmo depois de estar em coma, com poucas chances de acordar novamente.

— Obrigado por estar ao lado dele quando ele precisou de você.

— Ei, não fique tão sentimental comigo. Ele é meu pai também. — O desafio brilha em seus olhos. — E eu sou o favorito dele.

Eu sorrio e dou minha primeira mordida de verdade esta manhã. Knox e eu conversamos sobre as vezes em que ele se impediu de me encontrar. Aparentemente, Agnus não gostava que tivéssemos contato sem papai por perto.

Conversamos um pouco quando uma comoção soa na porta da frente. Eu levanto e Knox vem para o meu lado. Nós dois franzimos a testa, confusos, enquanto seguimos o som. O mordomo conversa com alguém na porta. Mal consigo dar um passo à frente quando sou abraçada do nada.

O perfume da Nina Ricci enche minhas narinas enquanto braços finos me seguram tão forte que é quase sufocante.

— Elsie — ela chora no meu pescoço. — Oh meu Deus, você está bem. Você vai ficar bem, querida.

— Tia?

— Estou aqui. Tia está aqui. — Ela se afasta para examinar meu rosto com olhos frenéticos. — Você está bem? Você está machucada? Você tem comido bem?

— Estou bem, tia.

— Acalme-se, Blair. — A voz do tio é tão calmante quanto me lembro. Ele segura minha mochila e fica parado na entrada com uma calma de pedra.

Eu sorrio levemente para ele.

Eu sou uma pessoa horrível. Já se passaram dois dias desde que eu disse a eles que voltaria para casa, mas desapareci sem dizer uma palavra.

— Sinto muito — sussurro para ele.

Embora eu ainda esteja furiosa porque eles esconderam a verdade por uma década e me proibiram ativamente de procurá-la, meus tios ainda são meus pais. De uma forma ou de outra.

— Vamos para casa, querida. — Tia Blair crava as unhas em meu braço. — Vamos deixar este lugar para trás.

— Absolutamente não. — A voz de papai ecoa atrás de mim como um trovão, forte e inegociável. Ele fica ao meu lado e se dirige à tia: — Você pode ficar aqui o quanto quiser, mas Elsa não vai a lugar nenhum.

Tia e tio ficam paralisados, observando-o como se ele fosse um fantasma – o que ele é de alguma forma. Não posso dizer que os culpo. Minha reação foi a mesma quando o vi pela primeira vez.

— Você está vivo — sussurra o tio.

— Eu não me importo se você está vivo ou não — minha tia rosna. — Elsa é minha filha adotiva.

— Esses papéis podem ser anulados a qualquer momento, agora que seu verdadeiro pai está vivo.

Os lábios da tia tremem, mas ela visivelmente se endireita e mantém a calma.

— Eu não vou deixar Elsa com você, para destruí-la como destruiu Abigail.

— Você, entre todas as pessoas, sabe que Abigail não estava bem antes de eu me casar com ela. — Ele dá um passo ameaçador à frente. — Eu estive ao lado dela até o fim, mas onde você estava, Blair?

Minha tia se encolhe como se ele tivesse dado um tapa nela. Este é o lado

do papai que nunca consigo ver; cruel e impiedoso.

Ela toca a lateral do pescoço.

— Elsa, vamos, querida.

Em algum lugar lá no fundo, sinto falta da tia e do tio e sinto pena dela por causa de seu passado e de seu pai abusivo. Deve ter custado muito para ela vir para Birmingham quando ela associa este lugar a trauma. Ela está tremendo um pouco desde que me abraçou, e tenho certeza que isso tem mais a ver com este lugar do que comigo.

Alguns meses atrás, eu teria pegado a mão dela e a seguido sem questionar. No entanto, essa foi a Elsa do passado.

— Vou ficar. — Eu gentilmente puxo minha mão dela.

Tio fecha brevemente os olhos com uma expressão de dor. A boca da tia abre e fecha como um peixe.

— O-o quê?

— Vou ficar com o papai. — Eu engulo. — Vou ligar e visitar. Eu prometo.

— Essa é a sua decisão final, abóbora? — Tio pergunta com uma nota de tristeza.

Eu aceno uma vez. Ele me passa minha mochila.

— Seu telefone e suas coisas estão aqui.

— Obrigada.

— Não. Não, Elsie. Não faça isso. — Tia me agarra pelos dois braços como uma mulher moribunda segurando seu último suspiro. — *Você não pode* nos deixar.

— Eu não vou deixar você, tia. Vou visitar.

Um soluço fica preso em sua garganta quando o tio a puxa de volta. Eu os observo enquanto o tio arrasta uma tia entorpecida em direção ao carro. Uma lágrima ameaça cair, mas eu a selo. Não vou chorar.

Eu *não vou* chorar.

Papai me segura pelo ombro e Knox – que assistiu a cena inteira em silêncio – sorri.

Eu sorrio de volta com tanta paz interna. Meus tios não são minha única família.

8

ELSA

Na sexta-feira à noite, papai nos leva a um evento de arrecadação de fundos realizado por um de seus amigos. Ah, e é em Londres.

Não estou em pânico nem nada. Esquece, estou totalmente em pânico.

Ele me disse que eu poderia ficar em Birmingham se quisesse, mas ele ficaria feliz se eu estivesse ao seu lado em sua primeira aparição oficial. Eu não poderia recusar. A verdade é que quero aparecer ao lado do meu pai. Quero que o mundo saiba que sou filha dele.

Estamos separados há muito tempo.

Knox é o mais animado entre nós. Ele curte qualquer festa — palavras dele, não minhas. Ele está vestindo um elegante terno azul-escuro com mangas arregaçadas e uma camiseta branca com o logotipo do Metallica.

Quando papai lhe disse que não poderia comparecer a uma festa de arrecadação de fundos na casa de um duque com aquela camisa, Knox revirou os olhos e abotoou o paletó.

Eu ri muito quando ele disse:

— Você acabou de insultar os fãs dedicados de metal. Feliz, pai?

Juro que Knox e papai têm as interações mais estranhas e divertidas de todas. Eles são tão diferentes e, ainda assim, estão em sintonia. A veia competitiva de Knox sobre ser o favorito do papai é muito divertida, mas às vezes também pode ser ameaçadora. Se Eli não tivesse morrido tão jovem, me pergunto se o relacionamento dele com papai teria sido igual ao de Knox. Teal também se juntou a nós, mas ela tem uma expressão entediada como se

este fosse o último lugar onde ela gostaria de estar.

Quando ela desceu as escadas vestindo uma saia jeans e uma camiseta com 'Entediada' escrito nos seios, papai e Agnus fizeram sinal para que ela subisse novamente, colocasse um vestido e removesse a maquiagem gótica.

Ela colocou um vestido azul-escuro com uma saia larga de tule que terminava um pouco acima dos joelhos. Seu cabelo escuro brilha em azul sob a luz e cai em ambos os lados do rosto. Ela ainda está com sombra e delineador escuros, mas colocou batom rosa claro para variar.

Fofo é um eufemismo. Ela realmente tem bochechas beliscáveis. Eu, por outro lado, optei por um vestido preto, vou ter que levantá-lo para não cair de cara. Puxei meu cabelo para cima e passei rímel e batom quase imperceptível.

Ah, e foi papai quem escolheu nossas roupas – exceto a camiseta do Metallica de Knox.

Teal e eu entrelaçamos nossos braços com os de papai enquanto subimos as grandes escadas que levam à mansão dos Rhodes. Na verdade, é uma propriedade.

Carros caros lotam a calçada. As mulheres usam vestidos elegantes e os homens usam smokings. Caramba, até as escadas estão cobertas por um tapete vermelho, como se estivéssemos no Oscar.

Nós quatro vamos para a entrada.

Agnus ainda não se juntou a nós, disse que virá mais tarde. Papai e ele estiveram trancados em seu escritório nos últimos dias, conspirando. Não estou curiosa o suficiente para perguntar e prefiro ficar longe do mundo dos negócios do meu pai. Afinal, ele e Agnus parecem ter tudo sob controle.

Um mordomo se curva para nós depois de verificar nosso convite.

— Bem-vindos ao Rhodes Estate, Sr. Steel e Sr. Van Doren.

— Esse seria eu — Knox aponta para si mesmo.

Teal lança um olhar para ele antes de se concentrar novamente nos degraus. Assim como eu, ela não parece confortável de salto. Estou feliz que papai escolheu nossas roupas ou teríamos sido uma piada em um lugar como este.

Um passo após o outro. Você pode fazer isso, Elsa.

Um passo. Só porque estou em Londres novamente não significa que encontrarei Aiden.

Um passo. Tenho que sobreviver esta noite em paz e depois voltar para Birmingham.

Além disso, senti falta de Kim, Ronan e dos outros. Falo com eles por

mensagem de texto, mas não é a mesma coisa que vê-los pessoalmente. Não contei a Kim onde iria hoje à noite, caso ela conte a Aiden. No entanto, tenho certeza de que um dos cavaleiros estará aqui. Provavelmente Ronan ou Xander, já que seus pais são atuantes no cenário político e público.

— Estamos prontos ou não estamos prontos? — Knox entrelaça seu braço com o meu livre, interrompendo meu foco em meus pés.

Como nos filmes, dois mordomos fazem uma reverência quando a porta se abre.

Cores, sons e cheiros explodem à nossa frente. O salão é o maior que já vi na vida. Lustres dourados pendem dos tetos abobadados. No meio está uma estátua de onça preta, bem como uma estátua de um cavaleiro esplendoroso montado em um cavalo preto.

O contraste é tão fascinante que não consigo deixar de parar e olhar. Papai mencionou que os Rhodes têm onças de verdade em suas propriedades e foi por isso que ganharam o título há centenas de anos. É impressionante. Embora eu prefira não conhecer nenhuma onça na vida real.

A forte mistura de perfumes de grife e comida apetitosa flutua no ar. Fileiras de mesas de bufê se estendem até o final do corredor. Uma orquestra fica no fundo do salão tocando música clássica. A peça é familiar, então deve ser Beethoven ou Mozart – os únicos que conheço. Uau. Então esta é a sensação de ter dinheiro antigo.

Todos nós nos dirigimos a um homem vestindo um smoking preto sob medida. Com seus cabelos e olhos pretos, é como se ele tivesse saído da escuridão. Ele parece ter trinta e poucos anos.

— Sr. Steel. É uma honra. — Ele oferece a mão.

— É uma honra estar aqui, Vossa Graça. — Papai aperta a mão dele.

— Tristan é suficiente. — Ele sorri.

Espere. *Ele* é o Tristan Rhodes? Não sei por que esperava alguém na casa dos sessenta anos, careca e com uma barriga enorme.

— Estes são meus filhos, Elsa, Knox e Teal.

Apertamos a mão de Tristan. Afinal, como cumprimentar um duque? É a primeira vez que encontro um.

— Este é meu primo Aaron Rhodes... — Tristan para quando procura em ambos os lados dele, mas não encontra ninguém. — Ou *foi*. Ele provavelmente foi jogar o jogo da invisibilidade.

Eu gosto desse Aaron Rhodes. Posso jogar o jogo da invisibilidade com ele?

— Tudo bem. — Papai ri. — Podemos encontrá-lo mais tarde.

— Não, por favor. Temos muito o que conversar. — Tristan sorri para nós. É acolhedor e estereotipado.

Ele se comunica muito com um mero sorriso. É como se ele estivesse dizendo: “Sim, bem-vindo à minha casa, mas vou arrancar seu coração se você quebrar alguma coisa”.

— Você se importa se eu roubar seu pai por um tempo? — ele nos pergunta.

Nós três balançamos a cabeça em sincronia.

— Sintam-se em casa. — E com isso, ele desaparece com papai no meio da multidão.

— Ok, hora de atacar a comida. — Knox esfrega as mãos. — Volto logo. — Ele dá dois passos e então para. — Ignora o que eu disse. Não voltarei tão cedo.

Ele caminha em direção à área de recepção o mais rápido que pode, sem correr.

Teal e eu ficamos sozinhas.

É desconfortável.

Nunca gostei de conversa fiada, então fico em silêncio. Se eu disser alguma coisa, vai parecer estranho e estragar o clima. Meu relacionamento com Teal já é como andar sobre gelo fino. Além disso, não quero estragar tudo.

— Isso é tão ridículo. — Ela suspira e pega o telefone do sutiã. — Tem um programa sobre a Guerra Fria na National Geographic esta noite.

— Você tem interesse na Guerra Fria? — pergunto, cautelosa.

— Claro. — Ela navega pelo seu telefone. — As guerras são divertidas.

— Divertidas?

— Uh... — ela para. — Quero dizer, são interessantes. Há muito conhecimento e estupidez humana envolvidos.

— Que tal as guerras antigas?

— Como Napoleão? Os romanos?

— Eu estava pensando em asiáticos? China? Sou fã de *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu.

— Oh, aquilo. É legal.

— Você leu? — Eu suspiro.

— Claro.

Uau. É tão raro alguém da minha idade saber sobre *A Arte da Guerra*,

muito menos tê-lo lido. Teal é bem mais do que sua aparência, isso é certo. Há tanta profundidade nela que é emocionante conhecê-la.

— Sabia que era você, Ellie!

Sou atacada por um abraço por trás. Antes que eu perceba, sou levantada do chão e girada. Eu rio quando Ronan finalmente me coloca no chão.

— Ei, Ronan.

— Não me venha com isso, *petit traître*. — Ele olha para mim brincando.

— Como você pode desaparecer desse jeito? Estou tendo abstinência. Exijo vingança.

— Eu te contei por mensagem de texto, muitas coisas aconteceram.

Xander e Cole se juntam a nós. Os três estão usando ternos estilosos; Ronan está de azul-escuro, Cole está de preto e Xander está de marrom escuro. Com os cabelos penteados, é como se estivessem em um desfile de moda.

Este é o lado deles que não conheço, ou melhor, que ainda não conheci. Tenho certeza que eles frequentam festas como essas o tempo todo. Antes que eu possa me alegrar por vê-los novamente, o pavor aperta meu estômago. Os três não estariam aqui sem Aiden. Ele deve estar escondido em algum lugar esperando a hora de sair e atacar.

Como um maldito predador.

— E quem é essa? — Ronan vira na direção de Teal.

— Teal. — Faço um gesto para ela. — Estes são Ronan, Cole e Xander da minha escola.

Ela balança a cabeça, mal lhes dando atenção antes de retornar ao telefone.

— *Bonsoir, ma belle*. — Ronan a devora com os olhos, abertamente, sem vergonha. — Isso significa que nos veremos muito.

— Na verdade, não — diz ela, ainda sem olhar para eles.

— Sim. Moramos em Birmingham — digo.

— Não. — Ronan aperta o coração dramaticamente, aproximando-se dela.

— Eu posso morrer se não te ver novamente.

— Então morra. — Teal se vira e segue na direção de Knox sem olhar para trás.

— Hashtag, queimado. — Xander agarra Ronan pelo ombro.

— Alguém realmente te deu um fora. — Cole levanta uma sobrancelha.

— Estou impressionado.

— Vão se foder, vocês dois. O rosto de Ronan fica ilegível por um

segundo antes de ele sorrir para mim novamente. — Onde nós estávamos? Certo. Quando você volta, Ellie? Preciso da minha dose de você como preciso de maconha.

— Você acabou de me comparar com maconha?

— Ei! Maconha é legal. Te relaxa e te deixa feliz.

— Bem. — Xander ri. — Ronan e a maconha tem uma história de amor sem fim, então comparar você com isso é uma espécie de elogio.

— *Exato!* — Ronan aperta o ombro de Xander em um abraço de irmão.

— Então, Ellie, quando você vai voltar para ser meu lugar feliz?

Estou prestes a dizer a ele que não sei se algum dia voltarei quando os cabelos da minha nuca se arrepiam. Um rubor cobre minha pele, do rosto até o peito, por baixo das roupas. Algo familiar percorre minha espinha, não importa o quanto eu tente sufocá-lo.

Não, não.

Por favor, por favor.

É inútil implorar quando o desastre te atinge bem na cara. Não atrasa o inevitável e certamente não o apaga.

Ele está aqui.

Eu sinto na minha pele e direto em meu interior. À medida que me viro lentamente, agarro-me à minha bolha delirante, ao meu espaço seguro. Eu deveria saber. Não há lugar seguro contra monstros.

A escuridão é o seu playground e o mundo é o seu teatro. Se eles quiserem, eles vão te arrastar para as sombras e tudo estará acabado.

Achei que os piores monstros eram os da minha infância. Acontece que meu pior monstro tinha os olhos metálicos mais hipnóticos e o cabelo preto mais escuro. Ele tem um olhar penetrante que me diseca e vê direto nas profundezas mais sombrias da minha alma.

Meu monstro é alto, poderoso e lindo.

Meu monstro é Aiden King.

9

ELSA

Considerando todas as pequenas explosões de pânico que experimentei esta noite, eu deveria estar preparada para a aparição de Aiden.

Eu não estou

Não de verdade.

De jeito nenhum.

Eu aperto os dois lados do meu vestido só para ter algo para torcer.

Jonathan entra com sua confiança irritante à mostra, como se fosse o dono do lugar e de todos que nele vivem. Ele olha sobre todos com seu nariz arrogante. Aiden e Levi caminham de cada lado dele como generais valsando em uma zona de guerra. Astrid se segura no braço de Levi parecendo mais desconfortável do que estou me sentindo atualmente.

Os três King estão vestindo smokings pretos elegantes que embelezam seus físicos desenvolvidos. Minha atenção volta para Aiden. Eu tento lutar contra isso, você sabe. Tento olhar para o lindo vestido de Astrid, para o sorriso fácil de Levi, ou mesmo para Jonathan tratando todos como camponeses.

Não consigo.

Algo puxa minhas cordas e me leva direto para Aiden. Odeio isso. Odeio do fundo do meu coração defeituoso. O tal coração palpita e eu o esmago enquanto me concentro em Aiden. Ele caminha com facilidade e confiança. Com seu cabelo penteado e estiloso. Sob o pano que aperta seus bíceps e suas coxas musculosas.

Ele se esforçou esta noite. Ele quer estar o mais apresentável possível – e

letalmente atraente. Está usando sua aparência para ajudar em suas manipulações. No momento em que seus olhos encontram os meus, eu congelo. É como se aquelas nuvens cinzentas tivessem entrado no salão e agora se transformassem em uma tempestade, causando estragos em seu rastro.

Ou talvez essa tempestade seja destinada apenas a mim.

Continuo puxando ar, mas não estou respirando direito.

Silver é a rainha para o nome dos King.

Esse lembrete me atinge como um soco nas costelas. Meu temperamento explode e todo o bloqueio que consegui até agora ameaça se despedaçar. Quebro o contato visual com esforço e encaro os caras.

— Eu tenho que encontrar a Teal.

Ronan protesta, mas levanto meu vestido e ando na direção oposta. Não faço ideia para onde Teal foi, mas se eu conseguir encontrar Knox e ela, não terei que enfrentar Aiden e sua noiva mal-intencionada que deve ter vindo com ele.

Um turbilhão de amargura me envolve do nada. Minhas mãos coçam e me amaldiçoo por não trazer desinfetante para as mãos. A falta de ar de antes volta com força total. Quase caio com a necessidade de respirar.

Ar.

Eu preciso de ar.

Tropeçando, encontro uma porta aberta para o pátio e saio.

A música do banquete diminui um pouco quando o ar fresco atinge meu rosto. Arrepios cobrem meus braços nus, mas não os abraço. Isso é para pessoas fracas.

Fugir também é para os fracos.

Meus dentes afundam em meu lábio inferior. A ferida ainda está fresca. Tenho certeza que com o tempo não vou fugir. Haverá um dia em que verei Aiden e passarei por ele sem olhar para ele.

Espero que sim.

Realmente espero.

Dor é temporária. A dor diminui com o tempo.

No entanto, duvido que chegue um dia em que pensarei nele e não sentirei dor, mas tenho certeza de que não será tão agudo ou condenatório.

Você é forte, Elsa. Você é uma Steel.

Como papai costumava dizer, “ninguém mexe com um Steel e vive para falar sobre isso”.

Respirando fundo, eu me viro. Vou voltar para dentro e fingir que ele não existe. Eu vacilo, meus calcanhares prendendo no chão. Aiden está na minha frente como um ceifador.

Não, não é um ceifador. Um monstro.

Meu Monstro.

Ele não faz barulho ao sair, invadindo propositalmente meu espaço e meu ar. Mas é isso que Aiden faz, não é? Ele empurra você para um canto e logo você perceberá que não há saída. Ele é mais intimidante e bonito do que qualquer um deveria ser. Ele tem o nariz arrogante de seu pai e a aura de um Deus entre os humanos. Ou melhor, um rei entre os camponeses.

— Você achou que poderia fugir de mim, querida?

Sua voz ainda é a mesma, áspera, profunda e sinistra. Não faço ideia por que pensei que a voz dele mudaria no espaço de uma semana. Minha raiva reprimida pega fogo e ferve em minhas veias. Os palavrões lutam para ser libertados como um furacão se formando à distância.

Contudo, permaneço em silêncio.

Aiden é o tipo de desviante que se alimenta de histeria. A melhor maneira de vencê-lo é reverter suas próprias táticas, interromper seu processo de pensamento e mantê-lo no escuro.

Devido à sua falta de empatia, ele tem um talento especial para ler as pessoas. Ele confia muito na intuição e na lógica; eles são seus maiores ativos. É quase impossível embaralhar sua formação ou fazer um movimento que ele ainda não previu.

No entanto, tenho uma vantagem. Eu o conheço tão bem que sou capaz de olhá-lo nos olhos e selar todas as minhas emoções. Se ele estiver procurando por um ataque de raiva, não terá nenhum.

— Você desapareceu — ele continua após um momento de silêncio. — Eu entendo que você esteja com raiva, mas você não ouviu o meu lado da história, Elsa.

Raiva? Que tal acordar no meio da noite e me encontrar chorando e sentindo um aperto doloroso no peito? E quanto à sensação de traição que venho bloqueando para não me quebrar em pedaços?

Seu lado da história? Foda-se isso.

Foda-se ele.

Ele não tem lado da história. Ele manteve a porra de um noivado em segredo enquanto eu estava enlouquecendo com a garota que tinha mais direito sobre ele do que eu jamais teria. O bastardo me reduziu a ser a outra

mulher. É um lugar tão sujo e humilhante para se estar, e nunca vou perdoá-lo por isso.

Levanto meu vestido e começo a passar por ele. Aiden me agarra pelo braço. Seu toque teria me incendiado antes, agora está... tão frio.

Tão congelante.

Tão errado.

— Eu disse — ele enuncia como se eu não o tivesse ouvido da primeira vez. — Você não ouviu o meu lado da história.

Eu mexo meu braço e surpreendentemente ele me solta. Essa é a primeira vez.

Dou dois passos quando sua voz letal e dura me interrompe.

— Você fez uma promessa, Elsa. Honre-a.

— Se você não cumpre suas promessas, por que eu deveria cumprir as minhas? — Minha voz é tão calma, é meio assustadora.

Eu não me viro nem o encaro. Ele escolheu isso. Escolheu nos colocar em um lugar onde minhas costas são a única coisa que ele vê.

— Não faço promessas que não cumpro. Você é quem faz isso repetidamente. Eu disse que me amar é uma estrada de mão única. Eu lhe disse para não dizer essas malditas palavras se você não quisesse mantê-las.

Lanço um olhar para ele por cima do ombro.

— Eu quis dizer essas palavras. Eu amo você, Aiden, mas também me amo o suficiente para me afastar de você.

E então volto para dentro. A vontade de chorar me atinge como um desastre natural repentino; difícil e destrutivo. Mesmo assim, eu não choro. Não vou derramar lágrimas por ele. Não serei reduzido à vítima que ele quer que eu me torne.

A dor toma conta do centro do meu peito. É profundo e afeta todas as camadas do meu coração. Achei que se admitisse que ainda o amo, a dor diminuiria. Estava errada.

Será sempre assim? Caótico e doloroso? Terei que andar contando meus passos?

Um dia, irei a uma dessas festas e assistirei Aiden valsando lá dentro com Silver pendurado em seu braço como sua esposa.

A porra da esposa dele.

Náusea aguda cobre minha garganta e gruda minha língua no céu da boca. Eu não vou sobreviver a isso. Não consigo.

Meus pensamentos roubam meu ar novamente. Paro perto de uma das

mesas de comida para recuperar o fôlego. Há outro pátio à minha direita. Alguém notará se eu me esconder lá pelo resto da noite?

Minha visão periférica capta um movimento. No canto do pátio, um homem e uma mulher estão envoltos em escuridão enquanto conversam em voz baixa. Não consigo ouvi-los por causa da música e da conversa geral. Lá se vai meu plano de me esconder lá. Estou prestes a me virar quando algo mais chama minha atenção.

O homem fala tão baixo que é quase ameaçador. A garota se encolhe contra a grade de pedra. A luz fraca atinge seu... cabelo verde?

— Kim? — Eu me adianto para lá.

O homem — Xander — se afasta lentamente, mas não antes de lhe lançar um olhar severo.

— Falo sério. Não me teste, porra.

E então ele volta para dentro. O peito de Kim sobe e desce tão rápido que tenho medo de que ela tenha algum tipo de ataque cardíaco. Suas pupilas estão dilatadas como se ela estivesse voltando de uma viagem. Corro até ela e pego suas mãos trêmulas e suadas.

— O que aconteceu? Você está bem? O que ele fez?

— Estou bem. — Kim finge um sorriso.

Ela precisa parar de fingir sorrisos quando é tão horrível fingindo.

— Kim! — reajo. — Que diabos? Você parece à beira de um colapso.

— É apenas Xander sendo Xander. — Ela acena com a mão dispensando o assunto e ajeita a bainha do vestido verde escuro. — Senti a sua falta.

Seus braços me envolvem. Mesmo que eu não queira que ela mude de assunto, não me afasto. Kim respira fundo e percebo o quanto ela precisa desse abraço. Ela é solitária e eu sou praticamente a única amiga que ela tem. Exceto por Kir, sua família não é afetuosa. Sempre sinto que ela precisa do toque humano mais do que qualquer coisa. Ela simplesmente não é tão boa em expressar suas necessidades.

— Estou aqui para ajudá-la, Kim. Sabe disso, certo?

Ela assente conta o meu pescoço sem dizer nada. Quando ela finalmente dá um passo para trás, um sorriso relutante está estampado em seu rosto.

— E você? Está bem?

Conversei pelo FaceTime com Kim e contei a ela tudo sobre o noivado de Aiden com Silver, meu pai, Knox e Teal. Toda vez que ela tentava me perguntar sobre meus sentimentos considerando o noivado de Aiden, eu me fechava e encerrava a conversa. Eu sabia que ela tocava no assunto

novamente quando nos encontrássemos cara a cara.

— O que você está fazendo aqui? — Tento desviar do assunto.

— Papai me trouxe. Ele está super envolvido na arrecadação de fundos.

— Ela faz uma pausa, estreitando os olhos. — Você não pode mudar de assunto.

Brilhante. Aqui vamos nós.

— King não vê Silver como uma mulher. Juro pela minha vida — Kim coloca a mão sobre o peito. — Eu apostaria a vida de Kir nisso e você sabe que nunca faria isso a menos que tivesse certeza.

— Eles estão noivos, Kim. Vão se casar.

Todos os dias acordo com a esperança de que a revelação da semana passada seja um pesadelo desagradável, mas sou trazida de volta à realidade muito cedo. A queda dói, sabe? É como cair e queimar ao mesmo tempo, sem saída.

— Pode ser algo arranjado pelos pais. — Kim bate no queixo como um detetive. — Jonathan King e Sebastian Queens são amigos de infância e são aliados desde que me lembro.

— Aiden não é o tipo que poderia ser forçado a fazer qualquer coisa.

— Isso deve ter acontecido muito antes de você aparecer, Ellie. King é do tipo lógico, e se ele pensasse que se casar com Silver garantiria seu futuro e seu relacionamento com seu pai, ele teria concordado.

— Então por que ele me manteve no escuro sobre isso?

— Não sei. Ele é o único que pode responder a isso. — Ela esfrega meu braço. — Tudo o que sei é que King não está interessado em Silver e, honestamente, acho que o mesmo acontece com ela.

— Então agora você é um especialista em como a Silver se sente? — Levanto uma sobrancelha.

— Fomos todos criados juntos, lembra? Silver e eu já fomos amigas.

— Espere. O quê?

— Foi antes da minha queda em desgraça. — Ela levanta a mão com desdém. — De qualquer forma, ela é uma vadia, mas não acho que Aiden seja o objetivo dela. Silver é o tipo de pessoa que esconde seus verdadeiros favoritos para que ninguém os roube. Quando brincávamos juntos, ela pegava todas as suas bonecas, exceto a sua favorita, *Anastasia*. Ela a escondia num lugar que eu não conseguia encontrar. Eu a odeio, mas pensando logicamente, se ela realmente ama Aiden, ela não seria tão territorial com ele em público. Ela teria agido em segundo plano.

As palavras de Kim trazem de volta o que Tara me disse há algum tempo. Ela disse que Silver não está interessada em Aiden, mas faz o possível para que todos saibam que ele é dela. Tara também mencionou rumores de que Silver tem um namorado secreto e o está camuflando usando Aiden como fachada. Se for esse o caso, então Silver é muito mais complexa do que eu pensava. Qual é exatamente o objetivo dela?

Não que eu me importe.

Não é Silver quem importa. É o fato de que Aiden escondeu seu noivado com ela sabendo muito bem o quanto sua história com ela me incomodava.

— Eu realmente não quero fazer isso, mas posso falar com ela, se quiser?

— Kim pergunta com um tom cuidadoso.

— Obrigado, mas você não precisa. — Eu a arrasto comigo pelo braço.

— Vamos, vamos encontrar Knox.

— E Teal! — ela grita. — Estou tão animada para conhecer a irmã gêmea de Knox. Tenho certeza que ela é tão divertida quanto ele.

Desde que contei a Kim sobre Knox ter uma irmã gêmea, ela está morrendo de vontade de conhecê-la.

— Ela é especial, sim, mas não se parece em nada com ele — digo.

Passamos alguns minutos desfilando entre as mesas. A música clássica para. Tristan Rhodes bate o garfo em sua taça de champanhe, chamando a atenção de toda a sala. A conversa residual é interrompida. Kim e eu congelamos no lugar. Knox se junta a nós, enchendo a boca de scones. Ele nos oferece uma e sorri quando ninguém aceita.

— Mais pra mim.

— Onde está o papai? — Eu pergunto.

Knox faz um gesto à frente. Com certeza, papai está na primeira fila, mas não está sozinho.

Jonathan e Aiden King estão ao lado dele.

O quê...?

A vontade de ir e ficar ao seu lado me domina. Eu deveria estar ao lado do meu pai assim como Aiden está ao lado do pai dele. Uma sensação de calma toma conta de mim quando Teal se aproxima de meu pai. Posso sentir sua determinação daqui.

Vá, Teal.

— Senhoras e senhores — a voz de Tristan comanda todo o salão. — Estamos honrados em ter vocês aqui. Suas doações para a associação de órfãos certamente salvarão vidas e oferecerão esperança para pessoas sem

nenhuma.

Ele continua falando sobre a associação e a quantidade de crianças que estão ajudando. Olho de relance para Aiden, mas ele parece completamente absorto no discurso. Sua cara de pôquer está presa no lugar; seu comportamento grita calma. Eu posso fazer isso também. Posso agir como se nada tivesse acontecido.

Tristan faz um brinde ao dinheiro arrecadado esta noite e continua:

— Gostaria de aproveitar esta oportunidade para agradecer a todos que participaram do crescimento do Conglomerado Rhodes. Temos planos enormes para o futuro. Para isso, recrutamos duas das melhores empresas como potenciais parceiros.

Tristan vira o copo na direção de papai e Jonathan.

— Sr. King, Sr. Steel. Que vença o melhor.

Todos levantam as taças, inclusive papai e Jonathan. O olhar deles só pode significar: Jogo aberto.

Aiden se vira e seus olhos metálicos encontram os meus. Ele não precisa me procurar como se soubesse exatamente onde eu estava. Mesmo que sua expressão seja indecifrável, tenho quase certeza de que seus pensamentos coincidem com os meus.

A verdadeira guerra começou.

IO

AIDEN

A^{iden}
Passado

Ando por todo o porão até onde as correntes me permitem. Elas chacoalham atrás de mim, seu tilintar pesado é o único som que me cerca na escuridão iminente. Não faço ideia se é noite ou dia. Em casa, associei o escuro à noite, mas não parece haver noção de tempo neste lugar.

A mulher vermelha não apareceu.

Nunca tenho certeza se ela vai me abraçar ou me bater no rosto, me dizendo para trazer seu filho de volta. Tem também a garota que parece uma boneca – Elsa. Já faz muito tempo que ela não aparece.

O tempo aqui é tão confuso. Parece que estou preso há dois meses.

Talvez seja menos. Talvez seja mais.

Mamãe costumava dizer que quando você está livre o tempo voa, mas fica longo quando você está preso. Eu não a entendia naquela época, mas agora entendo. O tempo é estranho assim. O tempo é infinito e curto ao mesmo tempo.

A porta se abre lentamente. Eu paro, as correntes sibilando devagar até parar.

É a garota.

A mulher vermelha não abria a porta devagar, ela entrava, às vezes me tirando do sono. Os pequenos passos de Elsa ecoam no porão vazio. Ela traz luz com ela – e não é só por causa de sua tocha. É toda a sua presença. Seus sapatinhos de coelhinho e seu minúsculo vestido de dormir. Ela cheira a

marshmallow, mel e início da primavera. Se a luz tem cheiro, então é Elsa. Assim como mamãe cheira a calor.

Às vezes me pergunto se estou falando com pessoas imaginárias como mamãe faz. Pensei nas bonecas da Silver e da Kimberly e depois dei vida a elas para ficar tranquilo. Papai diz para ficar sempre calmo. As emoções podem ser minha ruína. Assim como acontece com a minha mãe. Ele diz que ela sente demais e por isso chora muito.

Acho que ela chora muito porque *ele* não sente o suficiente.

Elsa aproxima-se na ponta dos pés para enrolar o cobertor em volta dos meus ombros. Como sou mais alto, ela se esforça e bufa de frustração, soprando seus fios dourados. Meus lábios se contraem enquanto eu me abaixo para que ela possa fazer o que quer. Ela sorri triunfante e deixa cair a bolsa no chão. Hoje tem um sanduíche e uma garrafa de suco.

— Eu fiz isso escondido do tio Agnus. — Ela coloca um dedo na boca. — Não conte a ele.

Sento-me no chão frio e dou uma mordida no sanduíche. É recheado com bacon, presunto e todo tipo de queijo. Elsa gosta de colocar queijo em todo lugar. Não é algo que gosto, mas como mesmo assim. A ruiva só me dá água, se não fosse por Elsa eu teria morrido de fome.

— Obrigado. — Eu engulo meu primeiro gole.

— Se você quiser me agradecer, diga-me seu nome.

Ela se agacha na minha frente, cruzando os braços sobre os joelhos e apoiando a cabeça no braço. Tornou-se um hábito dela me observar assim. Como se eu fosse um alienígena.

Mastigo lentamente a próxima mordida, pensando nas palavras dela. Papai sempre diz para nunca dar meu nome a alguém com más vibrações. Elsa não transmite más vibrações, mas mora num lugar que transmite. A mulher vermelha também se parece muito com ela. Talvez um dia ela seja a mesma.

— Por que você não me diz seu nome? Eu te contei o meu. — Elsa franze a testa.

Eu permaneço em silêncio.

— Então vou te chamar de Olhos Cinzentos — Ela sorri como se tivesse inventado um apelido único. — Eu tinha um ursinho de pelúcia chamado Ted, mas tive que dá-lo para duas crianças como você. Se eu ainda tivesse, daria para você.

Continuo mastigando silenciosamente.

— Se eu não conseguir encontrar as chaves que abrem as suas algemas, contarei ao papai quando ele voltar. Ele salvará você como os salvou.

Mesmo assim, não digo nada. Um, estou com fome. Dois, gosto mais quando ela fala. Sua voz é como uma melodia clássica, suave, elegante e... pacífica.

— Quantos anos você tem? — ela pergunta.

— Oito.

— Eu também farei oito anos em breve. — Seu dente perdido aparece quando ela sorri muito. — Nós podemos ser amigos.

— Eu tenho amigos.

— Oh. — Sua expressão se entristece.

Quero me chutar por fazê-la se sentir mal. Cole continua dizendo que eu deveria ser menos direto em minhas palavras. Não tenho ideia do que isso significa. No entanto, não quero que Elsa se sinta mal. E se ela nunca mais voltar e eu ficar sozinho no escuro?

Seus olhos de cachorrinho me espiam através dos cílios.

— Você não pode adicionar mais um amigo?

Abro a boca para concordar.

— Espere! — Ela enfia a mão no bolso e pega um pequeno pacote de bolas de chocolate. — Vou te dar dois dos meus Maltesers. Eles são meus favoritos.

O som do pacote enche o porão quando ela a abre e tira duas bolinhas de chocolate. Ela morde o lábio inferior, apertando os olhos com força, depois pega outro.

— Ok, vou te dar três.

Ela estende a mão, coloca os três chocolates de volta na sacola e me oferece com um suspiro resignado.

— Você pode ficar com todos eles se virar meu amigo.

Quando não pego, ela coloca no meu colo.

— Eu te dei meus Maltesers, você tem que ser meu amigo.

Eu sorrio para sua expressão engraçada. Ela parece prestes a pegar de volta o chocolate e fugir para comê-lo no canto.

— Tudo bem — concordo.

— Sim?

— Sim, serei seu amigo.

— Sim! — Ela bate palmas, rindo.

Pego uma bola de chocolate e ofereço o resto.

— Nós podemos dividir.

Seus dentes afundam em seu lábio inferior.

— Tem certeza? Eu os dei para você. Não quero ser rude e aceitá-los de volta.

— Amigos compartilham tudo.

— Sêrio?

— Sêrio.

Ela pega o saco de Maltesers e enche a boca com duas bolas de chocolate.

— Ei, Olhos Cinzentos.

— Hum? — Observo seus olhos brilhantes enquanto ela mastiga. Um pouco do chocolate gruda em seu lábio superior.

— Quando eu crescer, vou comprar um balde de Maltesers para você.

— Por quê?

— Porque papai diz que você tem que comprar presentes para quem se casar com você.

— Casar? — eu sussurro.

— Sim! — Ela sorri. — Quando eu crescer, vou me casar com você.

— Você não pode se casar comigo.

Seu rosto se contorce.

— Por que não?

— Mamãe diz que você tem que amar alguém para se casar.

— Então você pode simplesmente me amar. — Ela joga a mão para o alto. — O que há de tão difícil nisso?

Eu permaneço em silêncio. Essa garota é maluca.

— Ei, Olhos Cinzentos. — Ela se aproxima. — Quando eu te der o balde de Maltesers, você vai dividir comigo?

Eu rio e ela ri comigo. Sua risada é como o sol depois de um dia chuvoso. É o sol espreitando através do céu nublado. Ao observá-la, percebo que quero vê-la rir o tempo todo. Talvez ela esteja certa. Talvez depois que crescermos, ela precise ficar por perto para que eu possa vê-la rir assim todos os dias.

Ela tem a risada mais linda que já vi.

— Prometa que vai se casar comigo. — Ela estende o mindinho.

Enrolo o meu dedo em volta do dela.

— Eu prometo.

II

AIDEN

Presente

A escola é o último lugar onde quero estar.
Porém, todos os dias eu acordo, me preparo e espero contra toda esperança que ela apareça. Eu nem acredito em esperar nada. Eu executo.

Já se passaram mais de treze dias desde que ela partiu para Birmingham e não voltou.

Cinco dias desde a arrecadação de fundos dos Rhodes.

Cinco dias inteiros de noites sem dormir.

Cinco dias de punhetas furiosas enquanto pensava nela.

Cinco dias pensando em como invadir o mundo dela sem fazê-la me odiar ainda mais.

Como diabos vou recuperá-la se ela está do outro lado do país? Como vou alcançá-la se ela não me ouvir? A expressão entorpecida e apática em seu rosto na festa ainda acaba comigo toda vez que penso nisso. Como resultado, todas as minhas punhetas terminam com uma liberação patética e insatisfatória.

Elsa está lentamente se afastando de mim. Posso sentir isso em minha alma e em meus malditos ossos. Não consigo pressioná-la quando ela está volátil. Elsa está tão certa sobre o meu envolvimento com Queens que não ouvirá nada contrário ao que ela já acredita.

Garota teimosa e maldita.

Bato a porta do meu carro e ando a curta distância até o jipe preto de Nash.

Ele parece completamente à vontade enquanto pega seus livros no banco do passageiro.

Mas eu o conheço.

Se eu passei a noite passada correndo ladeiras e nadando, ele passou o tempo desestressando da única maneira que sabe.

— Você vai parar de ser uma vadia? — Apoio meu cotovelo na lateral do carro dele.

— Você vai parar de ser uma puta? — Ele nem hesita.

— Você sabe que não foi isso que aconteceu, Nash. Pare de pensar com seu pau.

— É mesmo? — Ele bate a porta do passageiro e me encara, segurando seus livros com uma das mãos. — Então por que você não me conta o que aconteceu? Estou ouvindo.

— Você não confia em mim?

— Vou fingir que nem ouvi isso.

Esperto.

A inteligência de Nash é a razão pela qual eu me meti nessa confusão toda. Vivemos pelo desafio e pelos jogos. Nunca pensei que chegaria um dia em que me arrependeria deles. Em parte porque não me arrependo de nada. E também porque não vi Elsa voltar à minha vida com tanta força.

— Fale com Elsa — eu digo.

— Por que eu faria isso?

Quero bater a cara dele no carro e destruir seus neurônios.

Mas me contenho.

Nash é uma das minhas poucas apostas para trazer Elsa de volta.

— Ela gosta e confia em você mais do que nunca depois que você contou sobre o sequestro.

— Ela gosta, né? — Seus lábios se curvam em um sorriso malicioso.

O filho da puta conhece seus pontos fortes muito bem. Ele não só contou a Elsa sobre o sequestro para se vingar de mim, mas também fez isso para que ela confiasse nele.

— Pena que não estou com vontade de ajudar uma puta. — Ele bate o ombro no meu.

Eu cerro minha mandíbula e o agarro pelo ombro.

— Eu fico lhe devendo uma.

Ele para e lentamente se vira.

Nash, entre todas as pessoas, sabe que não gosto de dever nada a ninguém. Esta é uma medida drástica. Estou dando a ele a chance de dar o primeiro passo e atacar.

— Você vai acabar com tudo. — Ele endireita os ombros para que fiquemos frente a frente. — *Tudo*.

— Em breve.

— E você vai me dizer qual é o seu acordo com ela.

— Feito.

Desculpe, não sinto muito, Queens. Eu te avisei. Agora você está por sua conta.

Se eu fosse uma pessoa melhor, enviaria a ela uma mensagem de aviso, mas não sou. Além disso, é a minha vingança por ela não ter me avisado sobre Jonathan. Pode levar dias, mas sempre pago minhas dívidas.

— Quando você vai falar com ela? — eu pergunto.

— Depois que você falar.

— Se eu pudesse falar com ela pessoalmente, não pediria que você fizesse isso por mim.

— Elsa não é como nós. Ela precisa ouvir diretamente de você e de Silver ou não vai acreditar.

— Ela não quis falar comigo.

— Você mereceu.

— Nash — eu aviso baixo.

— Apenas dizendo. Peça perdão e mostre a ela seus verdadeiros sentimentos. Por mais fodidos que sejam. Knight, Astor e eu podemos conversar com ela o dia todo, mas se ela se desligar de você, não há como trazê-la de volta.

— Quando você se tornou um especialista em relacionamentos?

— Já que você continua estragando tudo. — Ele segue em direção ao prédio. — Apareça para treinar e faça um esforço real ou terei que pedir ao treinador para te colocar no banco.

Filho da...

— Oh. — Ele sorri. — Temos uma adição interessante à equipe.

Não dou a mínima.

Caminhamos pelo corredor da escola. Garotas das equipes de ginástica e atletismo piscam para mim. Elas acham que porque Elsa está fora de cena, elas têm uma chance. Eu teria pena delas se pudesse. Não há ninguém antes

de Elsa e ninguém depois dela. Ela é uma constante e em breve todos saberão disso.

Elsa incluída.

Astor se junta a nós e conversa sobre seu último sucesso e o próximo jogo, mas eu o ignoro. Minha cabeça dói por falta de sono. Já se passaram três dias desde a última vez que dormi e ainda não consegui desmaiar. Estou muito perto de ver as pessoas como caricaturas.

Espere. Essa é a aparência cotidiana delas.

— Então, King. — Astor passa um braço em volta do meu ombro e o outro no de Nash.

Não tenho nem energia para remover o braço dele ou ameaçar quebrá-lo.

— Quando você vai pedir desculpas a Ellie e trazê-la de volta? Hum? Hum?

Eu olho para ele.

— Knight e eu podemos preparar uma carruagem cheia de flores, chocolate e essas coisas.

Elsa não gosta de chocolate. Bem, exceto pelos Maltesers. Eu me pergunto se ela vai se lembrar de alguma coisa se eu lhe der aquelas bolinhas de chocolate.

— Eu posso até cantar. — Ele estala os dedos. — Espere! Prostitutas vestidas de coelhinho saindo do bolo! Ellie iria amá-las. Estou certo ou não estou?

— Você nunca está certo, Astor — digo a ele.

— E pare de inserir prostitutas vestidas de coelhinho e saindo de bolos em todas as ideias — Nash interrompe.

— *Fais chier, connards*. Alguém precisa atender minhas fantasias ou vou sair por aí com uma faca.

Meus pés param sem o meu comando. Cabelo loiro cai por ombros esbeltos com uma elegância ofuscante. Como uma luz na escuridão, Elsa caminha pelo corredor com Van Doren e uma garotinha.

Sou empurrado de volta para aquele porão quando ela trouxe a luz com ela.

Literalmente.

Figurativamente.

Essa coisa dentro de mim que bate por ela não tem limites. Não consigo parar de olhar para ela. Para seus olhos azuis elétricos, seu rosto radiante e aqueles malditos lábios beijáveis que são meus.

Ela é toda minha com M maiúsculo.
E agora ela está de volta.
Desta vez, apenas a morte nos separaria.

I2

ELSA

Papai concordou em nos deixar voltar para o CRE.
Chocante, eu sei.

Com o que aconteceu na propriedade dos Rhodes, pensei que ele se oporia ao CRE agora mais do que nunca. Porém, quando nos sentamos e eu disse a ele que queria terminar o ano na minha escola, ele não se opôs. E estou feliz. Foi precipitado pensar em deixar a escola em primeiro lugar.

Cansei de correr e me esconder.

Cansei de desaparecer quando deveria andar pelos corredores com a cabeça erguida. Eu não fiz nada de errado. A concordância de papai pode ter a ver com o fato de que ele precisa estar em Londres para se preparar para o projeto dos Rhodes.

Knox é totalmente a favor de voltar para o CRE. Sua escola anterior em Birmingham é chata pra caralho — palavras dele, não as minhas.

Teal não está tão entusiasmada com a mudança. Ela só veio porque ninguém ficou em Birmingham, exceto os funcionários. A casa do papai em Londres fica perto do bairro de Ronan. É um pouco longe da casa dos meus tios, mas prometi visitá-los hoje.

Teal, Knox e eu caminhamos pelo corredor em direção à nossa aula. Tento não me concentrar em Aiden parado na entrada, todo poderoso e polido. Suas duas mãos estão enfiadas nos bolsos, o que significa que ele está se impedindo de fazer alguma coisa – o quê, não sei.

Ele me observa como se eu fosse a única no corredor movimentado. O interesse em seus olhos é paralisante, até sufocante. Seu olhar me estuda de

perto, tão *perto*, como se estivesse reaprendendo minhas feições, a curva do meu ombro e a linha da minha clavícula.

Quase como se... ele estivesse se certificando de que sou real.

Ele já me olhou dessa forma.

Foi na nossa infância?

Eu me reprimo internamente. Só porque voltei para o CRE não significa que vou me envolver com Aiden novamente. Meu retorno não tem nada a ver com ele e tudo a ver com minha autoestima.

O CRE tem minhas notas, meus treinos e meus amigos.

Também tem Aiden e meus inimigos.

Bem, todos os lugares têm vantagens e inconvenientes.

Passo direto por ele, ignorando seus estúpidos ombros largos e seu corpo ridiculamente alto. Um dia deixarei de vê-lo como um bastardo atraente.

Atraente ou não, não voltarei a orbitar em volta dele. Isso é mais do que minha atração ou sentimentos. Isto é sobre o meu valor. Eu mereço mais do que ser a outra mulher. Eu mereço mais do que ser um mero peão. Eu mereço algo melhor do que *ele*.

Knox, Teal e eu sentamos juntos e ouço Knox falando sobre como Agnus o enganou para ajudar de graça. Aiden entra, mas não se senta, em vez disso permanece perto da entrada. Posso senti-lo me observando atentamente, mesmo sem levantar a cabeça.

Uma parte de mim quer observá-lo de volta. Eu quero me envolver naquela batalha de quem pisca primeira. Eu quero vê-lo *me ver*.

A traição, a raiva e a amargura.

Mas ele só usará essas emoções para me machucar novamente. Cansei de ser magoada por Aiden e seus malditos jogos.

— Ellie! — Ronan pula na minha mesa, quase derrubando minhas canetas no chão. — Eu estava falando com King sobre como te trazer de volta. Até me ofereci para cantar.

Teal bufa do meu lado. Ronan sorri para ela, mas é falso. É raro ver Ronan fingir alguma coisa, ele é o mais honesto dos cavaleiros.

— Você tem algum problema, *ma belle*?

Ela procura ao meu redor.

— Você ouviu alguém falar, Elsa?

— Estou feliz que você esteja de volta e tudo, mas por que você trouxe essa aberração? — Ronan se inclina para sussurrar.

— Eu ouvi isso — Teal fala inexpressivamente.

Ele finge inocência.

— Você ouviu alguém falar, Ellie?

Eu sorrio e balanço a cabeça. Esta é a primeira vez que vejo Ronan se esforçando para ser passivo agressivo com alguém. Ele geralmente evita confrontos – exceto com seus amigos. Mas acho que, assim como no futebol, Ronan devolve dobrado quando é atacado.

Afinal, ele é a Morte.

A Sra. Stone entra. A conversa residual cessa e todos se sentam. Durante toda a aula, os cabelos da minha nuca se arrepiam. Eu deveria me concentrar, mas minha atenção continua voltando para alguém que está me observando como um falcão.

Sem me virar, posso sentir seu olhar turvo e escurecido fixando-se em mim. Quase posso ver a contração em seu olho esquerdo e a tensão em sua mandíbula afiada.

Quando o dia finalmente termina, Kim nos convida para um café. Knox é totalmente a favor e força Teal a ir junto. Concordei em ficar com eles até dar a hora de visitar os meus tios. Antes de sairmos do CRE, peço licença para ir ao banheiro.

Enquanto lavo as mãos, um som de respiração agitada vem de uma das cabines. Eu fico para trás depois de secar as mãos. Ela precisa de ajuda?

— Tudo bem. Vai ficar tudo bem. — A voz familiar repete enquanto ela sai da cabine.

Nós duas congelamos.

Silver está lá, com o cabelo desarrumado e o uniforme desgrehado, como se tivesse sido jogada para fora da cama. Agindo como se não me visse, ela limpa o canto da boca e vai até uma das torneiras jogar água no rosto.

— Finja que você não viu nada.

— Sua vida não importa para mim, Silver.

— Sem problema, então. Boa conversa. — Ela começa a passar por mim.

— Espere — eu a agarro pelo braço.

Ela se vira, a mão envolvendo sua cintura.

— O que você está fazendo?

O medo em seus olhos me atinge direto no peito. Solto o braço dela e dou um passo para trás.

— Eu não vou te machucar.

Ela me estuda com desconfiança, mas não se move.

— Você... — eu limpo minha garganta. — Você precisa de ajuda?

Os enormes olhos azuis de Silver se arregalam, parecendo tão atordoados quanto eu. Nunca pensei que chegaria o dia em que ofereceria ajuda a Silver. Acho que não sou tão monstruosa, afinal.

— N-não. — Ela dá um passo para trás e então para. — Eu não queria estar no Meet Up. Desculpe.

E então ela sai do banheiro. Fico ali por um segundo, recuperando minha compostura. Silver acabou de se desculpar comigo? Além disso, o que ela quis dizer com não querer estar no Meet Up? Isso não muda o fato de que ela está noiva de Aiden ou que ele escondeu isso de mim.

De qualquer maneira, não importa mais. Não quando já acabou. Ou nunca começou. Ela estava certa o tempo todo. Desde o início, Aiden nunca foi meu.

Ele era dela.

A coceira começa sob a minha pele e se espalha por todo o corpo. Lavo minhas mãos novamente e seco. No momento em que abro a porta, alguém me empurra de volta para dentro. Eu grito, mas uma mão cobre todo o som. A porta do banheiro fecha com estrondo.

Ele me gira. Minhas costas batem quando meu olhar encontra os olhos metálicos de Aiden.

Eu grito.

I3

ELSA

Eu permaneço imóvel.
Completamente.
Como uma tábua.

Apesar da guerra em meu coração. Todas as guerras começam no meu coração estúpido e defeituoso.

Meu grito morre.

Gritar é inútil quando a mão de Aiden cobre a minha boca. Sua força é como a de um batalhão unificado; perigoso e destruidor.

A rigidez do seu peito esmaga meus seios enquanto todo o seu corpo me aprisiona contra a porta. Posso sentir seu batimento cardíaco, alto e furioso. Estou tentada a estender a mão e sentir a pulsação sob as pontas dos dedos. Seu pulso normal e saudável.

A única coisa que o torna humano.

A tentação é arrancada quando ele agarra meus pulsos com a mão livre e os bate contra a porta acima da minha cabeça. O som me tira do meu estupor forçado.

Esta cena é familiar.

Sempre que Aiden não consegue o que quer, ele recorre a estabelecer seu domínio. Faz parte do jogo de empurra e puxa que ele joga tão bem. Um jogo em que tudo o que serei será um peão. Um jogo que sempre perco.

— Bem-vinda de volta, querida — ele murmura com sua voz rouca e arrepiante.

Existe uma maneira de jogar ácido em sua voz e impedir que soe tão boa

para os ouvidos? Seus lábios pairam a centímetros de minha boca coberta por sua mão. Se é uma ameaça ou uma promessa, não sei.

— Você terminou de fugir? — Seu polegar acaricia minha bochecha em um ritmo sensual. Para cima e para baixo, como uma canção de ninar de pele contra pele.

Por um segundo, fico perdida em seu toque. Na sua proximidade. Em seu perfume. Maldito seja o cheiro dele. Ele cheira a dor e prazer. Doce e amargo ao mesmo tempo. Eu estaria mentindo se dissesse que não senti falta dele e prometi nunca mais mentir para mim mesma.

Senti falta de seu toque enlouquecedor e daquele olhar aquecido. Senti falta dos seus beijos e dos banhos que ele preparava para mim. Senti falta de seu cheiro e de suas palavras imorais. Mas acima de tudo, senti falta *dele*.

O homem, o monstro.

É tudo em vão. Não importa o quanto eu sinta falta dele, não apaga o que ele fez. Isso não muda o fato de que sempre fui um peão no tabuleiro dele. Então, agarro-me à raiva, ao ódio e à amargura. Eu me agarro ao quão vazio foi saber que eu era apenas um brinquedo.

A vontade de lutar com ele e cuspir palavras desperta em mim como uma fênix renascida das cinzas. Meus músculos se contraem, prontos para uma luta, para um duelo.

No entanto, eu mordo minha língua. O confronto só lhe dará vantagem sobre mim. Em vez de dar a ele o que ele quer, afrouxo seu aperto e abaixo o olhar, cortando o contato visual. Eu apago ele e seu olhar metálico, as feições sinistras e os cabelos despenteados.

— Olhe para mim.

Eu não olho.

Ele me observa no silêncio do banheiro. Sinto como se agulhas estivessem no topo do meu crânio prestes a abri-lo. A guerra silenciosa dura minutos ou horas. Fico ali parada, observando meus sapatos pretos e enchendo minha cabeça com as táticas filosóficas de Sun Tzu.

A arte suprema da guerra é subjugar o inimigo sem lutar.

O silêncio é minha única arma e vou usá-lo até o fim. Não importa o quão sufocante seja. No silêncio, Aiden liberta minha boca. Eu não grito. Mantenho o silêncio sagrado como se minha vida dependesse disso. Ele agarra meu queixo com dois dedos ásperos e força minha cabeça para cima.

— Olhe para mim, porra.

Olho para o teto com suas luzes brancas.

— Elsa — ele rosna, o som ecoando ao nosso redor como uma promessa sombria. — Não me pressione.

— Mostre-me o seu pior — digo com um tom monótono.

Seus lábios esmagam os meus. Eu mantenho minha boca fechada. Ele terá que morder meus lábios se quiser me beijar. Ele grunhe contra minha boca e mordisca a pele macia.

Eu não abro. Não dou a ele nenhuma entrada. Eu me seguro a raiva e a dor. Elas me permitem ignorar a reação do meu corpo a ele. Raiva e dor me deixam entorpecida ao seu toque. Aiden se afasta, mas não solta meus pulsos.

— Tem certeza que quer jogar esse jogo comigo?

Não digo nada.

Estou segura dentro de minha auréola entorpecida. Se eu disser alguma coisa, perderei o abrigo que este lugar oferece. Aiden puxa minha saia para cima. O ar atinge minhas coxas nuas e arrepios cobrem minha pele. Sua palma forte agarra minha boceta por cima do meu short masculino. Minha respiração falha, meu peito sobe e desce como se eu tivesse acabado de correr cem metros. Meus dedos dos pés se enrolam em meus sapatos. Olho para um ponto imaginário na parede além da cabeça de Aiden.

Ele mentiu para você.

Ele tem uma noiva.

Você é a outra.

Ele desliza dois dedos magros sob meu short e os esfrega nas minhas dobras.

— Hmm, você não está molhada. — Sua voz sombria chega aos meus ouvidos através da repetição em minha mente. — Isso é um desafio, Frozen? Você quer apostar quanto tempo vai demorar para eu te deixar molhada?

Continuo olhando para o ponto invisível, repetindo silenciosamente o mantra. Ele não merece minhas palavras. Ele não merece nada. Aiden circula meu clitóris, provocando lentamente a protuberância inchada. Se eu não me concentrar nisso, não sentirei nada.

Nada mesmo.

— Você vai ficar molhada — ele murmura perto do meu ouvido, o som atingindo diretamente o meu âmago. — Você vai encharcar o meu pau quando eu foder a sua resistência.

— Ou você pode me estuprar e usar o sangue como lubrificante.

Aiden para, seus dedos congelando nas minhas dobras. Ele se inclina para trás e me observa de perto. Intensamente. Como uma pedra. Desta vez,

encontro seu olhar. Encaro aqueles olhos turvos e sinistros que às vezes parecem um vazio sem fim. Um lugar onde você vai e nunca mais volta.

Quero que ele veja minha expressão. Não tenho ideia de como está agora, mas espero que esteja cheia de raiva e ódio. Espero que ele veja que fez isso conosco.

Ele nos *quebrou*.

Me *quebrou*.

Ele disse que me escolheu, mas nunca o fez.

Não de verdade.

Sua escolha sempre foi uma boneca Barbie que tem ‘Queens’ como sobrenome.

— Você acha que eu faria isso com você? — Ele enuncia sua pergunta, quase como se estivesse com raiva.

— Você já fez pior. Ser estuprada mentalmente e emocionalmente é pior do que ser estuprada fisicamente.

É verdade. Se ele me mostrar o seu pior, poderei odiá-lo de uma vez por todas. Vou parar de sonhar com ele, com seu toque e seu maldito cheiro.

Como se estivesse lendo minha mente e decidindo ir contra ela – como sempre – Aiden libera meu sexo e meus pulsos. Meus braços caem de cada lado de mim como partes de um corpo sem vida.

Eu não saio da porta. Nem mesmo quando ele recua ainda mais.

Seu rosto permanece impassível, mas quando ele fala, sua voz me atinge como um trovão numa noite de inverno.

— Bem jogado, Elsa. Bem jogado, porra.

— Você terminou?

Ele sorri, mas não é de zombaria nem de triunfo. É um desafio na sua forma mais pura.

— Acabei de começar.

— Você pode usar meu corpo o quanto quiser, mas eu nunca vou te perdoar, Aiden.

— Então não vou tocar em você.

Meus olhos se arregalam. Talvez meus ouvidos estejam danificados porque posso jurar que acabei de ouvir Aiden dizer que não vai me tocar. Sua arma mais forte sempre foi a intimidação física. Droga, exceto por hoje, eu sempre cedi em suas mãos.

Eu estreito meus olhos.

— Isso é uma promessa? A parte de não me tocar.

— Até que você me perdoe, não vou te foder.
— O que significa nunca.
— Acredite em mim, querida. Você vai implorar por mim quando souber a verdade.



Jantar com meus tios nunca foi tão estranho. Tia Blair está pisando em ovos perto de mim e o tio parece não saber o que dizer para dissipar a tensão.

— Você está tomando seus remédios? — minha tia pergunta enquanto corta camarão e coloca no meu prato. — Você tem uma consulta com o Dr. Albert em breve, então precisa tomar cuidado com a ingestão de calorias e...

— Blair — o tio a interrompe.

— Certo. — Ela toca sua têmpora. — Você está com Ethan agora. Não é da minha conta. Velhos hábitos não morrem fácil, eu acho. Ele, pelo menos, marcou sua consulta? Mandeí um e-mail para ele com todas as datas codificadas por cores. Há testes e consultas e...

— Blair — o tio toca o braço dela.

— Tudo bem. Vamos apenas comer.

Mas ela não consegue. Tia Blair basicamente esvazia a mesa inteira no meu prato.

— Esqueci a sopa. — Ela se levanta. — Eu sabia que tinha esquecido alguma coisa.

— Ela está bem? — pergunto ao tio depois que ela desaparece na cozinha.

— Ela só precisa de tempo para se acostumar com a nova mudança. Não é fácil para ela.

Eu concordo e meu tio limpa a garganta.

— Blair sempre se sentiu culpada em relação a Abigail, ela simplesmente não demonstrou. Não estou pedindo que você a perdoe, mas você pode pelo menos tentar entender? Ela ficou tremendo durante todo o caminho para Birmingham naquele dia. Ela tem pavor daquele lugar.

Minhas mãos param sobre a faca e o garfo. Eu posso entendê-la. Não é fácil voltar para um lugar que te traumatizou. Durante toda a minha estadia em nossa casa em Birmingham, nunca tive uma noite inteira de sono. Sem falar no porão. Ainda está lá, no outro extremo da torre, tentando-me a chegar

perto e reviver memórias sangrentas.

Dr. Khan disse que visitar o local onde um trauma começou pode ativar meu subconsciente. Papai também disse que o porão agora tem uma fechadura com impressão digital que posso abrir quando quiser. A verdade é que tenho medo daquele porão.

Estou com medo de saber o que aconteceu lá. Se eu ultrapassar essa linha, nunca mais poderei voltar. Tenho a cicatriz para provar isso. Talvez, apenas talvez, eu não queira saber mais coisas monstruosas sobre a minha mãe.

— Coma, abóbora. — o tio oferece seu sorriso mais caloroso. — Ela passou o dia inteiro preparando este jantar.

Engulo o nó na garganta e dou uma mordida no camarão. É difícil sentir o gosto além da viscosidade no céu da minha boca. Tia Blair volta com a sopa, os olhos úmidos como se estivesse chorando. É como ter uma flecha atirada direto no meu coração.

— Tia...

— É a sua favorita. — Ela me interrompe, sua voz tremendo no final. — Posso não ser uma boa mãe, mas posso pelo menos cozinhar o que você gosta.

— Está tudo bem, tia. Eu entendo como é o trauma. — Olho para o meu colo antes de encará-la novamente. — Eu não deveria ter te culpado por tudo. Mamãe estava doente. Mesmo se você estivesse lá, não acho que teria mudado muita coisa.

— Elsa... — Seus lábios ficam abertos.

— Desculpe.

— Não. Eu que sinto muito, querida. — Ela se inclina e me envolve em um abraço maternal. É quente e cheira a algodão-doce e verão. — Me desculpe por não estar por perto desde o começo. Eu sinto muito.

Eu também.

Como seria se eu nascesse de uma mãe normal? Acho que nunca saberei. Quer eu admita ou não, minha mãe era um monstro. Eu sou filha daquele monstro.

Agora, só tenho que decidir se devo lutar contra ou assumir. Tenho que decidir se sou o tipo de pessoa que prende crianças para torturá-las, como mamãe, ou o tipo que as liberta, como papai.

Morte ou vida.

Escuridão ou esperança.

Ao envolver meus braços em volta da minha tia, sei exatamente quem

quero ser.

I4

ELSA

Na semana seguinte, Aiden não me deixa em paz. Ele está lá durante o almoço, entregando minha comida especial. Eu não como nada, opto por levar marmita, mas ele continua trazendo mesmo assim.

Ele também está lá durante o treino, me passando água e sua bebida esportiva. Parei de contar quantas vezes ele quis falar comigo e eu recusei. Ele se oferece para me levar para casa depois da escola. Eu me recuso e escolho ir com Knox.

Sua mandíbula tensiona e seu olho esquerdo se contrai sempre que faço isso. Ele claramente não gosta e mais de uma vez penso que ele vai me arrastar à força.

Ele não faz.

Cada vez que nos cruzamos no corredor, ele me observa com uma intensidade desarmante. Ele confisca meu ar e o guarda em algum lugar fora do alcance. Geralmente fico rígida, esperando que ele me arraste para um canto, anuncie que o jogo acabou e me ensine a quem pertencço, usando seus modos sádicos e dominadores.

Nada disso aconteceu.

É estranho.

Não. É desarmante.

Seu lado gentil e bajulador está começando a me assustar. Aiden não bajula. Aiden toma sem permissão, deixando um desastre em seu rastro. Eu me reviro à noite pensando que ele pode ser genuíno, talvez ele realmente tenha mudado. Então me lembro quem ele é, *o que* ele é, e rapidamente

reprimos esses pensamentos. Pessoas como Aiden não mudam. Elas estão muito confortáveis em seus pedestais altos e poderosos para se rebaixarem.

Tudo isso deve ser mais um estratagema para me fazer confiar nele, só para ele foder com a minha cabeça de novo. Cansei de ser tão idiota. Cansei de ser um brinquedo. Para seu crédito, eu mal o vi com Silver nos corredores da escola. Mas quem sabe o que está acontecendo a portas fechadas.

Não que eu me importe.

— Você vem?

Sou puxada de volta ao presente pela voz de Teal. Ela está com sua habitual expressão entediada enquanto estuda suas unhas pintadas de preto.

— Sim! — Kim agarra meu braço. — Vamos.

Não acredito que concordei com isso, mas Knox me enganou. Aparentemente, ele gosta de futebol e foi aceito no Elites. Teal e Kim queriam vê-lo jogar. Não gosto de chegar nem a dois metros do campo de futebol.

— *Eu te venci em matemática. Você me deve, Ellie.*

E assim, Knox me chantageou para assistir ao treino. Teal, Kim e eu caminhamos juntas em direção ao campo.

— Estou lhe dizendo, nosso time é muito bom. Você vai se apaixonar à primeira vista. — Kim entrelaça o braço com o de Teal.

— O amor é para perdedores — diz Teal.

— Você é engraçada. — Kim ri.

Ela acha que Teal está brincando, mas duvido que esteja. Teal tem uma personalidade excêntrica e um senso de humor muito estranho. Às vezes, não percebo que é uma piada até que ela diga que é. O fato de ela ser gêmea de Knox é ainda mais estranho.

Kim decidiu que Teal deveria fazer parte do nosso círculo porque ela é “muito legal”. Kim acha que apenas estrelas do rock são legais. O fato de ela ter se conectado tão rápido com Teal é um milagre por si só. Até Teal parece gostar dela. Ela lhe ofereceu uma xícara de café outro dia – e Teal não oferece nada.

Meus nervos dispararam quando nos aproximamos das redes e dos jogadores. É como se eu estivesse caminhando direto para o campo de batalha. Teal observa os arredores e para quando algumas garotas começam a gritar – as fãs dos cavaleiros.

— Então é aqui que os jovens vêm para matar as células cerebrais.

— Não seja uma estraga prazeres. — Os olhos verdes de Kim brilham

enquanto ela se perde no jogo.

Os Elites estão divididos em duas equipes. Metade está vestindo camisetas azuis e a outra metade, amarelas neon. Aiden e Cole estão no time azul. Xander, Ronan e Knox jogam pelo time amarelo.

— Vai, Ronan! — Kim grita quando ele toma a posse da bola e avança em direção ao gol.

Cole o desarma com uma graça infinita e recupera a posse. Ronan pragueja, mas corre como uma tempestade para se defender. Tarde demais. Cole passa a bola para Aiden nas costas dos dois últimos zagueiros sem correr o risco de impedimento. Ele dribla a bola uma vez e depois marca.

Não posso deixar de observar sua expressão triunfante. A facilidade de seus movimentos. O brilho em seus olhos cinzentos. A necessidade de mais. Ele gosta disso. Ele realmente gosta de jogar futebol.

Deve ser por causa do desafio. Aiden é do tipo que adora ser testado a cada passo do caminho e jogar futebol resolve alguns de seus desejos. Especialmente se for contra adversários dignos como os cavaleiros.

Cole bagunça o cabelo de Aiden e corre para a zaga, sem buscar crédito pela assistência no gol. Aqueles que dizem que o jogo em equipe de Cole e Aiden é lendário não estão errados. Essa assistência foi como telepatia. Cole nem precisou olhar para cima antes de passar a bola.

No caminho de volta para o meio-campo, os olhos de Aiden encontram os meus. Seus lábios se curvam em um sorriso. Um genuíno que atinge seus olhos turvos. O mundo muda por um segundo, mas eu finco os pés, recusando-me a ser influenciada. Ele deve pensar que vim por causa dele. Vejo Knox, que está usando o número nove. Ele disse que é porque ele tem nove vidas, o idiota.

— Vai, nove! — eu grito.

O sorriso de Aiden desaparece. A mudança sombria em sua expressão é alarmante, para dizer o mínimo. Nunca atendi aos pedidos de Aiden para assistir aos seus treinos ou jogos, mas vim hoje. No momento em que gritei o número de Knox, ele soube que não estou aqui por causa dele. Eu teria sentido culpa se ele não tivesse matado parte da minha alma.

— Não se preocupe, Ronan! — Kim grita a plenos pulmões. — Você consegue, treze.

Ele sorri para nós, batendo no peito.

— Vai, dezenove, eu acho — diz Teal.

Kim e eu ficamos boquiabertas com ela. Ela acabou de gritar o número de

Xander.

— O quê? — Ela levanta os olhos do telefone. — Ele não está no time de Knox?

— Sim, mas há outros dez jogadores no time de Knox. — Kim estreita os olhos. — Por que ele?

— Por que não? — Teal levanta um ombro.

Kim lança a ela um olhar indecifrável e depois se concentra novamente no jogo. O time azul está novamente no ataque. As garotas ao nosso lado gritam o número de Aiden, onze, e o de Cole, sete. Desta vez, Ronan rouba a bola e faz passe decisivo para Xander que dá um toque na direção de Knox.

Nós três ficamos na ponta dos pés enquanto Knox corre a toda velocidade. Ele está prestes a chutar e marcar quando Aiden o acerta por trás.

Com força.

Knox bate de cabeça no chão. Um suspiro coletivo soa do público e até dos assistentes técnicos.

— Knox! — Teal está a ponto para arrancar a rede e correr para o campo.

Antes que ela possa, Knox se levanta, parecendo não estar ferido. Ele sorri para seus companheiros quando o árbitro apita pênalti. Até Ronan bagunça o seu cabelo e o envolve num abraço camarada.

Eu olho para Aiden. Ele volta para o meio-campo com um rosto inexpressivo, mas sinto a tensão sob a superfície chegar até onde estou. Está lambendo minha pele como um animal selvagem e insípido.

— Qual diabos é o problema do número onze? — O olhar de Teal combina com o meu.

— Ele está com ciúmes — diz Kim.

— Kim! — eu sibilo.

— O quê? Ele está. King não volta para defender. Não é coincidência que ele tenha voltado depois que você gritou o número do Knox.

— Tanto faz.

— Você me disse para não contar a ele que Knox é seu irmão adotivo. Admita, Ellie. Você quer que ele fique com ciúmes.

— Não, eu não...

— Aham, tá.

— Não arraste meu irmão para isso. — Teal olha entre nós. — Ele é um idiota, mas é imprudente. Eu não quero que ele seja inimigo desse tal King.

— Não se preocupe — suavizo meu tom quando falo com Teal. — Eu também não quero Knox envolvido.

— Claro — ela digita furiosamente em seu telefone. — Onze é um King e eles são os inimigos mortais do papai.

Como se eu pudesse esquecer a declaração de guerra entre papai e Jonathan na festa de arrecadação de fundos em Rhodes.

— Vou cair fora. Espero você no estacionamento. — Eu faço uma pausa. — Você quer vir comigo, Teal?

— Estou bem aqui.

Isso é estranho. Achei que ela não estava prestando atenção no jogo já que não para de digitar. Vou para o estacionamento e me encosto no carro de Kim. Pego meu livro de história e leio alguns destaques que fiz durante a aula de hoje. Meus pensamentos voltam para como Aiden derrubou Knox. Se ele continuar fazendo essa merda, precisarei conversar com ele.

Ele vai intimidar Knox na equipe?

Confio que Cole e o treinador Larson não deixarão, mas nunca se sabe com Aiden. Ele tem o hábito de provar que todos estão errados só porque pode.

— Afaste-se. — Uma voz feminina baixa chega até mim de algumas fileiras de carros à esquerda. — Não confunda meu silêncio com fraqueza.

Silver.

É a voz dela.

Curiosa, coloco meu livro na mochila e vou na direção dela.

— Você sabe há quanto tempo sonho com isso? — Uma voz masculina.

Adam Herran.

Aquele *bastardo*.

— Afaste-se ou eu juro...

— Shhh, cale a boca. Cale a porra da sua boca. — Ele dá dois golpes no carro.

Estou perto o suficiente para ver a expressão frenética de Silver. Fico impressionada como ela não se encolhe quando ele bate o punho no carro no lado esquerdo da cabeça dela.

— Adam. Se você não parar, eu direi...

— Cale a boca, Silver. — Ele bate no carro novamente.

Isso não é da minha conta. Eu deveria ir embora. Viro-me para fazer exatamente isso, mas então paro quando uma pergunta surge em minha mente.

Sou o tipo de pessoa que prende pessoas como a minha mãe ou o tipo que as liberta como o meu pai?

Não estou prendendo pessoas, mas deixar alguém encurralada não é diferente. Mesmo que essa pessoa seja a Silver. Além disso, Adam me dá arrepios. Aproximo-me deles e falo num tom alto e confiante.

— O que está acontecendo aqui?

Os olhos de Adam se voltam em minha direção. Eles estão vermelhos e inchados, como se ele estivesse bêbado. Ou drogado.

— Foda-se, vadia. Não é da sua conta.

— Silver? — eu pergunto. Se ela também me disser que isso não é da minha conta, vou dar o fora.

Ela discretamente balança a cabeça e diz:

— Cole.

É isso. *Cole*.

Ela obviamente precisa de ajuda. Pego meu telefone, meus músculos se contraem com uma onda de adrenalina.

— Afaste-se agora ou vou ligar para o diretor, Adam. Talvez seja problema dele.

Ele dá um passo à frente.

— Chegue mais perto e vou cegar seus malditos olhos com spray de pimenta.

Mentira, mas falo como se tivesse spray de pimenta. Felizmente, ele acredita.

— Vadia estúpida — ele rosna, empurrando Silver.

Mantenho a mão na bolsa, observando-o de perto até que ele entra no carro e canta pneu ao deixar o estacionamento. Uma respiração profunda deixa os meus pulmões. Corro até Silver que está meio encostada no carro, abraçando sua barriga com os dois braços.

— Você está bem? — Paro a uma curta distância.

— Você não precisava fazer isso — ela murmura. — Eu... eu preciso ir. Esqueça o que eu disse antes. Não mencione uma palavra sobre isso para Cole.

— Você deveria contar a Aiden. — As palavras parecem ácidas quando as digo, rasgando-me e derretendo-me por dentro.

— O que ele tem a ver com isso? — Ela franze a testa, parecendo genuinamente confusa antes de levantar a cabeça. — King não te contou?

— Contou o quê?

— Tanto faz. Não é problema meu. — Ela abre a porta do carro e entra. — Não direi nada até você falar com ele.

— Sobre o quê? — eu pergunto.

— O que você acha? — Sua expressão é indecifrável enquanto ela fecha a porta.

Quando ela sai do estacionamento, permaneço no mesmo lugar por um momento, refletindo sobre suas palavras.

Não direi nada até você falar com ele.

O que diabos isso quer dizer?

I5

AIDEN

Fico na entrada do campo, permanecendo na virada do prédio. Aperto a garrafa de água com mais força. Eu deveria dar para Elsa, mas ela não precisa mais.

O garoto novo dá sua bebida esportiva e ela engole metade como se estivesse envenenada e ele estivesse lhe dando um antídoto. Então, ela ri de algo que ele disse. Ela ainda está usando suas roupas de treino. A jaqueta delineia seus seios e cintura fina. Ela não entrou, esperando as outras garotas saírem antes de ir para o chuveiro.

Convenientemente, Van Doren tem feito companhia a ela em vez de entrar no vestiário do time de futebol. Descobri por Jonathan que os gêmeos Van Doren são irmãos adotivos de Elsa. Ainda assim, ele não é seu irmão biológico.

Custou todo o meu controle não quebrar a porra da perna dele durante o treino, três dias atrás. Ou ontem. Ou hoje. Meu sangue ferve até o ponto de ignição toda vez que penso que Elsa só veio assistir ao treino por causa dele.

Eu a observo atentamente. A leve contração em seu nariz enquanto ela ri. Os poucos fios soltos que voam por todo o seu rosto. A pele avermelhada devido à corrida. Os lábios rosados.

Ela é tão linda.

E ela está feliz.

O fato de ela ter me apagado tão rápido aprofunda o buraco escuro dentro do meu peito. Se ela consegue me superar tão rapidamente, por que diabos ela disse que me amava?

Palavras vazias.

Promessas vazias.

Ela sempre foi péssima em cumprir suas promessas. Porra. Ela nem se lembrava de mim quando nos conhecemos no CRE. Para ela eu era um menino qualquer, enquanto eu sonhava com ela toda vez que conseguia dormir. Durante dez anos ela foi uma constante na minha vida, mas eu fui apenas uma parada na dela.

Se eu quiser, posso trazê-la de volta. Posso dominá-la até que ela ceda, mas foi inútil quando ela ficou entorpecida no banheiro. Posso agradá-la como fiz na semana passada, mas ela nem sequer olha em minha direção. Posso usar as fraquezas de Reed e dos gêmeos Van Doren contra ela. Chantageá-la. Forçá-la a ficar comigo.

E então, o quê, porra?

Ela nunca será totalmente minha se sua mente trancada não se abrir para mim.

— Você parece um psicopata. — Uma voz entediada vem da minha direita.

— Some daqui, Queens.

Ela fica ao meu lado e cruza os braços sobre o peito, como se não tivesse ouvido uma palavra do que eu disse. Eu a ignoro e continuo observando Elsa. Ela acena para Van Doren e vai para o vestiário.

Porra, finalmente.

Um momento depois, ele caminha em nossa direção. Ele me dá um sorriso tão grande que fico tentado a cortar o seu rosto. A única razão pela qual não faço isso é porque Elsa me odiaria ainda mais. No entanto, Knight ainda pode fazer isso. Com o incentivo certo.

Guardo essa ideia para mais tarde.

— Bom jogo — Ele acena em minha direção.

Eu nem o olho. Ele para e enxuga o suor da testa.

— Espero que a gente se dê bem no futuro.

— Não se você continuar mexendo com o que é meu.

— Elsa é minha irmã adotiva. Ah, e eu a conheci primeiro.

Encontro seus olhos castanhos com meu olhar mais mortal.

— Improvável.

Ele se aproxima e sussurra para que só eu possa ouvi-lo:

— Fui sequestrado pela mãe dela primeiro. — Ele dá um passo para trás com o mesmo sorriso ainda estampado no rosto. — Isso significa que vou te

cortar se você machucá-la.

Van Doren passa por mim em direção ao vestiário. Eu observo suas costas.

Hum. Então ele também foi vítima da mulher vermelha. Faz sentido agora porque Ethan acolheu ele e sua irmã. Ainda assim, ele não tem o direito de me ameaçar. Não quando se trata de Elsa. Especialmente quando se trata de Elsa.

— Você arranhou outro inimigo. — Queens estuda suas unhas cor-de-rosa. — Por que não estou surpresa?

— Você não deveria ter ido embora? — Eu olho para o topo de sua cabeça.

— Encantador, como sempre, King.

— Você não tem mais alguém para incomodar? Oh, espere. Ele não está falando com você.

— Você é um idiota.

— Poderia ser.

— Sabe, eu estava pensando em te ajudar, mas mudei de ideia.

Ela se vira para sair, mas eu resmungo:

— Pare. Vire-se e me conte o seu plano.

Girando, ela me lança um olhar.

— Eu falo com a Elsa.

— Você vai falar com a Elsa — repito para entender melhor as suas palavras.

Queens foi completamente contra isso quando eu lhe mandei fazer isso. Ela não cedeu nem quando ameacei expor tudo para Nash. O fato de ela ter mudado de ideia agora só poderia significar duas coisas. Um: de alguma forma ela foi persuadida. Dois: ela quer se vingar de mim.

Aposto no segundo.

Mas se ela obedecer, eu morderei a isca de bom grado. Queens é praticamente a única pessoa em que Elsa acreditaria.

— Tudo bem, vamos — eu digo.

— Você não vai perguntar por que mudei de ideia?

— Não importa. — Por ora.

— É por causa dela — ela bufa. — Eu posso ter sido uma vadia com ela. Sem necessidade.

— Você acha?

— Sim, mas não sou pior que você. — Ela aponta o dedo para meu peito.

— Pelo menos eu não escondi algo tão grande dela.

— Cale a boca, Queens.

— Tanto faz. — Ela caminha ao meu lado enquanto atravessamos o campo.

— Ah, por falar nisso. — Ela joga o cabelo para trás. — Você me fará um favor.

Claro.

Ela está usando meu desespero para conseguir o que quer. Assim como a porra do Nash. Eu juro que eles são farinha do mesmo saco. Espere só até eu ter Elsa de volta que me vingarei de ambos.

— Por favor, diga — eu falo no meu tom mais desapegado.

— Não mencione uma palavra a Cole sobre Adam.

Hum. Interessante.

— Eu não preciso. Ele não é estúpido e acabará descobrindo sozinho.

E, com isso, Queens e eu vamos para o vestiário feminino. A energia vibra em minhas veias quanto mais perto estou de Elsa. Alicia costumava dizer que para ser aceito é preciso se desnudar. Nunca entendi o que isso significava.

Até Elsa.

Agora farei o que for preciso para ser aceito por ela. Se isso significa me expôr, que assim seja.

I6

ELSA

Amarro meu cabelo úmido para trás e abotoo minha jaqueta. Meus movimentos são mecânicos, na melhor das hipóteses. Knox disse que vai levar Teal e eu para ver algum filme, mas não consigo me animar.

Gosto da companhia deles mais do que qualquer outra coisa. Estar de volta sob a proteção do meu pai me deu uma sensação de conforto que não sentia há dez anos. A hora do jantar com papai, Agnus, Knox e Teal é como uma reunião familiar, e sou grata por tê-los como uma família.

No entanto, algo está faltando.

Às vezes, tenho certeza de que se trata do passado e do que apaguei da memória. Mas a verdade é que essa não é a única razão. Mesmo quando rio, sorrio e ajo de maneira completamente normal, ainda consigo sentir o vazio por dentro. O vazio aterrorizante. Ecoa em meu peito vazio como um velho sino enferrujado.

Isso dói.

Dói pra caramba.

O pior é que não consigo nem falar sobre isso com alguém. Eles pensariam que estou danificada e sem possibilidade de reparo. Eles vão pensar que sou louca por ficar me revirando a noite toda pensando na única pessoa em quem não deveria pensar.

Eu respiro fundo.

Você pode fazer isso, Elsa. Você é forte.

Jogo a mochila por cima do ombro e saio. Meus pés vacilam perto da porta. Aiden e Silver estão juntos, aparentemente em uma conversa profunda.

Meus lábios tremem. O vazio em meu peito arranha cada vez mais alto como um animal preso. Esse animal precisa sair. Esse animal vai rasgar meu coração, correr até eles e destruir aquela cena.

Pare. Eu grito comigo mesma. Acabou, lembra? Eles estão noivos. Você não é nada.

Mesmo quando digo isso a mim mesma, mal consigo conter as lágrimas. Deus, talvez eu não devesse ter voltado para o CRE, afinal. Não acho que posso vê-los assim pelo resto do ano e fingir que estou bem. Minha armadura já rachou e continuará a desmoronar quanto mais eu testemunhar essas cenas.

Fecho os olhos por um breve segundo.

Eu consigo.

Passarei por eles com a cabeça erguida e fingirei que não existem.

Meus passos são pesados, para dizer o mínimo, mas levanto meu queixo enquanto caminho na direção da saída.

Eu sou forte. Eu sou forte. Eu sou forte...

A conversa deles para quando passo por eles. Uma mão forte envolve meu braço, me parando. Arrepios surgem na minha pele e todo o meu corpo explode com estática. Seu perfume enche minhas narinas. Ele não cheira mais como eu. Seu perfume está misturado ao caro perfume Chanel de Silver.

Cerro os dentes para evitar me perder em seu toque.

— Solte ou vou gritar até todo mundo ouvir.

— Eu preferiria que você gritasse por outro motivo. — O tom sombrio e sedutor me pega completamente de surpresa.

Ele está flertando comigo na frente da sua noiva? O que diabos há de errado com esse psicopata? Eu teria sentido pena de Silver se não me sentisse tão amarga e completamente fora do meu elemento agora.

— Deixe-me. Ir — ênfase cada palavra.

— Se eu fizer isso, você fugirá e eu não posso permitir. — Ele me puxa e gira, então estou de frente para ele e Silver.

Minha cabeça está erguida, encontrando os olhares de ambos. Eles não verão minha fraqueza. Hoje não. Nunca.

— Temos algo para lhe contar. — Aiden levanta uma sobrancelha. — Eu teria te contado antes se você tivesse me ouvido.

— Não tenho nada para conversar com nenhum de vocês.

Silver estuda as unhas. Suas lindas unhas, todas rosa pêssego e polidas.

— Lembra do que eu disse no estacionamento?

Não direi nada até você falar com Aiden.

Suas palavras estão rodando em minha mente desde que ela as disse. Tentei não dar peso a elas, mas não pude ignorar. Principalmente à noite, quando não consigo dormir.

Só por esse motivo, escolho ficar. Parecendo convencido de que não irei embora, Aiden solta meu braço.

— Você está noiva de Aiden? — eu pergunto a ela.

Ela assente.

Pressiono os lábios, olho em volta e falo em um tom neutro que não transmite nada do caos que corre desenfreado dentro de mim.

— Então não temos nada para conversar.

Um passo é tudo que dou antes de Aiden me agarrar pelo ombro e me prender no lugar.

— Ouça pelo menos uma vez e pare de fugir.

Poderia ser por causa de seu toque inebriante. Ou o noivado deles que paira sobre minha cabeça como uma guilhotina. Ou o fato de ele cheirar a Silver. Poderia ser tudo isso combinado. Todos os sentimentos que venho reprimindo explodem. É feio, é irracional e está fora de controle.

— Eu não estou fugindo. — Minha voz aumenta com cada palavra. — Estou me afastando de você, Aiden. Você é o câncer que vai continuar me comendo de dentro para fora até não sobrar mais nada. Cansei de ser seu peão. Cansei de ser seu brinquedo. Estou me escolhendo desta vez. Não você. *Eu!*

Meus pulmões engasgam com a respiração. Ele sobe e desce tão rapidamente que mal consigo captar meus pensamentos que se espalham ao meu redor como fumaça.

— Isso é inteligente — diz Silver.

— Queens — avisa Aiden.

— Tá bom — Ela revira os olhos e me encara. — O noivado é falso.

Meus lábios se separam.

— O quê?

— King e eu fomos prometidos um ao outro desde que éramos crianças. Usamos isso para cair nas boas graças dos nossos pais. É só. Nunca planejamos ir até o fim. — Ela olha para ele. — Eu preferiria morrer antes de me casar com esse bastardo. Ele é um psicopata insensível.

— É mútuo, Queens. — Ele sorri para ela sem humor.

Meu olhar salta entre eles como se tivessem se transformado em caricaturas e estou tentando entender a realidade.

— Então por quê... — Minha voz sai áspera e eu limpo a garganta. — Por que você agiu de forma tão territorial com ele?

Ela hesita por um instante.

— Eu precisava continuar noiva dele por outros motivos, mas ele queria terminar nosso acordo por sua causa. Achei que se eu te tirasse do caminho, ele manteria sua parte do acordo.

— Que outros motivos? — pergunto.

— Eu não posso dizer. Quero dizer... é pessoal. — Ela encontra meu olhar com determinação. — Vamos encerrar o acordo na frente de nossos pais em algum lugar na próxima semana. Estarei completamente fora do seu caminho.

Ninguém diz nada.

Ainda estou processando o que ouvi. Aiden assistiu a conversa com aquela expressão completamente indecifrável dele. Se ao menos eu pudesse cortar sua cara de pôquer e ver o que ele está pensando.

— Minha parte está feita. — Ela levanta as mãos com desdém. — Boa sorte com esse idiota. Você vai precisar muito.

Ela mostra o dedo médio para ele ao sair. Aiden retribui o gesto sem quebrar o contato visual comigo. Ele está me observando com aquela intensidade novamente. Como um predador. É como se ele estivesse tentando dissecar meu cérebro e enfiar os dedos dentro dele. Então, percebo que ele está esperando que eu fale.

— O que você está esperando? Um beijo ou algo assim?

— Isso seria um bom começo. Embora eu tenha coisas mais sujas em mente — seus lábios se curvam em um sorriso lindamente cruel.

— Você realmente acha que vou pular nos seus braços agora?

— E na cama, no sofá e na porra da parede. — O sadismo brilha em seu rosto. — Eu vou a forra agora.

Ele se aproxima de mim com passos predatórios. Todo alto, poderoso e imparável.

— Pare aí. — Eu levanto minha mão. — Se você acha que o que Silver disse acertará tudo, você está muito errado.

Aiden para no meio do caminho e a irritante cara de pôquer envolve suas feições tão firmes e poderosas. Isso deveria significar que ele está na defensiva. Bom. Também estou na defensiva. Vamos entrar em confronto e ver quem sai vivo.

— Só porque seu noivado com Silver foi falso não apaga o fato de que

você mentiu para mim.

— Eu não menti para você.

— Uma mentira por omissão ainda é uma maldita mentira, Aiden! — Minha voz fica tensa com a força das minhas palavras. — Você não pode ficar aqui fingindo que não quebrou minha confiança. Porque você quebrou. Cada vez que decido lhe dar uma chance, você pisa em meu coração e prova que estou errada, então me desculpe se não tenho mais confiança para dar.

Ele dá mais um passo para perto. Estamos quase cara a cara. Seu perfume me envolve, masculino e limpo. Não faço ideia se é porque Silver não está mais por perto. Seu calor e cheiro me dominam mesmo quando tento entorpecer meus sentidos.

É possível quando ele já os possui?

— Eu nunca menti para você, Elsa. Não mencionei o noivado porque não tinha importância para mim. Foi um meio para atingir um fim e um jogo que joguei para desafiar Nash. Também demorou muito para você e eu ficarmos juntos. — Ele faz uma pausa. — Eu não gasto energia com coisas sem significado e você sabe disso.

— Sem significado? — eu zombei. — Como diabos estar noivo da sua amiga colorida é sem significado?

— Eu nunca transei com Silver — diz ele em um tom desinteressado.

Espere. *O quê?*

— Ah. Me engana que eu gosto! Deve ser uma piada cruel.

— Você a ouviu. Não nos suportamos.

— Você não precisa suportá-la para transar com ela.

— Sim, eu preciso.

Eu o observo atentamente, como se ele tivesse duas cabeças cheias de chifres vermelhos e essas merdas.

— Mas você não negou que ela era sua amiga de foda.

— Eu também não confirmei.

— Por que diabos você não fez isso?

— Gostei de te ver com ciúmes.

Meu queixo está caído, quase batendo no chão. Esse maldito psicopata será a minha morte.

— Além disso, Nash arrancaria minha cabeça se eu chegasse a dois metros de sua meia-irmã. — Ele levanta um ombro. — E preciso da minha cabeça.

O ataque de informações me pega de surpresa. Não, não é surpresa. Estou

me debatendo com pensamentos e memórias. Não sei se devo suavizar ou apenas bater no rosto dele. Posso fazer os dois? Eu o espio através dos meus cílios. Deus, ele é tão grande, alto e lindo.

Ah, e um sociopata.

Apesar do alívio que me inunda, meu coração não consegue esquecer as facadas e o gosto amargo da traição que senti no Meet Up.

A humilhação.

A quebra do meu coração.

Você sabe, as pessoas dizem que você não sente quando seu coração se parte. Eu senti. Eu ouvi o som de algo se quebrando e o senti se despedaçando. Nada me fará esquecer disso. Pelo menos ainda não.

— Eu ainda não confio em você, Aiden — murmuro.

Seu olho esquerdo se contrai.

— Cuidado, querida. Você está me pressionando.

— Você me pressionou primeiro. Você começou a guerra *primeiro*. Não me culpe por construir meus fortes.

Ele toca minha boca com os dedos. Paro de respirar ao sentir sua pele na minha. Sua proximidade sempre foi minha ruína. Agora que perdi a razão para me sentir entorpecida, tudo que posso fazer é *sentir*.

A pele áspera, o dedo elegante, o formigamento, a necessidade de se aproximar.

— Corra e eu a perseguirei. Esconda-se e eu encontrarei — Ele dá um beijo casto no canto da minha boca. — É hora de fazer sua jogada, querida.

I7

ELSA

Passado

S eguro a mão de Olhos Cinzentos. A temperatura congelante choca minha pele quente. Eu deixo minha testa franzida enquanto olho para ele.

— Por que você não me disse que estava com frio?

— Estou bem.

— Não está. Papai diz que as crianças não podem ficar com frio ou ficarão doentes. Eu não quero que você fique doente.

Seus lábios se movem em um pequeno sorriso. É tão raro vê-lo sorrir. Eu até dei a ele meus Maltesers e mesmo assim ele não sorriu como eu. Ele me observa atentamente como o tio Agnus faz quando há algo no meu rosto. Limpo o canto da boca, mas não há nada.

— Por que você está me olhando assim?

— Se você cumprir sua promessa, não ficarei doente.

Eu sorrio e descanso a cabeça em seu ombro. Está quente, embora o resto dele não esteja.

— Eu vou manter! Absolutamente.

Presente

Um nó aperta meu coração como um laço, cheio de fios e minas. Sentado na cama, enxugo a lágrima que cai pelo meu rosto. Eu nem sei por que estou

chorando. Não tive um pesadelo, mas a rigidez no meu peito fez com que parecesse um. Algo feroz e selvagem se agita sob a minha pele, algo assustador, mas também... estimulante.

Levo os joelhos até o peito e observo minhas mãos sob a luz fraca do abajur. Não faço ideia por que faço isso. Não é como se eu pudesse reencarnar a sensação da mão dele na minha. Ou o calor do seu ombro quando encostei a cabeça nele. Ou quão fáceis eram nossas interações.

Somos como duas peças do mesmo quebra-cabeça, ele e eu. Ele já era lindo naquela época, com traços de menino e cabelos desgrenhados, mas ele cresceu para ser letal.

As palavras que trocamos giram em minha mente. Fizemos uma promessa. Como é que não me lembro?

É você que nunca cumpre suas promessas.

Certamente, uma promessa feita por uma criança de sete e uma criança de oito anos não pode ser tão importante.

São três da manhã e provavelmente não conseguirei dormir tão cedo. Eu conecto meus fones de ouvido e aperto o play no meu iPod. *Paradise* do Coldplay enche meus ouvidos enquanto pego meu telefone e acesso o Instagram.

Desde que Aiden e Silver conversaram comigo na sexta-feira, voltei a stalkear as redes sociais dele.

O quê?

Não consigo mais controlar os meus desejos. Só consegui fazer isso por determinação e porque pensei que era a amante. Agora que todas essas razões desapareceram, estou possuída pela necessidade de ver como ele está. Apenas olhar para ele.

Aiden é como uma droga e eu sou apenas uma perdedora em abstinência. Isso não é saudável, mas tanto faz. Sinto falta dele. Pelo que eu sei, não há cura para isso, então vou apenas dar uma olhada no Instagram dele.

Ele postou a última foto há cerca de meia hora. É uma foto em preto e branco da superfície da piscina. Sem legenda. Como já é tarde, ele deve estar tendo problemas para dormir. Eu me pergunto se ele também está pensando naqueles dias no porão. Talvez ele também tenha sido acordado por causa de uma lembrança do passado.

Uma saudade profunda me atinge do nada. Tem um sabor azedo, mas também delicioso. Quanto mais eu olho para seu rosto nas fotos, para seu cabelo da cor da noite e seus olhos nublados, o sorriso contagiante e

diabólico, mais fico tentada a entrar em contato.

Posso clicar em "curtir" e alertá-lo sobre o fato de que estou online. Que estou acordada e pensando nele e no nosso passado fodido. A música muda para *Things We Lost in The Fire* do Bastille. Saio do Instagram dele antes de fazer algo de que me arrependerei pela manhã. Eu não deveria ter permissão para tomar decisões tão tarde.

Deito na cama e observo os números azuis neon na mesa de cabeceira, mas não consigo largar meu telefone. Agnus deu a todos nós o mesmo despertador com números azuis em vez de vermelhos. Ele disse que é melhor para relaxar.

Ele está sempre ocupado tornando nossas vidas melhores nos mínimos detalhes. Knox mencionou que ele cuidou deles, da empresa e de meu pai em coma durante os últimos dez anos. A lealdade que ele tem pelo papai é admirável, para dizer o mínimo.

Knox diz que o único defeito de Agnus é ser muito quieto. Discordo. É uma qualidade tão rara. Agnus não fala a menos que alguém se dirija a ele e suas respostas são sempre curtas e diretas.

Meu telefone vibra e eu pulo no lugar. Meus lábios se abrem e meus dedos dos pés se curvam ao ver o nome na tela.

Aiden

Dormindo?

Putá merda.

Ele tem poderes telepáticos ou algo assim? Volto correndo para o Instagram e verifico se deixei uma curtida por engano. Nada. Graças a Deus.

Sei que não está.

Marco os textos como lidos, mas não respondo.

Hum. Gosto quando você é teimosa, querida. Fico duro pensando em como acabar com a sua resistência.

Minha memória muscular entra em ação. Sou jogada de volta aos tempos em que Aiden envolvia minha garganta com a mão e me estocava como um louco que precisa de sua sanidade. Como se ele não conseguisse ir fundo o bastante ou me foder com força suficiente. Meu sexo volta à vida com a

memória.

Já faz muito tempo – quase um mês. Meus desejos sexuais também estão passando por abstinências. Me masturbar nem conta. É patético comparado à intensidade de Aiden. Claro que não digo isso a ele. Mas empurro as cobertas porque está ficando muito quente.

Outra mensagem aparece na minha tela.

Estou fantasiando sobre como te foder na próxima vez que te ver. Contra a parede, no chão ou na porra de um banheiro público. Tantas opções.

Ele tem tanta certeza que vou deixá-lo me foder na próxima vez. Idiota arrogante.

Você disse que não vai me tocar até que eu te perdoe. Eu ainda não fiz isso.

Você recebeu todos os motivos para me perdoar. Agora, está apenas se fazendo de difícil.

Não estou.

Eu realmente não estou. Só quero que ele sinta o peso da sua traição, que reconheça o quanto abalou a minha confiança. Isso não é pedir muito.

Sim, está. Então vou mudar minha tática.

Mudar sua tática? O que diabos isso quer dizer? Ainda estou refletindo sobre suas palavras quando outra mensagem chega.

Você está usando o pijama de coelho?

Não.

Hum. Isso significa que você não está vestindo nada?

Eu sorrio apesar de não querer. Aiden e sua mente fodida poderiam ser armas de destruição em massa.

Significa que estou usando outra coisa.

Mesmo assim, você está nua por baixo.

Bem, sim. Só estou vestindo uma camisola de algodão e nada mais. Mas

ele não precisa saber disso.

Você sabe o que eu quero?

Vejo o texto, mas não respondo. Ainda assim, meus mamilos endurecem contra o tecido da minha camisola enquanto os pontos de digitação aparecem e desaparecem na tela.

Ele está brincando comigo.

E isso está me excitando.

A resposta não chega por longos segundos. Quando penso que ele desistiu de responder, aparece outra mensagem.

Eu quero te foder com tanta força e em todas as posições possíveis, pra te lembrar a quem você pertence. Vou te foder com a língua e com os dedos e gozar na sua garganta. Então reivindicarei o seu cu virgem para garantir que você será toda minha. Cada. Centímetro. Seu.

Ah, e você gritará para o mundo ouvir. Depois vou te dar banho e relaxar seus músculos só para poder adorar o seu corpo novamente. Quando você finalmente adormecer, será nos meus braços, com suas pernas entre as minhas. Enquanto você descansa, observarei seu adorável rosto adormecido até de manhã.

Um rubor me cobre da cabeça aos pés, sob minhas roupas e sobre minha pele. Uma onda de desejo me envolve como uma névoa, uma auréola. Minha respiração falha enquanto leio e releio suas palavras. E puta merda. No fundo, uma parte de mim também quer isso. Essa parte será a porra da minha morte.

Esperei muito tempo. Você sabe que não sou uma pessoa paciente.

Cumpra sua promessa.

Espero mais quinze minutos, relendo suas palavras sujas e apertando as coxas, mas ele não envia mais nada. Adormeço abraçando o telefone, com um nó no peito e insatisfação entre as coxas.



De manhã, papai nos leva para a escola. Ele tem uma reunião com o diretor

do CRE sobre uma generosa doação. Neste círculo, doações generosas significam que: o meu filho é feito de ouro e não deve ser tocado. Jonathan faz isso o tempo todo. É por isso que Levi e Aiden são intocáveis na escola.

Tentei persuadir meu pai a não fazer isso, mas Agnus disse que não conseguirei fazê-lo mudar de ideia agora que ele investiu seus recursos nisso. Papai decidiu ser uma pedra no sapato de Jonathan e não vai parar por nada. É uma luta até a morte, goste eu de admitir ou não.

Rivalizar com a doação de Jonathan para a escola é a maneira de papai provar seu poder. Uma coisa é certa: a diretoria ficará emocionada com todo o dinheiro transferido para suas contas.

Teal, Knox e eu nos separamos de papai no estacionamento. Ele se dirige ao prédio da administração enquanto entramos na oitava torre.

— Isso é tão estúpido — Teal suspira.

— Concordo — eu digo.

— É divertido! — Knox sorri. — Pense nisso. Você não gosta do conflito de poderes? É como *Game of Thrones* sem os dragões.

Eu balanço a cabeça. Teal revira os olhos.

— Vocês duas são tão chatas. — Seu rosto se ilumina quando Ronan aparece no corredor junto com Xander.

Ronan mantém Xander sob controle enquanto palavras voam de sua boca. Eles provavelmente estão brigando de novo. As garotas no salão se aproximam deles como se fossem deuses caminhando pela terra. Tanto Ronan quanto Xander arranjam tempo para piscar para uma garota e acenar para a outra, mesmo durante a briga.

Eles são acessíveis até demais. Se fossem Aiden e Cole, eles estariam ignorando todos a sua volta, especialmente Aiden. Cole pode ser educado, mas ele não se esforça para fazer conexões ou convidar pessoas para festas como os dois que estão vindo em nossa direção.

— *Eles* não são chatos. — Knox sorri, acenando para eles. — Rô!

— Oh, por favor. Não preciso dessa dor de cabeça numa manhã de segunda-feira — Teal pega o telefone e se concentra nele.

Estou começando a pensar que o celular é sua arma preferida quando ela decide ignorar o mundo exterior.

— Van Doren. — Ronan e Xander abraçam Knox daquele jeito meio estranho.

Eles estão interagindo desde o primeiro jogo de treino. Knox tornou-se frequentador assíduo das festas de Ronan — para desgosto de papai. Não

tenho certeza se Aiden gosta, mas os dois não parecem se importar.

— Como estava minha erva? — Ronan aponta para ele com uma expressão triunfante. — Eu disse que você veria três meninas como seis.

Xander acena em nossa direção.

— *Mesdemoiselles* — Ronan procura ao nosso redor. — Onde está minha Kimmy?

Isso lhe rendeu um tapa na cabeça dado por Xander. Ronan lhe devolve uma cotovelada na lateral do corpo.

— Como eu estava dizendo, onde está *minha* Kimmy?

— Ela teve que levar o irmão para a escola — digo a ele.

— Entendo — ele segura minha mão. — Senti sua falta durante o fim de semana, Ellie. Por que você não veio à minha festa? Você deveria ter visto meu desempenho na competição de bebida. Sem querer ser arrogante, mas eu ganhei.

— Você sabe que não gosto muito de festas — digo.

Ele eleva as sobrancelhas.

— A não ser que King esteja lá e você esteja fazendo uns filhos com ele.

Minhas bochechas esquentam. Ronan não vai me deixar esquecer daquela vez em que quase nos pegou no flagra.

— Todas as suas conversas precisam girar em torno de sexo e álcool? — Teal pergunta com curiosidade genuína.

— E maconha. — Ele sorri, mostrando seus dentes brancos perolados. — Essa é a parte mais importante, *ma belle*.

Ela revira os olhos e caminha na direção oposta. Teal faz muito isso, vai embora sem dar nenhuma desculpa, mas ela faz isso com mais frequência quando Ronan está por perto.

— Isso é um recorde, Astor. — Xander bate no ombro dele, rindo. — Nunca pensei que chegaria um dia em que uma garota iria embora por sua causa.

— Não é? Também acho — Ronan coça o queixo. — Ela deve ser uma alienígena. Sem ofensa, Van Doren.

— Ser um alienígena é legal, cara. — Knox sorri, mas algo sinistro está por trás. — Mas se chegar perto dela eu te arrebento, ao estilo humano.

— Chegar perto dela? — Xander ri. — Ela vai pendurar as bolas dele em uma vara antes mesmo de você interferir.

— Isso é verdade. — Knox parece que acabou de pensar nisso. — Nem as minhas bolas estão a salvo dela.

— Ellie — Ronan se inclina para sussurrar. — Eles são realmente alienígenas? Eles fazem coisas estranhas de gêmeos alienígenas em casa? Eu tenho que te salvar? Meu cavalo branco está esperando lá fora.

Comecei a rir. Ele é tão estranho, mas é ótimo nisso.

— Finalmente. — Ronan joga um braço por cima do meu ombro. — Senti falta dessa risada.

Nós quatro caminhamos juntos para a aula, brincando e conversando sobre a Premier League. Knox é o único entre nós que torce pelo Chelsea. Não é preciso dizer que Xander e Ronan o infernizam por isso. Suas brigas verbais se estendem às aulas, com todos os observando como se fossem maravilhas do mundo.

Kim chega no último minuto, reclamando do trânsito e de como ela mal conseguiu entregar Kirian para a escola no horário. Sem motivo algum, ela encara Xander antes de se sentar. No entanto, ele mal olha na direção dela.

Esquisito.

A aula começa, mas nem Aiden nem Cole aparecem. Isso é bizarro. Eles não faltam às aulas. Nunca. Principalmente Cole. Pego o celular e verifico a mensagem que Aiden me enviou logo pela manhã.

Bom dia, querida. Sonhou comigo?

Eu sonhei com você. Agora tenho que me masturbar sozinho enquanto te imagino.

Imagens eróticas preenchem minha mente. Aiden apertando seu pau daquele jeito rude e masculino, pensando em mim e chegando ao orgasmo. A expressão divina de Aiden quando ele goza, o retesar de seu abdômen e a força de sua liberação.

Eu me contorço no meu lugar. Pensamento errado na aula. Extremamente errado. Tento me concentrar no Sr. Huntington enquanto ele lê o livro.

— Você deu um soco na rainha das vadia de novo? — Kim sussurra ao meu lado.

— Não. Por quê?

— Ela não veio.

Procuro atrás de mim e, com certeza, Silver também não está aqui. Espere. Meu olhar frenético percorre a sala de aula. Outra pessoa está ausente.

Adam Herran.

Oh, não.

Não, não, não.

Eu deveria ter imaginado depois de notar a maneira como ele a observava e como a encurralou no estacionamento. Ele realmente a machucaria?

Merda.

Se Aiden e Cole não estão aqui, isso significa que eles a estão ajudando? Minhas pernas balançam durante toda a aula. Não consigo me concentrar, não importa o quanto eu tente, pois todo tipo de teoria surge na minha cabeça.

Nenhuma delas é boa. E se Adam machucar Aiden? E se algo ruim acontecer?

Quero dizer, Aiden geralmente é do tipo que inflige dor, e não o contrário, mas e se algo der errado? E se ele for pego de surpresa? Estou enlouquecendo com um cenário pessimista atrás do outro. O medo contrai meu estômago enquanto o tempo passa lentamente.

Volte

Volte

Volte, porra.

Pego meu telefone e digito uma mensagem para ele:

Onde você está?

Apago antes de enviar e opto por mandar uma resposta tardia às suas mensagens matinais.

Eu não sonho, lembra?

Meu coração dispara no peito quando meu telefone vibra com uma resposta.

Vou sonhar por nós dois.

A memória me atinge do nada.

— *Não me lembro dos meus sonhos, digo ao garoto de olhos cinzentos.*

Ele aperta minha bochecha.

— *Vou sonhar por nós dois.*

— *Promete?*

— *Prometo, Elsa.*

I8

ELSA

A iden aparece na escola durante o almoço.
Eu me levanto no momento em que ele entra no refeitório.
Para fazer o quê? Abraçá-lo? Beijá-lo?

Que diabos, Elsa. Só porque eu estava preocupada com ele não significa que vou pular em seus braços. Sento-me novamente e movo o garfo dentro da minha marmita. Dizer a mim mesma para me concentrar na comida e ignorá-lo não funciona. Não há como se livrar de Aiden. Ele sempre estará lá. Uma constante. Uma chateação. Uma emoção. Ele está sob minha pele, fluindo em minha corrente sanguínea.

A conversa de Xander, Ronan, Knox e Kim cessa à medida que Aiden se aproxima.

Não preciso olhar para cima para senti-lo. Ele está na minha corrente sanguínea, lembra? Ele flui dentro de mim. Estou consciente dele, goste ou não. Meus sentidos estão sintonizados com seus passos confiantes, sua presença poderosa e até mesmo seu cheiro. Posso sentir o cheiro limpo, masculino e exclusivo dele.

Não há qualquer hesitação sobre para onde ele está indo. Todas as pessoas no refeitório deixam de existir aos seus olhos. É cruel, mas é verdade. Aiden não se importa e nunca se importará com eles. No entanto, ele se importa comigo.

É a maneira como sua expressão se ilumina ao me ver, embora ainda seja bastante indecifrável. A forma como toda a sua linguagem corporal aponta em minha direção. Como pude ser tão cega ao não ver isso antes? Desde que

éramos crianças e até agora, a expressão de Aiden só se ilumina quando estou por perto.

Você é a única que quebra o ciclo vicioso sem fim.

Ele me disse isso uma vez, mas cheguei a um ponto em que duvidava de tudo sobre ele. Eu já acreditei em uma palavra que ele disse? Como isso o fez sentir? É verdade que ele não age como uma pessoa confiável e me irrita com suas manipulações, mas também é verdade que ele nunca olha para ninguém do jeito que olha para mim.

Eu sempre fiquei presa na minha cabeça e nunca pensei na situação da perspectiva dele. Mesmo quando o fiz, usei isso para ser mais esperta do que ele, não para realmente entendê-lo.

Ele para na nossa frente. Todo alto, robusto e... sexy.

Sim. Ele é sexy e posso finalmente admitir isso para mim mesma, sem que ele tenha que me tocar.

Aiden é a pessoa mais sexy que conheço. Não importa se ele é o único parceiro sexual que tive. Ninguém no mundo pode imitar sua intensidade e domínio sobre o meu corpo. A maneira como reajo a ele tem a ver tanto com sua pessoa quanto com seu toque.

— King! — Ronan bate no assento ao lado dele. — *Viens par ici.*

Ele nem sequer o escuta, toda a sua atenção se concentra firmemente no meu rosto.

— Vem comigo.

Paro de fingir que me importo com a comida e olho para ele. Em como seu uniforme se molda aos braços e coxas musculosas. Ao ver como o primeiro botão está aberto, revelando um pouco de sua pele bronzeada.

Balançando a cabeça, pergunto:

— Ir com você?

— Você entenderá no caminho.

— Olá? — Ronan fica de pé e acena na direção de Aiden. — Estou aqui.

— Mova essa bunda linda, querida.

Pego minha mochila e levanto. Pode ser por ouvi-lo me chamar de querida novamente. Pode ser por causa de seu maldito tom autoritário que deixa meu núcleo todo escorregadio.

Poderia ser ambos.

Aiden permanece imóvel por um instante. Ele provavelmente não esperava que eu concordasse de bom grado. Eu também me surpreendi, mas não consigo mais lutar contra o que quero. Pelo menos não agora. A pausa de

Aiden dura apenas um segundo antes de ele envolver a minha mão e me levar para fora do refeitório.

— Bom conversar com você! — Ronan grita atrás de nós.

Olho para a mão de Aiden envolvendo a minha. Traz lembranças da época em que éramos crianças. Naquela época, sempre era eu que segurava sua mão e me agarrava a ele. Eu também me aconchegava descaradamente ao seu lado e colocava a cabeça em seu ombro. Quem diria que chegaria o dia em que nossos papéis seriam invertidos?

Entramos na Ferrari de Aiden e saímos do estacionamento da escola.

— Onde estamos indo? — pergunto finalmente, segurando a mochila perto do peito.

Aiden se concentra na estrada.

— Para o Meet Up.

— Por quê?

— Nash pediu para nos encontrar lá.

Oh.

Tento lutar contra a onda de decepção, mas perco. Só vamos ao Meet Up por causa do Cole. Não que eu deva ficar desapontada. Eu não deveria.

— Por que você veio comigo de boa vontade? — ele pergunta do nada.

— Não sei. — E eu realmente não sei. Não estava pensando direito.

Talvez seja porque eu estava preocupada com ele e lembrando do passado. Ou talvez seja porque sinto falta dele. Sou como um mendigo, implorando por migalhas e vislumbres dele para saciar a sede e o desejo dentro de mim. Eu me odeio por sentir saudade dele. Por que é impossível *não* sentir falta dele?

Inclinando-me para o lado, observo-o de perto, seus cabelos pretos e olhos irresistíveis que poderiam contar mil histórias. Sua construção física e sua confiança fácil. Ele deve ter algo alienígena no sangue. Não. Tenho certeza que sim. Caso contrário, como é que ele me atrai tão facilmente?

— Você se lembra do tempo que passamos juntos há dez anos? — pergunto antes que possa me conter.

Ele assente, os olhos escurecendo.

— E você não lembra.

Meu coração pula uma batida. Ele odeia isso. Oh, meu Deus. Ele odeia que eu não me lembre dele naquela época. Deve ser por isso que ele tem sido tão idiota todo esse tempo, chamando-me de Frozen e sem coração. Posso culpá-lo? Eu ficaria com o coração partido se ele se esquecesse de mim.

— Não é por escolha. — Coloco uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Além disso, lembro de algumas coisas.

— Hum. Como o quê?

— Como passar muito tempo com você e conversar. Acho que você nunca me disse seu nome porque eu ficava pensando em você como o garoto de olhos cinzentos.

— Você passou a noite inteira comigo. — Ele sorri um pouco. — Você não ia embora mesmo quando eu mandava.

— Não fiz isso! — Minhas bochechas queimam de vergonha.

— Sou eu quem tem as memórias, lembra? — Seus lábios se inclinam com um sorriso malicioso. — Você enxugou meu rosto com um pano úmido e depois me cobriu com um cobertor só para poder deslizar por baixo dele comigo. Oh, você também segurou minha mão e beijou minha bochecha. A versão criança da Elsa era super apegada.

Existe um buraco onde eu possa me enterrar?

Ainda assim, eu levanto meu queixo.

— Você só está dizendo isso porque não me lembro.

Ele pega minha mão e a leva até seu rosto, coloca a palma da mão sobre sua boca e a beija com tanta ternura que um choque percorre todo o meu corpo. O calor passa pela minha pele como fogo rápido e atinge os meus ossos.

Oh, Deus.

Posso lidar com o lado intenso e sujo de Aiden – às vezes – mas estou completamente indefesa diante de seu lado suave.

— Você fica adorável quando é tímida.

Ele abaixa minha mão e a mantém em sua coxa, como se fosse seu bem mais precioso. Nossos dedos se entrelaçam. Minha pequena mão, dentro de sua mão grande. Meus dedos femininos contra os seus dedos longos e masculinos.

Estou tentada a me soltar, mas adoro demais o calor dele. Além disso, ainda estou em choque pela maneira como ele beijou minha palma. Estou pensando em provocá-lo para mexer com seu lado feio, só para provar que seu lado mal sempre vence. Que seu lado suave é uma ilusão e um jogo mental.

— Você não era tímida antes. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Você pegava o que queria sem pensar duas vezes.

— Eu não.

— Você sim. Estou lhe dizendo, a criança Elsa era maravilhosa.

— Deus. Não acredito que você tenha pensamentos sujos sobre uma garotinha.

— Você não é mais uma garotinha.

— E você não é um garotinho.

— Não, eu não sou. É por isso que posso te foder.

— Você consegue parar de ser sujo em algum momento?

— Só quando eu posso ser sujo com você.

O ressoar de sua voz envia faíscas por toda a minha pele e até meu âmagô. Há algo totalmente masculino em sua voz, toda áspera, profunda e... suja.

Sim, sujo. Tão imoral.

Estou queimando, quase fervendo com a imagem daquela voz ressoando perto das minhas partes sensíveis enquanto ele sussurra coisas imorais para mim.

Imagem errada para manter sua determinação, Elsa.

— Você não pode parar? — sussurro.

— Não quando se trata de você.

— É. A culpa é minha.

— Eu culpo a criança Elsa. Ela me fez pensar em coisas que nunca pensei antes.

— Como o quê?

— Como coisas adultas. Eu te disse, ela era incrível.

— Você está colocando palavras na minha boca só porque não me lembro.

— Ah, você vai se lembrar. Mal posso esperar para ver sua expressão quando você lembrar.

— Vai sonhando, babaca.

Ele ri e o som ecoa ao nosso redor como uma melodia. Quero alcançar esse som, encaixotá-lo em algum lugar e guardá-lo em segurança. Por um momento, fico ali sentada, presa, hipnotizada enquanto suas feições relaxam e seus ombros relaxam.

Agora que penso nisso, Aiden frequentemente relaxava perto de mim. Fosse pela sua intensidade sexual, pela sua possessividade enlouquecedora ou pelos seus raros sorrisos e gargalhadas.

Ele está à vontade comigo. E para ser honesta comigo mesma, também estou à vontade com ele. Antes que eu possa me faltar de sua risada,

chegamos ao Meet Up. Por que a distância não podia ser maior?

O Jeep de Cole já está estacionado na garagem. Deixo minha mochila no carro e sigo Aiden escada acima.

— Por que Cole pediu para nos encontrar aqui?

— Não sei.

— Você quer me dizer que veio sem um plano? — Eu estreito os olhos.

— Eu tinha um plano. — Ele inclina a cabeça em minha direção. — Qualquer coisa que envolva ter você ao meu lado é o plano perfeito.

Minha temperatura fica dez graus mais elevada, mas limpo a garganta.

— Você passou a manhã com Cole? Foi por isso que não foi para a escola?

— Tive uma reunião com meu consultor sobre Oxford.

Oh.

Certo.

Aiden irá para Oxford. Essa informação sempre esteve guardada na minha mente, mas ouvi-la em voz alta a torna real e... decisiva. No final do ano, Aiden e eu iremos em direções diferentes, gostemos ou não. O pensamento é como empilhar tijolos no fundo do estômago, cada tijolo pesando mais que o outro.

Estou arrastando os pés quando entramos no Meet Up.

— Nem uma palavra, Silver. — O tom de aço de Cole corta o silêncio da casa. — Eu não quero ouvir sua voz.

— Vai se ferrar, Cole.

Silver também está aqui? Como é que Aiden não mencionou isso? Por outro lado, isso deveria significar que ela não corre perigo por causa de Adam. Não que eu preocupe com ela.

— O que você está fazendo aqui, Queens? — Aiden entra sem sequer anunciar sua presença.

— Pergunte ao Cole — ela rosna. O que significa que Aiden não sabia que ela estaria aqui.

Entro com passos cuidadosos.

— Oi.

— Elsa. — Cole sorri, mas não há calor por trás do sorriso. É como se ele tivesse que sorrir, mas não quisesse. — Sente-se. Há algo que você precisa saber.

Olho para Aiden com perguntas escritas em meu rosto. Ele levanta um ombro e se solta ao meu lado. Seu braço se estende no encosto do sofá, quase

tocando minha pele, mas não exatamente.

A maldita provocação.

Silver está sentada em uma cadeira à nossa frente. Suas pernas estão dobradas juntas para o lado. A palidez de seu rosto não tem nada a ver com o tom da sua pele e mais com a expressão aflita em seu rosto. Cole está ao lado dela como uma estátua. Imóvel e frio. Se Cole está envolvido, isto deve ser sério.

Meus membros tremem apesar de tentar controlar. Se Aiden ainda tiver algo a ver com Silver, não sei como reagirei. Eu mal estou aguentando do jeito que já está. Se Aiden quebrar minha confiança mais uma vez, não sobreviverei. Uma coisa é certa, vou destruí-lo comigo. É justo pelo tanto que ele me destruiu.

— Diga a eles — Cole ordena. Ele dá ordens a Silver como se ela fosse uma criança pequena.

Espero que ela reaja, que seja malcriada como sempre, mas ela apenas permanece quieta.

— Se você não disser, eu direi — Cole continua com uma indiferença assustadora. — Você quer que eles ouçam a minha versão?

Silver se encolhe visivelmente como se tivesse levado um tapa na cara.

— Acabe com isso, Queens. — A impaciência de Aiden transparece em sua voz. — Eu não tenho o dia todo.

Não faço ideia se ele está alheio à tensão tangível entre os meio-irmãos ou simplesmente não se importa. Minha aposta é no último.

Quando ela levanta a cabeça, seu olhar encontra o meu instantaneamente.

— Não sei por que continuamos nos envolvendo, você e eu.

Concordo.

— Este é meu último aviso — diz Cole. — Fale ou eu irei.

— Lembra de Adam? — pergunta ela.

— Ele te machucou de novo? — eu deixo escapar e ela estremece.

— *De novo* — Cole fala tão baixo que é assustador. — Então isso já aconteceu antes, certo?

O braço de Aiden cai sobre o meu ombro, segurando-me com força, interrompendo minha concentração em Cole e Silver. Meus olhos deslizam para os dele e engulo com a tensão em sua mandíbula.

Minha nossa. Ele não está contente. *De forma alguma.*

— Como você sabe disso, querida? Hum?

— Ele estava a incomodando no estacionamento. Eu o impedi.

— Você o impediu — Aiden repete com um tom calmo, mas assustador.
— Como você o impediu exatamente?

— Ameacei ligar para o diretor e usar spray de pimenta.

— Você não tem spray de pimenta.

— Ele acreditou que eu tinha. — Faço uma pausa. — Por que você está tão preocupado?

— Por que estou tão preocupado? — Sua voz é tensa, firme e autoritária.

— Por que você acha, porra? No estado em que ele está, poderia ter levado vocês duas para Deus sabe onde. Você não tem senso de autopreservação?

— Eu só fiz o que achei certo. Tá bom?

— Não está bom. Não é certo se colocar em perigo assim.

Eu encontro seu olhar. Ok, tudo bem, talvez enfrentar um cara forte como Adam não fosse a coisa mais inteligente a fazer. Mas como ele pode esperar que eu ficasse ali parada enquanto Adam claramente queria fazer mal a Silver?

Um arrepio me percorre ao pensar no que ele poderia ter feito com ela. Silver e eu podemos não nos dar bem, mas não desejo esse mal para o meu pior inimigo. Eu conheço traumas. *Vivi* traumas. Ele invade seu espaço pessoal, arranha suas defesas, sobe nelas, destrói e depois dança sobre os restos mortais.

Essa merda te fode para o resto da vida.

— Muito bem, Silver. Muito bem. — Cole olha para o topo de sua cabeça, sem ter certeza se quer sufocá-la ou cortar sua cabeça. — Diga a eles por que estamos aqui.

Espere. Não era sobre Adam e aquele dia?

— Só descobri ontem. — Silver arruma seu paletó já imaculado e olha para suas unhas violetas. — Adam veio e... bem, ele disse um monte de merda.

— Diga — Cole pede – ou mais como ele ordena. Nunca vi esse lado de Cole antes.

— Adam disse que... — Ela lambe os lábios secos. — Foi ele quem empurrou a Elsa na piscina.

Meus olhos se arregalam.

— Foi ele, uh? — Os olhos de Aiden quase ficam pretos. Não tenho certeza se ele está surpreso ou apenas calculando.

— Continue — Cole insiste. — Diga a eles por que ele fez isso.

— Ele disse que fez isso para me agradar, ok? — Ela encontra meu olhar.

— Juro que não tive nada a ver com isso. Acabei de descobrir. Se eu soubesse, teria te contado.

Não sei por que, mas acredito nela. Silver é maliciosa, mas não é uma criminosa.

— Mas você sabia as intenções de Adam — Cole diz com uma voz neutra. — E, aparentemente, você sabia sobre elas há *muito* tempo.

— Cole.

— Nenhuma palavra.

— Cole.

— Vá esperar no carro.

Ela joga as mãos para o alto e solta um suspiro frustrado.

— Venha aqui, Silver. Vá pra lá, Silver. O que você pensa que eu sou? Seu maldito brinquedo?

Ele não se move com a explosão dela e simplesmente repete.

— Vá esperar no carro.

Ela mostra o dedo do meio para ele e corre em direção à entrada, então para, encontra meu olhar e sussurra:

— Sinto muito.

Assim que a porta se fecha atrás dela, Cole fixa o olhar em Aiden.

— Vamos nos encontrar mais tarde.

— Vou entrar em contato.

Cole acena com a cabeça uma vez.

— E Elsa?

— Sim? — Ainda estou muito atordoada com a revelação.

— Ela só soube dessa informação ontem. Não bata nela de novo.

Eu estremeço com o lembrete.

— Diz o cara que assistiu enquanto ela era espancada — zomba Aiden.

— Daquela vez ela causou isso a si mesma. — Ele sorri para mim e sai do Meet Up.

Deixo escapar um longo suspiro.

— Não posso acreditar que foi o Adam que fez isso.

— Aquele idiota realmente se planejou — Aiden inclina a cabeça, parecendo imerso em pensamentos. Essa cabeça dele deve estar repleta de métodos infinitos para infligir sofrimento e dor.

— Como você sabe que ele planejou isso?

— Ninguém entrou na piscina depois de Van Doren. Por algum tempo, pensei que talvez ele tivesse te empurrado. Agora, tenho certeza de que Adam

estava na piscina e, quando você apareceu, ele aproveitou a oportunidade.

— Mas Knox não o viu.

— Ele deve ter se escondido em algum lugar. Debaixo das escadas ou nos vestiários. Não há câmeras lá.

Faz sentido.

Por um momento, permanecemos em silêncio. Estou tentando absorver o que aconteceu e Aiden provavelmente está tramando algo sádico. Depois de um tempo, percebo que, sem Cole e Silver, somos apenas nós dois aqui. Eu o espio através dos meus cílios. Espero que ele esteja pensando profundamente, e ele está, só que toda a sua atenção está voltada para mim.

— O que acontece agora? — pergunto.

Um sorriso de lobo entorta seus lábios.

— Agora é o nosso momento. Faremos o que você quiser.

— E se eu quiser ir para casa?

— Então vou te levar para casa.

Eu olho para ele com desconfiança.

— Sêrio?

Ele me agarra pelo braço e puxa. Eu caio contra seu peito, o braço em volta de sua cintura.

— Mais tarde. Vou te levar para casa mais tarde.

— Aiden! — Começo a me levantar.

— Fique — ele murmura, fechando os olhos. — Apenas por um momento.

Protestos estão prestes a sair da minha boca, mas não digo nada. Meu ouvido pousa sobre seu batimento cardíaco calmante e faço o que ele pede.

Eu fico.

I9

ELSA

Não era minha intenção, mas devo ter adormecido. Quando abro os olhos, um cheiro muito familiar arde em minhas narinas. Todo masculino, poderoso e... hipnotizante.

Uma faísca percorre minha espinha e invade meu coração. Esse coração defeituoso. Esse coração confuso e estúpido.

Estou esparramada sobre o peito de Aiden. A suavidade dos meus seios se molda aos seus músculos, todos retesados e duros. Até minhas pernas estão entrelaçadas com as dele como se fosse a coisa mais natural a se fazer. Como se este fosse o lugar onde sempre pertenci e fosse uma blasfêmia ir para qualquer outro lugar.

Eu me mexo, mas não mudo de posição. É bom demais para sair. Sua pele quente contra a minha, a vibração de sua respiração no topo do meu couro cabeludo. O casulo formado pelos seus braços fortes. Depois do que soube sobre Adam, não estou com vontade de pensar no mundo exterior.

Estar aqui parece certo.

Isso traz de volta memórias de muito tempo atrás, quando éramos apenas ele e eu naquele porão. Quando deitei minha cabeça em seu ombro e fingi que estávamos em um lugar diferente. Seus dedos se enroscam em meu cabelo, massageando meu couro cabeludo e despertando arrepios no fundo do meu estômago. O toque é tão gentil que fico tentada a fechar os olhos e voltar a dormir.

Minha autopreservação é a única coisa que me impede. Estar perto de Aiden nunca é tão simples. Baixar a guarda é o pior desserviço que posso

prestar a mim mesma. Ele é manipulador e imprevisível e esses fatos me levam ao limite toda vez que quero relaxar.

Sim, meu coração e meu corpo estão ansiosos para estar com ele. Eles estão enviando todos os sinais certos: vibração, formigamento, *feromônios*. Porém, eles jogam para o time perdedor. E o estrategista, também conhecido como meu cérebro, não os deixa fazer o que querem.

Os dedos de Aiden param no meu couro cabeludo como se ele pudesse sentir meu próximo movimento antes de eu fazê-lo. Rolo para o lado e sento-me, avançando lentamente para a outra metade do sofá. Fingindo empurrar meu cabelo para trás, eu me recomponho. A vontade de me jogar em seus braços me domina. É como um animal arranhando e gritando para ser libertado.

É preciso toda a força de vontade para manter distância.

— Não. — A aspereza em sua voz me tira dos meus pensamentos.

Olho para ele, a expressão sombria em seu belo rosto me surpreende.

— Não o quê? — Estou realmente confusa.

— Não se afaste de mim.

— Eu não estou me afastando.

— Besteira. Você está fazendo a Frozen comigo.

— Você não acha que merece? — Eu o encaro.

— A única coisa que mereço é você.

— Tenho novidades, Aiden. Você mal me deu um motivo para ser toda calorosa e afetuosa com você. Agora que sei a verdade, é difícil vê-lo de uma forma positiva.

— Mesmo?

Não. É mentira. Não importa o quanto seria lógico ficar longe dele, eu sei que no fundo, nos cantos escuros da minha alma, estar com Aiden é a única coisa que me faz inteira.

Ele me completa.

E não no estilo Disney. Sua escuridão fala comigo em níveis que me assustam profundamente. Então, sim, posso estar jogando fora a minha última chance de fuga. O quê? Uma garota tem que cuidar de si mesma.

— Você disse que me levaria para casa mais tarde. — Estico minha saia.
— Já é mais tarde.

— Foda-se o que eu disse. — Ele agarra minhas mãos. Uma descarga elétrica percorre minha espinha.

Não, não, não.

Ele precisa parar de me tocar para isso funcionar. Antes que eu possa puxar minha mão, ele coloca minha palma em seu peito. Meus olhos se arregalam com seu batimento cardíaco selvagem. Eu sempre esqueço o quão errático o batimento cardíaco de Aiden pode ser.

Como tempestades.

Mortal, mas também vivo.

Tão, *tão* vivo.

— Você me deve algo do passado, Elsa.

Um tipo diferente de vibração serpenteia em meu coração. Este é doloroso e destrutivo. Eu olho para o meu colo.

— E-essa era minha mãe, não eu.

— Ela está morta. Você está viva. — Ele inclina a cabeça. — Vou pegar o que puder.

— Isso é um golpe baixo, idiota — murmuro baixinho.

Ele sabe o quanto me sinto culpada pelo que mamãe fez, mas, como um sociopata de primeira classe, está usando isso contra mim.

— Vou usar tudo o que puder para te capturar. Não tenho limites quando se trata de você, Elsa. — Aiden levanta um ombro.

— Aiden...

— A cicatriz no meu tornozelo é porque ela me algemou com metal a correntes pesadas. As cicatrizes nas minhas costas são porque ela me bateu com um chicote repetidamente até eu desmaiar. Não creio que ela tenha parado mesmo quando eu estava deitado e apagado no chão.

— Aiden. Pare.

Ele não para. Ele cava com mais força e mais fundo na minha pele a cada palavra que sai de sua boca.

— Ela não me deu nada para comer e quase nada para beber. Tive que mijar e cagar onde dormia. Ela me tratou pior do que um cachorro e o engraçado é que ela nunca me viu de verdade. Ela via outra pessoa quando olhava para mim. Quando finalmente voltei para casa, a única pessoa que poderia ter melhorado a situação também havia partido.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto quando ele termina. Meus lábios tremem e meu queixo dói com a necessidade de conter os soluços. Aiden fala com tanta indiferença que é mais assustador do que se ele falasse com emoções. Agora, entendo por que ele não se importa em não ter sentimentos. Eles foram expurgados dele há muito tempo.

Eles foram chicoteados, passaram fome e foram queimados no fogo.

— Você sabe como é ser atingido por um chicote até a pele romper? Até o sangue pingar no chão? — Sua mandíbula tensiona, um pouquinho, antes de voltar ao normal. — Doeu muito, especialmente para uma criança de oito anos que não conhecia a dor real.

A palavra *pare* permanece na minha língua, mas eu a engulo. Aiden viveu aqueles horrores, o mínimo que posso fazer é ouvir. Mesmo que ele esteja usando meu fator de culpa contra mim. É ainda mais trágico que ele esteja usando sua dor para me manter ao seu lado. Eu teria me sentido especial se meu peito não estivesse lentamente se dissolvendo em uma massa sangrenta.

— Dói ouvir isso? — Ele enxuga a lágrima sob meu olho com a ponta do polegar. — Eu posso parar se você quiser.

— Não precisa — as palavras saem estranguladas, moribundas, *estranhas*.

— Eu paro se você me beijar e fizer melhorar.

Um tremor passa por mim. Ele fez tudo isso só para que eu o beijasse?

Não. Aiden pode ser um monstro sem emoções, mas sei que a morte de Alicia o afetou mais do que qualquer outra coisa. Foi a gota d'água que o mudou para sempre.

— Não? — Ele levanta um ombro. — Vale a pena tentar.

Agarro suas bochechas e bato meus lábios nos dele. Aiden fica atordoado por um momento, mas eu não paro. Mordisco e mordo seu lábio inferior como uma louca. Eu quero beijá-lo e torná-lo melhor. Não. Eu quero beijá-lo e fazê-lo ir embora. Essa sombra que assombrou nossas vidas por dez anos precisa ir embora.

Aiden se abre para mim com um grunhido. Seu beijo é rude, mais áspero do que qualquer outra vez que me lembro. Ele me reivindica, devorando-me por inteiro. A intensidade de sua paixão acende e queimamos em uma harmonia perfeitamente imperfeita. Por um momento, somos apenas nós dois neste mundo atroz. Um mundo que o transformou em um monstro e roubou minha vida.

Por um momento, ele é a pessoa mais importante do mundo. Quero me gravar sob sua pele para que nada possa nos separar novamente. Eu quero me mesclar a ele. A ideia de viver separados me destrói como nada mais. O pensamento é uma tortura, como ser mantido debaixo d'água.

Estive me afogando e finalmente posso respirar. Nós nos afastamos m busca de ar, mas Aiden não me permite sair de sua órbita. É como se eu fosse o centro dessa órbita. Ele apoia a testa na minha. As pontas dos seus dedos

acariciam minha bochecha, a curva do meu lábio, a cavidade do meu pescoço, a linha da minha clavícula. Seu toque está em todo lugar. Como se ele estivesse me reaprendendo e se satisfazendo.

Nossa respiração irregular enche o ar como duas almas desesperadas se chocando apenas para encontrar refúgio uma na outra. Tudo se intensifica. O rangido do couro abaixo de nós. O cheiro dos pinheiros lá fora. O assobio baixo do vento.

E Aiden.

Estou tão perdida em sua beleza masculina e cabelos despenteados. Na pele dele contra a minha e no seu olhar metálico.

Em tudo dele.

Ele fala contra a minha pele, áspero e sem polimento.

— Não houve um dia em que eu não tenha pensado em você. Cada vez que consigo dormir, sonho com você. Você é minha obsessão desde que éramos crianças, mas agora é muito pior. Não sei como consegui passar oito anos sem você na minha vida, quando agora sufoco se não te vejo por horas.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

— Aiden...

— Escolha-me, Elsa. Escolha a *nós*.

Não há nada mais que eu queira do que fazer isso. Eu quero tanto estar com ele que isso está me corroendo por dentro.

Está me deixando louca.

Está rasgando meu coração.

Sua mão desliza do meu rosto até minha garganta. Ele envolve os dedos em torno dela como se fosse um torno. Sua testa se desconecta da minha e as nuvens em seus olhos escurecem.

— Estou sendo muito legal aqui, Elsa. Tenho sido paciente, mas estou tão *perto* de dizer foda-se tudo e tomá-la só para mim. Não. Me. Pressione — ele enfatiza enquanto passa o polegar sobre meu ponto de pulsação. — Nem eu sei o que farei.

Meu temperamento esquenta ao ouvir isso.

— Quer saber? Nem sempre acontece como você quer, Aiden. Se você quiser ficar comigo, terá que aprender uma coisinha chamada compromisso. Pesquise no Google. Não serei eu quem sempre abaixará a cabeça para você conseguir o que quer. Não é assim que os relacionamentos funcionam. — Afasto sua mão e pulo de pé. — Me leve para casa. Papai deve estar preocupado.

Seu olho esquerdo se contrai e espero que ele me arraste de volta. Mas ele apenas se levanta e sai furioso do Meet Up. Sinto a frustração borbulhando em minhas veias enquanto observo suas costas rígidas. Eu estava a segundos de derreter em seus braços, mas ele teve que estragar tudo voltando ao seu jeito idiota. Eu o sigo até sua Ferrari. Nenhuma palavra é dita depois que eu lhe dou instruções para chegar à nova casa do meu pai.

Todo o caminho é passado em silêncio. Do tipo que você sente no ar, amargo e azedo. Aiden mantém uma mão no volante e o outro punho no apoio de braço entre nós, mas ele não está me tocando.

Dane-se ele. Ele não é o único bravo agora.

Depois de mais alguns momentos, penso em quebrar o silêncio. Sem encontrar palavras, fico quieta até o carro parar na frente da minha casa.

— Obrigada. — Agarro a maçaneta da porta.

Ele continua olhando para frente sem me endereçar.

Chega, caramba.

— Por que você está tão bravo? — Deixo cair a mão no colo e o encaro.

Nenhuma resposta.

— Então agora vai ser o tratamento do silêncio?

— Entre antes que eu te sequestre e te foda até desmaiar.

Meu pulso acelera com a imagem e minha pele fica quente e fria. Eu gostaria que fosse de horror, mas é de excitação. Algo está errado dentro de mim. As palavras sujas de Aiden me arruinaram. Quando não me movo, ele inclina a cabeça para o lado. Um sorriso sádico levantando seus lábios.

— Ou você gostaria disso, querida?

Uma batida soa na janela. Eu saio do meu estupor. Aiden se endireita, soltando o volante. Eu me animo quando vejo quem está esperando do lado de fora da janela.

Pai.

O que eu estava pensando ao trazer Aiden aqui? Oh, espere. Eu não estava exatamente pensando naquele momento.

— Oi, pai. — Abro a janela.

— Ei, princesa — ele sorri. — Entre.

Eu me movo para abrir a porta. Papai espia pela janela e seu sorriso desaparece.

— Você também, Aiden.

Merda.

Ethan Steel é um homem grande. Onde Jonathan é esguio, ele é robusto. É verdade que ele não é tão grande quanto me lembro quando era criança, mas isso se deve ao fato de eu ter crescido e não por ele ter ficado menor.

Na verdade, sua estrutura óssea forte é tão alta e arrogante quanto no passado, como se ele não tivesse ficado em coma. Ele está sentado atrás de sua mesa de mogno, observando-me com olhos de falcão.

Seu escritório de casa é insípido, com sofás e estantes pretos e marrons. Ele até tem um tabuleiro de xadrez de vidro na mesinha de centro entre mim e Elsa. Se ele não é uma réplica de Jonathan, não sei quem é.

As pernas de Elsa estão fechadas enquanto ela olha para o colo, para os sapatos, para o casaco. Qualquer coisa menos para mim ou para o pai dela. A preocupação irradia dela em ondas e arrepia minha pele. Encontro o olhar de Ethan com um olhar neutro. Ele está tentando me intimidar com o silêncio, então quando ele falar, não terei escolha a não ser cair a seus pés.

Jonathan costumava fazer isso também, até perceber que a tática não funciona comigo. Manipulação afeta pessoas neurotípicas, não eu.

— Quais são as suas intenções com minha filha?

Ele vai direto ao alvo. Posso respeitar isso. Gosto de oponentes diretos.

— Intenções? — Repito para irritá-lo.

— Você sabe exatamente o que quero dizer. — Ele apoia os cotovelos na mesa e se inclina para frente como um imperador planejando seu ataque. — Jonathan deve ter ordenado que você arruinasse a vida dela.

— Como... — Elsa pigarreia. — Como você sabe disso, pai?

— Eu sei tudo sobre você, princesa. — Ele sorri para ela, mas sua expressão endurece quando ele se concentra novamente em mim.

Embora Ethan e Jonathan sejam duas facetas da mesma moeda, há uma diferença. Ethan olha para Elsa como se ela fosse o mundo dele. Ele está fazendo de tudo para proteger ela e seu legado.

Jonathan não.

Seu mundo tornou-se sombrio e hostil desde a morte de Alicia. Tudo o que lhe importa é vingança e poder. Duvido que ele piscaria se Levi ou eu caíssemos no processo. Enquanto restar um King para continuar o seu legado, ele estará bem.

— Minhas intenções em relação à sua filha são simples — digo com a voz mais calma e determinada que consigo. — Ela é minha.

— Aiden! — ela sibila.

Levanto um ombro. Não vou mentir para Ethan. Não sobre isso. Ele precisa saber que lutarei por ela. Estou pronto para lutar com ele, com Jonathan e com a porra do mundo inteiro. Inferno. Estou pronto para lutar *com ela* se ela não abandonar sua teimosia. Costumava ser adorável, agora está me irritando.

Eu esperava que Ethan se levantasse e me expulsasse de sua casa. Com toda a honestidade, eu não ficaria surpreso se ele mandasse seus cachorros me atacarem.

No entanto, ele apenas me observa.

O desdém em seu olhar teria me deixado angustiado se eu não tivesse sido educado para lidar com esse tipo de situação. Encontros estressantes e intimidantes não afetam quem tem o sobrenome King. Fomos ensinados a superá-los antes de aprendermos a andar de bicicleta.

Elsa mexe-se desconfortavelmente na cadeira, alisando o casaco já perfeitamente passado. A contração em seu nariz quando ela está estressada é fofa demais para ser descrita em palavras. Agora estou ansioso para tocar aquele nariz, beijá-lo, lambê-lo.

— O que Jonathan pensa sobre isso? — A pergunta de Ethan me traz de volta das minhas fantasias sobre o nariz de sua filha.

— O que Jonathan pensa não importa. — Eu não perco um segundo.

— Ele sabe disso?

— Ele sabe de tudo.

Um leve sorriso cruza o rosto de Ethan antes de desaparecer.

— Você é mais parecido com ele do que imagina e só por esse motivo, não confio em você com a minha filha.

Estou prestes a dizer a ele que a opinião dele não importa, mas ele me interrompe.

— Além disso, nossas famílias estão em conflito agora e todos tomaram partido.

— Eu não poderia me importar menos com conflitos familiares. Já escolhi um lado e é o da Elsa.

Seus olhos azuis elétricos perfuraram os meus, suas bochechas ficando com um tom brilhante de vermelho. Seus lábios carnudos se abrem. Aqueles lábios tão macios. Estou na ponta da cadeira, pensando em caminhar até lá e beijá-la até sufocá-la, devorar aqueles lábios, esfregá-los na minha boca e contra a minha língua.

Fico tão duro que consigo sentir a pulsação do meu pau.

Ethan limpa a garganta, cortando as fantasias do meu pau.

— Jonathan fará de tudo para impedi-lo.

Eu mudo de lado para aliviar a pressão sobre minha ereção. Não que isso funcione. Veja, meu pau é um maldito traidor. Ele não me escuta quando Elsa está por perto. Sem mencionar que ele está privado do calor dela há muito tempo, então agora é a hora dele brilhar e ser um idiota.

Felizmente, a mesa de Ethan o impede de ver meu volume. Caso contrário, ele teria me expulsado daqui ontem. Elsa, porém, vê a verdade em todos os detalhes eróticos. Aqueles olhos azuis se arregalam ainda mais.

— A culpa é sua — digo a ela com o olhar. — Se eu tivesse te fodido mais cedo, nada disso estaria acontecendo.

Quem eu estou enganando?

Além de ser um traidor, meu pau é viciado em receber atenção. Sempre que Elsa está à vista, ele aponta para ela como se dissesse: ‘Observe-me. Chupe-me. Deixe-me te foder’

Sim, ele meio que tem um vocabulário limitado.

Agora, onde estávamos? Certo. Ethan e Jonathan. Uma história tão antiga quanto o tempo e também chata.

— Deixe que eu me preocupo com Jonathan. — Eu faço uma pausa. — Talvez se você não tivesse me sequestrado há dez anos, nada disso teria acontecido.

— Aiden... — Elsa começa a me repreender, então decide não fazer isso e balança a cabeça.

Ethan entrelaça os dedos.

— Talvez se Jonathan não tivesse queimado dezenas de pessoas, nada disso teria acontecido também.

Achei que ele cairia na culpa, mas ele não é como Elsa. Ele é do tipo tenaz que consegue enterrar o passado porque, para ele, o futuro é mais importante. Seu telefone toca e ele verifica. Levantando-se, ele aponta para o celular.

— Eu tenho que atender isso.

Assim que a porta se fecha atrás dele, Elsa dá um pulo e começa a andar.

— Eu deveria ter pensado nisso. Não deveria ter deixado você me dar uma carona. E se ele estiver bravo comigo? E se ele não me perdoar?

Minha cabeça se inclina para o lado, observando suas bochechas coradas e como a saia do uniforme sobe pelas coxas pálidas toda vez que ela se move. Todas as minhas tentativas de manter meu pau baixo falham. Estou duro como pedra, pois faz semanas que imagino aquela saia enquanto entro e saio de seu calor.

Não. Não semanas.

Meses.

Eu penso em dobrá-la sobre a mesa e fodê-la por trás. Valeria a pena mesmo que o pai dela nos flagrasse e me matasse. Afinal, não dizem para encontrar algo que você ama e deixar isso te matar?

— Aiden.

— Hum, querida?

Suas bochechas estão vermelhas enquanto ela sussurra:

— Você está duro!

Tenho certeza que ela pode ver a luxúria em meus olhos. Vou me desculpar por isso? Eu me importo? Não e não.

— E isso é um problema por quê? — Eu sorrio.

— Você não deveria estar pensando nisso em tal situação.

— *Nisso?*

— Você sabe. — Ela joga as mãos para o alto, exasperada.

— Você quer dizer, pensar em te foder?

Ela tapa minha boca com a mão e olha em volta como se fosse uma espiã.

— Estamos no escritório do meu pai.

Eu beijo a palma da mão dela que a remove com um puxão e fica escarlate, se isso for possível. Adoro entrar sob a sua pele. Adoro ser o único que consegue quebrar o gelo e entrar em seu castelo. Ela pode fechar a porta,

pode construir fortes, mas eu sempre vencerei.

— Você é incorrigível — ela repreende, ainda lutando contra o rubor.

— Foi você quem tocou no assunto.

Ela se joga na cadeira e mexe na peça do cavaleiro, no jogo de xadrez. Apenas três movimentos foram feitos e o lado preto está em desvantagem. Uma ideia surge em minha mente para acalmar sua agitação.

Se dependesse de mim, eu a foderia, mas duvido que essa seja a melhor forma de ocupar a cabeça dela na atual situação. Então passo para a próxima melhor opção.

Como as peças brancas estão à minha frente, empurro um peão para frente, bloqueando o cavalo que ela segura entre os dedos. Elsa levanta a cabeça em questionamento.

— Você não disse que joga? Mostre-me do que é capaz, querida — apoio o cotovelo no apoio de braço.

Uma centelha de desafio acende em seus olhos azuis. Meu pau se aperta contra o confinamento da minha calça. Esse olhar. Essa faísca. Essa teimosia. Eles são a razão pela qual Elsa é única.

Ela move seu cavalo para frente, deixando uma abertura para o meu peão. Levanto uma sobrancelha.

Audacioso.

Eu esperava que ela segurasse sua posição e mantivesse suas opções abertas. Ela me surpreendeu indo direto para o ataque. Endireitando-me na cadeira, faço uma rápida avaliação do quadro geral. Considero as opções dela antes de pensar nas minhas. Elsa não é do tipo que se contém e esse será o motivo de sua perda.

Enquanto movo alguns peões, Elsa usa todo o seu batalhão.

Ela é uma jogadora intensa.

Eu gosto disso. Bastante.

A propósito, meu pau concorda.

Eu movo a minha rainha e ela sorri com sadismo. Elsa simplesmente me deu um sorriso sádico.

— Finalmente, idiota.

Toda a sua linguagem corporal é atenta e concentrada. Porra. Ela esteve lentamente, mas decididamente se transformando em uma lutadora. O desafio brilha em seus olhos.

Por que não joguei xadrez com ela antes?

Isto é quase tão erótico quanto transar com ela. O poder em seu corpo, a

ousadia em seus movimentos e a fusão de seu desafio. A mente dela colidindo com a minha é mais eufórico do que qualquer coisa que já experimentei antes.

— Você também está mantendo sua rainha escondida, querida. Não pense que não percebi.

Ela sorri, toda travessa e linda pra caralho.

— Se você está longe do inimigo, faça-o acreditar que está perto.

Sun Tzu. Ela está citando seu livro favorito, *A Arte da Guerra*, e sim, eu o reli depois que ela mencionou que é seu favorito, só para que eu pudesse imaginar lê-lo da perspectiva dela.

Estou rendido demais por essa garota?

Sim, provavelmente.

— Você é uma nerd — eu brinco com ela.

— Essa nerd vai te derrubar, King. — Ela arregaça as mangas do paletó, os olhos brilhando como luzes de Natal. — E eu nem gosto de Natal.

A porta se abre, tirando-nos de nossa batalha ferrenha. Ethan entra e para ao lado do nosso tabuleiro. Ele assiste ao jogo com olhar crítico. Elsa perdeu todos os seus peões e um cavalo. Mantive a maior parte dos meus peões, mas perdi uma torre e um bispo.

— Jogo interessante — diz Ethan. — É uma pena que alguém tenha que perder.

Minha mandíbula trinca, lendo facilmente o significado oculto por trás das palavras. Ethan e Jonathan estão em guerra para conseguir uma parceria com os Rhodes. No final, um deles perderá.

Quando esse dia chegar, nem Elsa nem eu seremos os mesmos.



Assim que chego em casa, vou para o chuveiro. Nash e eu concordamos em nos encontrar para que possamos acabar com o filho da puta do Adam Herran. Quando eu terminar, ele vai desejar nunca ter olhado na direção de Elsa, muito menos tocá-la.

Ele ameaçou a vida dela e, por isso, sua existência será um pagamento.

Olho por olho e tudo mais.

Ele vai desejar nunca ter nascido.

Saindo do chuveiro, enrolo uma toalha na cintura e outra no pescoço.

Paro na entrada do banheiro. Jonathan está parado no meio do meu quarto, com as mãos enfiadas nos bolsos da calça. Ele está observando as paredes como se fosse a primeira vez que entra aqui. Está tudo completamente limpo. Uma cama, uma mesa e um guarda-roupa. Isso é tudo que preciso.

De qualquer forma, quase não passo tempo neste cômodo, então não importa. O Meet Up, no entanto, é onde eu preferiria estar.

— Você foi a casa de Ethan — diz ele. Não é uma pergunta o que significa que ele ainda está me vigiando.

Chocante.

— Eu fui — eu digo, só para ser um idiota.

Usando a toalha em volta do pescoço, seco o cabelo. Os fios pretos caem diante dos meus olhos, obscurecendo parcialmente minha visão de Jonathan.

— O que ele disse? — pergunta ele.

— Nada importante.

Ele estreita os olhos, mas não insiste no assunto.

— Mantenha sua cabeça no jogo.

Claro, pai.

Só que, bem, ele nunca conquistou o direito de ser chamado pela palavra com P.

— Jonathan?

— Sim? — Ele para, mas não se vira.

— Vou romper meu noivado com a Queens.

Ele se vira lentamente e me encara, seu corpo rígido.

— Esse absurdo está fora de questão.

— Não estou pedindo sua permissão. Estou informando que meu noivado com a Queens foi cancelado. Com efeito imediato.

— Você está escolhendo ficar do lado de Ethan?

— Não tem nada a ver com isso.

— Tem tudo a ver com isso. Sebastian é nosso aliado e membro do comitê de votação de Rhodes. Ele não votará a nosso favor se você der um pé na filha dele.

— Então encontre outros aliados. Sebastian Queens não é o único membro do comitê de votação de Rhodes.

Ele estreita um olho para mim.

— É por causa daquela garota Steel. Eu sabia que ela estava apodrecendo sua mente.

— Ela é minha, Jonathan. *Minha.* — Jogo a toalha do meu cabelo para

longe e caminho até ficar cara a cara com ele. — Assim que você aceitar esse fato, aceitarei ser seu herdeiro. Até lá, você é meu inimigo.

Ele me encara por um instante. Não é intimidação, é mais contemplação. Não sei o que ele espera. Se acha que pode me alcançar agora, quando nunca fez nenhum esforço antes.

Esse navio naufragou com Alicia.

— Você é um pirralho ingrato. — Sua mandíbula trinca.

— Não consigo pensar em uma razão pela qual deveria ser grato a você.

— Não a mim, mas a sua mãe. Você não tem respeito pela memória dela.

— Pare de usar Alicia em seus jogos mentais.

— Jogos? A morte dela foi um jogo? Você esqueceu quem causou o acidente? — Ele inclina a cabeça com um olhar maníaco em seus olhos cinza escuros. — Você esqueceu quantas horas ela sofreu antes de morrer?

— Elsa não é a razão.

— O pai dela é.

— E você também.

Ele faz uma pausa por um segundo, seu queixo tremendo.

— O que você acabou de dizer?

— Você me ouviu — falo no meu tom mais profundo e baixo. — Você queimou aquela fábrica, sabendo que Ethan retaliaria contra o que fosse precioso para você. Mas quer saber? Não foi por isso que Alicia morreu. Ela morreu porque estava presa neste mundo quando sua alma vivia em outro lugar. Tudo o que ela precisava era de você e eu para enraizá-la aqui. Você conhecia as necessidades dela, mas mal dedicou seu tempo a ela. Sua fome de poder e sua ambição vieram primeiro e nós fomos uma reflexão tardia.

— Eu fiz tudo isso por você — ele grita. — Eu construí a King Enterprises para nossa família.

— Alicia nunca precisou do poder ou do nome, era de você que ela precisava. E você a decepcionou. Você a matou lentamente, Jonathan. Então, desculpe-me se não acredito no seu inútil plano de vingança. Você deveria tê-la protegido enquanto ela estava viva. — Passo por ele para pegar minhas roupas. — Não vou repetir seu erro.

Jonathan não diz nada. Ele apenas se vira e sai. A porta bate forte atrás dele.

Ouviu isso, Alícia? Esse é Jonathan finalmente sentindo dor. Você deveria descansar em paz agora.

Eu sei que ela não vai. Sua expressão triste vem à mente. Suas bochechas

pálidas e as lágrimas constantes em seus olhos. Ela odiava quando Jonathan estava estressado ou com dor. Ela amava o idiota mais do que ele merecia, e ele retribuiu tarde demais.

Eu não serei meu pai.

Depois de me vestir, ligo para Nash. Ele atende após o primeiro toque.

— Está pronto? — pergunto.

— Sempre.

— Knight e Astor estão aí?

— Knight, sim. Astor está muito fumado para se mover.

Claro. E depois ele reclama sobre como sempre o deixamos de fora.

— King?

— Sim?

— Vamos dar alguma esperança a Adam.

— Por quê?

— Quero que ele pense que está seguro antes de destruí-lo novamente.

Eu sorrio, gosto dessa ideia.

— Feito. E, Nash?

— Sim?

— Acabou a história com a Queens, sua vadia mesquinha.

— Vai se foder.

Eu sorrio enquanto desligo.

É hora de cuidar de alguns assuntos atrasados.

21

ELSA

Passado

A energia no CRE está volátil, para dizer o mínimo. Já faz muito tempo desde que andei pelo corredor e todos me observavam atentamente. Como se eu fosse um animal em exposição. Ao meu lado, Teal mexe em seu celular, alheia à atenção e às palavras ditas pelas nossas costas.

— É por causa dela.

— O que você acha que vai acontecer agora?

— Ela é realmente tudo isso?

— Cale a boca ou você será o próximo.

Apesar de minhas melhores tentativas para não me envolver no drama, a curiosidade leva a melhor. Isto deve ser sobre mim, não sobre Teal. Ela não só é nova, mas também não fala com ninguém. Kim corre em minha direção, afastando os alunos do caminho. Ela está ofegante, seu cabelo verde voando em todas as direções.

— Você... Você ouviu o que aconteceu?

Eu balanço a cabeça.

— Adam Herran. — Ela respira, um sorriso aparecendo em seu rosto. — Ele está deixando o time de rugby e a escola. Vai se matricular na academia militar. Isso não é brilhante?

Superficialmente, sim, é brilhante. No entanto, depois da reação de Aiden e Cole ontem, tenho certeza de que não é uma coincidência. Agarro Kim pelas mangas e puxo-a para um canto, longe da multidão de estudantes e dos

ouvidos curiosos. Teal nos segue, mas ainda está muito absorta em seu telefone para prestar atenção em nós.

— O que aconteceu? — pergunto a Kim.

Ela se aproxima.

— Ouvi dizer que os cavaleiros o pegaram feio. Eles ameaçaram expor seu uso de drogas para melhorar o desempenho e de *outras* drogas também. Aparentemente, ele tem um histórico.

Aiden.

Posso sentir a mente maligna de Aiden por trás de tudo isso. Desde o momento em que Silver nos contou que Adam me empurrou na piscina, ele não estava tramando nada de bom, perdido em seus pensamentos conspiratórios. Dizer que sinto pena de Adam seria uma mentira.

Ele teve o que mereceu. Todos deveriam pensar melhor antes de mexer com Aiden King. Ele é conhecido por destruir seus oponentes até que eles não consigam mais resistir.

— Mas a família de Adam não é poderosa? — pergunto. — Certamente eles podem trazê-lo de volta.

Kim balança a cabeça freneticamente.

— Ouvi dizer que também houve pressão dos pais de Xander e Cole. Eles sabem alguma sujeira sobre o pai de Adam e usaram isso contra ele. O pai já assinou os papéis para a transferência do filho.

Interessante.

Jonathan não estava envolvido. Eu me pergunto se é porque Aiden o manteve fora disso ou porque o King mais velho se recusou a ajudar.

— Por que você não contou ao papai? — Teal pergunta sem levantar a cabeça.

— Eu não tive oportunidade. Além disso, papai tem muito o que fazer.

— Nada vem antes de nós para o papai, especialmente quando se trata de você — Teal encontra meu olhar.

Ainda assim, prefiro não incomodá-lo. Ele tem trabalhado até tarde com Agnus, até virando a noite. O bom sobre o papai, entretanto? Ele está sempre presente no café da manhã e no jantar, não importa o quão ocupado esteja.

Nós três caminhamos para a aula. Kim fala sobre como os cavaleiros são legais – exceto Xander. Segundo ela, ele não conta. Na sala, Ronan está jogando uma bola com Xander e Knox. Cole está sentado em sua mesa lendo um livro intitulado *Corpse*, que parece não ser ficção. Ele parece completamente desligado do ambiente.

Eu sei que não. É uma fachada. Cole está mais sintonizado com os arredores do que qualquer outra pessoa. Ele apenas esconde bem. Silver está sentada dois assentos à frente dele, com fones de ouvido e o olhar perdido na distância. Nem suas asseclas estão lá. Agora que reparei, Summer e Veronica não passam mais tanto tempo com ela.

Aiden não está em lugar nenhum.

Eu luto contra a decepção e falho.

Nós precisamos conversar. *Bastante*. Ele precisa me avisar sobre os desastres que está planejando. Quero saber por ele primeiro, não através das fofocas que circulam pela escola. Mordendo o lábio inferior, penso em perguntar aos outros sobre seu paradeiro.

Meu telefone vibra no meu bolso. Sorrio quando vejo o nome na tela. Talvez ele tenha poderes telepáticos, afinal.

Encontre-me na piscina.

Eu nem penso duas vezes. Ainda temos tempo até o início da aula, então coloco minha mochila no assento e vou em direção à piscina do CRE. Ao chegar, o cheiro de cloro enche minhas narinas e meus pés vacilam na soleira. Eu estava tão animada em ver Aiden que esqueci o quanto águas profundas me assustam.

Como é de manhã cedo, o lugar está vazio. Respirando fundo, desço os últimos degraus com as pernas instáveis.

— Aiden? — Minha voz ecoa no grande espaço.

— Aqui, querida.

Faço a curva e congelo. Aiden está na frente do lado fundo da piscina. Eu teria parado um momento para apreciar sua constituição, seus fios pretos caindo sobre sua testa em abandono, mas ele não está sozinho.

Adam está lá com ele, com os olhos vermelhos, inchados e totalmente errados. Até a camisa dele está bagunçada, como se ele tivesse passado a noite inteira em um cartel de drogas.

— O que está acontecendo? — Eu olho entre os dois.

— Herran veio se desculpar. — Aiden dá um tapinha em seu ombro, mas não há um pinga de camaradagem nisso. Na verdade, ele parece estar à beira de fazer algo sombrio e diabólico. — Não foi?

Adam permanece quieto, seu rosto ficando mais vermelho a cada segundo.

— Ela está esperando. — Aiden agarra o ex-capitão do time de rugby

pelo ombro.

Ele é mais robusto e resistente do que Aiden, mas por alguma razão, Aiden é quem parece mais poderoso. Todo divino e invencível. Neste momento, ele me lembra um general que nunca perdeu uma guerra. Um herói por completo.

Pensar em Aiden como um herói é estranho. Ele não é o herói, ele é o vilão. Mas agora, enquanto ele segura Adam, depois que ele o expulsou da escola por me machucar, não posso deixar de pensar nele como um herói.

Só desta vez.

— Sinto muito — solta Adam.

— Não, não — Aiden estala a língua — Repita e seja sincero desta vez.

— Eu não me importo com o pedido de desculpas dele — digo. — Ele não é nada.

— Isso é verdade — os lábios de Aiden se curvam em um sorriso. — Mas ele ainda precisa se desculpar. Você pode fazer isso de pé ou de joelhos, Herran. Sua escolha.

Os olhos vermelhos de Adam encontram os meus, mas estão mais cheios de maldade do que qualquer outra coisa. O bastardo não se sente culpado pelo que fez.

— Desculpe.

— Desculpas negadas. — Eu o encaro. — Espero que você apodreça no inferno, Adam.

Uma faísca sádica acende nos olhos de Aiden. É como se ele invocasse seus demônios e eles agora estivessem controlando a situação. Ou talvez eu os tenha convocado. Afinal, ele está fazendo isso por mim.

Aiden se transforma em uma força imparável por *mim*.

— Você a ouviu. Não que eu fosse te deixar ir. — Ele circula Adam como um predador antes do ataque. Suave, silencioso... aterrorizante. — Você não se atreveu apenas a olhar o que é meu, mas também tocou. Você sabe o que isso significa, Herran?

O pomo de Adão de Adam sobe e desce conforme sua garganta funciona. Posso vê-lo prender a respiração, assim como eu. A escuridão nos olhos metálicos de Aiden só pode significar problemas. Estou alerta, esperando o que ele dirá a seguir.

— Isso significa que você está acabado.

Num momento, Adam está lá, no próximo, Aiden o empurra. O jogador de rugby perde o equilíbrio e cai na água, inundando a borda. Mas Aiden

ainda não terminou. Nem de perto. Ele se agacha na beira da piscina e quando Adam surge para respirar, Aiden agarra sua cabeça e o empurra de volta para baixo.

Sem hesitação.

Sem piedade.

Os membros de Adam se agitam, espalhando água por toda parte. Ele luta para respirar e só encontra água. Aiden enfia os dedos no cabelo do jogador de rugby e o arranca da água. Ele ofega por ar como um homem à beira da morte.

— Você estava sufocando, Herran?

Aiden o empurra de volta para água. Sua expressão é neutra, até serena.

— Bom. Agora você sabe como é se afogar.

Eu fico lá, meus membros tremendo enquanto Aiden segura Adam debaixo d'água. A calma em seu rosto causa arrepios na minha espinha. Eu sei, eu simplesmente sei, que Aiden nem piscaria para matar Adam.

Ele faria isso nas dependências da escola.

Colocaria seu futuro em perigo.

Corro até ele, ignorando meu medo da água próxima.

— Pare com isso, Aiden. Deixe-o sair.

— Ainda não. — Ele usa as duas mãos para manter Adam abaixo da superfície. — Ele te machucou. Ele machucou o que é meu.

— Você vai matá-lo — eu sibilo.

— Pequeno preço a pagar por tocar em você.

— Eu também o odeio, mas não estou pronta para te perder desse jeito.

— Minha voz é alta e clara. — Ele não vale a pena.

A cabeça de Aiden se inclina em minha direção. Seus olhos de aço suavizam imediatamente quando encontram os meus. Caio de joelhos ao lado dele, sem me importar com a água encharcando minha pele e agarro seu braço. Os músculos tensos ondulam sob meu toque.

— Ele não é importante, Aiden. Você é.

Isso deve ter funcionado.

Lentamente, muito lentamente, Aiden me permite tirar a mão da cabeça de Adam. Este último surge, sem ar. Nenhum de nós presta atenção nele, nem mesmo quando ele sai da piscina, molhado e tremendo como um cachorro.

Estamos muito perdidos no olhar um do outro para prestar atenção ao mundo que nos rodeia. Mal nos tocamos, mas sinto-o ao meu redor, como uma constante. Neste momento, tenho certeza de que se de alguma forma eu

caísse na piscina, ele me tiraria de lá. Ele me protegeria e seria meu herói mais uma vez.

Eu provavelmente deveria parar de pensar nele como um herói.

— Você é um maldito psicopata — Adam cospe quando sai da água. Ele está molhado e desganhado, mas eu não conseguiria sentir pena dele, mesmo que tentasse.

O olho esquerdo de Aiden se contrai quando ele encontra o rosto pálido de Adam.

— Vá se foder longe daqui antes que eu termine o que comecei.

Como o covarde que é, Adam sai mancando da área da piscina com o rabo enfiado entre as pernas. E então, Aiden volta a me observar como se eu fosse a única pessoa aos seus olhos. O que ele vê quando me olha tão atentamente? Seria a minha mãe? Ou talvez ele esteja tentando apagar as semelhanças dela do meu rosto?

Tanto Knox quanto Teal admitiram querer me machucar devido ao quanto eu me pareço com ela, então talvez Aiden sinta o mesmo. Talvez no fundo ele queira me machucar também. E se todos que amo me odiarem por causa dos meus genes? Seria dez vezes mais doloroso se Aiden sentisse o mesmo.

Mas ele estaria disposto a cometer assassinato por mim se esse fosse o caso? E sim, ele estava a segundos de matar Adam. Se eu não tivesse intervindo, o corpo dele já estaria flutuando na piscina. A falta de limites de Aiden deveria me assustar, mas por alguma razão, um casulo de calma me envolve.

Eu o impedi. Ele me permitiu pará-lo quando poderia facilmente ter continuado. Esse fato me enche de uma paz interna avassaladora.

— Repita — diz Aiden.

— Repetir o quê?

— A parte sobre como sou importante.

Suprimo um sorriso. Por que não estou surpresa que ele se concentre apenas nessa parte? Aproximando-me mais, deixo-me envolver por tudo que o representa. Seu perfume e seu calor. Seus olhos nublados e as emoções caóticas girando dentro deles.

Essas emoções são minhas.

Quero agarrá-las, abraçá-las e, de alguma forma, inseri-las em meu peito para que possam encontrar companhia em meus próprios sentimentos erráticos. Quanto mais perto estou dele, mais o mundo desaparece. O

universo inteiro está escondido no pequeno espaço entre nós, onde meus joelhos quase roçam os dele.

— Você é importante.

Sua mão agarra minha nuca e seus lábios esmagam os meus.

Não resisto desta vez.

Não paro para pensar nas consequências.

Eu apenas me liberto.

O beijo pode ter começado nos meus lábios, mas possui todo o meu corpo. Ele se acumula no meu estômago e desce pela minha espinha. Paralisa meus membros e desperta meus órgãos internos. Seus dentes mordiscam meus lábios, suas mãos apertam meu cabelo, inclinando minha cabeça para trás para que ele possa ter melhor acesso. Sua língua encontra a minha, alimentando-se de mim, saboreando-me, *inalando-me*.

Eu faço o mesmo.

Eu o consumo com a força que ele me consome.

Se um beijo tivesse um propósito, este seria para nos encontrarmos. É sobre uma conexão que existe desde o momento em que coloquei os olhos em Aiden naquele porão.

Tudo começou naquela época e se recusou a terminar. Por muito tempo tentei lutar contra nossa conexão, mas ela continua vencendo.

Perder nunca foi tão bom.

Meus braços envolvem seu pescoço enquanto me ajoelho, espelhando-o. Meus dedos correm em seus fios pretos e ele geme em minha boca. Esse gemido me deixa orgulhosa. Gosto de lhe proporcionar prazer e causar esse efeito nele.

Ainda me segurando pelos cabelos, Aiden o puxa. Minhas costas batem no chão frio, mas minha pele em chamas mal percebe. Ele fica sobre mim, maior do que a vida. Seu corpo sólido cobre o meu, seus músculos e braços se moldam às minhas curvas como se fôssemos duas peças de um quebra-cabeça se conectando.

Ele é tudo que eu não deveria querer e também tudo que preciso.

Ele empurra os joelhos entre minhas coxas e elas se separam por vontade própria. Ele nem precisa tentar duas vezes. Solto um gemido com o contato de suas calças contra minha parte mais íntima. Ainda me beijando, ele levanta minha saia e afrouxa o cinto com a outra mão.

O ar ondula com tensão e calor. Posso sentir o gosto na minha língua e senti-lo nos arrepios cobrindo minha carne. Afundo as unhas em seu paletó,

respirando pesadamente contra sua pele. Ele roubou minha respiração, meu coração e minha maldita sanidade.

Aiden não é apenas um monstro, mas também um ladrão – do tipo que nunca é capturado.

— A-Aiden... Qualquer um pode entrar. — Apesar de dizer essas palavras, a umidade cobre minhas coxas descaradamente.

— Foda-se eles — Aiden segura meu queixo com dois dedos enquanto a outra mão puxa minha calcinha-short pelas minhas pernas. — Eu preciso de você, querida. Porra, preciso estar dentro de você como preciso de ar.

Eu também preciso de você.

Mas não preciso dizer isso em voz alta. Aiden deve ter lido nos meus olhos. Ele realmente me conhece mais do que eu mesma. Ele envolve minha garganta com as mãos e mete até as bolas, enchendo-me inteira. Eu suspiro, mas nenhum som sai.

Ele roubou minha capacidade de respirar, falar ou até mesmo pensar.

Ele roubou a porra do meu coração e alma e não há como recuperá-los.

Ele é um ladrão, lembra? Um maldito ladrão.

— Porra, porra! — Todo o seu corpo se contrai com a força do impulso inicial. Posso sentir seu abdômen rígido sem precisar tocá-lo.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Pode ser pelo jeito como ele me preencheu. Pode ser por causa do jeito que ele aperta a mão a minha garganta, mal me permitindo respirar.

Pode ser por causa da intensidade do seu olhar.

Pode ser porque já faz muito tempo que eu não sentia tudo isso.

Pode ser tudo isso.

Estar com Aiden é como passar por uma montanha-russa em um túnel escuro. Existem altos e baixos. É escuro e perigoso. Mas acima de tudo, há excitação e a sensação eufórica de estar viva.

Eu estou viva.

Com Aiden, nunca deixei de me sentir viva.

Ele acelera o ritmo, investindo dentro de mim como um homem louco, como se seu corpo não pudesse conter sua necessidade. Sua paixão sangra dentro de mim, queimando na forma de faíscas e fogos de artifício.

É um pouco doloroso e ficarei sensível por dias, mas me deleito com aquela pontada de dor. Eu me deleito com a maneira como ele não consegue se controlar quando está comigo.

— Senti sua falta, querida. — *Estocada.* — Senti falta da sua boceta

apertada. — *Estocada*. — Senti falta dos seus pequenos gemidos de prazer.
— *Estocada*. — Eu até senti falta da porra da sua teimosia.

Nossas respirações se misturam, ásperas e grosseiras, com um prazer cru e desequilibrado. Nossos aromas combinados preenchem o ar, eliminando o cheiro de cloro e substituindo-o por feromônios.

É estranho que os feromônios deveriam estar apenas no cérebro, mas agora estão flutuando ao nosso redor? Posso inalá-los da pele de Aiden, saboreá-los na minha língua.

Ele inclina minhas coxas para cima e eu suspiro quando ele atinge aquele ponto sensível dentro de mim. Ele tira quase completamente até restar apenas a cabeça, depois mete de novo e de novo.

E de novo.

O orgasmo me atinge com um poder que nunca senti antes – agudo, profundo e violento. Minhas costas arqueiam do chão enquanto eu grito. Aiden engole o som com os lábios contra os meus. Ele me beija durante meu orgasmo. Ele adora minha boca com sua língua e minha boceta com seu pau. Posso me sentir apertando todo o seu comprimento, quase o estrangulando, sufocando-o.

Ele continua seu ataque por mais alguns segundos antes de rosnar:

— *Minha*.

Passado

Eu me esforço enquanto arrasto o saco pesado atrás de mim. Eu tive que trazer tudo. O sanduíche, meus desenhos e *todos* os Maltesers. Enganei o tio Agnus para que me comprasse mais doce pelas costas do papai. O garoto de olhos cinzentos também deve gostar de Maltesers. Ele é tão generoso e sempre os compartilha comigo.

Paro perto da porta do porão e dou uma olhada nos corredores escuros. Aqueles monstros espreitam aqui, você sabe, mas não tenho medo deles. Estou com medo de que alguém — uma pessoa — me siga e encontre Olhos Cinzentos.

Ontem o tio Reg quase me encontrou. Se eu não o tivesse ouvido descer as escadas e sentido o cheiro do cachimbo, não teria escapado a tempo.

Me escondi no meu quarto e não vi o garoto de olhos cinzentos.

Sinto falta dele.

Eu estava contando as horas até poder vê-lo novamente, sentar ao seu lado e ouvi-lo falar a noite toda. Ele não fala muito, na verdade. Sempre falo mais porque ele costuma ficar calado.

Segurando a lanterna sob a axila, abro lentamente a porta do porão.

— Cheguei! — Um sorriso surge em meus lábios.

Nenhuma resposta.

— Olhos Cinzentos? — Arrasto a bolsa atrás de mim enquanto fecho a porta. O rangido é assustador em meio ao silêncio.

Sempre que eu entro, as correntes chacoalham quando ele se levanta para me receber. Direciono a luz para o canto. O som de arrastar da bolsa para bruscamente.

Ele está deitado no canto, ambos os braços protegendo o rosto. Mas não é esse o problema. O vermelho escorre pela sua pele e cai no chão.

Vermelho como sangue. Tanto *sangue*.

— Olhos Cinzentos!

Corro em direção a ele, meu coração batendo tão rápido como se fosse sair do meu peito. Quando estou a uma curta distância, agacho a frente dele, meus lábios tremendo.

Ele não está se movendo.

Por que ele não está se movendo?

— Olhos Cinzentos... — Eu o sacudo com as mãos suadas e frias, totalmente instáveis. — Acorde. Trouxe Maltesers e seu sanduíche favorito com queijo e presunto. Eu trouxe suco e tudo mais para você.

A lanterna cai no chão enquanto me inclino para mais perto de seu rosto. Lágrimas encharcam meu rosto e sinto gosto de sal.

— Olhos Cinzentos... P-por favor, não vá. Não vá embora como Eli foi... Não me deixe.

— Eu... não vou.

— Olhos Cinzentos!

Suas pálpebras se abrem lentamente, mas ele não se levanta. Os olhos dele estão pretos no escuro. Como se todas as emoções tivessem sido arrancadas dele. Seu rosto está pálido e seus lábios estão secos e rachados. O sangue ficou pegajoso em volta dos seus braços.

É uma bagunça. Preciso consertar isso antes que os monstros cheguem aqui.

Papai diz que os tubarões sentem cheiro de sangue de longe e acho que os monstros também. Eles sentirão o cheiro do sangue de Olhos Cinzentos e o atacam.

Corro de volta para minha bolsa e a arrasto pelo chão sujo. Devido ao esforço, suor escorre pela minha têmpora e pelo nariz. Ofegante, eu procuro dentro dela. Tem guardanapos e água. Como Olhos Cinzentos sempre se machuca, roubei bolas de algodão e o vidro que papai usa para limpar meus ferimentos. Ele disse que uma lesão precisa ser limpa antes de ser enfaixada.

Limpo o sangue pegajoso com guardanapos secos. Sangue é nojento, você sabe. Não queria sair da pele. Uma ferida profunda corta pela lateral do

braço até perto do cotovelo.

Deve ter doído muito.

A vontade de chorar me atinge, meu nariz formiga e meus olhos ardem, mas não choro. Eu tenho que ser forte por ele.

— Vai doer. — Mordendo o lábio, despejo o líquido em seu ferimento.

Ele solta um gemido enquanto me observa entre olhos semicerrados.

— Sinto muito que esteja doendo. Eu sinto muito. — Lágrimas escorrem pelo meu rosto mesmo quando tento impedir.

Só porque ele não está chorando não significa que não esteja ferido. Estou chorando por ele, não por mim.

Usando as bolas de algodão e os guardanapos, enrolo a ferida o mais firmemente que posso. Papai disse que tem que estar bem apertado e limpo para que nenhum germe desagradável entre lá.

— Quem fez isso com você? — pergunto. — Aqueles monstros?

Ele balança a cabeça uma vez.

— Eu vou te salvar. Eu p-prometo.

Sua outra mão envolve meu braço e me puxa para baixo. Deito ao lado dele, sua mão machucada permanece mole entre nós.

— Fique assim — sussurra ele.

Meus lábios tremem e meu nariz formiga enquanto olho para ele e choro. Eu choro pelo que parece uma eternidade. Minhas lágrimas se transformam em soluços e depois em arquejos altos.

É feio, ranhento e lágrimas cobrem meu rosto, mas não consigo parar.

Dó tanto vê-lo assim.

— Não chora — Seu polegar passa sob meus olhos.

— Não consigo parar.

— Eu não gosto quando você chora. — Ele continua secando minhas lágrimas.

— Por quê?

— Porque me dói te ver magoada.

— Eu também. É por isso que estou chorando. Eu não quero que você se machuque.

— Eu vou ficar bem, Elsa.

— Promete?

Ele não responde. Eu me sento, soluçando e respirando involuntariamente.

— P-promete?

— Não posso.

— Mas por quê? — Reajo. — Dói muito? Vou beijar para melhorar. Inclinando-me, dou um beijo na lateral de seu curativo.

— Papai diz que cura quando você beija.

Ele sorri. Está fraco e sem energia, mas ele sorri.

— Você precisa comer. — Vasculho minha bolsa e tiro o sanduíche.

Demoro algum tempo para ajudá-lo a sentar-se contra a parede. Assim que ele se acomoda, enrolo o cobertor em volta dele e coloco o sanduíche entre seus dedos.

— Você tem que comer tudo para melhorar.

Ele mastiga devagar, não como nos outros dias em que estava com tanta fome que devorou tudo. Eu me agacho a frente dele, coloco os braços sobre os joelhos e o observo. Seu braço ferido está mole ao lado dele. A bandagem em volta é feia.

— Eu tenho uma ideia! — Procuro na bolsa e tiro meu marcador preto. Eu ia mostrar a ele as casas que tenho desenhado e perguntar se ele sabe fazer uma.

Porque eu disse ao papai que vou construir casas quando crescer.

Olhos Cinzentos me observa atentamente, mas não diz nada enquanto agarro seu braço machucado. Mordendo o lábio, descanso-o no colo e desenho no lado não machucado.

Quando termino, ele estuda meu desenho.

— O que é isso?

— Uma flecha.

— Por que uma flecha?

— Papai diz que quando você se sente mal, você deve manter essa energia dentro de si.

— Por que dentro?

— Para usar mais tarde. Coisas ruins acontecem por um motivo.

— Coisas ruins acontecem por um motivo — ele repete, olhando entre a flecha e meu rosto antes de um pequeno sorriso surgir em seus lábios.

Eu amo aquele sorriso.

Quero beijá-lo, não para torná-lo melhor, mas porque adoro fazê-lo.

Então eu faço exatamente isso. Eu me inclino e pressiono meus lábios no canto de sua boca.

23

ELSA

Presente

Eu acordo assustada. Meu cabelo gruda na lateral do meu rosto suado. Sento na cama e aperto os joelhos contra o peito como naquele sonho. Só que não foi um sonho. Era uma lembrança de quando Aiden ficou com a cicatriz no antebraço.

Emoções intensas rastejam sob minha pele como criaturas noturnas, selvagens e misteriosas.

As tatuagens.

Suas tatuagens de flechas são inspiradas no que desenhei naquela época.

Ele tem razão. Estou sob a pele dele há tanto tempo, assim como ele está sob a minha.

Embora não me lembre de tudo, lembro-me claramente daquela ligação poderosa que partilhávamos no porão. Nossa história começou ali, goste eu de admitir ou não.

Naquela época, eram crianças encontrando amizade uma na outra. A verdade é que éramos e ainda somos almas perdidas encontrando refúgio um no outro.

Verifico a hora e já passa um pouco da meia-noite. Pego o celular e digito:

Você está aí?

Aiden sumiu da escola desde o episódio na piscina, há três dias.

Aparentemente, Jonathan não gostou da maneira como ele terminou o noivado com Silver e está fazendo-o pagar da única maneira que Jonathan sabe: afastando-o.

Eles saíram em uma viagem de negócios à China. Aiden tem me enviado mensagens de texto esporadicamente sempre que encontra tempo. Dizer que sinto falta dele seria um eufemismo e um insulto aos meus sentimentos.

Justamente quando pensei que poderíamos resolver nossas diferenças e ter uma conversa de verdade, Jonathan teve que estragar tudo.

Não recebo resposta.

Deveria ser por volta das oito da manhã na China, mas ele poderia estar ocupado demais para responder. Estou prestes a tentar voltar a dormir quando o telefone vibra em minha mão, fazendo-me estremecer.

Estou sempre aqui para você, querida.

Meu coração dá aquela cambalhota, como se estivesse me apaixonando por Aiden novamente.

Já não superamos essa fase, coração?

Antes que eu possa responder, minha tela acende com outro texto.

Você teve outro pesadelo?

Deus. Ele me conhece tão bem. Em circunstâncias normais, eu estaria dormindo profundamente a essa hora.

Meio pesadelo. Meio sonho.

Conte.

Foi sobre você.

Eu te disse, um dia você vai sonhar comigo como eu sonho com você. Foi um sonho safado?

Não.

Meio safado?

O que significa meio safado?

Significa que te amarrei na cabeceira da cama e te fodi o dia inteiro.

Mordo o interior da minha bochecha, minha temperatura começou a subir.

Não. Não foi assim.

Não foi, uh? Engraçado porque foi com isso que sonhei.
Precisamos sincronizar nossos sonhos.

Reprimo um sorriso. Que tipo de magia Aiden possui para me fazer sentir melhor mesmo através de mensagens de texto?

Se eu pedir para você me contar sobre o passado, você vai?

Espero que ele pense sobre isso, me diga que não estou pronta, mas a resposta é imediata.

Quando você quiser.

Solto uma respiração hesitante. O tipo de respiração que tira um pouco do peso do meu peito. Nem todo o peso, mas o alívio está lá, por menor que seja.

Obrigada.

Não me agradeça até saber todos os fatos.

Minha mão fica úmida ao redor do telefone. No fundo da minha mente, há uma caixa gigante intitulada *A verdade não é fácil*, mas suas palavras ampliam essa caixa, ela está se tornando maior do que a minha cabeça pode conter.

Papai e eu conversamos sobre minhas memórias perdidas, sozinhos e com o Dr. Khan. Meu psiquiatra recomendou que eu me lembrasse sozinha, sem que me contassem e meu pai concordou. A verdade é sorrateira. Como uma bruxa, exige um preço alto antes de te libertar.

A vida como a conheço pode virar fumaça, incluindo meu relacionamento com papai e Aiden. Eu reprimo esse pensamento assustador e digito a pergunta que venho fazendo desde que ele foi embora.

Quando você volta?

Em menos de uma semana.

Por quê? Está sentindo a minha falta?

Eu nem penso enquanto digito. Não escuto mais minha paranoia. Negar meus sentimentos por Aiden só me destruiu por dentro.

Eu sinto.

O telefone se ilumina com o nome dele e a foto do nosso primeiro beijo.
Merda.

Não pensei que ele ligaria.

Limpando a garganta, atendo:

— Oi.

— Diz. Eu preciso ouvir. — A aspereza em seu tom provoca arrepios na minha espinha. Essa voz foi feita para dizer coisas sujas e autoritárias.

— Dizer o quê?

— Que você sente minha falta.

— Eu sinto sua falta. — Minha voz é baixa e sensual. Eu nem sabia que tinha esse tom.

— Porra, querida. Estou duro.

Uma onda de saudade me aperta pela garganta. Sinto um formigamento no fundo do meu estômago, acumulando-se ali.

— Você está?

— Porra, estou. — Seu rosnado é áspero, até animalesco.

Deus. Eu amo a voz dele quando deixa seu verdadeiro eu brilhar.

— Você me deixa louco, Elsa.

— Quão doido? — pergunto porque não consigo evitar.

— Louco o suficiente para me masturbar no banheiro quando deveria estar lá embaixo.

Minhas bochechas esquentam como se tivessem pegado fogo. Todo o meu corpo está. O desejo na voz de Aiden é contagiante. É do tipo que te agarra pelo pescoço e nunca mais sai.

— Fale comigo, querida. Deixe-me ouvir sua voz. — Ele faz uma pausa.
— Não, esquece isso. Toque-se como se eu estivesse aí com você.

Minha mão livre já está viajando por baixo da camisa, acariciando a pele macia dos meus seios. Eles estão pesados, doloridos.

— Como você quer que eu me toque? — Pergunto.

— Tire suas roupas. — Sua ordem rouca viaja pelo meu ouvido e me atinge direto no meu âmago. — Faça devagar, como se eu estivesse observando.

Segurando o telefone entre o ombro e a orelha, empurro meu short de

algodão. Apesar do material macio, eles criam uma fricção enlouquecedora na minha pele aquecida. Coloco o telefone no travesseiro e tiro a camiseta pela cabeça, deixando-a cair ao meu lado.

O ar frio no cômodo cria arrepios que cobrem minha pele quente. Meus mamilos despontam, esticando, exigindo serem tocados.

— Pronto — murmuro enquanto seguro o telefone novamente.

Um gemido corta a outra linha.

— Seus mamilos estão duros?

— Sim. E-eles...

— Eles o quê? — Quase posso imaginar o aperto em sua mandíbula.

— Eles doem.

— Eles doem, uh?

— Sim.

— Por que eles doem, querida?

— Porque eles querem suas mãos neles — deixo escapar, respirando fundo.

— Toque-os como eu faço. — Tanta autoridade. É a coisa mais erótica que já ouvi.

Envolvo o mamilo com meu polegar e indicador e aperto. Um gemido escapa entre meus lábios.

— Não é assim que eu te toco — ele grunhe.

— N-não?

— Não. Aperte-os selvagememente como eu faria.

Suprimindo um gemido, aperto meu mamilo sensível com mais força, torturando-o como se fosse Aiden fazendo. Imagino-o aqui comigo, seus lábios envolvendo meu outro mamilo, sugando-o em sua boca quente. Ele mordisca o botão rijo, causando arrepios direto entre minhas pernas.

— Aiden...

— Hum, querida? — Sinto seu grunhido na minha pele em vez de ouvi-lo.

— Mais. Eu quero mais.

— Você está molhada para mim?

— Sim. — Cem vezes, sim. Minha excitação cobre minhas coxas e permeia o ar.

— Abra as pernas e mergulhe o dedo médio dentro dessa boceta encharcada.

Não preciso que me digam duas vezes. No momento em que meu dedo

me penetra, eu arqueio na cama. É como se Aiden estivesse aqui, enfiando aquele dedo longo em mim, experimentando-me.

— Enfie outro.

— Mas...

— Faça.

Oh, Deus. Por que suas ordens estão tão excitantes esta noite? Elas são mais do que palavras, são dispositivos de tortura. Com cuidado, adiciono outro dedo. Meus olhos rolam para a parte de trás com o quão apertada me sinto ao redor deles.

— Mova-os para mim, querida. Deixe-me ouvir aqueles barulhos que você faz.

Enfiei e tirei os dedos. O tempo todo, imagino Aiden abrindo e fechando os dedos dentro de mim. Seu corpo dominando o meu. Seus músculos fortes se contraindo a cada movimento.

— Toque o seu clitóris.

Meu polegar roça a protuberância inchada. O prazer corre por mim em explosões torturantes. Seguro o telefone entre a bochecha e o ombro e uso a outra mão para girar meu mamilo duro e dolorido. Fechando os olhos, me entrego às sensações avassaladoras. Posso estar me tocando, mas não sou eu quem está por trás desse prazer.

As ordens roucas de Aiden são as culpadas.

É quase como se fosse ele quem empurrasse os dedos para dentro e para fora de mim, provocando meu clitóris e brincando com meu mamilo. Ele está me levando ao limite com cada toque.

— Aiden... Oh, meu Deus, Aiden.

— Isso mesmo, sou seu Deus.

Meu ritmo aumenta, os ouvidos zumbindo e o estômago apertando. Os lençóis debaixo de mim parecem ásperos e desconfortáveis contra minha pele superaquecida.

— Mais forte — ele ordena com um grunhido. — Mais rápido.

Sigo seu comando, meu batimento cardíaco acelerando a cada movimento.

— Porra. — Sua respiração se aprofunda do outro lado. — Porra!

A ideia de que ele está se tocando em meio aos meus gemidos e choramingos me deixa louca.

Posso imaginá-lo de pé no banheiro, com as calças e cuecas acumuladas aos seus pés. Ele está masturbando seu pau daquele jeito áspero e masculino,

movendo a mão para cima e para baixo como se estivesse com raiva. Como se o corpo dele ansiasse pelo meu da mesma forma que anseio por ele. Como se a alma dele precisasse da minha para estar inteira.

Meus movimentos ficam mais frenéticos e fora de controle com esse pensamento. Posso sentir o gosto da liberação na minha língua.

— Oh... Aiden... estou tão perto...

— Vou gozar — ele grunhe. — Você está pronta para mim, querida?

— Sim... Sim... — Eu suspiro quando a onda me atinge como faíscas em uma noite sem estrelas.

Eu grito e escondo meu rosto no travesseiro para abafar o som.

Meus dedos ainda estão profundamente dentro de mim, escorregadios de excitação. É quase como se Aiden estivesse me preenchendo – e não as minhas próprias mãos.

Teria sido mais eufórico se ele estivesse aqui pessoalmente.

Um grunhido profundo enche meu ouvido quando Aiden atinge seu próprio clímax. Eu ofego ao telefone. Gostaria que ele estivesse aqui para ver sua cara de Deus do sexo quando ele vier.

— Isso foi... — Eu respiro. — Incrível.

— Ainda não terminamos — ele resmunga.

— Não?

— Retire os dedos.

Eu tiro.

— Feito.

— Agora chupe. Deixe-me te provar.

Minhas bochechas queimam com o pensamento, mas enfio o indicador e o dedo médio na boca. Provar-me é íntimo, mas o fato de eu estar fingindo ser Aiden é ainda mais pessoal. Passo a língua pelos dedos, fazendo pequenos ruídos.

— Você sabe o que estou fantasiando? — Sua voz baixa e profunda me faz chupar mais forte por algum motivo.

Faço um som negativo sem tirar os dedos.

— Estou fantasiando sobre esses lábios carnudos envolvendo o meu pau enquanto eu te fodo com a língua.

Uma onda de prazer passa por mim e fico tentada a me tocar novamente. Esse é o tipo de efeito que as palavras sujas de Aiden têm sobre mim.

— Em breve, querida. Vou reivindicá-la inteira.

Eu solto meus dedos com um estalo.

— Promete?

Uma risada sombria preenche a linha.

— Ah, eu prometo.

24

AIDEN

Pela última semana, Jonathan tem me exibido pela China para seus investidores e sabe-se lá o que mais. Se eu tiver que sentar como uma marionete para outra reunião, destruirei alguma coisa por aqui.

Esta é a vingança de Jonathan por eu romper com a Queens. Nas palavras dele, manchei seu relacionamento imaculado com Sebastian Queens e terei que fazer algo em troca. A verdade é que ele ainda está puto pelo que joguei na cara dele sobre Alicia. Só concordei em participar porque ele ameaçou descontar em Elsa.

Embora eu esteja bem em declarar guerra a Jonathan, não vou vê-lo usá-la como objeto de destruição. Ele terá que passar por cima de mim primeiro. Mesmo assim, preciso ir para casa, tipo ontem.

Nash, Knight e Astor têm preenchido o grupo de bate-papo com textos que me irritaram pra caralho.

Knight: Então King já era, hein?

Nash: Parece que sim.

Astor: Porra, sim. Meu sonho de ménage se tornará realidade.

Astor: Em uma escala de 1 a 10, qual a probabilidade de eu convencer Kimmy e Ellie a usarem roupas de coelhinhas?

Nash: Elsa, 0. Kimberly, 6. Se estiver bêbada, 9.

Astor: É melhor eu deixar a Kimmy bêbada então. 😊

Knight: Você quer morrer?

Estou surpreso que o merdinha do Astor apareceu no grupo. Às vezes ele age como se o chat não existisse e depois reclama sobre como o deixamos de fora. O ponto principal é que preciso voltar e foder com os três por sequer sonharem que eu deixaria a Elsa.

Isso só acontecerá após a morte. Mesmo então, posso fazer um acordo com o diabo para poder assombrá-la de longe. O quê? Eu tenho que protegê-la.

Temos trocado mensagens de texto pela última semana — ou mais como *sexting* mesmo. Gozei ao som da voz dela por mais vezes do que posso contar.

Depois da nossa separação momentânea e conturbada, Elsa tornou-se mais liberal em relação à sua sexualidade e prazer. Ela até me mandou uma mensagem dizendo que estava pensando em mim na aula.

A pequena provocadora.

Outras vezes, ela me contava sobre os fragmentos de lembranças que tem tido ultimamente. Como minha tatuagem e as noites que ela passou comigo naquele porão. No entanto, ela nunca mencionou a mãe ou a promessa que me fez.

Uma grande parte de sua memória ainda está faltando e acho que sei exatamente como recuperá-la. É um método drástico, mas é tudo que tenho. Ela me pediu para lhe contar tudo e eu contarei. Só que não da maneira tradicional.

Elsa nunca estará inteira a menos que se lembre do que aconteceu naquela noite. Ela nunca me aceitará totalmente, a menos que se lembre do nosso passado sangrento.

Afinal, foi tudo por minha causa.

Ela pode ter apagado a memória devido a todo o trauma que viveu, mas eu fui o último prego no caixão. Se ela não tivesse feito o que fez, talvez as coisas tivessem sido diferentes.

Não.

Não vou me permitir pensar nessa opção. Tudo está dito e feito. Eu só tenho que encontrar a melhor maneira de contar a ela.

Após o fim da décima reunião do dia, os investidores chineses de Jonathan apertam nossas mãos. Quando a porta se fecha atrás deles, caio no

sofá. O escritório chinês de Jonathan é mais grandioso que o de Londres. Tem uma decoração em tons de cinza e azul, uma mesa de vidro e uma grande janela com vista para os intermináveis edifícios de Xangai.

— Estou reservando uma passagem para a Inglaterra. — Giro o telefone na minha mão.

Jonathan sorri atrás de sua mesa de vidro.

Ah, merda.

Nunca é bom quando ele sorri com triunfo, como se tivesse fechado o acordo do século.

— Sabe... — Ele entrelaça os dedos no queixo e se recosta na alta cadeira de couro. — Por mais indestrutível que você fosse, eu sabia que um dia se autodestruiria.

Inclino minha cabeça para o lado. Ele está chateado desde o choque de realidade que joguei na cara dele sobre a morte de Alicia. Eu sabia que ele se vingaria de alguma forma. Achei que a viagem à China fosse isso. Afinal, ele me manteve longe de Elsa – mesmo que temporariamente.

Eu deveria ter imaginado.

As soluções temporárias de Jonathan geralmente são uma camuflagem para um plano maior que se desenrola ao fundo.

— O que você fez? — Eu me levanto. — Eu juro que se você a machucar...

— Eu não preciso machucá-la. Eu só preciso dela longe de você.

— Que porra você fez, Jonathan? — Meu olho esquerdo se contrai.

— Você está certo, Aiden. Tenho outros aliados além de Sebastian. Há outro membro do comitê de votação dos Rhodes que prometeu ser a minha entrada na corporação de Ethan.

— Você realmente acha que Ethan Steel deixaria alguém chegar perto o suficiente para espioná-lo? Ele é mais reservado do que você.

— Ele deixaria o seu futuro genro.

Meus músculos ficam rígidos enquanto eu sibilo:

— O que você acabou de dizer?

— Se eu não posso te manter longe dela, vou mantê-la longe de você. — Ele faz um gesto de incentivo. — Ethan acaba de aceitar casar sua filha com o filho do conde Edric Astor. Você pode voltar para a Inglaterra agora. Parabenize Elsa em meu nome.

Filho do conde Edric Astor.

Porra, não.

Um grande peso cai sobre meu peito enquanto saio do escritório sem dizer uma palavra.

Elsa é minha.

Só minha.

É hora de o mundo aprender esse fato.

25

ELSA

Algo está errado.
Sinto isso em meus ossos no momento em que entro em nossa casa.
O ar está abafado, até sufocante.

Knox e Teal sentam-se com Agnus e papai na sala de estar. Os sofás Chesterfield parecem um campo de batalha. Papai e Agnus tomam seus cafés em silêncio. Knox parece pensativo. As sobrancelhas de Teal estão franzidas em... confusão? Raiva?

Ela está vestindo um pulôver com as palavras: *Se você me ver correndo, mate o que quer que esteja me perseguindo.*

Normalmente, eu sorriria com suas citações sarcásticas, mas o clima está completamente estranho hoje. Chego mais perto, apertando a alça da minha mochila.

— Princesa. — Papai sorri assim que seus olhos castanhos claros encontram os meus. — Você finalmente chegou.

— Desculpe, passei um tempo com Kim e Kir. Prometemos assistir a um filme juntos.

E acabei de terminar uma corrida na chuva. Tenho estado muito tenso ultimamente e só correr me permite relaxar. Claro que troquei minhas roupas encharcadas na casa de Kim ou meu pai me daria um sermão. Assim como minha tia, ele é rigoroso quanto a arriscar minha condição cardíaca.

— Tudo bem. — Ele fica de pé. — Vamos conversar no meu escritório.

Ele caminha na minha frente. Lanço uma última olhada para os outros três. Agnus me incentiva a seguir papai com um aceno de cabeça.

— Eu odeio toda essa merda — Knox suspira.

— Você... — Teal limpa a garganta, olhando para mim. — Você tem que pensar sobre isso.

Ok. Isso torna a situação ainda mais ambígua do que quando entrei. Melhor seguir papai e descobrir o que está acontecendo. O pavor aperta meus músculos enquanto dou dois passos de cada vez. Quando estou no topo, verifico meu telefone. Meu estômago embrulha quando não encontro nenhuma mensagem de Aiden. Por alguma razão, quero falar com ele agora.

Mal consegui me manter sã durante toda a semana. Sem ele, o CRE é vazio e deprimente. Eu o vejo em todos os cantos e em todos os corredores. Caramba, eu até fui ao treino de futebol imaginando ele marcando um gol naquela postura perfeita.

Eu não sabia o quanto precisava de Aiden em minha vida até que ele se foi.

Com a diferença de fuso horário, só podíamos trocar mensagens em horários estranhos da noite. Não é suficiente. A ideia de que estaremos permanentemente separados no final deste ano traz um gosto de náusea à minha garganta. Esse pensamento me deixa sem ar.

Para me distrair, passei noites na casa dos meus tios, fazendo ioga. Saí com os cavaleiros, Knox, Teal e Kim, mas nada nem ninguém pode ocupar o lugar de Aiden. Ele é uma constante na minha vida desde o início do ano, e agora que ele se foi, é pura tortura.

Colocando meu telefone de volta no bolso, abraço minha mochila contra o peito e sigo meu pai até seu escritório. Sentamos lado a lado no sofá de couro preto no centro da sala.

— Como foi o seu dia? — papai pergunta.

— Bom.

Papai sempre pergunta sobre meu dia e se preciso de alguma coisa. Embora isso me deixe feliz na maioria dos dias, não estou nem um pouco feliz agora. Tijolos de ansiedade se acumulam no fundo do meu estômago a cada segundo que ele permanece em silêncio.

— O que está acontecendo, pai?

— Você sabe que sua opinião é mais importante para mim do que qualquer outra coisa, certo?

Concordo com a cabeça, sem saber onde ele quer chegar com isso.

— Como você sabe, Rhodes tem um comitê de votação. Seus membros decidirão se Jonathan ou eu conseguiremos a parceria.

— Eu sei.

Enquanto estou evitando a guerra entre papai e Jonathan, Agnus nos mantém informados. Cada empresa vem recrutando membros desse comitê para votar a seu favor. Sebastian Queens, pai de Silver, é um membro e Jonathan está chateado com Aiden por romper o noivado em um momento como este. Ainda assim, tenho certeza de que Sebastian votará a favor de Jonathan, considerando que eles são aliados de longa data.

Ouvi Agnus falar sobre como papai tem recrutado alguns membros da aristocracia. Se conseguissem convencer um deles, todos os outros o seguiriam. Essas pessoas nobres são leais umas às outras.

— Encontrei um possível aliado forte dentro do comitê de votação — diz papai.

— Sêrio? — Meu rosto se ilumina. — Quem é ele?

— Conde Edric Astor.

— Oh. O pai de Ronan. Estou feliz por você, pai.

Sua expressão não é nem um pouco alegre, no entanto.

— Há um problema.

— Uma armadilha?

— O conde Astor só concordará em formar uma aliança se nos tornarmos sogros. Minha filha prometida ao filho dele.

A informação me atinge como um furacão com todos os relâmpagos e trovões.

— Você quer dizer... que eu tenho que me casar com Ronan?

A ideia nem sequer registra antes que meu cérebro se revolte completamente contra ela. Ronan é meu amigo e eu gosto muito do humor dele, mas é isso.

Isso é *tudo*.

Não é com ele que eu sonho. Não é por ele que venho ansiando, sentindo-me vazia e miserável.

— Ronan não concordaria com isso — eu sussurro. — Ele é um pegador e ama sua liberdade mais do que qualquer coisa no mundo.

Papai permanece calmo. Eu não sei como ele faz isso.

— O condesse que Ronan concordará com qualquer coisa que pedir a ele.

Oh, Deus.

Eu vou vomitar.

— E... — Eu encontro o olhar de papai. — O que você disse para ele?

— Eu disse que vou falar com você. — Papai segura minha mão, forte, quente e firme. — Eu nunca vou te forçar a fazer nada, você sabe disso, certo, princesa?

Oh. Graças a Deus.

Quero ajudar o meu pai, mas nunca concordarei com um casamento arranjado. Quero me casar com alguém que amo. Alguém que vira meu mundo de cabeça para baixo apenas por estar lá.

Alguém como Aiden.

Espere, não. De onde veio essa ideia? Eu não quero me casar com Aiden... certo? É muito cedo para pensar em casar com Aiden.

Fique quietinho, coração. Nem pense em celebrar esse pensamento.

— Pense nisso — diz papai. — Eu seguirei o que você decidir.

Estou tentada a dizer não imediatamente, mas seu olhar me impede. Não é uma súplica, mas está perto do... desespero.

Papai precisa dessa aliança. Dói-me pensar em matar todas as suas esperanças de uma vez. Preciso de muito mais coragem do que tenho agora.

Depois de concordar em pensar sobre isso, vou para o meu quarto. Jogo minha mochila na cadeira e me solto na cama. Aperto o play no meu iPod e *Another Place* de Bastille enche o ar.

Qual é a melhor maneira de recusar a oferta do papai sem ser uma completa vadia? De qualquer forma, ele perderá o apoio do conde Astor e poderá até ser classificado como inimigo pelos membros da classe alta. Papai gastou muita energia em seu retorno. Inferno, ele voltou dos *mortos*. Não posso simplesmente destruir seus esforços.

Droga.

Isso é tão confuso.

Preciso de uma xícara de chocolate quente para me acalmar. Ah, e meus remédios. Tia Blair vai me ligar daqui a pouco e me dar um sermão se descobrir que não tomei. Minhas palpitações cardíacas aumentaram de intensidade nos últimos dias. Terei que ceder e visitar o Dr. Albert. Por favor, que o médico não sugira uma cirurgia. Essa ideia me aterroriza profundamente.

Meu celular vibra no caminho para a cozinha e meu coração bate forte ao pensar que poderia ser Aiden. O que ele diria se descobrisse? Na verdade, eu sei o que ele vai dizer. Ele vai me pedir para recusar e se eu não puder, ele fará isso por mim.

Aiden não se importa com o bem-estar de papai ou com o quanto perder o

apoio do conde o devastaria. Aiden não tem vergonha do que quer e não hesita em mandar o mundo se foder. Meu estômago afunda quando o identificador de chamadas não mostra o nome dele.

Falando no diabo.

— Ei, Ronan. — Deslizo a tela.

— Ei, noiva. — Seu tom brincalhão libera um pouco do pavor que pairava em meu peito.

— Este não é o momento para brincar.

— Quem disse que estou brincando? Meu pai acabou de dizer que vou me casar com você. Acertei na loteria! Pense no tanto de surubas que faremos, Ellie. Até Kimmy estará disposta a participar se você for minha esposa. *Le paradis est juste aqui.*

— Por que você parece tão feliz? — Estreito os olhos como se ele pudesse me ver.

— Porque estou! Estive imaginando a expressão no rosto de King quando ele descobrir que você é minha noiva. — Ele cantarola. — Você acha que conseguirei fotografar a expressão dele antes que ele corte minha cabeça com um machado?

— Provavelmente não. — Eu sorrio apesar da situação.

— Vou pedir a Knight ou Nash para filmar, então. Deixarei um legado para trás. Ah, e uma fortuna. Você será uma daquelas viúvas mortalmente ricas que se veste de preto e tem três gatos pretos.

— Você é um idiota. — Eu rio, parando perto da virada do corredor.

— Viu? Casar comigo não será tão ruim. Vamos nos divertir muito.

— Fala sério, Ronan. — Eu suspiro. — Por que você não diz ao seu pai que não quer se casar?

— Não posso contar nada ao meu pai. A palavra dele é lei nesta casa.

— Então você concorda?

— Já concordei. Sou filho único e herdeiro de um conde, Ellie. Está escrito na minha certidão de nascimento que terei um casamento arranjado. Tenho sorte de ser com você e não com alguma esnobe que vai sugar a vida dos meus ossos. Você sabe o quão assustador é isso?

Faço uma pausa, pensando no ponto de vista dele. Nunca pensei que Ronan teria esse tipo de preocupação. Ele é sempre tão brincalhão e despreocupado que ninguém vê o peso que ele carrega nos ombros.

— Mas eu...

— Eu sei — ele me interrompe. — King, aquele bastardo sortudo, veio

primeiro. *Idiota*. No entanto, não estou autorizado a recusar o noivado. Você terá que ser aquela que vai enfiar a espada direto no meu coração virgem.

— Você é um idiota. — Eu ri.

— E você tem um péssimo gosto para homens — Ronan zomba com uma pitada de drama. — Agora, se você me dá licença, vou cuidar do meu coração partido com um pouco de maconha e uma garota... ou duas.

Desliguei com um sorriso. Mas ele desaparece quando percebo que Ronan está completamente fora e sou eu quem terá de acabar com isso. Eu gemo. Não há outra maneira além de machucar o papai?

— Você vai concordar?

Eu pulo com o som da voz calma de Teal. Eu nem percebi que ela estava lá.

— Você está sabendo? — pergunto.

— Agnus mencionou. — Ela estuda suas unhas pretas, sem olhar para mim. — O treze já concordou em se casar com você.

Desde aquele jogo de futebol, Teal costuma chamar os cavaleiros pelos números de suas camisas.

— Eu pensei que você estava com onze?

— Eu estou... mais ou menos — digo. — Eu não vou me casar com Ronan. Só preciso encontrar a maneira apropriada de contar ao papai.

Teal encontra meu olhar, mas permanece em silêncio.

— Papai precisa dessa aliança com a família Astor. O conde tem o melhor título entre o comitê de votação e se ele se comprometer com o papai, todos os outros seguirão seu exemplo.

— Eu sei disso. É por isso que dói tanto e meu cérebro está trabalhando a todo vapor.

— Se você sabe, por que não age? — ela pergunta com curiosidade genuína, como se tudo isso fosse fácil demais.

— Não posso entrar num casamento arranjado quando já tenho outra pessoa em meu coração.

— É por isso que é melhor não ter ninguém em seu coração. Aqueles que mostram fraqueza perdem.

— Depende de para quem você mostra essa fraqueza, Teal.

Ela dá um aceno brusco e passa por mim em direção ao seu quarto. Fico tentada a segui-la e perguntar por que ela está tão chateada hoje – mais do que o normal – mas escolho dar-lhe espaço.

Além disso, estou muito presa na minha cabeça agora.

Meu telefone vibra e meu coração pula de alegria ao ver o nome de Aiden.

Saia pela porta dos fundos.

Eu nem penso. Corro pelo corredor e vou direto para a porta dos fundos usada pela equipe. No momento que saio, uma mão forte envolve minha boca. Eu suspiro, mas o som é abafado. Eu reconheço a pele dura e firme. Meu olhar encontra o de Aiden por um breve segundo e a excitação gira em meus ossos.

Mal consigo olhar antes que ele me pegue e me jogue por cima do ombro como um homem das cavernas. Gritando, seguro suas costas com as duas mãos.

— O-o que você está fazendo, Aiden?

— Estou te sequestrando, querida. Já demorou muito.

Estou sendo sequestrada.

Como alguém reage quando é sequestrada?

Não é como se eu tivesse um manual ou algo assim. Considerando o meu relacionamento com Aiden, eu provavelmente deveria ter comprado um. No fundo, eu sabia que ele faria isso algum dia. Sabia que ele mandaria o mundo se foder e me levaria embora em seu cavalo preto.

Como um sequestrador à moda antiga, Aiden amarrou minhas mãos a minha frente, então elas estão no meu colo. Ele também cobriu minhas mãos com um cobertor para que ninguém visse o que ele fez.

Eu deveria estar grata por ele não ter coberto a minha boca com fita adesiva. Mas, novamente, isso chamará a atenção das pessoas e Aiden é inteligente demais para isso.

O carro acelera para longe como uma bola de demolição. A concentração de Aiden está na estrada. Não há tensão em sua mandíbula ou contração no olho esquerdo. Se eu não o conhecesse bem, diria que ele parece sereno. Pacífico mesmo.

Ah, quem estou enganando? Não existe paz com Aiden. Não quando tenho certeza de que ele já sabe sobre o noivado. Durante a última hora, estive pensando no que dizer, mas estou distraída com seu cheiro e sua presença. Estou perdida em como seu jeans escuro aperta suas coxas musculosas e como seu pulôver cinza realça a cor metálica dos seus olhos. Seu cabelo está desgrenhado de um jeito sexy de quem saiu da cama, embora um pouco de cansaço esteja desgastando sua expressão.

Ouvi dizer que o voo da China para a Inglaterra dura mais de doze horas. Ele deve estar exausto. Ainda assim, gosto do fato de ele ter vindo me ver primeiro.

Ele cruzou os mares por mim.

Apesar das circunstâncias, minha respiração é mais profunda, mais limpa e liberta. A vontade de abraçá-lo e beijá-lo se contorce dentro de mim como se eu estivesse possuída. Quero passar os dedos por seu cabelo, sentir sua leve barba por fazer contra minha bochecha e deixá-lo me possuir.

Totalmente.

Tive uma epifania durante essa separação e a proposta de casamento com Ronan. Sempre pertenci a Aiden e ele sempre pertenceu a mim. Tudo começou há dez anos e continua desde então. Eu era muito teimosa — e medrosa — para admitir.

O fato de Aiden não dizer nada sobre o noivado está me deixando nervosa.

O silêncio de Aiden é muito pior do que suas palavras. Seu silêncio é a calma antes da tempestade e o vento antes do furacão. É como sentir seus membros tremerem logo antes de um terremoto.

A estrada fica deserta quanto mais longe vamos. Pensei que ele me levaria ao Meet Up, mas saímos de Londres.

— Onde estamos indo? — pergunto.

— Um sequestrador não diz à vítima para onde estão indo.

Resisto à vontade de revirar os olhos.

— Você sabe que não tive nada a ver com o noivado.

Silêncio.

— Papai só pediu minha opinião.

— Qual foi a sua resposta?

— Eu ainda não contei a ele.

— Então você está considerando.

Merda. Eu não queria que ele chegasse a essa conclusão.

— Claro que não.

— Você sabe qual é a diferença entre você e eu, Elsa? — Sua voz é áspera, imponente e dura. — Estou completamente comprometido, mas você sempre tem um pé do lado de fora. Mesmo quando estamos juntos, esse seu cérebro está sempre pensando em um plano de fuga.

Suas palavras me atingem com mais força do que deveriam.

É verdade.

Todo esse tempo, sempre lutei contra a ideia de Aiden e eu — mesmo inconscientemente.

— Você não me deu razões fortes para confiar em você — eu sussurro.
— Não é como se eu tivesse resistido a você sem motivo.

— Vamos por esse caminho? Porque eu tinha um motivo mais forte para te odiar. — A calma de sua voz provoca arrepios na minha pele e na minha espinha. — Você me lembrou da mulher que destruiu minha infância, mas não deixei meu ódio vencer. Você deixou sua desconfiança vencer todas as vezes.

— Aiden...

— Eu escolhi você, Elsa. — ele me interrompe, segurando o volante com tanta força que os nós dos dedos ficam brancos. — Eu escolhi você em vez da memória da minha mãe, do meu pai e de tudo que eu sei. Mas você nunca me escolheu.

— Eu não ia concordar com o noivado. — Minha voz treme apesar dos meus melhores esforços para permanecer inalterada.

— Você também não recusou. Se fosse eu, teria feito isso na hora.

— Como você fez com a Silver?

— Foi tudo falso e aconteceu muito antes de você aparecer. Não significou porra nenhuma e você sabe disso. — Seus olhos encontram os meus, sombrios, duros e quase pretos. — Mas você estava ganhando tempo. Você está pensando em algo que deveria ser inegociável.

— Eu estava pensando em uma maneira de recusar sem machucar o meu pai. Finalmente o tenho de volta e não posso causar nenhum dano a ele ou à sua empresa.

Ele dá uma risada sem humor que arranha minha pele como punhais.

— Seu pai, a empresa, sua nova família. Todos eles vêm primeiro. Onde me encaixo na sua lista de prioridades, Frozen? Eu sou uma porra de uma trama secundária?

— Isso não é verdade.

Como diabos posso dizer a ele que meu mundo gira em torno dele quando ele está sendo tão frustrante? Maldito seja ele e a maneira como me irrita.

— Enquanto eu estava do outro lado do mundo, pensando em maneiras de voltar para você mais cedo, você estava pensando em seu *noivado* — ele sussurra a última palavra como se deixasse um gosto ruim em sua boca.

— Eu estava pensando em você, idiota! Eu estava pensando em como minha vida é uma concha vazia sem você nela. Eu estava relendo suas

mensagens na aula porque não conseguia parar de sentir a sua falta. Eu tive que correr na chuva como uma lunática por pensar tanto em você. Então não fique aqui me dizendo que você é uma trama secundária, Aiden. Se você fosse, eu não estaria sentindo tanta dor agora.

Meu peito se agita com a respiração áspera e a tensão das minhas palavras. Viro a cabeça na outra direção, sem querer olhar para ele. O carro entra em uma estrada de terra. Nós balançamos por alguns segundos antes de parar bruscamente debaixo de uma árvore. Se não fosse o cinto de segurança, eu teria caído.

Ainda me recusando a reconhecer sua existência, olho para longe. A chama em minhas bochechas se espalha por todo o meu corpo como um fogo rápido. Aiden coloca dois dedos sob meu queixo. Seu toque é áspero, mas gentil ao mesmo tempo.

— Estou brava com você agora. — Eu me afasto.

— Eu te disse. Podemos ficar bravos um com o outro enquanto eu toco em você.

Quando ele segura meu queixo novamente e me vira para encará-lo, estou pronta para lhe dizer o que penso. A fome em seu rosto me impede. É tangível e crua, tão intensa que minha própria fome responde na mesma moeda. Uma onda de necessidade me domina e um desejo profundo me envolve em suas garras impiedosas.

— Você sentiu minha falta, uh? — Seus olhos metálicos brilham, quase ficando pretos.

— Talvez.

— Talvez é bom o suficiente. — Ele faz uma pausa. — Por enquanto.

Seu polegar roça minha mandíbula e eu sinto a sensação ir direto para os meus mamilos pontudos e para o meu núcleo escorregadio. Minha respiração fica presa, mas essa não é a única coisa anormal. Meu batimento cardíaco está palpitando como um louco. Não tenho certeza se é por causa da minha doença ou do toque de Aiden.

Seus dedos levantam meu queixo e ele captura meus lábios em um beijo lento e suave.

Este não é o momento para ser suave.

Não quero que ele seja gentil e demore na minha boca. Eu quero que ele seja meu *dono*. Quero que ele foda meus miolos como se não pudesse respirar sem mim, assim como eu não consigo respirar sem ele.

Manobrando minhas mãos amarradas, eu as coloco em seu pescoço. Meus

dedos agarram os fios de seu cabelo enquanto empurro minha língua até o céu de sua boca, exigindo mais. Com um gemido, Aiden está em cima de mim. Seus músculos duros achatam meu peito, quase me sufocando.

Ele é demais.

Muito primitivo.

Muito... real.

Ele mexe em algo na lateral do assento e nós dois caímos para trás. Meus olhos se fecham enquanto eu o beijo, meus dedos brincando com os cabelos de sua nuca. Nossas respirações se misturam, ásperas e desenfreadas como uma sinfonia. Arqueio as costas e esfrego meus quadris lentamente contra sua pélvis.

Isso me rende um gemido. Profundo e animalesco.

— Porra, querida. Preciso estar dentro de você — ele grunhe e puxa o cinto, quase o arrancando. — Eu vou te machucar. — Seus olhos escurecidos encontram os meus como um desafio.

— V-você vai? — Pergunto com uma voz pequena e trêmula, cheia de excitação e emoção.

— Oh, eu vou. — Ele sorri, mas ainda é intenso. — E você vai gostar.

Ele empurra minha saia para cima e minha calcinha para baixo. Não sei como ele conseguiu me penetrar, mas ele fez. O impulso brutal estica o meu interior. Não sinto sua plenitude apenas na minha boceta, ela bate diretamente na minha barriga, profundo e duro.

Agarro sua nuca para me equilibrar, meu corpo arqueando para fora do assento. Suas estocadas tornam-se impiedosas e, fiel às suas palavras, dói. Dói muito. É o tipo de dor prazerosa que só Aiden pode me causar.

Como na semana passada, quando continuei sentindo-o dentro de mim por dias. Cada vez que eu me movia, cada vez que me sentava ou corria, ele era uma lembrança constante dentro de mim.

— Eu sou viciado em você. Estou obcecado por você. Estou puto com você. — Com cada palavra, ele atinge meu ponto mais sensível.

Meus choramingos e gemidos vibram contra sua garganta com cada golpe e cada toque de seus lábios contra minha pele aquecida. Ele espalha beijo após beijo na curva do meu queixo, no canto da minha boca e na ponta dos meus lábios. Ele os lambe, os devora, *deleita-se* com eles.

Meus ouvidos zumbiam e meus membros tremiam com a força do meu prazer. O orgasmo me atravessa como uma onda de calor, violenta e incontrolável. Não se trata mais do prazer do corpo. É sobre quem está me

dando esse prazer.

A maldita constatação me atinge.

Estou ferrada.

Não vou conseguir viver sem Aiden King.

Lágrimas invadem meus olhos enquanto seu corpo enrijece e seu esperma cobre meu interior. Ele cai em cima de mim, todo o seu peso cobrindo o meu.

Não são lágrimas de tristeza. Não. Podem até ser lágrimas de felicidade. Podem muito bem ser lágrimas de aceitação. Aiden se apoia nos cotovelos, respirando pesadamente em cima de mim, o movimento do seu peito vibra na minha pele. Ele lambe minhas lágrimas. Uma por cada uma.

— Não chore.

Ele disse isso há muito tempo, não foi? Que dói nele quando estou magoada. Eu acaricio o cabelo da sua nuca e permanecemos assim pelo que parece uma eternidade.

Por um momento, somos apenas eu e Aiden protegidos do mundo.

Até esqueço que estamos em público e alguns carros que passavam poderiam ter visto o que aconteceu com todos os detalhes. Inferno, mesmo que eles não vissem, eles teriam notado o tremor do carro devido aos impulsos bruscos de Aiden.

A verdade é que eu não poderia me importar menos com o que eles viram.

A única coisa que me importa é a pessoa que está em cima de mim, protegendo-me do mundo.

— E agora? — murmuro depois de um tempo.

— Agora voltamos para onde tudo começou.

*Agora voltamos para onde tudo começou.
Acontece que é aqui.*

Minha casa em Birmingham.
O cheiro de pinho e cobre enche o ar como uma névoa espessa. O vento frio e fustigador assobia ao longe e sopra mechas loiras na frente do meu rosto. Um arrepio percorre minha espinha, fazendo meus membros tremerem. Não é por causa do vento ou do frio.

Não.

É o fato de eu estar aqui com Aiden que me atinge com um estranho tipo de terror. O tipo que sangra sob a pele e forja fios ao redor dos ossos.

Estou tremendo como uma folha na chuva torrencial.

Isso traz de volta uma sensação horrível de muito tempo atrás. Posso sentir o gosto picante na minha língua. Naquela época, eu estava na margem, com os dedos dos pés encharcados de água enquanto Eli afundava no lago e nunca mais emergia.

Num segundo ele estava ao alcance do toque, no instante seguinte ele havia desaparecido.

Simples assim. *Ele se foi.*

Essa sensação queima através de mim e me agarra pela garganta, suas unhas arranhando a pele. A sensação me diz sem palavras que o passado se repetirá. Desta vez, vou perder Aiden assim como perdi Eli.

— Por que estamos aqui? — eu pergunto.

— Você disse que quer saber a verdade. — Aiden toca o meu cotovelo.
— Você poderá fazer isso onde tudo aconteceu.

Estou tentada a balançar a cabeça, agarrar Aiden e dizer-lhe para me levar ao hotel mais próximo. Uma parte de mim quer fugir para o mais longe possível deste lugar e das minhas memórias sombrias e fodidas.

Mas, novamente, o que correr fez por mim além de trazer pesadelos e perguntas sem resposta? Se eu continuar sendo covarde, uma grande parte da minha vida desaparecerá. Sempre olharei para o meu reflexo com confusão. Sempre ficarei me perguntando sobre possibilidades e motivos.

Já chega.

Cansei de correr.

Cansei de ser uma covarde. É hora de desvendar meu passado. O lado bom e o lado ruim.

— Você disse que está pronta — Aiden olha para mim com uma sobrancelha perfeitamente levantada.

— Estou — eu o espio através dos meus cílios. — É isso que você quer fazer?

— O que eu quero fazer é amarrar você na minha cama e te foder até que não consiga mais se mover. O que eu quero fazer é me banquetear com sua boceta em vez de comida e encher você com o meu esperma.

As imagens explícitas atacam minha mente e meu núcleo. Eu finjo raiva.

— Aiden!

— Você perguntou. — Ele aperta minha mão e entrelaça nossos dedos.
— O que eu quero pode esperar até você descobrir o que precisa.

Um sorriso surge em meus lábios. Ele pode ser tão encantador às vezes — a palavra-chave é às vezes. É raro como um eclipse.

— Vamos fazer um desvio. — Ele me puxa para trás enquanto caminha na ponta dos pés em direção à entrada dos fundos.

— Por que não podemos usar a entrada da frente? Afinal, esta é a minha casa — sussurro, sentindo de alguma forma que precisamos ficar quietos.

— O pessoal do seu pai estará na porta e o notificará imediatamente da nossa chegada.

Deve ser por isso que estacionou o carro longe do portão da propriedade.

— Por que papai não deveria saber que estamos aqui?

— Eu te sequestrei, lembra? — Ele sorri.

— Essa não é a única razão, é?

— Não podemos ser interrompidos. — Seu olhar percorre a entrada dos

fundos antes de empurrar a porta entreaberta.

Passamos pelo depósito. Ninguém está aqui. Agnus mencionou que, como não moramos em Birmingham no momento, a maior parte do pessoal foi transferida para Londres. No entanto, existem alguns seguranças e uma governanta. Puxo a mão de Aiden. Ele lança um olhar questionador por cima do ombro.

— Não devemos passar pela cozinha. A governanta e o marido estarão lá.
— Eu o puxo na direção oposta. — Siga-me, há um caminho secreto.

Aiden não protesta enquanto eu o guio por um corredor estreito que leva direto para a torre leste. Não hesito enquanto faço as voltas e reviravoltas. Já estive aqui inúmeras vezes.

Devido à ausência de janelas, a única luz que entra é a da abertura da torre. As paredes foram renovadas, mas emanam a mesma escuridão de antes.

Espere.

Eu fiz esse caminho do depósito até o porão todos os dias. Posso imaginar uma garotinha de pele e cabelos pálidos andando sozinha por esses longos e apertados corredores à noite, carregando uma lanterna e lutando para arrastar uma sacola pesada.

— Foi por aqui que vim te encontrar todas as noites — sussurro.

— Imaginei. Eu te disse, a criança Elsa era radical — Seus lábios se entortam em um pequeno sorriso.

— Costumava ser assustador naquela época, tudo escuro e silencioso — deixo escapar. — Eu sempre cantei para mim mesma para não ser capturada pelos monstros.

— Ajudou?

— Não. O fato de eu te encontrar no fim do túnel foi o que me fez continuar. — Olho para ele por cima do ombro. — Você me fez continuar.

— Você me fez continuar também. — O sorriso ainda levanta seus lábios, mas não há alegria por trás dele. Na verdade, ele parece um pouco triste.

Chegamos a um cruzamento. Eu pego o caminho certo sem pensar. Depois de mais alguns minutos de caminhada, paramos em frente a uma porta de metal. É protegido por impressões digitais.

O porão – ou mais especificamente, as escadas que conduzem ao porão.

— É aqui — murmuro, lutando contra o tremor em meus membros.

— De quem é a impressão digital que abre? — Aiden pergunta.

— Minha, papai e de Agnus. — Eu exalo. — Papai me disse que posso vir aqui quando estiver pronta.

— Quem é Agnus?

— O braço direito do papai.

— Então é ele.

— Você o conhece? — pergunto.

— Jonathan o mencionou uma ou duas vezes. Além disso, você sempre falava dele naquela época.

Levanto um dedo trêmulo e erro a tela. Uma luz vermelha pisca para nós. Aiden segura minha mão e lentamente coloca o meu dedo na tela de reconhecimento de impressão digital. A luz verde acende. Nós dois respiramos fundo quando passamos pela porta.

É isso.

Estamos fazendo uma viagem ao nosso passado.

— Espere. — Ele levanta a mão. — Seu telefone.

Eu pisco.

— Por quê?

— Apenas dê para mim.

Franzindo a testa, enfio a mão no bolso e entrego-lhe meu telefone. Aiden pega o próprio celular, desliga os dois dispositivos e os coloca na frente da porta.

— Porque você está fazendo isso?

— Sem interrupções, lembra? — Ele pega minha mão novamente e voltamos a caminhar. Uma luz automática acende nas escadas. Isso é novo. Não havia luzes além da minha lanterna naquela época.

A porta metálica se fecha atrás de nós.

Eu me assusto com o pequeno som e Aiden acaricia as costas da minha mão com o polegar. Dizer que não estou com medo seria mentira. Na verdade estou apavorada. Cada degrau que desço na escada escura de pedra é como aqueles que dei em meu subconsciente durante minhas sessões com o Dr. Khan. O que encontrarei quando chegar ao fundo não será bonito.

Então sinto o toque de Aiden, seu calor, seu apoio silencioso. O fato de ele estar aqui comigo me enche de um estranho tipo de paz.

Eu consigo fazer isso. Se eu quiser ter um futuro com Aiden, preciso primeiro descobrir o passado.

— Você está bem? — pergunta ele.

— Mais ou menos — Eu respiro. — Você não está com medo?

— Não estou com medo, sou cauteloso.

— Você deveria estar. Este lugar deve trazer lembranças horríveis.

— Não, minha cautela não é em relação a este lugar ou às memórias associadas a ele. Sou cauteloso sobre como você reagirá depois de saber a verdade.

Se eu estava ansiosa antes, meu estado de espírito está se deteriorando agora. Chegamos ao pé da escada. Estou sugando ar para meus pulmões enquanto Aiden empurra a porta metálica.

Nós dois congelamos na entrada.

O porão parece muito menor do que na minha memória. Naquela época, era um campo grande, todo escuro, sujo e... horrível.

Mas é assim que as pessoas reagem aos traumas. Tudo é ampliado, tornando-se maior e mais assustador do que realmente é. O porão tem o tamanho de uma sala, talvez de três a quatro metros de comprimento. Uma luz automática brilha nas paredes e no chão cinza escuro. Não há correntes no canto. Papai provavelmente se livrou delas. Um banheiro toma o seu lugar.

Fora isso, todo o porão está vazio. Nem as paredes nem o chão foram renovados; eles parecem exatamente como eu me lembro deles. Está limpo agora. Não há cheiro de mijo e vômito. O ar contém umidade residual e cheiro de cigarros. Quem vem aqui para fumar?

— Te lembra alguma coisa? — A pergunta de Aiden me tira das minhas observações.

Balanço a cabeça e entro. A porta se fecha atrás de nós. Parada no meio, estudo atentamente o que me rodeia, tentando puxar alguma coisa da memória. Este lugar está repleto de lembranças, mas não foi só isso que elas foram para mim. Foram peças preciosas da minha infância. Estou incompleta desde que as apaguei.

Aiden solta minha mão e sinto o vazio antes de poder vê-lo. Ele caminha até o canto com determinação e para em frente à parede. Um arrepio percorre minha espinha e invade minha alma. Mesmo que ele esteja de costas, quase posso ver aquele garotinho acorrentado no canto, com fome, sede e sangrando.

Deus. Eu não acho que posso fazer isso. Estou tentada a agarrá-lo e fugir daqui.

Eu quero protegê-lo.

Na verdade, eu queria protegê-lo desde a primeira vez que coloquei os olhos nele. Ando em direção a ele com as pernas instáveis e envolvo sua cintura com os braços. Seu calor penetra direto no meu coração murcho. Descanso meu rosto em suas costas tensas, cheias de vergões e cicatrizes. As

costas fortes que nunca se curvaram.

A torrente de lágrimas quase toma conta. Se eu ceder a isso e a essas emoções destrutivas, chorarei até domingo. Eu não serei aquela garota. Serei a Elsa de sete anos que trouxe comida para Aiden e se certificou de que ele estava bem.

Serei forte.

— Nós conseguiremos, Aiden. Devemos isso a nós mesmos.

— Eu não me importo, contanto que você esteja comigo — sua mão envolve a minha.

Permanecemos em silêncio por um momento. Ele não se vira e eu não tento liberá-lo.

— Diga-me o que aconteceu naquela noite — murmuro.

— Aquela noite?

— A noite do incêndio. A noite em que perdi você. — Solto um suspiro trêmulo. — Eu quero ouvir a história de você.

Passado

Elsa não apareceu.

Esperei o dia todo, mas não há vestígios dela.

As correntes tilintam atrás de mim enquanto ando pelo cômodo.

Olho para a flecha que ela desenhou na lateral do meu braço e ela está começando a desaparecer. Eu quero mantê-la. Cada vez que vejo isso, lembro-me da expressão concentrada em seu rosto quando ela a desenhou. A linha entre as sobrancelhas. A contração do nariz dela.

Talvez ela não venha mais.

Talvez a mulher vermelha a tenha machucado.

Eu vou salvar você. Sua voz suave ecoa na minha cabeça. *Eu prometo.*

Meus passos aceleram. Ela prometeu não me deixar aqui e eu sei que ela não vai.

Sento-me novamente, meu olhar fixo na porta. A ferida dói e estou quente e febril. A transpiração cobre minha têmpora e costas. Não sei se é por causa do ferimento ou do clima.

Minha cabeça repousa na parede fria, os olhos fechados. Só um segundo. Vou permanecer assim por um segundo.

Eu balanço a cabeça.

E se Elsa vier enquanto eu estiver dormindo?

Ela pode vir agora...

Ou agora...

Devo ter adormecido porque alguém está sacudindo meus ombros. Fico tenso, pensando na mulher vermelha.

Não.

As mãos dela não são macias e pequenas e ela não cheira a algodão doce e Maltesers. No momento em que forço a abertura das pálpebras, o rosto sorridente de Elsa me cumprimenta. O dente perdido dela está começando a crescer.

Ela se inclina, passa os braços em volta dos meus ombros e me abraça. Sua alegria corre entre nós. Mesmo que doa e eu esteja prestes a desmaiar, a energia dela é contagiante. Não posso deixar de sorrir, apesar de não saber por que ela está tão feliz.

É estranho que a felicidade dela me faça feliz?

— Papai voltou para casa! — Ela conta. — Vou esperar até mamãe ir para a cama e então contarei a ele sobre você. Ele vai te ajudar!

Meu sorriso desmancha.

— Você não está feliz? — Ela franze a testa.

— Eu estou.

— Então por que você parece triste?

Porque se o pai dela me ajudar, não a verei novamente. Mamãe nunca passou um dia sem mim, e agora que estou ausente há muito tempo, ela não me deixará sair de novo. Meu pai também fará isso. Ou seja, não verei Elsa tão cedo.

— Sorria. — Ela coloca os dedos indicadores em cada lado da minha boca e puxa.

— Você quer que eu vá? — Eu pergunto.

Ela balança a cabeça freneticamente.

— Eu não quero ver você sangrando e com frio.

— Se eu for, não voltarei.

— Por que não? Você pode voltar. Nós somos amigos. — Seu lábio inferior treme. — Certo?

— Acho que não poderei voltar.

— Vou dizer ao papai para me levar até você.

— Seu pai não gosta do meu pai.

— Eu não ligo. Gosto de você. Papai me dá tudo que eu gosto. — Seus dedos correm pelo meu cabelo. — Esta noite, você não se machucará mais. Espere por mim, ok?

Ela enfia a mão no bolso do vestido e não fico surpreso quando ela pega

um pequeno saco de Maltesers e o coloca na minha mão.

— Vou entregá-los a você.

Ela se levanta, então se agacha e dá um beijo na minha bochecha.

— Espere por mim.

Eu espero.

Depois que ela sai, sento no chão imundo, observando a porta e os Maltesers que ela deixou em minhas mãos. Vou comê-los quando ela voltar. Maltesers são doces demais e não gosto muito deles, mas não contei isso a ela. Elsa fica tão entusiasmada com eles e gosto de vê-la comê-los. Além disso, ela adora quando divido as bolinhas de chocolate com ela.

Meus olhos se fecham e minha pele fica quente e depois fria, mas não durmo. Penso em mamãe e em como ela ficará feliz quando eu voltar. Talvez Jonathan nos leve a algum lugar e faça mamãe feliz.

A porta se abre.

Eu pulo e fico de pé. Não é Elsa.

A mulher vermelha entra, segurando um chicote nas mãos. Ela está usando um vestido vermelho longo e sem mangas. Seu cabelo dourado cai sobre os ombros e seus lábios estão pintados de vermelho brilhante. Até os saltos dela são vermelhos.

Como sangue.

Mamãe costumava me contar sobre o poder das trevas. Ela disse que os monstros reais parecem mais bonitos que os anjos. A mulher vermelha é tão linda quanto o anjo do nosso jardim. Encolho-me num canto, apertando ainda mais o saco de Maltesers. O som dos sapatos da mulher vermelha se aproxima.

— Eli... mamãe está de volta.

Sua voz é calma e sombria como as noites de inverno. Em momentos como este, gostaria de poder sentir o calor de mamãe e ouvir suas palavras suaves.

Se eu fingir ser Eli, ela não vai me machucar.

— Você sentiu falta da mamãe, Eli? — Ela está na minha frente, um sorriso sereno no rosto.

— Eu senti. — *Sinto falta da minha mãe, Alicia.*

Ela se agacha na minha frente e passa as unhas vermelhas no meu rosto. Arrepios surgem em seu rastro.

— Eu disse para você não nadar no lago. Por que você fez isso?

— M-me desculpe.

— Você não vai repetir, ok?

Eu aceno com a cabeça, duas vezes.

Ela sorri e se levanta.

Ufa. Ela não ficou com raiva desta vez. Estou prestes a me sentar quando ela para e se vira tão abruptamente que me encosto na parede.

— O que é isso? — Ela grita, apontando para minha mão.

Os Maltesers.

— N-Nada. — Eu os escondo nas minhas costas.

— Eu disse para você não mentir para mim! — Sua voz ecoa ao nosso redor. Ela agarra minha mão, suas unhas cravando na pele.

Faço o possível para guardar o saco de chocolates, mas ela o arranca de mim.

— Devolva. — Eu olho para ela. — É meu.

— Seu bastardo ingrato. — Ela me dá um tapa na cara.

Caio de lado no chão duro, minha bochecha ardendo.

— Eu te dei tudo, tudo! Mas tudo o que você faz é mentir e brincar no lago quando não deveria!

A primeira chicotada atinge as minhas costas. Algo rasga minha pele e eu grito.

— Mamãe vai consertar isso, Eli. Mamãe vai consertar tudo.

Crack.

Eu lamento. A dor é diferente de tudo que já senti antes. Dói mais do que quando ela cortou meu braço ou quando me acorrentou a parede.

— Pare... — Eu rastejo até o canto, tremendo todo.

Crack. Crack. Crack.

Ela continua e continua... e continua.

Um líquido quente e pegajoso desce pela minha espinha e pinga no chão.

Pinga.

Pinga.

Pinga.

Meus olhos se fecham e uma lágrima desce pelo meu rosto.

Sinto muito, Elsa. Não vou cumprir minha promessa.

Eu ouço a recontagem de Aiden sobre aquele dia. Cada palavra e cada frase é como ser esfaqueada no estômago. É como ser cortada e deixada sangrando no chão. É como estar no meio de um terremoto, enterrada vivo.

Sentamo-nos lado a lado no chão frio, sem nos tocarmos. Aiden não olhou para mim nenhuma vez desde que começou a falar. Seu olhar está perdido na distância, como se ele estivesse vendo os acontecimentos à sua frente. Como se minha mãe estivesse ali, chicoteando uma criança pequena até ela sangrar e desmaiar.

Ele está olhando para o canto como se pudesse se ver; fraco, pequeno e indefeso.

No momento em que ele parou de falar, um silêncio pesado tomou conta da sala.

Silêncio assustador.

Devastador.

Puxo os joelhos contra o peito e resisto à vontade de me esconder e chorar. Não farei isso. Esta é a memória de Aiden, não minha. Foi ele quem sofreu, não eu. Afasto-me dele porque sei que não vou conseguir aguentar por muito tempo e não quero que ele me veja desmoronando.

— Então o que aconteceu? — pergunto em voz baixa.

— Essa parte pertence a você — diz ele. — Não vou te forçar a lembrar.

— Ok — Um longo suspiro sai dos meus pulmões. — Tudo bem — repito porque, aparentemente, minha mente está presa em um loop.

— Elsa?

Ainda estou de costas para ele, então minha expressão não é visível. Existe uma maneira de cavar um buraco para me enterrar?

— O que foi, querida?

Meu peito troveja com explosões e faíscas quando ele me chama assim. Como ele pode me chamar assim depois do que aconteceu? Como ele pode olhar para o meu rosto e ainda estar comigo quando sou tão parecida com ela?

Sua algoz.

Sua torturadora.

— Elsa, olhe para mim.

— Não posso. Eu simplesmente não posso, Aiden. — Eu engasgo com as palavras. — E se você eventualmente me odiar? E se um dia você acordar e perceber que está dormindo ao lado de um monstro?

— Isso nunca vai acontecer, porra.

— Como você sabe disso? Como você pode ter tanta certeza?

— Olhe para mim — ele repete, mas desta vez é uma ordem baixa e profunda.

Eu limpo meu rosto e me viro para encará-lo. A profundidade do desejo em seus olhos me pega de surpresa.

Oh, Deus.

— Com exceção da primeira vez que você entrou no CRE, nunca vi você como sua mãe. — Ele pega minha mão e a segura entre as suas mãos fortes. — Você é a garotinha que me trouxe comida e bebida e seus irritantes Maltesers. Você *não* é a mulher vermelha.

Deixo um soluço escapar, pairando no ar como um machado.

— E no futuro? E se você mudar de ideia?

— Nunca, querida. Você sabe por quê? — Ele enxuga a lágrima sob minha pálpebra e acaricia o canto do meu olho. — Embora você se pareça tanto com ela, você não tem seu olhar vazio ou sua voz assustadora. Enquanto você tiver esse brilho nos olhos, sempre te reconhecerei como *minha* Elsa.

Um peso deixa o meu peito mesmo quando meu coração está sendo dilacerado, sangrando pelo que aconteceu com ele.

— Posso te perguntar uma coisa? — Eu o olho através dos meus cílios molhados.

Ele faz um som afirmativo.

— Eu era violenta naquela época? Quero dizer, algumas crianças dessa idade não mostram sinais de comportamento antissocial?

— Hum. Você não foi violenta em si, mas não perdoou a injustiça. Você obviamente era uma criança solitária como eu, e é exatamente por isso que nos conectamos. A diferença entre nós é que você encontrou dificuldade em controlar e direcionar sua energia. É como se você estivesse presa em uma realidade que não conseguia aceitar.

— E você descobriu tudo isso naquela época?

— Não. Estudei nos últimos anos. — Ele bate na lateral da cabeça. — Não tem vento aqui dentro.

— Obviamente. — Eu sorrio um pouco. — Aposto que está lotado aí dentro.

— Você pode fazer um tour a qualquer momento. — Ele pisca. — Só saiba que não é de graça.

Eu sorrio com a diversão em seu tom.

— Que moeda você aceita?

— Algo simples. Sexo.

Bato o ombro contra o dele, brincando.

— Você só pensa nisso?

— Com você sim. — Ele abaixa minha mão até suas calças e envolve meus dedos em torno de uma protuberância inconfundível. Um gemido escapa de sua garganta.

— Aqui? — Eu suspiro, baixando minha voz como se alguém pudesse ouvir. — Isto é como uma câmara de tortura.

— Tínhamos boas lembranças também. — Ele sorri e seu pau endurece sob minha mão. — Podemos torná-las melhores se você abrir essa boca para mim.

Eu posso dizer não. Até ele entenderia. Devíamos vir aqui para que eu recuperasse minhas memórias e não para chupá-lo. No entanto, minha boca não age como meu cérebro pensa. Sinto essa necessidade avassaladora de lhe dar prazer depois de toda a dor que sentiu.

Eu me ajoelho a frente dele e o seguro com mais força através de sua calça jeans. O grunhido de prazer é tudo que preciso para continuar. Tiro seu cinto e abro sua calça jeans com movimentos frenéticos. No momento em que o libero da cueca boxer, Aiden captura minhas duas mãos em uma.

— O quê? — Eu ofego, confusa. — Eu pensei que você queria meus lábios em volta do seu pau.

— E ainda quero. Primeiro, deite-se.

— Por quê?

— Deite. — Seu tom autoritário é firme e rouco.

O ar ao nosso redor ondula com estática e desejo reprimido enquanto eu faço o que ele mandou, sem ter certeza de onde ele quer chegar com isso.

— Tire a calcinha. Devagar para que eu possa assistir.

A maneira como ele me ordena me deixa com calor e formigamento. Por que seus comandos me excitam tanto?

Enganchando meus dedos em cada lado da calcinha, eu a empurro pelas minhas pernas o mais devagar que posso, embriagando-me com a maneira pecaminosa como ele me observa. Ele é como um predador, pronto para pular e se deliciar com minha carne.

Assim que a calcinha está pendurada em meus dedos, Aiden estende a mão.

— Agora, dê para mim.

Eu entrego e ele a coloca no bolso como se fosse o seu lugar. Por que diabos isso é tão excitante? Ainda mantendo contato visual, ele tira a calça jeans e a cueca boxer. A visão de seu pau duro e latejante faz minhas coxas tremerem. Ele passa a mão da base do pau até a ponta. Estou tão encantada com a visão que minha boca se abre.

— Você vai envolver o meu pau com esses lábios, não é, querida?

Concordo com a cabeça distraidamente, observando a gota de pré-sêmen brilhando na ponta de seu pênis. Quero lambê-lo, chupá-lo e o engolir inteiro.

Ele deita no chão junto a mim, seu pau na minha cara.

— Coloque-o na boca.

Eu não penso duas vezes. Respirando fundo, coloco-o na boca o máximo que posso. Eu lambo e chupo, meus dedos segurando suas bolas. Mal estou me acostumando com seu tamanho quando o ar frio faz cócegas na minha parte mais íntima. A cabeça de Aiden desaparece debaixo da minha saia e seus lábios encontram minhas dobras encharcadas.

O contato íntimo me deixa sem fôlego por um minuto.

— Não pare — ele murmura contra minha entrada, sua leve barba por fazer criando uma fricção áspera sobre o meu sexo molhado.

— Eu prometi que você gozaria em meus lábios enquanto chupasse meu pau.

Um arrepio percorre meu núcleo, tornando-o escorregadio e sensível. Eu uso minhas mãos e lábios para lambar e acariciar seu pau. Aiden se delicia

comigo, provocando o delicado nó antes de entrar e sair da minha abertura. Ele está literalmente me fodendo com a língua.

Fico tão dominada por ele que se torna irreal. Eu não paro de chupá-lo, dando tudo de mim, apesar da quantidade de estímulos que ele está espalhando pelo meu corpo. O pré-sêmen cobre minha língua, salgado e estimulante. Aperto o ritmo e só paro quando ele mordisca meu clitóris. Um arrepio toma conta do meu corpo inteiro enquanto o orgasmo me varre de dentro para fora.

Abro a boca, deixando Aiden empurrar os quadris mais algumas vezes. Ele vai tão fundo na minha garganta que quase não sinto o gosto de nada. Há apenas um gosto residual quando ele sai da minha boca. Estou tão desossada que mal consigo me mover ou pensar. Minhas pálpebras tremem com a intensidade do orgasmo que ele arrancou de mim.

— Venha aqui, querida.

Eu rastejo e caio nos braços de Aiden. Nossas roupas estão espalhadas, nós dois seminus e desgrehados, mas parece certo.

Parece *tão certo*.

Ele puxa minha saia para baixo e se aconchega sem esforço. Seus braços fortes me cercam e eu sei que vou ficar bem.

Assim como naquela época.

Um foco de luz explode na minha cabeça como fogos de artifício.

Assim como naquela época.

As lembranças inundam meu cérebro tão rápido, com tanta força que não sei como pará-las, mesmo que pudesse.

Assim como naquela época...

Passado

Fico escondida na varanda, sem fazer barulho. Papai está conversando com tio Agnus sobre trabalho e outras coisas. Quando ele terminar, vou contar a ele sobre Olhos Cinzentos.

Depois que papai o ajudar, visitarei sua casa e nos tornaremos melhores amigos.

Tio Agnus está ao lado de papai, que está sentado no sofá. Esse tio não gosta muito de ficar sentado. Ele também não gosta de falar muito. O paletó e a gravata do papai estão jogados sobre a mesa; seu rosto parece cansado. Todo mundo tem dito que o tio Reg não existe mais. Perguntei ao tio Agnus o que significa não existir mais, já que ele é irmão do tio Reg, e ele disse que significa que foi para onde está Eli.

Espero que ele cuide dele naquele lugar chamado paraíso.

— Tudo vai dar certo, Ethan. — Tio Agnus aperta o ombro do papai.

— Vai, Agnus. — Papai cambaleia e fica de pé. — Vai sim.

— Onde você está indo? — Tio Agnus o deixa ir.

— Para Elsa. — Ele sorri. — Faz muito tempo que não passo um tempo com a minha princesa.

— Antes disso, há algo que preciso lhe contar.

— Sobre? — Papai para, mas não se vira.

— Abigail. Parece que ela está escondendo o filho de Jonathan.

— *O quê?* — Papai se vira tão rápido que eu estremeço.

Tio Agnus permanece inalterado, sua expressão tão serena como sempre. É como se ele fosse uma rocha sólida na qual papai pode se apoiar.

— Reginald o manteve sob as ordens dela.

A mandíbula do papai tensiona.

— Por que só estou descobrindo isso agora?

— Porque eu também acabei de descobrir. Um dos funcionários ouviu sons perto do porão.

— Sons? — papai repete lentamente. — Que tipo de sons?

— Choramingsos. Choros.

— Porra. — Papai chuta a mesa. — Porra de merda!

— Ela está machucando crianças novamente, Ethan. Você precisa fazer algo sobre isso desta vez. — Ele faz uma pausa. — Se você não fizer algo, Elsa será a próxima.

— Você não acha que eu sei disso? — Os ombros do papai sobem e descem com respirações fortes. — Vou mandá-la de volta para a ala psiquiátrica.

— E desta vez, não a tire de lá, pelo amor de Deus.

— Você quer que eu diga que você estava certo o tempo todo, Agnus? É isso?

— Estou sempre certo, Ethan. Você não estaria nesta situação se me ouvisse e não se casasse com ela.

— Se eu não me casasse com ela, não teria Elsa. Eu repetiria tudo de novo se pudesse escolher. Só que desta vez eu a trancaria pelo bem dela e de todos.

A expressão do tio Agnus não muda.

— Estarei lá embaixo se você precisar de alguma coisa.

— Vá para casa. Verifique Knox e Teal e descanse um pouco. — Papai suspira, passando a mão pelo rosto. — Reginald era um traidor, mas era seu irmão.

— Não reconheço um irmão que te trai. Vou verificar a equipe e a segurança antes de ir. — Tio Agnus acena com a cabeça e sai.

Papai também está indo embora. Droga. Ele não pode ir e não me encontrar na cama.

Além disso, ele tem que ajudar Olhos Cinzentos. Eu *prometi* a ele. Ele deve estar esperando por mim.

— Da...

A palavra morre na minha garganta quando mamãe entra. Ela está usando

seu lindo vestido vermelho com fitas que flutuam na cintura. Seu perfume de cereja cheira mesmo de longe. Lágrimas escorrem por seu rosto, mas ela não parece triste. Ela parece... perdida.

Meus dedos cavam nas cortinas enquanto me escondo atrás da porta do pátio.

— Abby. — Papai volta para a sala deixando-a entrar.

— Ethan... eu acho que machuquei Eli.

— Você machucou Eli, como? — ele pergunta lentamente.

— Ele... ele não parava de sangrar. — Ela mostra a ele as mãos encharcadas de vermelho. — Ele não parava de sangrar, Ethan. Ele não falava mais comigo... eu só queria que ele fosse forte. É errado querer meus filhos sejam fortes? É por isso que levo Elsa para nadar no lago, você sabe.

— Você leva Elsa para nadar no lago? — Papai range os dentes.

Oh, não. Ele ficará com raiva e os monstros aparecerão.

Os olhos de mamãe ficam claros, quase assustadores, enquanto ela caminha até a mesa de papai e se senta atrás dela. Colocando um pé sobre o outro, ela fala em tom determinado:

— Claro que sim. Ela não sabe nadar. Tenho que ensiná-la para que ela não se afogue como Eli. Ela não pode ser uma Steel se for fraca.

— Abby... — Papai grita, mas ele se afasta dela para respirar fundo. — Iremos a um lugar amanhã, ok? Agora vou ver como está o garoto. Jonathan ficaria furioso se algo acontecesse com ele.

Sim! Eu sabia que papai iria ajudá-lo. Ele dá dois passos em direção à porta.

— Pare... — Mamãe chama com a voz trêmula. — P-pare com isso, Ethan. E-eu não vou te perdoar se você tirar Eli de mim.

— Ele não é Eli, Abby. Ele é a porra do único filho de Jonathan. — Ele marcha até a porta. — Voltarei assim que...

Um grande estrondo ecoa pelo ar.

Papai cambaleia para trás e cai contra uma cadeira. Uma grande mancha vermelha explode nas suas costas e na frente de sua camisa branca.

P-papai?

Seu rosto se transforma em total confusão quando ele olha para trás.

Mamãe fica lá, segurando a arma do papai enquanto chora. Ela está chorando tanto que seu corpo treme e a arma quase cai de sua mão.

— P-por que... Abby? — papai resmunga. — Por quê?

— Você não pode tirar Eli de mim. Nem mesmo você, Ethan. Nem

mesmo você... — Ela sai da sala com a arma nas mãos.

— P-papai?

Corro para dentro. Meus pezinhos param.

Sangue.

Uma poça de sangue e papai está nela.

Meus ouvidos zumbem quando me aproximo dele.

— Papai! Você p-prometeu que não me deixaria como Eli.

— E-Elsa... — Ele respira com dificuldade, caindo no chão. — Eu... preciso que você faça algo por mim, princesa.

— Qualquer coisa, papai.

— Corra para o seu tio Agnus o mais rápido que puder.

— Não — eu soluço. — Eu não vou deixar você.

— C-corra!

— Papai!

— CORRA!

De repente, mãos duras me puxam pelos cabelos e os fios são arrancados da raiz. Os olhos azuis maníacos de mamãe fixam-se nos meus.

— Elsa! O que você deu a Eli? O que eu te disse sobre não ir ao porão?

— M-Ma... papai está ferido. — Eu choro. — Ele está ferido.

— Você vai acabar como ele se não fizer o que eu mando. — Ela me arrasta atrás dela.

— Papai! Papai! — eu grito e lamento em seu abraço.

— A-Abby... — ele respira, seu rosto pálido e sem vida, como o de Eli.

— Deixe-a em paz. Ela não fez nada.

— Ela deu chocolate ao Eli e isso faz mal a saúde dele! É por isso que ele não acordava — ela rosna. — Não se preocupe, Ethan, farei dela uma boa menina.

— Abby... — Papai estende a mão em minha direção. Está tudo vermelho. Tão, *tão* vermelho.

Estendo a mão para ele também, lutando contra mamãe.

— Papai!

— Deixe-a... Abby.

— Já voltamos, querido. Amo você. — Ela sorri, embora seu rosto esteja cheio de lágrimas.

Mamãe me arrasta atrás dela. Eu luto contra seu domínio, brigando e chorando. Aqueles monstros nos olhos dela estão rindo de mim. Eles vão levar o papai assim como levaram o Eli. Então, eles vão voltar para me pegar.

— Agora, Elsa. — Ela aperta o meu cabelo. — Nós vamos consertar Eli, ok?

— Papai! — Eu choro, minha voz está tão grossa que chega a ser rouca.

Se eu perder o papai como perdi o Eli, não poderei mais ficar aqui. Não posso ficar com a mãe e aqueles monstros nos olhos dela. Ela me arrasta escada abaixo em direção ao porão. Meus pés tremem quanto mais descemos. A porta bate contra a parede quando ela a abre com um chute. Meus pés se transformam em pedras.

Olhos Cinzentos.

Há uma grande mancha vermelha nas costas de sua camisa. Ele está de frente para a parede e não está se movendo.

Por que ele não está se movendo?

— acorde! — Eu grito. — Você tem que escapar dos monstros nos olhos da mamãe.

Ele nem se mexe.

— Eli, sua irmã está aqui. — Mamãe murmura com uma voz suave, enfiando a mão no bolso do vestido e pegando um molho de chaves. — Vamos, meu bem, vamos lá fora. Você adora ir lá fora.

Olho para as chaves nas mãos dela e depois volto a olhar para Olhos Cinzentos.

— Eli, se você não acordar, a mãe vai ficar brava, ok? — Sua voz endurece, os olhos indo e voltando.

— Vou acordá-lo. — Limpo meu rosto com as costas das mãos. — Dê-me as chaves e eu o acordarei.

— Muito bem, meu bem. — Ela coloca as chaves em minhas mãos. — Você é uma garota tão boa. A garotinha do papai. Eu também era a preferida do meu pai.

Eu não dou ouvidos a ela. Assim que tenho as chaves, corro até o garoto que adicionou cores aos meus dias e solto a braçadeira em seu tornozelo. Sua pele está coberta de vermelho como suas costas.

— Olhos Cinzentos. — Grandes lágrimas caem em seu rosto pálido enquanto eu agarro suas bochechas. — Olhos Cinzentos, por favor... Você... Você prometeu...

Por que todos continuam quebrando suas promessas? Primeiro Eli, depois papai e agora ele.

Sua pele está em chamas. O suor escorre por sua testa e sobrancelhas.

— Você já terminou? — Mamãe pergunta da entrada, sua voz ficando

impaciente. É ruim se a mãe perder a paciência. Ela vai deixar os monstros fazerem o que quiserem.

— Por favor... Por favor... — Eu acaricio seu cabelo preto, empurrando-o para trás. Está suado e úmido.

Ele se mexe, seus olhos se abrindo lentamente. Piscando duas vezes, ele murmura:

— Elsa?

— Sim, sou eu! — Eu o agarro pelo braço. — Vamos, temos que ir.

Ele cambaleia, apoiando-se ligeiramente em mim. Lentamente alcançamos minha mãe. Ela nos observa com um olhar sereno no rosto.

— Meus bebês.

Aiden olha para ela, embora só alcance sua cintura.

— Vá primeiro, Eli. — Eu sorrio para ele. — Mamãe e eu iremos segui-lo. Certo, mãe?

Ela assente lentamente. Ele olha para mim e sibila:

— O que você está fazendo? Temos que deixar a mulher vermelha. Ela tem uma arma.

— Vá, Eli! — Eu o empurro em direção à entrada.

— Não. — Ele enfia os dedos no meu braço. — Iremos juntos.

— Encontro você lá fora — murmuro. — Assim que você conseguir ajuda, eu vou te encontrar.

— Elsa... — Sua expressão é de dor e o apelo em sua voz quase me faz chorar.

Eu não choro. Tenho que ser forte.

— Lembre-se — Eu sorrio. — Você prometeu que se casaria comigo.

Quando ele não se move, eu o empurro para fora e bato a porta atrás dele. Meu peito se agita, subindo e descendo tão rápido quando me encosto na porta. Um estrondo vem do outro lado, depois outro e outro.

Ele está tentando voltar para dentro, mas não vou deixar. Não vou deixar que esses monstros o levem embora. Eu vou protegê-lo.

— O que você está fazendo? Vamos seguir seu irmão — Mamãe franze a testa, apontando sua arma.

— Ele não é meu irmão, mãe. Eli foi para o céu.

Seu rosto se contorce, narinas dilatadas.

— Eu disse para você não falar o nome dele.

— Eli! Eli! Eli! — eu grito. — O nome dele é Eli, mãe! E eu quero dizer o nome dele. Eu quero falar sobre ele. Eu quero...

Ouço o estrondo antes de poder senti-lo. A dor percorre meu corpo de repente como fogos de artifício. Está me queimando por dentro.

— M-Mã...

Ela está apontando a arma para mim, com o rosto cheio de lágrimas. Eles caem em seu lindo vestido enquanto eu deslizo para o chão.

Meus ossos parecem estar sendo esmagados embaixo de mim.

— Elsa... B-bebê... Sinto muito, mamãe, sinto muito. Oh Deus! Oh Deus! O que eu fiz? — Ela se agacha ao meu lado. A arma cai no chão enquanto ela pressiona as mãos sobre o meu peito.

O sangue flui entre meus lábios e sinto gosto de metal quando ela se torna um borrão. A dor toma conta de mim e penetra sob minha pele. Dói, mas talvez esteja tudo bem agora. Porque aqueles monstros desapareceram dos olhos da mãe. Eles desapareceram, devolvendo a minha mãe.

Ela está chorando alto enquanto se atrapalha sobre mim, apertando as mãos e rasgando o vestido para cobrir meu peito.

— PAAAI! — ela grita, sua voz histérica. — É tudo por sua causa, pai. Você me fez assim. Você me matou.

— Mãe...

— Calma, bebezinho, não chore. Tudo vai ficar bem. — Ainda pressionando a mão sobre meu ferimento, ela pega a arma e a coloca sob o queixo. — Mamãe está indo, bebê. Mamãe vai resolver tudo, Eli.

E então ela puxa o gatilho.

E nvolvo Elsa em meus braços enquanto ela chora baixinho em meu peito. Ela está chorando há muito tempo. Quando penso que não virão mais lágrimas, uma nova onda a atinge e ela sucumbe outra vez. Eu sabia que haveria repercussões quando ela se lembrasse de seu passado.

Aquele dia foi o mais sombrio de sua vida. Ela perdeu os pais e uma grande parte de si mesma. Naquela época, pensei que ela também tivesse morrido. Achei que estava tudo acabado. A lembrança daquela época em que não ouvi mais a voz dela tem sido uma parte constante dos meus pesadelos.

É ainda pior do que a mulher vermelha e a sua tortura.

Quando você tem uma luz no meio da escuridão e essa luz diminui até desaparecer, isso te fode. É por isso que meu mundo ficou preto depois disso.

Eu acaricio seu ombro enquanto ela chora baixo. Minha mão desliza sobre a curva de sua garganta e paro em seu pulso vivo e acelerado. É um lembrete constante de que ela está viva, não morta. Sua cicatriz é a prova de que ela não sente aquele inchaço no peito. Seu cabelo loiro brilhante não está encharcado de vermelho como quando ela ficou ali sem vida. É por isso que sou obcecado por essas três partes dela.

Eu a coloco perto de mim e seu corpo treme.

Estou pronto para fazer qualquer coisa para impedi-la de chorar e se agarrar a pedaços do passado. No entanto, tê-la me segurando como se eu fosse sua tábua de salvação desperta a fera dentro de mim.

Pelo resto de nossas vidas, quero ser o único que testemunhará sua quebra e a apoiará durante a tempestade. Quero ser aquele que acalma sua dor

quando ela precisa de calma. Aquele que seca as lágrimas quando elas precisam ser enxugadas. Aquele que a coloca de pé quando ela precisa ser levantada.

Eu quero estar lá para ela, ponto final.

Ela é minha. Só *minha*.

Não é só em seu corpo ou em seu coração que estou interessado, quero sua alma inteira para que ela nunca possa me deixar.

Alguns diriam que isso não é a coisa certa, mas foda-se a coisa certa.

Elsa e eu não nos conhecemos nas circunstâncias certas. Conhecemo-nos por pouco tempo, nos reencontramos e nos tornamos inseparáveis. Talvez chegue um dia em que eu não precise dela tanto quanto preciso de ar. Chegará um dia em que eu acordarei de manhã e o primeiro pensamento não será sobre ela.

Porém, eu duvido. Esse dia só virá com a morte.

Passo a ponta do polegar sob seus olhos inchados, enxugando a umidade. Elsa inclina-se para o meu toque, fechando lentamente os olhos.

Putá merda.

Seus pequenos métodos de demonstrar afeto me pegam sempre. Gosto quando ela para de lutar contra nossa conexão e se aconchega em mim como se eu fosse o mundo dela. Como se ela também não pudesse viver sem mim. Um dia, ela será mais aberta sobre seus sentimentos e o quanto ela me deseja. Um dia, ela vai acordar ao meu lado e me enxergar, não o nosso passado.

Será preciso esforço e muita persuasão, porque o cérebro da Elsa tem uma estrutura diferente da minha. Enquanto eu não dou a mínima para o que aconteceu e apenas veja nosso futuro juntos, Elsa é atormentada pelo passado e não estará inteira a menos que faça as pazes com ele.

Ela está acorrentada a traumas e demônios invisíveis há dez anos. Conhecendo-a, ela deve se sentir culpada por ter apagado suas memórias. Levará algum tempo para ela aceitar o que aconteceu, juntar os cacos e seguir em frente.

Estarei com ela em cada passo do caminho.

— Você... — ela soluça com a respiração instável. — Você acha que teria sido diferente se papai a colocasse na ala psiquiátrica?

— Nunca poderemos saber. A decisão não cabia a nós.

Por alguma razão, isso torna tudo pior, não melhor. A verdade é que, se Elsa e eu estivéssemos no lugar de Jonathan e Ethan, poderíamos ter tomado a mesma decisão errada.

A mente humana não funciona com base em teorias ou hipóteses. Está fortemente acorrentada às circunstâncias. Éramos crianças naquela época. Não sabíamos de nada. Os erros de Jonathan e Ethan são deles. Elsa e eu faremos questão de nunca cometer os mesmos.

Descansando a cabeça no meu bíceps, ela olha para mim com olhos azuis marejados.

— O que aconteceu com você depois disso?

— Eu ouvi os tiros.

— Você ouviu? — ela engasga.

— Eu bati na porta e chamei seu nome, mas você nunca respondeu.

Foi a última vez que chamei o nome dela. Quase posso sentir a dor no peito quando bati naquela porta até os nós dos dedos ficarem ensanguentados.

— Então finalmente consegui abrir a porta. Você e a mulher vermelha estavam ali deitadas — aponto para um local perto da entrada. — Em uma poça de sangue. Você estava do seu lado com um buraco escuro no peito. Metade do rosto da mulher vermelha havia sumido, espalhado pela parede e pelo chão, mas não olhei duas vezes na direção dela. Você sabe por quê? — Enfio meus dedos na cicatriz por cima da blusa. — Você não estava se movendo.

— Sinto muito que você tenha visto isso. — Ela coloca a mão sobre a minha.

— Eu pensei que você estava morta.

— Eu não estou. Estou aqui, Aiden.

Ela está. Isto não é um sonho ou um pesadelo. Ela está aqui comigo.

Como ela prometeu.

— Você encontrou o caminho para sair da mansão? — ela pergunta.

— Não. Acho que desmaiei ou algo assim. A próxima coisa que percebi foi que estava em um hospital e Jonathan estava sentado ao meu lado. Um de seus informantes ou seguranças deve ter me tirado de lá. — Eu sorrio sem humor. — No momento em que abri os olhos e o vi em vez de Alicia, soube que algo estava errado.

Ela envolve meu braço com sua mão pequena.

— Sinto muito por Alicia.

— Pare de se desculpar. — Levanto seu queixo e fico olhando para aqueles olhos hipnóticos. — Você não tem culpa. Também foi uma vítima.

Seu lábio inferior treme como quando ela estava prestes a chorar quando criança.

— Você não me viu como uma vítima, Aiden. Você me disse que iria me destruir na primeira vez que entrei no CRE.

— Naquele dia, vi o fantasma da mulher vermelha. E sim, Elsa. Fiquei com raiva de você por não cumprir sua promessa. Fiquei ainda mais chateado porque você não se lembrou de mim, então queria que você pagasse. — Eu sorrio. — Então eu decidi que você é minha.

— Essa é uma mudança drástica. — Suas feições adoráveis se iluminam.

— Pode ser. — Levanto um ombro.

— E você tem sido um idiota.

— Você ainda me ama.

Suas bochechas ficam vermelhas, mas ela permanece quieta.

— Diga — eu seguro seu queixo com mais força.

— Aiden... — Posso ver hesitação em seus olhos, ouvir o tremor em sua voz. Em breve, ela estará escondida em seu castelo congelado, recusando o acesso de todos.

— Diga, Elsa — meu tom se torna áspero e inegociável.

— Eu te amo, Aiden. Não importa o que aconteça — Ela deixa escapar um suspiro.

— Não importa o que aconteça, uh?

— Sim, idiota. Não importa o que aconteça.

Ela passa o pequeno braço em volta da minha barriga e enterra o rosto no meu peito. Descanso meu queixo no topo de seus cabelos dourados e inalo seu perfume de coco.

— Você costumava cheirar a algodão-doce e verão — digo a ela. — E malditos Maltesers.

— Ei! — Ela empurra meu peito. — Não insulte meus Maltesers. Eu os amo, ok? Além disso, você deveria se sentir honrado por eu tê-los compartilhado com você. Eles são deliciosos.

— Na verdade. Eu só comi porque você ficava enfiando na minha garganta.

— Seu idiota ingrato.

Eu rio, passando meus dedos pelos cabelos dela.

— Eu não os comi desde então.

— Nem eu. Lembro-me de desejá-los quando era criança, mas a dieta rígida de minha tia não me permitia chocolates e doces normais. Mas nunca pedi eles ao meu tio. — Elsa faz uma pausa. — Acho que no fundo eu sabia que não deveria comê-los sozinha.

— Vou comprá-los para você. — Eu sorrio.

— Eu vou dividir com você.

Permanecemos assim por alguns minutos. Por um momento, esqueço que estamos no porão onde a mulher vermelha me torturou e depois morreu. Esqueci-me da visão de Elsa deitada imóvel no seu próprio sangue. Por um tempo, somos só eu e ela encontrando nossas raízes.

Quando a sequestrei, tudo que eu queria era devolver a ela a conexão com seu passado. Não saber o que aconteceria era perigoso e me deixou sem planos alternativos, exceto sequestrá-la de verdade e nunca mais voltar. Não me sinto confortável com o desconhecido. Achei que se ela se lembrasse de que me salvou às custas da morte de sua mãe e de sua própria morte metafórica, ela me odiaria.

— Você se arrepende de me salvar? — pergunto no silêncio do porão.

É a única pergunta vulnerável que me permiti ao longo dos anos. A mãe dela ainda estaria viva se ela não me salvasse.

— Eu me arrependo de muitas coisas, mas salvar você nunca foi uma delas. Você era minha luz e eu tinha que protegê-lo — seus olhos azuis elétricos fixam-se nos meus com um profundo afeto.

— Mesmo que o custo fosse a vida de sua mãe e suas memórias?

— Aquilo era doença mental. Não é sua e nem minha culpa.

Eu assinto uma vez. Duvido que ela realmente acredite nisso, mas vou deixar passar. Temos todo o futuro para revisar isso.

— Quem você acha que me salvou? — pergunta ela.

— Não sei. Eu já estava desmaiado na hora.

Ela morde o lábio inferior como faz quando está em pensamentos profundos. Eu me inclino e a beijo, fazendo-a corar.

— Lembro-me de como mamãe puxou o gatilho, mas não me lembro de ter ouvido sua voz — ela reflete. — Então... Alguém me segurou e... — ela engasga. — Oh, meu Deus! Havia outra pessoa.

Passado

Estou me movendo.
O chão passa sob mim e alguém me segura nos braços.
Papai?

Não. Papai precisa de ajuda.

Está escuro aqui. Não consigo abrir os olhos. Eu não posso falar.

Permaneço imóvel enquanto alguém me carrega. O leve som de passos é a única coisa que ouço.

— Você vai ficar bem. Você é o legado de Steel.

A voz está distante, parece vir de outra sala. Minha cabeça repousa contra o braço que me carrega.

Papai. Salve o papai também.

Olhos Cinzentos saiu em segurança?

Quero fazer essas perguntas e muito mais, mas minha boca não se move. Nada se move.

Um pequeno gemido chega até mim do chão. O som é tão assustador e doloroso que me apavora.

Mãe?

Estou imaginando isso?

O som se repete como um uivo no inverno. Desta vez, quem me carrega para e se vira.

— Você não poderia simplesmente morrer, não é? — A voz soa

desaprovadora, quase irritada. — Você não merece viver, Abigail. E nós dois sabemos disso. Tudo terminará hoje.

Ele avança e os gemidos ficam mais distantes e silenciosos à medida que ele se afasta. Vamos deixar a minha mãe para trás. Por quê?

Estou presa, indo e voltando na escuridão, como se estivéssemos brincando de esconde-esconde. A pessoa avança sem parar. Quero chamar os meus pais, mas não consigo.

Quando penso que nunca vamos parar de andar, ele para e me colocam sobre algo macio.

— Leve-a para o hospital. Ligue para Blair e Jaxon Quinn e observe de longe. Não interfira e apenas certifique-se de que ela esteja segura.

Papai. Papai. Salve o papai.

— Queime toda a mansão — diz a voz em tom firme.

— Há algum sobrevivente lá dentro? — Alguém pergunta.

— Não — diz a voz. — Vamos partir. Agora.

Papai.

Papai ainda está lá.

E mamãe também.

Meus olhos se abrem um pouquinho. Dois homens sobem na traseira de uma van preta. Um deles é o Dr. Shepherd, médico pessoal do papai. Ele se inclina sobre um corpo vestindo uma camisa branca ensanguentada.

É o papai.

Não me deixe.

O outro homem está sentado do outro lado do papai, observando-o atentamente.

— Queime — ele diz a um homem de preto parado perto da van.

O homem fala em sua mão e a mansão pega fogo. Através de olhos embaçados, vejo o homem ao lado de papai. Ele observa a casa sendo devorada pelas chamas e mantém uma expressão neutra, como se não houvesse ninguém lá dentro. Uma pessoa choramingando e pedindo ajuda.

— Vamos — ele ordena e a van voa pela estrada com outros carros pretos a seguindo.

A voz dele.

É ele.

A pessoa que disse à minha mãe que ela não merece viver e que terminaria hoje.

Aquele que está queimando minha mãe dentro da mansão.

Aquele que está levando o papai embora como o céu levou o Eli.
Aquele que não demonstra emoções enquanto faz tudo isso.
Tio Agnus.

33

ELSA

Presente

Eu pulo de pé, meu coração trovejando violentamente em meu peito.
Agnus.
Tio Agnus.

Foi que incendiou a casa e matou minha mãe. Bem, ela se matou, mas ainda não estava morta. Ele mandou incendiar a mansão sabendo que ela estava lá dentro. Ele esteve ao lado do meu pai todo esse tempo e ficou de olho em mim.

Para quê?

Tudo isso é completamente anormal.

Aiden se levanta e coloca minha jaqueta em volta dos meus ombros.

— O que é? Você se lembrou de algo crucial?

Meus olhos se fixam nos seus olhos escuros e minha respiração se acalma um pouco.

— Foi Agnus. Ele salvou a mim e ao papai, mas matou a minha mãe.

— Sua mãe já estava morta. — Um franzido aparece entre suas sobrancelhas.

— Não! Eu ouvi os gemidos dela e ele também quando me carregou para fora do porão, mas você sabe o que ele fez? Ele simplesmente foi embora. Ele a queria morta, Aiden. Ele queimou a mansão enquanto ela estava nela.

Estou tremendo, meu corpo inteiro entrando em algum tipo de choque e raiva ao mesmo tempo.

— Ele a matou... Ele matou a minha mãe.

— Acalme-se, Elsa. — Aiden esfrega meu braço, sua voz forte, mas calmante.

— Não consigo me acalmar! Ele matou a mamãe, Aiden!

— Ela se matou — ele resmunga, mantendo uma paciência que não possuí. — Ela queria morrer.

— Só porque você queria que ela morresse não significa que ela queria morrer.

Seu olho esquerdo se contrai e me arrependo das palavras assim que as digo. O que diabos está errado comigo?

Minha mãe é um monstro aos olhos de Aiden. Ela também era um monstro para mim, mas continuo me apegando ao fato de que em algum momento ela foi minha mãe. Doce e carinhosa e com um sorriso deslumbrante.

— Me-me desculpe, Aiden. Eu não quis dizer...

— Eu nunca quis que ela morresse. Eu só queria que ela me deixasse em paz. — Ele endireita os ombros. — Você está melhor sem ela. Ela atirou em você e em seu pai. O que mais você precisa para deixá-la ir?

Meus lábios tremem e luto contra a necessidade de bater e gritar com ele. Não faço porque ele está certo. Mamãe era insana, mas talvez eu também seja, se não consigo odiá-la completamente. Assim que voltarmos, preciso falar com o Dr. Khan.

E se eu eventualmente me tornar como ela? E se o meu trauma tomar conta da minha vida como o trauma tomou conta da vida dela?

A porta se abre.

Tanto Aiden quanto eu ficamos lado a lado enquanto o recém-chegado entra no porão. Minhas mãos se fecham em punhos aos lados do meu corpo.

Agnus.

Permanecendo na porta, ele coloca as duas mãos nos bolsos. Ele parece diferente agora, mais monstruoso e cruel. Agnus, o braço direito do papai, cuidador de Knox e Teal, nosso salvador, mas ele também é um assassino.

Esse conhecimento torna suas feições mais nítidas, mais jovens e mais severas. Seu cabelo claro está penteado para trás e seus olhos azuis pálidos parecem serenos. Confiante. Exatamente como quando ele ordenou que seus homens incendiassem a mansão enquanto mamãe choramingava dentro dela.

Avanço para cima dele, mas Aiden envolve a mão em meu braço de forma protetora. Agnus tira um cigarro de um maço, mas o mantém entre o

polegar e o indicador sem acendê-lo. Essa deve ser a fonte do cheiro de cigarro no porão.

— Como você sabia que estaríamos aqui? — Eu pergunto.

— Recebo uma notificação direta quando esta porta é aberta.

— Papai sabe disso?

— Ele não precisa. — Agnus faz uma pausa. — Ainda.

A ideia de que papai confia nele queima no fundo da minha garganta como ácido.

— Presumo que você se lembre agora — continua Agnus. — Eu disse a Ethan que você se lembraria se viesse aqui, mas ele é teimoso quando se trata de emoções.

— Você matou a minha mãe — eu respiro, meu rosto pegando fogo.

— Cale a boca, Elsa — Aiden sussurra asperamente, mas só eu posso ouvi-lo. — Não o provoque quando não temos um plano de fuga.

Ele aperta os dedos em meu braço, mantendo-me no lugar e observa o que nos rodeia, provavelmente procurando uma saída.

— O que você vai fazer? — Agnus pergunta com aquela confiança irritante. — Vai contar ao Ethan?

Engulo minha raiva, embora queira arrancar seus olhos. Me mata que este homem tenha estado do lado do papai depois que ele apagou a minha mamãe da face da terra. No entanto, Aiden está certo. Eu tenho que ser racional sobre isso.

— E se eu contar ao papai? — pergunto lentamente.

— Você viu Abigail morta — Agnus gira o cigarro entre os dedos.

— Ela não estava morta. Ela estava choramingando e implorando por ajuda.

— E eu a ajudei.

— Ao queimá-la?

— Oferecendo a ela uma saída, sim. Metade de sua cabeça havia desaparecido. Ela ia morrer de qualquer maneira. — Ele observa o chão como se ela ainda estivesse deitada ali, gemendo de dor. — Além disso, Abigail virou uma morta viva desde o afogamento de Eli. Eu respeito a escolha dela de finalmente acabar com o sofrimento dela e de todos os outros.

— Você não se arrepende, não é?

— A única coisa que lamento é não ter forçado Ethan a mandá-la para a ala psiquiátrica antes. Um erro de cálculo da minha parte, infelizmente. Se ele tivesse feito isso, nem Knox, nem Teal, nem Aiden teriam se machucado. E

você e Ethan não teriam sido baleados e sido separados por dez anos. Então não, Elsa. Não me arrependo de ter eliminado Abigail da vida que ela não queria em primeiro lugar.

Ele é um psicopata, não é?

Se ele se mostra tão desapegado depois de matar alguém, deve ser algum tipo de psicopata. No entanto, ao ouvir seu argumento, posso entender por que ele fez isso. Finalmente posso ver por que Aiden acha que foi a coisa certa.

Mamãe queria matar a mim e ao papai. Ela deixou de ser minha mãe no momento em que Eli morreu. Ela se afogou com ele naquele lago e desde então tentou de tudo para levar todos nós ao inferno dela.

O fato de eu querer que ela vivesse não é apenas um insulto a papai e eu, mas também para as três crianças que ela traumatizou: Knox, Teal e Aiden.

É um insulto à promessa que fiz a Aiden há dez anos.

Eu esperava ter tudo, mas era impossível.

De uma forma ou de outra, mamãe teria acabado com nossa família assim como a família dela acabou.

— Se você se acha tão justo — pergunto a Agnus. — Por que você não contou ao papai o que tinha feito?

— Como você, ele tem sentimentos irracionais por Abigail. Ele gostaria que ela vivesse mesmo depois de ter atirado em vocês dois. — Ele faz uma pausa, ainda girando o cigarro. — Estou ao lado de Ethan desde que tínhamos dez anos. Sei por experiência própria que se ele parar de confiar em alguém, irá excluí-lo completamente de sua vida. Não posso permitir isso.

— E se eu contar a ele? — Tento manter o desafio fora da minha voz.

— Você não vai, Elsa. Ethan perdeu muito. Primeiro Eli, depois Abigail e depois dez anos de sua vida. Ele finalmente acha que pode começar de novo com você, Knox e Teal. Se você contar a ele coisas desnecessárias, ele me excluirá da vida dele, mas não lidará bem com isso. Se você quer ser o motivo por trás disso, então, por favor, vá em frente.

— Você está me ameaçando?

— Estou simplesmente declarando fatos.

— Parece uma ameaça para mim — Eu estreito meus olhos.

— Acredite, não é assim que faço ameaças. — Ele sorri sem humor. — Você tem sorte de estar entre as poucas pessoas que nunca ameaçarei.

Mantemos uma guerra de olhares pelo que parece uma hora. Agnus não recua nem pisca.

Uma pedra. Ele é uma maldita pedra.

— Ele tem razão. — Aiden me encara. — A Steel Corporation permaneceu de pé por causa de Agnus. Se ele for embora, o tiro sairá pela culatra para o seu pai, especialmente com a competição entre ele e Jonathan.

— Você deveria estar do meu lado. — Eu o encaro.

— Eu estou, querida. É por isso que estou dizendo para você deixar suas emoções de lado e dar prioridade ao seu cérebro. — Ele acaricia minha bochecha. — No fundo, você sabe que isto é o melhor a se fazer.

— Vou lhe dar tempo para pensar — Agnus coloca o cigarro entre os lábios. — Não demorará muito para que Ethan descubra que você sumiu. Desativei a capacidade de abrir a porta por dentro. Fique aqui e processe tudo com cuidado, Elsa.

A porta se fecha atrás dele. Aiden corre até a entrada e sobe as escadas, mas é tarde demais. A porta de metal já está piscando em vermelho.

Fico ao lado dele e pressiono meu dedo na tela. Continua piscando em vermelho.

— Porra — Aiden xinga.

— Ele acabou de nos trancar? — Murmuro, espantada.

— Os telefones estão lá fora — Aiden amaldiçoa novamente.

— Eu não posso acreditar que ele fez isso. Papai nunca vai perdoá-lo.

— Ele quer que você pense cuidadosamente sobre o que dizer ao seu pai.

— Aiden olha para mim. — Ele provavelmente não quer machucar você. Se der o que ele quer, poderemos sair.

— Como? Ele nos trancou. — Eu contendo um grito frustrado.

O psicopata.

Não acredito que nunca vi os sinais antes. Achei que sua natureza quieta era porque ele preferia ajudar papai nos bastidores e, enquanto o fazia, também tramava o caos. Mesmo naquela época, Agnus não parecia triste com a morte do tio Reg, seu irmão gêmeo e único familiar. Ele só se importava com o fato de tio Reg ter traído o meu pai ao ficar do lado de Jonathan e ajudar a minha mãe.

Um pensamento assustador gira em meu cérebro.

— E se ele... — Engulo em seco, a ideia me atingindo como um furacão. — E se ele machucar o papai?

— Ele não o salvou para machucá-lo — diz Aiden. — Além disso, pense nisso. Todas as motivações de Agnus levam a Ethan. Ele nunca o machucaria.

— Como você sabe disso?

Ele sorri, um sadismo profundo acende em seus olhos nublados.

— Eu conheço meu tipo quando conheço um.

— Seu tipo?

— Agnus e eu somos iguais. Não nos importamos em criar o caos se isso nos der o que queremos.

— Então ele está planejando o caos?

— Ele já fez isso com aquele incêndio.

— Isso significa apenas que ele é imparável.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Eu sou imparável, querida?

— Você é.

— E quando se trata de você?

— Você ainda é... às vezes. Quer dizer, eu sei que você se preocupa comigo, mas isso não significa que você seja politicamente correto.

— E eu nunca serei. — Ele solta casualmente. — Na sua opinião, eu quero machucar ou proteger você?

— Proteger. — Eu nem hesito.

Aiden pode ter querido me machucar no começo, mas isso mudou. Ele não quer mais me causar dor — exceto durante o sexo, às vezes, mas isso faz parte das nossas preliminares. Aiden é meu protetor número um agora e posso admitir isso em voz alta.

— Agnus é como eu — ele enfatiza cada palavra. — Ele é igual a *mim*.

A constatação me atinge como a erupção de um vulcão.

— Ele quer proteger o meu pai.

— Exatamente.

— Você acha que ele tem sentimentos por ele? Ele é gay? — Eu suspiro.

— Poderia ser. Poderia não ser.

— Quer dizer, eu não notei nada entre ele e papai, mas... — Eu paro, vasculhando minha memória em busca de qualquer momento suspeito, mas não encontro nada — pelo menos olhando de fora.

— Ele pode se importar apenas em ser seu braço direito e melhor amigo — diz Aiden. — Com pessoas como Agnus, você nunca saberá, a menos que ele diga.

Eu reflito sobre suas palavras. Agora que penso nisso, Agnus acolheu Knox e Teal porque papai pediu. Ele me salvou e me observou de longe porque sabe o quanto significa para o meu pai.

Todas as suas ações levam ao bem-estar do meu pai. Bem, tudo menos me trancar em um porão sem saída. Essa realidade me atinge com força quando Aiden puxa e empurra a porta sem resultado.

Estamos presos.

Quando penso na minha vida, fico com a amarga sensação de que não realizei nada. Não tem nada a ver com os nove anos que passei dormindo enquanto o mundo se movia ao meu redor. Sonhei muito com uma vida familiar normal durante aqueles anos. Sobre o sorriso angelical de Abby, as risadas de Eli e Elsa.

Coisas pequenas. Coisas impossíveis.

Porque a verdade é que Agnus estava certo. Comecei uma família com uma mulher mentalmente instável e estava apaixonado demais para pensar direito. Comecei uma família com uma mulher que não deveria ter dado à luz.

Elsa nunca saberá disso, mas foi por causa da negligência de Abby que Eli se afogou. Ela tirou as boias dos braços dele e pediu que ele entrasse na água. Ela disse a ele para ser livre.

Ela me confessou tudo isso no funeral dele.

Talvez seja por isso que Abby perdeu todo o rumo após a morte dele. Sua noção de liberdade era diferente de qualquer um de nós. Abby foi prejudicada desde muito jovem. Ela estava quebrada, mas sorria. Ela era inocente, mas queria ser selvagem.

Ela era diferente, e é exatamente por isso que me senti atraído por ela. Eu era uma mariposa atraída por uma chama que acabou me queimando.

Se eu pudesse mudar o passado, trancaria Abby assim que Elsa nasceu. Eu teria seguido a recomendação do terapeuta e mantido-a longe de crianças. A verdade é que fui egoísta e não há como consertar meu egoísmo agora.

É por isso que parece que não realizei nada em minha vida de quarenta e quatro anos. Os empreendimentos comerciais e o sucesso econômico não contam. Não consegui nem proteger os meus funcionários do incêndio há dez anos.

No entanto, enquanto olho para Teal e ouço suas palavras, não consigo evitar o sorriso que surge em meu rosto. Posso não ter conseguido muito, mas, pelo menos, salvei ela e Knox. Eles são a melhor coisa que aconteceu na minha vida depois da Elsa.

E Agnus.

Deixei Teal terminar de falar. Ela está falando rápido, pulando palavras e botando para fora tudo que pensa. Teal não fala muito, mas quando fala, não sabe como parar. Eu a deixei seguir em frente, porque se eu interromper seu fluxo, ela perderá a cadeia de pensamentos.

— Você não precisa fazer isso — digo assim que ela termina. — Vou encontrar outra maneira.

— Não. — Ela bate o pé enquanto se levanta. — Estou dentro, pai. Eu tomei minha decisão.

— Pense com mais cuidado sobre isso, Teal.

— Eu pensei. É por isso que estou falando com você. Eu quero fazer isso.

— Fazer o quê? — Knox entra, sentando-se no braço da cadeira de Teal.

Eu balanço a cabeça. O garoto é um problema. Ele é tão animado e enérgico que às vezes me deixa maluco. Ele sempre anda por aí dizendo que quer ser meu melhor filho, ameaçando Elsa e Teal para que não ultrapassem os limites. Ele já é, só não falo isso para ele não perder a energia.

Knox tem o hábito irritante de perder o interesse quando consegue o que deseja.

— O que você vai fazer, T? — Ele puxa uns fios de cabelo da irmã. — Não me diga que papai concordou em deixar você furar o umbigo.

— Perfurar o umbigo? — Eu fico olhando para ela.

Ela dá uma cotovelada em Knox, com as bochechas coradas.

— Uh-Oh. Você não sabia disso? — Ele sorri para mim. — Esqueça que eu disse alguma coisa.

— Perfurar sua pele está fora de cogitação, Teal — digo a ela com minha voz severa.

Eles ainda têm traumas com objetos pontiagudos, Teal mais do que Knox. Ela mantém fachada de coragem, mas não vou deixá-la continuar com essa ideia.

— Vá se ferrar, Knox. — Ela o fuzila com o olhar, mas o irmão dá de ombros.

— Onde está Elsa? — pergunto a ela. — Precisamos contar a ela sobre sua decisão.

— Ah, ela saiu ontem à noite. — Knox conta.

— Saiu? — Achei que ela estava no quarto dela esse tempo todo. É por isso que eu não queria incomodá-la.

— Aiden King a levou em seu carro. — Knox balança as sobrancelhas. — Eu os vi quando estava paquerando a vizinha. Ah, quero dizer, cumprimentando a vizinha.

Aiden King a levou.

Meus músculos ficam tensos. Para onde ele poderia tê-la levado durante a noite inteira?

Eu ligo para ela. Não atende.

Porra.

— Você tem os números dos amigos dele? — pergunto a Knox.

— Um segundo. — Ele pega o telefone, digita algo e o coloca no ouvido. — Ei, Ro, você viu o Aiden?

Silêncio.

— Entendo, entendo. Esconda-se bem. Falo com você mais tarde, companheiro. — Ele desliga e me encara. — Nenhum deles o viu. Aiden também não está atendendo. Ronan disse que está escondido em sua casa porque Aiden vai arrancar sua cabeça a qualquer momento.

Isto é ruim.

Se Aiden também não atende, isso pode significar duas coisas: Eles fugiram. Ou foram sequestrados.

Coço o queixo, pensando nas possibilidades. Apesar do fato de o caráter de Aiden ser irritantemente semelhante ao de Jonathan, ele não machucaria Elsa. Não com a quantidade de cuidado e possessividade que vi nos olhos dele em meu escritório.

E Elsa não iria embora sem me informar primeiro.

Isso deixa uma opção: algo aconteceu com eles. Com ou sem consentimento.

Puta merda.

Pego o meu telefone e encontro o nome que não queria contatar até o dia de minha morte. Nossa amizade se transformou em rivalidade por um motivo. Nós dois odiamos perder e fazemos tudo ao nosso alcance para nos tornarmos

o número um.

Mas o destino tem um jeito engraçado de mexer com nossas vidas.

Ligo para o número dele. Ele atende após dois toques:

— Você está pronto para admitir a derrota?

— Temos um problema, Jonathan.

Ficamos sentados aqui pelo que parecem dias. De acordo com o relógio de Aiden, só se passou um dia. Estamos aqui há exatamente trinta e cinco horas e continuamos contando.

Fizemos tudo. Tentamos abrir a porta, gritamos — ou melhor, eu gritei. No entanto, não houve sinal de que alguém viria ajudar.

Houve uma razão pela qual a minha mãe escolheu este lugar. Fica no extremo leste, ninguém vagueia por aqui e tenho quase certeza de que esconde sons de alguma forma.

Minha energia tem diminuído nas últimas horas. Não temos nada além da água da torneira. Sem comida. Sem cobertores. Assim como há dez anos.

Não está frio em si, mas um leve tremor tem percorrido os meus membros desde que a porta se fechou atrás de Agnus. Há um aperto sufocante no meu peito. Agora que penso nisso, saí de casa sem tomar meus remédios no momento em que Aiden me mandou uma mensagem.

Por favor, não se comporte mal agora, coração. É um momento muito ruim.

Aiden está sentado, com as costas contra a parede enquanto eu me aninho entre suas pernas longas e poderosas. Minhas costas estão apoiadas em seu peito e minha cabeça repousa em seu ombro. É estranho como um músculo tão duro pode ser tão reconfortante.

— Talvez ele não volte para nos buscar — sussurro no silêncio. — Talvez ele tenha decidido que é melhor me tirar do caminho.

— Ele vai voltar.

— Como você sabe disso? E se ele sofrer um acidente e morrer e ninguém vier atrás de nós?

— Agora você está sendo dramática, querido.

— É uma possibilidade.

Levanto a cabeça e o observo de perto; sua expressão neutra e olhar tranquilo. Como ele pode estar tão calmo sobre isso? Enquanto eu perdia a esperança, tremia e andava de um lado para o outro, ele ficou sentado aqui como se estivéssemos fazendo um piquenique ou algo assim.

É verdade que ele é mais calmo do que eu, mas esta é uma situação de vida ou morte. Minha cabeça está repleta de imagens horríveis sobre como eles encontrarão nossos cadáveres daqui a alguns meses, deteriorados e fedorentos.

Lágrimas enchem meus olhos. Eu não quero morrer. Agora não. Não quando estou pronta para superar o meu trauma. Não quando finalmente estou conseguindo controlar minha vida.

— Ei. — Os longos dedos de Aiden seguram meu rosto e acariciam meu queixo trêmulo.

— Não consigo parar de pensar em morrer.

— Então vamos ocupar essa sua cabeça com outra coisa. — Ele sorri e meu coração dolorido vibra com faíscas.

— Como o quê?

— Já que você é como um gatinho curioso, vou deixá-la me fazer qualquer pergunta que quiser.

— Qualquer pergunta? — Meus olhos se arregalam.

Ele concorda. Uau. É como ver uma promessa do diabo. Eu me endireito para que minhas costas fiquem apoiadas em seu joelho dobrado.

— E você responderá a todas elas.

Precisamos deixar isso claro, porque “você pode me fazer qualquer pergunta” nas palavras manipuladoras de Aiden também pode significar que ele escolherá não responder.

Seu sorriso se alarga como se ele pudesse ler minha mente.

— E vou respondê-las com uma condição.

Claro.

— Qual? — eu bufo.

— Você tirará uma peça de roupa para cada pergunta que eu responder.

— Ei! Isso não é justo.

— É pegar ou largar — ele levanta um ombro.

Eu deveria saber que o acordo acabaria sendo em seu benefício. Minha jaqueta está no colo dele. Tento recuperá-la. Preciso de todas as peças de roupas que puder conseguir.

Aiden me impede.

— Você já tirou essa. Não conta.

Idiota.

Como minha calcinha já está em algum lugar no bolso dele desde a hora que fizemos o sessenta e nove, isso me deixa apenas com três peças de roupa: minha camisa, minha saia e meu sutiã.

Três itens, três perguntas.

Eu olho para ele.

O idiota deve ter pensado nisso.

Mesmo assim, vou jogar. Ele tem razão. Preciso distrair minha cabeça dos pensamentos sombrios. Minha mente está repleta de todas as perguntas que eu queria fazer, mas ele sempre se esquivava delas. A primeira é fácil.

— Você sente falta de Alicia? — pergunto.

Ele parece imerso em pensamentos por um segundo.

— Às vezes, entro em casa e me pergunto como seria se ela estivesse lá, mas então me lembro que ela ainda estaria casada com Jonathan porque era perdidamente apaixonada por ele e paro de me perguntar.

Interessante.

A falta de empatia de Aiden é como estar em um estado mental lógico e sem emoção vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Esse estado de espírito até o impede de sentir falta da mãe propriamente porque ele acha que ela teria sofrido se vivesse como esposa de Jonathan.

— Tire a camisa — ele ordena naquele tom delicioso e profundo. — E faça de um jeito sexy.

Com um suspiro, desabotoo minha camisa. Eu realmente não sei como ser sexy, então retiro sem pressa, revelando lentamente o volume dos meus seios cobertos pelo simples sutiã de algodão. Aiden me observa o tempo todo com um brilho sombrio e predatório. Sua cabeça se inclina para o lado para ter uma visão melhor.

Meus mamilos endurecem sob seu escrutínio, latejando por atenção.

Agora não.

Deixo a camisa cair no chão, pronta para a próxima pergunta. Estou ansiosa para perguntar desde o momento em que ouvi sobre isso.

— Quem era a garota com quem você e Cole fizeram um ménage?

Ele levanta uma sobrancelha.

— Deixe-me adivinhar, Astor disse que descobriu nosso “fetiche excêntrico”.

— Como você sabe? — Franzo a testa.

— Típico de Astor falar sobre algo que viu quando estava chapado. Nash e eu nunca fizemos um ménage. Nenhum de nós é do tipo que compartilha.

— Mas Ronan disse que viu você.

— O filho da puta estava tão chapado que errou a cor do cabelo dela. Astor me viu mexer nas cordas e pensou que eu a estava amarrando, quando na verdade estava soltando-a e salvando-a do fetiche de Nash. Viu? Posso ser um cavalheiro quando quero estragar alguma coisa.

Aiden e Cole nunca fizeram sexo a três. E eu morrendo de ciúme de uma pessoa imaginária.

— Quem era ela, afinal? — eu pergunto.

— A perdição de Nash — Ele sorri.

A perdição de Nash.

Interessante. Eu me pergunto por que Aiden a chamou dessa forma.

— Agora. — Sua voz se aprofunda com luxúria perversa. — Tire o sutiã e a saia.

— Por que ambos? Eu só fiz uma pergunta — cruzo os braços sobre o peito.

— Duas, na verdade. — Ele sorri com malícia. — Você perguntou quem é a garota com quem eu fiz sexo a três e mesmo depois de confirmar que não transei com ela, você ainda perguntou quem é ela.

Caramba. Eu deveria saber que Aiden iria me preparar uma armadilha em algum momento.

— Um acordo é um acordo, querida. Sua curiosidade é adorável.

— Ah, cale a boca. — Bufando, solto meu sutiã e o deixo cair ao meu lado.

Os olhos de Aiden deleitam-se comigo como se eu fosse sua refeição favorita, aquela que ele pedirá no corredor da morte, antes de ser executado. Tiro a saia e me ajoelho nua na frente dele. Por longos segundos, Aiden apenas me observa. Suas sobrancelhas se juntam sobre os olhos escuros, como se ele fosse um predador vigiando sua presa.

— Hum. — Ele traça o meu mamilo endurecido com a ponta do dedo. — Você está com frio, querida?

Mesmo se eu estivesse, seu toque me deixa quente e formigando.

— Não — eu digo.

— Então eu não deveria te aquecer, uh?

Ugh. Tem como mudar o que eu disse?

— Aiden...

— Hum, querida? — Ele gira meus mamilos entre os dedos, torcendo-os e torturando-os.

Uma onda de prazer atinge meu núcleo e tenho quase certeza de que ele pode ver minha boceta brilhando de excitação. Ele aperta meu mamilo com força. Jogo minha cabeça para trás em um gemido.

— Estou esperando. — Sua voz fica rouca de luxúria. — Havia algo que você queria dizer?

Eu encontro seus olhos com relutância, implorando para ele me foder de uma vez.

— Eu... eu...

— O que você quer? — Ele se inclina e chupa um mamilo. Sua língua gira em volta do bico, lambendo e estimulando.

Meu estômago vibra com mil borboletas.

— Diga que você me quer. — Ele fala contra minha carne macia, sua barba fazendo cócegas em minha pele.

— Quero você. — As palavras saem em uma respiração tortuosa.

Eu sempre ficava uma bagunça quando ele brincava com meus seios. Eles estão latejando e doendo, mas ainda quero mais. Eu quero tudo dele. O bom, o mau e o feio.

Ele arranca o pulôver pela cabeça, bagunçando os fios pretos. Mal registro o vazio em meus mamilos doloridos antes que ele volte a chupá-los, torturando-os com a língua, lábios e dentes. Ao mesmo tempo, ele puxa para baixo tanto a calça jeans quanto o boxer. Seu pau se aninha na minha coxa, quente e pronto.

— O que mais você quer, querida?

Fico distraída pela perfeição do seu pau e pela tensão do seu abdômen. Os músculos duros e poderosos de seus braços e coxas podem me partir em dois se ele quiser. Talvez eu tivesse acreditado nisso há alguns meses, mas não agora. Eu confio em Aiden.

Confio que ele não vai me machucar.

Confio que ele deixará o mundo de joelhos por mim.

— Eu quero ser sua rainha.

— Você já é. — Ele grunhe contra a minha pele e eu fecho os olhos

brevemente com a sensação.

Meus dedos traçam seu antebraço e sua tatuagem de flecha. Aquela que tenho certeza que ele fez por mim. É uma lembrança do nosso passado em sua pele. Assim como as nossas cicatrizes.

Prova de que ambos sobrevivemos.

Somos sobreviventes.

— O que mais você quer? — ele murmura, espalhando beijos por toda a curva dos meus seios, a dureza do meu mamilo e a suavidade da minha barriga.

Quase não é suficiente.

Esquece isso. *Não* é o suficiente.

Quero sentir sua força bruta agora. Quero me perder nele e em sua intensidade; é a única coisa que tenho.

— Me fode, Aiden. — Minhas palavras terminam com um gemido quando ele enfia dois dedos dentro de mim. Estou tão molhada que ele mal encontra resistência.

— Hum. Adoro quando você fica encharcada pra mim, querida. — Ele vai beijando até a minha orelha e depois mordisca a beirinha. — Eu amo que você seja minha. Agora, diga.

— Dizer o quê?

— Que você é minha.

— Eu sou sua, Aiden. — As palavras deixam meus lábios em um murmúrio abafado, como se eu estivesse divulgando meus segredos mais profundos e sombrios.

Porque essa é a verdade, não é? Admitir ser dele de todo o coração é ao mesmo tempo libertador e assustador, mas estou pronta para dar esse passo.

Estou pronta para tudo com ele.

Aiden dobra os dedos dentro de mim, trazendo-me prazer, mas também tocando minha alma e criando um lugar permanente para si.

— Não houve um dia em que você não fosse minha, Elsa. Você é minha desde o primeiro dia em que entrou aqui.

— Sim, sim.

Seus lábios encontram meu ouvido e ele sussurra palavras roucas:

— E eu sempre fui seu.

Meu peito vibra com faíscas e explosões acontecendo ao mesmo tempo. Essas palavras são minha ruína. Eu poderia ter tido um pouco de sanidade antes, mas agora puf! Sumiu.

Meus lábios encontram os dele e o beijam com abandono. Beijo Aiden até os meus pulmões queimarem, exigindo fôlego e meu ar ficar saturado com seu cheiro. Ele tira os dedos do meu sexo e minhas paredes se apertam com a necessidade de mantê-lo ali. Antes que eu possa protestar, ele me manobra para que eu sente em seu colo e desliza seu pau dentro de mim em um impulso implacável.

Eu grito, segurando seu ombro para me equilibrar. Se minhas unhas fossem longas, eu teria arranhado suas costas. Aiden me fode como nunca antes. Seu ritmo vai de impulsos lentos e preguiçosos que tocam minha alma até estocadas rápidas e implacáveis que me fazem quicar em seu colo. Com cada balanço de seus quadris, sou jogada em um estado delirante de prazer, áspero e incontrollável.

O espaço a minha volta está repleto dele. Seu perfume. Sua força. Seu olhar intenso.

Meus músculos se contraem ao redor dele com a força do meu corpo.

— Porra, querida. — Ele xinga sem diminuir o ritmo acelerado. — Sua boceta apertada está estrangulando o meu pau.

Como ele faz isso? Como ele me excita ainda mais com sua conversa safada? O suor cobre minhas sobrancelhas enquanto me esfrego contra ele, tentando acompanhar seu ritmo.

— Você vai gozar mim, querida? — Ele mordisca meu ombro e pescoço, provavelmente deixando chupões. — Vai se apertar toda em volta do meu pau?

Concordo com a cabeça várias vezes enquanto o prazer atinge alturas que não consigo controlar. Eu grito com as ondas violentas que me atingem. É uma loucura, tenho certeza disso agora. Assim como tenho certeza de que não quero que isso acabe. Meus dedos acariciam sua testa enquanto gozo. Passo a ponta dos dedos sobre aquela pequena pinta no canto do olho dele, gravando esse momento na memória.

Aiden desliza um dedo em minhas dobras molhadas, encharcando-o com minha excitação, em seguida, desliza-o até a minha bunda. Pode ser porque estou no meio de um orgasmo, mas no momento em que ele enfia o dedo no meu buraco traseiro, eu grito mais alto, apertando seu pau como nunca antes.

Oh, Deus.

O que está acontecendo comigo?

Aiden não para. À medida que seu dedo estica meu buraco virgem, seu pau empurra mais fundo e com mais força. Quase posso sentir a parede fina

entre seu dedo e seu pau enquanto ele me preenche pelas duas entradas.

Seguro em seus ombros enquanto ele aumenta o ritmo. Ele me inclina para frente para que seu pau roce meu clitóris a cada estocada. Um prazer diferente se acumula no inferior do meu estômago. A pressão de seu dedo na minha bunda diminui à medida que ele provoca meu clitóris.

A fricção me enche de faíscas, todas brilhantes e ofuscantes.

— Porra, você é o meu maior pecado. — Ele move o dedo para dentro e para fora da minha bunda antes de adicionar outro.

Eu suspiro, sentindo-me totalmente preenchida.

Deus.

Oh, Deus.

Por que dói tanto?

— Você é tão apertada. Hum. Eu posso te rasgar se usar o meu pau.

Minha respiração falha com o pensamento, mas minha excitação é mais forte, escorrendo pelas minhas coxas.

— F-Faça — eu sussurro.

Ele pausa, empurrando para dentro e para fora de mim.

— O que você disse?

— Me fode. Inteira.

Seu peito estremece com um gemido que preenche o espaço ao nosso redor, masculino e tão sensual.

— Você será minha? *Toda minha?*

— Sua. Toda sua.

Eu não recebo um aviso. Aiden desliza para fora da minha boceta e bunda. Antes que eu possa me concentrar no vazio, ele me vira.

— Fica sobre os cotovelos e joelhos.

Eu me posiciono na frente dele, meu coração batendo forte no peito.

Tum.

Tum.

Tum.

Aiden coloca a mão no topo das minhas costas e me abaixa ainda mais, então minha bunda fica no ar e ele se coloca atrás de mim. Há pouco tempo, eu teria me sentido constrangida por estar tão exposta para ele. Não mais. Agora, um fogo cobre minha pele, ansiando por mais.

Ele enfia dois dedos na minha boceta. Eu gemo alto e seu pau espalha minha umidade até meu buraco traseiro. Então percebo que ele está usando isso como lubrificante.

— Vai doer — ele pondera. Sua voz tem um tom sádico e sombrio.

Esta é a minha chance de escapar, mas a verdade é que não quero. No fundo, quero que doa. Se Aiden pode admitir o quanto ele me quer perversamente e não se cansa de mim, eu posso fazer o mesmo.

— Continue — murmuro.

— Mesmo que doa?

— Especialmente se doer.

Ele rosna e lentamente enfia no meu buraco apertado. Permaneço imóvel, sem respirar.

— Relaxe — ele geme. — Ceda para mim. Não lute comigo.

Tento ao máximo soltar a tensão em meus ombros. O pau de Aiden mal entrou e já dói. Ele bombeia os dedos dentro da minha boceta, fazendo uma tesoura, e o prazer relaxa meus músculos.

A mão livre de Aiden agarra meu quadril e ele mete dentro de mim de uma só vez. Eu grito, a dor me rasgando de dentro para fora. Lágrimas brotam dos meus olhos.

Oh, Deus.

Isso dói. Uma dor infernal. É ainda pior do que quando ele tirou minha virgindade.

Estou prestes a mudar de ideia, a dizer-lhe para parar, mas então ele começa a se mover. Tanto na minha buceta quanto na minha bunda. Seus dedos encontram seu pau através da parede fina e seu polegar roça meu clitóris.

— Ah... aaaah...

— Você gosta disso, uh? — A voz profunda de Aiden me excita ainda mais.

Movo minha bunda contra sua coxa, precisando de mais. Ele se aproxima e aperta meu mamilo. Eu grito com a sensação torturante.

— Responda — ele ordena.

— Eu... — Suspiro. — Eu gosto.

— Gosta, uh?

— S-sim

— Você gosta mais do meu pau na sua boceta ou na sua bunda?

— Não sei.

— Hum. Eu amo sua bunda tanto quanto sua buceta. — Ele acelera o ritmo. — Nunca pensei que isso seria possível.

— Aiden...

— Você é tão apertada aqui, querida. Mal consigo me mover. Você sente o quanto está estrangulando o meu pau?

A conversa suja de Aiden deve ser contagiante porque tudo que posso dizer é:

— Sim.

Ele bombeia dentro de mim em um ritmo longo e torturante que arranca o prazer de mim.

— Você gosta disso?

— Gosto.

— Então goza para mim — seu tom autoritário me atinge profundamente.

Um turbilhão de prazer me varre como um furacão. Meus nervos estão tão estimulados que gozo duas vezes, ao mesmo tempo. Ou talvez seja um longo orgasmo que se transforma no próximo. Eu nem consigo me controlar. Sou dominada como numa possessão de um poder sobrenatural.

Arqueio as costas, cantando o nome de Aiden como uma oração. Ele poderia muito bem estar tocando minha alma em vez de meu corpo agora.

— Fala que você me ama — ele grunhe perto do meu ouvido enquanto suas estocadas se tornam animalescas.

— Eu te amo — ofego.

Ele me segue pelo penhasco com um grunhido voraz.

— Minha. Você é *toda minha*.

Eu sou.

É inútil negar.

Se nunca encontrarmos uma saída daqui, morrerei feliz sabendo que estou com a pessoa que mais amo. O garoto por quem me apaixonei desde os sete anos.

— Você está tomando Viagra? — Elsa ofega enquanto deita a cabeça no meu braço.

Ela acabou de recolocar as roupas — todas elas — para que eu não a foda mais. É fofo que ela pense que meras roupas vão me manter longe dela.

Nada fará isso.

— Viagra? Sério? — Eu sorrio para ela.

— Porque seu desejo sexual é infinito, mesmo em circunstâncias extremas. Estou toda dolorida. — Ela cora, e incapaz de me conter, aperto sua bochecha.

É impossível parar de desejá-la. Talvez um dia, quando estivermos mais velhos e tivermos fodido de todas as maneiras possíveis, eu consiga me sentir satisfeito.

Mesmo assim, a chance é pequena.

— O que você mais gosta em mim? — ela pergunta com um tom vermelho cobrindo suas bochechas.

— Mais gosto?

— Sabe, o que você acha mais sexy em mim?

Eu rio.

— Você está tentando me seduzir de novo, querida?

— Só me responda. — Ela brinca com a bainha do meu suéter.

Tento pensar nas coisas que mais me excitaram nela. O cheiro de coco em

seu cabelo quando ela sai do banho. O tremular de suas pálpebras quando ela joga a cabeça para trás em um orgasmo. O formato de sua boca quando ela chama meu nome. A suavidade de seu toque quando ela se agarra a mim.

Havia muitas coisas que eu achava sexy e completamente irresistíveis nela. Do franzir do nariz à leve mordida do lábio e direto para o brilho nos seus olhos.

Então, quando se trata de uma resposta específica, é fácil.

— Tudo — eu digo.

— Tudo? — ela pergunta, com a voz cheia de dúvida.

— Sua paixão, sua escuridão, seu fogo e até mesmo sua maldita teimosia. Eu acho tudo isso sexy e não há nada que eu mudaria em você. Então sim, tudo.

Seus lábios se partem e seus olhos suavizam com profunda afeição antes que ela desvie o olhar, como se estivesse escondendo sua reação.

— Você ficou tocada, não é? — Eu cutuco seu braço.

— Cale a boca. — Suas bochechas ficam vermelhas.

— Pague de volta, querida — Eu sorrio.

— Pagar o quê?

— Diga-me o que você mais gosta em mim.

— Não.

É a minha vez de olhá-la com incredulidade.

— Não?

Ela levanta o queixo em desafio, os olhos brilhando.

— É um segredo.

— Você não pode guardar segredos de mim.

— Sim, eu posso. — Ela deita a cabeça no meu braço. — Não posso deixar você perder o interesse em mim.

— Acredite em mim, isso nunca vai acontecer.

— Mesmo assim. Você precisa de um desafio, lembra? Eu serei esse desafio e muito mais.

Eu sorrio para mim mesmo. É por isso que Elsa é única. E é por isso que ela sempre será minha. Ninguém me entende tanto quanto ela.

— Eu mataria por algo para comer agora — sua respiração se acalma e ela boceja.

E então seus olhos se fecham. Seu corpo esbelto se aconchega ao meu lado e seu peito sobe e desce em um ritmo constante. Provavelmente consegui esgotá-la. Era meu objetivo desde o começo. A única maneira de

impedir Elsa de pensar na realidade sombria é distraí-la. É por isso que eu reivindiquei sua bunda virgem, gozei mais uma vez em sua boceta, e então a chupei para relaxá-la ainda mais.

Ela choramingou, dizendo que teria que voltar para a ioga se eu continuasse a fodê-la o tempo todo em posições diferentes.

Afasto os fios loiros da testa dela e dou um beijo no topo da sua cabeça. Seu estômago ronca tão alto que ela estremece, gemendo baixinho. Eu disse que Agnus voltaria, mas já faz quase dois dias.

Meu raciocínio inicial é que ele não fará algo que o queime de vez com Ethan. Deixar-nos aqui por dois dias é extremo, mesmo que ele quisesse dar uma lição em Elsa e forçá-la a não falar sobre a morte de sua mãe.

Mas ainda tenho certeza de que ele não arriscaria a ira de Ethan.

Ele calculou mal o seu plano?

Enquanto eu mantinha Elsa distraída com sexo, nós dois estávamos perdendo energia. Tem um limite para sobrevivermos apenas com água antes que isso se torne um problema. Temos sorte que este lugar não esteja congelante como o lado de fora, mas eu consigo sentir o frio penetrando nos meus ossos vindo do chão.

— Você se arrepende? — ela murmura, suas mãozinhas segurando meu braço.

Gosto de como ela está me segurando com toda a força. Seu corpo inteiro se agarra ao meu como se fosse o lugar mais natural para se estar.

— Me arrepender de quê? — pergunto.

— De me conhecer. Investir em mim. Tudo isso. — ela solta uma respiração entrecortada. — Se você ficasse longe de mim, não estaria aqui.

— Não me arrependo de nada, querida, muito menos de ter conhecido você.

— Você disse que se arrependeu de duas coisas do passado e eu sou a terceira.

— Hum. Você memoriza tudo o que eu te digo?

— Sim — ela diz ironicamente. — Acho que sim.

Considero não contar a ela, mas é inútil construir um muro entre mim e Elsa. Além disso, é melhor mantê-la distraída.

— Quando eu era criança, sempre quis dizer a Alicia para deixar Jonathan. Não o fiz porque vi o quanto ela o amava, e me arrependo de não ter falado. Meu segundo arrependimento é não ter lutado para ficar com você quando você me empurrou para fora desta sala. Meu terceiro arrependimento

é acreditar que você estava morta e não ter procurado por você.

Ela permanece em silêncio, mas concorda.

— E você? — pergunto lentamente. — Algum arrependimento?

Por um segundo, acredito que ela voltou a dormir, mas então sua voz baixa ecoa a minha volta.

— Lamento não ter contado ao meu pai sobre a maneira sutil como mamãe abusou de mim. Ela me levou para nadar no lago em que Eli se afogou e me manteve debaixo d'água até eu achar que morreria. Ela me bateu quando não a obedeci. Naquela época, eu não disse nada porque tinha medo de que papai ficasse bravo com ela e eles brigassem. Não era a coisa certa a fazer. Se papai soubesse da maneira como ela me tratava, ele a teria mandado para a ala psiquiátrica. Ela não teria machucado Knox, Teal e você.

— Você era uma criança e amava sua mãe.

— Você acha que o amor lhe dá o direito de se eximir?

— Eu não sei. E você?

— Às vezes, sim.

Ela me agarra mais forte enquanto fala sobre sua infância e as memórias que ela reprimiu por tanto tempo. A maioria delas são lembranças felizes sobre seu irmão mais velho e seu pai e até mesmo seu tio Reg e tio Agnus.

Conversar é sua maneira de se distrair.

Eu me forço a focar nas palavras dela para esquecer o quanto quero abrir suas pernas e fodê-la mais uma vez. A única razão pela qual eu paro é porque precisamos da energia que nos resta.

Sobrevivência é uma merda.

— Estou feliz por ter te conhecido naquela época — ela diz depois de um tempo. — Você era minha luz na escuridão.

Meu peito se expande com uma mistura de sentimentos estranhos. Nunca pensei que haveria um dia em que Elsa me chamaria de sua luz, mesmo no passado. Eu sempre representei a sombra dos desejos mais obscuros dela e pensei que estava bem com isso. Acontece que sou um bastardo egoísta que quer tudo. Tanto a luz quanto a escuridão dela.

O melhor e o pior dela.

Tudo.

— E agora? — pergunto.

— Agora você é só você. — Ela suspira.

— Ou seja?

— Quer dizer que você me deixa louca, mas eu amo cada segundo disso.

— Você ama cada segundo, uh? — Eu sorrio.

— Sim, babaca. — Ela me empurra, mas então enfia os dedos no meu suéter e me puxa para mais perto para descansar sua bochecha no meu braço. Sua pele está quente.

— Eu falei sério no outro dia, me amar é uma estrada de mão única. Você não pode voltar atrás.

— Ah, eu sei... eu não vou... — Sua voz é baixa.

Ela volta a dormir. Ficamos assim por meia hora até que ela começa a resmungar algo em seus sonhos.

— Elsa? — Eu seguro seu rosto e paro ao sentir a quentura de sua pele.

Achei que o rubor e o calor eram apenas por causa da forma como eu a fodi. Ela está com febre?

— Elsa, abra os olhos.

— Eu te amo, Aiden. Eu realmente, *realmente* amo. — Ela aperta suas pequenas mãos em meu suéter mais uma vez antes que elas caiam de seus lados.

Merda! Merda! Seguro as mãos dela entre as minhas; elas também estão febris.

— Você andou correndo na chuva de novo, Elsa? — Eu xingo baixinho.

Por que diabos ela tem esse hábito estranho de correr na chuva se ela tem um problema cardíaco? A fome e a exaustão devem estar piorando as coisas.

Meus músculos ficam tensos e meu cérebro se enche de mil cenários. Primeiro, preciso manter a temperatura corporal dela baixa. Eu a coloco cuidadosamente no chão e coloco sua jaqueta sob sua cabeça. Ela encolhe as pernas junto ao peito e se curva em posição fetal.

Tiro meu suéter, molho-o com água do banheiro e enrolo-o em volta da cabeça dela. Um gemido deixa seus lábios sem cor. O rubor em seu rosto está ficando pior a cada segundo. Gotas de suor escorrem por sua testa e têmporas. Coloco uma mão em seu coração. A batida começa lenta e depois fica forte em um segundo.

Isso não é bom.

Não é uma febre simples. A condição cardíaca dela está piorando e aposto minha vida que ela não visitou seu cardiologista depois que foi morar com o pai.

Quando ela desmaiou naquele dia depois de correr na chuva, nosso médico de família disse que ela deveria visitar seu especialista o mais rápido possível. Conhecendo Elsa, ela provavelmente não queria preocupar seu pai

assim que se reunisse com ele.

— Porra, Elsa. Porra!

Precisamos sair daqui.

Agora.

Se não for tratada adequadamente, uma simples febre pode ser letal para alguém com problemas cardíacos. Eu sei porque venho estudando muito sobre o assunto desde que descobri a doença dela.

É por isso que tenho sido ainda mais rigoroso que a tia dela sobre sua comida especial. Eu trouxe água com a maior concentração de minerais porque li que é bom. Tenho observado ela enquanto corre, procurando por pequenas pistas sobre sua respiração. No entanto, não consegui impedi-la de correr na chuva, pois ela costuma fazer isso pelas costas de todos.

Pego meu suéter, molho-o novamente com água e depois o enrolo em volta da cabeça dela. Meus lábios tocam sua testa uma última vez antes de eu cambaleiar de pé. Adrenalina dispara em minhas veias e me preenche com um único propósito. Abrirei aquela porta mesmo que tenha que deslocar meus ombros no processo.

Elsa e eu vamos sair daqui.

Não vamos perder nossas vidas neste porão outra vez.

JONATHAN

A o contrário da crença comum, vilões não são maus. Vilões são simplesmente pessoas que vão atrás do que querem, mesmo que isso signifique passar por cima da multidão. Posso ser considerado o vilão dessa história, e estou bem com isso. Mantenho minhas crenças e isso é da conta de ninguém.

Como disse uma vez um político italiano, é melhor ser temido do que amado.

O medo traz eficiência e faz as coisas acontecerem.

O amor é para tolos masoquistas.

Eu já me apaixonei uma vez. É irracional e incontrolável. Talvez seja por isso que estou preso na minha própria cabeça, tramando uma vingança atrás da outra.

Sei muito bem que isso não trará Alicia de volta, mas sigo em frente mesmo assim.

Por quê?

Porque é irracional e incontrolável.

Se eu me concentrar na vingança, não sentirei o vazio. Se eu me concentrar somente na vingança, direciono a dor para fora em vez de para dentro.

Eu estava no aeroporto, pronto para colocar Aiden nos eixos quando o número de Ethan apareceu na minha tela. Pensei que estávamos de volta aos nossos velhos jogos. No entanto, tudo mudou quando ele me disse que Aiden e Elsa estavam desaparecidos.

Já se passaram cinquenta e cinco horas desde que foram vistos pela última vez. Aiden é um merdinha desobediente, mas ele é meu filho e a única coisa que me resta de Alicia. Eu tenho que trazê-lo de volta. A equipe de segurança de Ethan e a minha estão vasculhando todos os lugares onde Aiden e Elsa poderiam desaparecer.

Interrogamos os amigos deles e não descobrimos nada.

Ethan e eu estamos sentados na parte de trás de uma van indo em alta velocidade para onde o sinal de seus telefones foi detectado pela última vez, em algum lugar perto de Northampton.

— O banco? — Ethan pergunta. Sua compostura é uma mera máscara, assim como a minha.

— Negativo. Ele não usou o cartão de crédito.

— Nem Elsa — Ele suspira.

Aiden é inteligente o suficiente para não usar cartões de crédito se quisesse desaparecer. No entanto, nem Ethan nem eu estamos considerando essa opção.

Um. Elsa nunca deixaria seu pai depois do reencontro, nem mesmo por Aiden.

Dois. Se Aiden planejasse escapar, ele teria feito pequenos saques de sua conta bancária nos últimos meses para que eles tivessem dinheiro em mãos.

O que significa que foram levados contra a vontade.

— Aiden a levou — Ethan grita. — Se ele não tivesse levado, nada disso teria acontecido.

— Ela foi com ele. — Eu esfrego minha têmpora. — Pare de fingir que sua filha é uma santa. Ela permaneceu colada nele esse tempo todo, não importa o que eu fizesse.

Ele me olha feio, mas não diz nada. Volto a ler a mensagem da minha equipe de segurança. O carro de Aiden ainda não foi localizado.

Brilhante.

— Onde está seu cachorro? — Cutuco Ethan. — Você perdeu a coleira?

— Cuidado, Jonathan. Não vou permitir que você desrespeite Agnus.

— Alguém ficou sensível.

— Ele salvou Aiden naquele dia — ele diz com uma ponta de presunção.

— Se não fosse por Agnus, você teria perdido seu único filho.

— Agnus, o salvador — eu zombo. — Eu deveria saber que ele te traria de volta à vida. Se há alguém capaz dessa magia negra, é ele.

— Infelizmente para você.

— É um desperdício você ter retornado, Ethan. — Meus ombros ficam tensos enquanto memórias sombrias me atingem. — Eu farei da sua existência um inferno por cada segundo que Alicia passou naquele carro morrendo lentamente.

— Você é cego?

Eu paro, sua resposta me pegando de surpresa. Eu não lido bem com surpresas.

Geralmente, Ethan aceitaria o desafio e me diria que meu plano para a fábrica de Birmingham é a razão pela qual tudo está arruinado. Ele me diria, como Aiden, que o acidente de carro pode ter sido a causa da morte de Alicia, mas ela estava morrendo há anos.

— Cego para quê? — pergunto lentamente.

— Para Aiden e Elsa, seu filho da puta. Você tem observado os dois por mais tempo do que eu, então como é que você ainda não enxergou? Aqueles dois têm compartilhado uma conexão pelos últimos dez anos. Nem você nem eu seremos capazes de quebrá-la.

— Deixe que eu me preocupe com isso.

— Você já os viu jogar xadrez? — Ele levanta uma sobrancelha. — Pois deveria. Pode mudar seus planos.

— Meu filho não ficará com sua filha e ponto final.

— Seu filho sabe dessa informação?

Meu maxilar fica rígido.

— Foi o que pensei. Você está perdendo o controle dele, se é que já não perdeu. Você sabe o que isso significa, Jonathan? — Ethan pergunta, mas é claramente retórico, já que ele continua — Significa que se você continuar a pressioná-lo, ele deixará você e todo o seu legado para trás.

Preciso de todo o meu autocontrole para permanecer calmo e focado. Embora eu odeie admitir, Ethan está certo. Aiden está escapando. Posso levá-lo para longe como fiz na China, mas isso é uma situação única. Se eu quiser mantê-lo ao meu lado, preciso mudar de tática.

— Isso significa que você apoia esse absurdo entre os dois? — batuco o dedo no meu queixo.

— Não, não apoio. Aiden é parecido demais com você e eu preferiria que ele ficasse bem longe da minha filha. Mas você sabe qual é a diferença entre você e eu? Eu considero o bem-estar de Elsa antes do meu.

— Algo deve ter quebrado na sua cabeça enquanto você dormia todos esses anos.

Olho pela janela para as árvores que passam por nós.

— Nós fodemos com tudo, Jonathan. Nós dois. Sou corajoso o suficiente para admitir.

— Que tal você me deixar aquele acordo com os Rhodes, então? — Olho para ele.

— Isso é um acordo comercial; o melhor vencerá. — Ele faz uma pausa. — O passado está no passado. Nossos filhos não devem pagar por nossos erros.

Idiota sentimental.

O telefone dele vibra antes que eu possa dizer alguma coisa.

— Agnus, onde você estava? Estou tentando falar com você o dia todo. — Ethan escuta o outro falar. — Não é hora de seu telefone morrer. Elsa está desaparecida.

Suas sobrancelhas franzem.

— Você me mandou uma mensagem? Tudo bem. Deixe-me verificar. E volte para Londres imediatamente.

Ele desliga, verifica o telefone e então seu maxilar fica tenso. O vazio que senti desde a morte de Alicia me atinge novamente. Só que agora, é mais agudo e mais forte.

Há algo errado com Aiden.

— O que aconteceu? — nem reconheço minha voz.

Ethan me mostra seu telefone.

Agnus: Houve atividade na fechadura do porão da mansão de Birmingham.

— Elsa voltou para o porão — Ethan murmura. — Não faz sentido. Se eles foram há mais de dois dias, por que não retornaram?

— Aiden é um sobrevivente — digo com firmeza.

— Elsa também.

Grito para o motorista mudar de direção para Birmingham.

Tudo termina onde começou.

Estou batendo meu ombro contra a porta de metal há mais ou menos uma hora. Meu ombro esquerdo está deslocado, então troco para o direito. Eu tentei de tudo, desde empurrar até puxar e chutar. É tudo inútil contra uma porra de porta de metal.

Logicamente, eu reconheci isso, mas ainda assim não parei. É a única maneira de sairmos daqui. Enquanto isso, fiquei molhando meu suéter com água e colocando-o em volta da cabeça de Elsa.

Sua consciência ia e voltava, ela continuava murmurando coisas sobre seu irmão, sua mãe e seu pai. Ela estava até mesmo tendo uma conversa com Eli em uma língua que não soava como inglês.

Quanto pior o estado dela fica, mais forte eu chuto a maldita porta.

Bang. Bang. Bang.

O gosto amargo do desespero é uma reminiscência de como me senti quando bati na porta há dez anos. Naquela época, pensei que ela tinha morrido. Naquela época, perdi a esperança.

Mas não agora.

Ela não pode morrer, porra.

— Aiden... — Sua voz rouca é como uma descarga de adrenalina, tensionando meus músculos.

Saio da porta e desço as escadas de dois em dois degraus para alcançá-la. Ela está esparramada de lado, olhos fechados e rosto pálido. Está ainda mais pálida do que antes. Toco sua bochecha e ela está pegando fogo — ainda pior do que antes.

Porra.

Pego meu suéter, jogo água fria nele e o coloco de volta na cabeça dela.

— Aiden... — ela murmura em sua névoa febril.

Suas pupilas se movem rapidamente por trás de suas pálpebras fechadas. Ela deve estar sonhando. Sento-me no chão e deixo meu ombro deslocado pender. Dói pra caramba quando o movo. Minhas tentativas de colocá-lo no lugar falharam miseravelmente.

A dor não importa. Só a garota deitada indefesa na minha frente. Eu me inclino e deponho um beijo casto em seus lábios secos.

— Estou aqui, querida. Sempre estarei aqui.

— Eu te amo, Aiden. — É quase um sussurro, mas me atinge direto em um canto sombrio da minha alma.

Ela me ama.

Elsa realmente me ama.

Nunca me cansarei de ouvir essas palavras saindo da boca dela.

— Fique comigo, Elsa. Você prometeu, lembra? — Pego a mão dela e dou um beijo na palma.

— Você me ama? — ela sussurra.

Capturo sua boca rachada em um beijo rápido, mordiscando seu lábio inferior por mais tempo do que o necessário.

— Diga-me, Aiden... D-diga-me...

— Eu direi quando você abrir os olhos.

— Eu já te disse muitas vezes. Você não é justo.

Eu rio das linhas que se formam na testa dela. Ela está franzindo a testa e sendo teimosa, mesmo quando está febril.

— O que eu sinto por você não é só amor, obsessão ou vício. É tudo isso e muito mais. Você sabe o que isso significa, querida? Significa que eu não posso viver sem você, então não ouse me deixar, porra.

Um pequeno sorriso surge em seus lábios antes de cair por terra. Sua mão fica pesada na minha. Eu verifico o pulso dela, ele tem estado fora de sincronia na última hora. A pele dela ficou assustadoramente branca para alguém com febre.

Depois de um último beijo em seus lábios, começo a me levantar. Vou tirá-la daqui nem que seja a última coisa que eu faça. Mesmo que eu tenha que perder um membro no processo.

O clique da porta ecoa no ar.

Minha cabeça se levanta de repente enquanto passos rápidos descem as

escadas. Nunca pensei que ficaria feliz em ver o rosto de Jonathan.

Dez anos atrás, quando acordei no hospital e vi o rosto dele em vez do de Alicia, fiquei devastado. Mas agora, é o completo oposto. Ele não está trazendo más notícias dessa vez, ele veio para nos ajudar.

Ele para na soleira do porão com Ethan ao seu lado. Quase consigo imaginar o que eles estão vendo. Estou seminu, meu ombro esquerdo caído para um lado. A cabeça de Elsa está no chão enquanto ela murmura algo sem sentido.

— Ela precisa de um médico — ordeno. — Agora.

Eli sorri para mim.

Seu rosto é tão claro e nítido como vidro. Ele tem cabelos são um tom mais escuro que os do papai, e seus olhos são os mesmos do nosso pai também. Ele sempre dizia que era o favorito e eu ia chorando até o meu pai para que ele me dissesse que eu também era a favorita dele.

Sardas cobrem suas bochechas, acrescentando um charme juvenil ao seu rosto.

Eli é tão bonito.

A única diferença é que ele é pequeno. Eu não sou.

Estou vestindo meu uniforme do CRE enquanto estou com ele em nosso jardim, com todas aquelas árvores altas e arames farpados.

— Por que você foi embora, Eli? — Eu sussurro.

— Vamos, chorona. — Ele estende a mão para mim. — Nós vamos nos divertir.

— Divertir?

— Iremos para um lugar onde seremos livres.

Livre.

Eli e eu. Livres.

— Depressa, chorona.

Estou prestes a colocar minha mão na dele quando vozes assaltam meus ouvidos. Lábios firmes pressionam um beijo após outro contra os meus lábios secos.

— Fique comigo, Elsa. Não ouse me deixar, porra.

Aquela voz.

Aquele toque.

— Chorona? — Os olhos de Eli lacrimejam. Eu odeio quando meu irmão chora.

— Fique comigo, Elsa. — A voz...

— Por favor, chorona. Não me deixe sozinho.

— Elsa!

— Eli e Elsa juntos para sempre, certo?

O ataque de ambas as vozes me atinge repetidamente. Tentáculos de dor envolvem meu coração. Não consigo respirar.

Não consigo respirar, droga.

— Traga-a de volta! — A voz grita. — Traga-a de volta antes que eu destrua todo esse lugar.

Há tanta dor naquela voz. Tanta paixão. Tanto... cuidado. Ouvi-lo lutar por mim é como ser levada para as nuvens. É tranquilo, mas assustador.

— Chorona?

A mão de Eli ainda está esticada na minha frente. Sua expressão está voltada para baixo enquanto ele implora.

— Eu não sou mais uma bebê chorona. — Mas quando digo isso, uma lágrima escorre pela minha bochecha. Reconheço o fim enquanto puxo minha mão. — Adeus, Eli.

Ele se transforma em fumaça e desaparece na distância. Fico tentada a alcançá-lo, a passar mais tempo com ele, mas reconheço, no fundo, que este não é o lugar onde eu deveria estar.

Alguém está me esperando.

E tenho uma promessa a cumprir.



No momento em que abro os olhos, uma dor de cabeça ataca minhas têmporas. Fico desorientada por alguns segundos. Preciso piscar várias vezes para focar nas paredes ao meu redor.

Paredes brancas. Cheiro de antisséptico.

O hospital. Estou no hospital.

— Elsa, você está acordada.

A voz do papai filtra-se pela minha consciência. Ele senta-se ao meu lado,

sua barba por fazer parece ter alguns dias.

— Oh, querida. — Minha tia pega minha mão, meu tio está de pé ao lado dela com uma expressão de alívio estampada em seu rosto.

— O que aconteceu? — Minha garganta está áspera e seca, mas as palavras saem claras.

— Você teve febre — Tia Blair fala rapidamente. — O Dr. Albert disse que você teve palpitações. Dependendo dos resultados dos testes, mudar sua dose de remédios pode ser o suficiente por enquanto, mas se houver mais complicações nos próximos meses, ele pode ter que operar. Não acredito que você não nos contou que sua frequência cardíaca está piorando.

— Blair. — Tio Jaxon balança a cabeça para ela.

— Tá bem. — Ela aponta entre papai e eu. — Mas pode apostar que vou te perseguir sobre suas consultas de agora em diante.

— Há quanto tempo estou apagada? — pergunto em voz baixa.

— Dois dias — diz papai.

Dois dias. Uau. Isso é muito.

A tia continua me contando sobre os testes e as recomendações do médico. Ela tem tudo escrito no planner dela e na agenda do tio e do papai para que ninguém esqueça. Estou ouvindo-os, mas algo não parece certo. Eu busco em minhas memórias o que realmente aconteceu.

Aiden me sequestrou. Confere.

Fomos para Birmingham. Certo.

Lembrei-me do passado. Confere.

Agnus apareceu e nos trancou lá dentro. Certo.

Nós fizemos muito sexo. Super certo.

Mas depois disso, é um borrão de cores incompatíveis. Procuro ao redor, mas não há sinal de Aiden. Uma onda de pânico me agarra como aqueles tentáculos do sonho.

— Onde está Aiden? — eu os interrompo com a voz embargada.

— Ele saiu com Agnus para tomar café — diz papai.

— A-Agnus? — eu quase grito.

Por que Agnus passaria um tempo sozinho com Aiden? Ele está planejando algo mais?

Oh, Deus. E se ele decidir machucar Aiden porque o meu pai não gosta dele? E se ele achar, como fez há dez anos, que essa é a melhor solução para todos? Afinal, ele não tem nenhuma amarra moral que o impeça de eliminar pessoas que não se encaixam em seu objetivo maior.

Meu cérebro entra em curto. É impossível ver claramente, muito menos pensar.

— Sim, Agnus. — Papai sorri. — Foi por causa dele que encontramos você. Se eu tivesse verificado a mensagem dele antes, poderíamos ter evitado tudo isso.

Então Agnus contou ao papai.

Estou confusa. O que Aiden disse era verdade? A parte sobre como Agnus não nos machucaria.

— Se olharmos por outro ângulo. — meu tio aperta minha mão. — Talvez seja bom você ter ficado presa aí. Se não tivesse ficado, poderíamos ter descoberto sua condição recente tarde demais.

— Meu Deus, você está certo. — Os olhos de tia Blair se arregalam. — A próxima consulta é daqui a meses. Poderia ter sido tarde demais.

Não consigo deixar de pensar no que disse a Aiden há muito tempo.

Coisas ruins acontecem por um motivo.

A porta se abre. Aiden e Agnus entram na sala, parecendo profundamente envolvidos em uma conversa.

Mergulhados numa maldita conversa.

Eles param quando os olhos metálicos de Aiden encontram os meus. Aqueles olhos que nunca são um vazio quando ele está perto de mim. Seu braço esquerdo está em uma tipoia e ele está segurando um café em sua mão não dominante.

Apesar de Agnus estar ao lado dele, meu coração dispara.

Aiden está aqui.

Tudo vai ficar bem.

Ele joga o café na mesa próxima, sem se importar que ele espirre em sua mão, e corre em minha direção.

Tento me sentar.

Papai e tia começam a protestar. Aiden chega antes deles e coloca uma mão no meu peito, gentilmente me forçando a deitar de novo.

— O que você está fazendo? — Sua voz é firme e inegociável. — Você ainda está fraca e precisa descansar.

Quero dizer que estou completamente bem, mas duvido que consiga a maioria dos votos aqui ou até mesmo um. Até a tia, que não é a maior fã de Aiden, concorda com ele.

— Estaremos lá fora — papai se dirige aos meus pais adotivos. — Blair. Jaxon.

O tio dá um beijo na minha testa e se levanta. Tia Blair acaricia minha bochecha e me cobre até o pescoço.

— Só para você saber, eu não vou sair do seu pé, meu bem. Não me importa o que seu pai e seu tio digam.

Concordo com um sorriso enquanto o tio passa um braço em volta dos ombros dela e a leva para fora. Agnus dá um olhar indecifrável ao meu pai. É estranho como eles conseguem se comunicar sem palavras. Acho que é possível já que eles são melhores amigos desde os dez anos.

— Certo. Elsa, Agnus disse que você tem algo importante para me contar? — Papai para na entrada.

Meu coração martela no peito enquanto olho entre Agnus e Aiden. Este último levanta um ombro, ajustando o cobertor e parecendo alheio à coisa toda.

A expressão de Agnus se mantém completamente vazia.

Por que diabos ele contaria isso ao papai? Ele quer que eu revele o que aconteceu no passado? Ele está pronto para as consequências? Olho nos olhos do meu pai e a decisão é mais fácil do que eu jamais imaginei.

— Eu tenho, pai. — Eu sorrio. — Eu lembro do passado.

Agnus não se move e sua expressão continua a mesma. Ele realmente está pronto, não é?

— Você lembra? — O rosto do papai endurece. Acho que ele não queria que eu lembrasse.

Assim como a tia, ele não gosta que eu seja exposta a todo esse trauma. No entanto, acho que eles entendem que, para superar o trauma, eu precisava ter uma lembrança dele.

— Eu me lembro daquela noite. — Eu aceno na direção de seu braço direito. — Agnus salvou todos nós.

— Isso ele fez. — Papai parece quase orgulhoso. — Ele realmente fez.

Agnus levanta uma sobrancelha na minha direção. Aiden simplesmente sorri, balançando a cabeça. Encaro os olhos insensíveis de Agnus.

— Conversaremos mais tarde, princesa. — Papai sorri para mim, depois para Agnus e sai do quarto do hospital.

— Obrigado — Agnus acena para mim.

— Não estou fazendo isso por você. Estou fazendo pelo papai.

— Minha gratidão ainda permanece. Ethan merece uma filha como você. E então ele sai pela porta.

— Ethan merece uma filha como você — repito com escárnio. — Você

acredita nesse homem sem vergonha?

— Na verdade, acredito. — Aiden acaricia meu cabelo como se não conseguisse parar de me tocar, um pequeno sorriso erguendo seus lábios.

— Ei, por que você continua sorrindo?

— Bem, Agnus tinha certeza de que você contaria a verdade a Ethan porque você é justa como seu pai. Ele até estava encerrando as coisas na empresa. Eu disse a ele que você não contaria.

— Como você pode ter tanta certeza? — Nem eu tinha até agora pouco.

— Porque você ama seu pai, e você é do tipo que se sacrifica por aqueles que ama. Você sabe o quanto Ethan sofreu ao perder sua família e que seria destrutivo para ele perder seu melhor amigo de trinta e quatro anos. Mesmo que você não concorde com o que Agnus fez, você entende por que ele fez isso e sabe que ele nunca o machucará. No fundo, você está confortável que há alguém como Agnus protegendo seu pai.

— Como diabos você me conhece tão bem? — Eu gemo.

— Eu te sigo no Instagram. — Ele pisca para mim.

Não consigo evitar de rir. O som logo se transforma em tosse.

— Ei, pega leve. — Ele afaga minha bochecha, seu polegar acariciando meus lábios. — Se você me der um susto desses mais uma vez, eu juro...

Levantando minha cabeça, cubro a distância entre nós e pressiono minha boca na dele. Eu estava morta por um momento, mas ele me trouxe de volta à vida. Só consigo me sentir viva se ele estiver me tocando. Se ele estiver dizendo meu nome e me chamando de volta à vida. Se ele estiver me contando coisas...

O que eu sinto por você não é só amor, obsessão ou vício. É tudo isso e muito mais.

Eu me afasto de seus lábios com um sobressalto.

— Você... Você por acaso disse que me amava enquanto eu estava febril?

Um brilho surge em seus olhos.

— Talvez.

— Aiden! Isso não é justo. Você deveria me dizer isso enquanto estou consciente.

— Como agora?

— Sim, exatamente como agora. — Eu aceno freneticamente.

— Hmm. Não estou realmente sentindo o momento, mas podemos consertar isso se você me levar de volta ao clima certo.

— Aiden!

— O quê? Este é o seu castigo.

— Tudo bem. Eu topo.

Como se possível, a faísca em seus olhos se acende ainda mais.

— O que você tinha em mente, querida?

— Acho que você vai ter que esperar até eu sair do hospital.

— Sorrateira — Ele sorri.

— Aprendi com o melhor.

Seus lábios retornam aos meus e eu o inalo. O cheiro do hospital desaparece em comparação ao seu perfume e ao seu calor. Meus dedos se enroscam em seu cabelo preto e eu o deixo me devastar e me mostrar o quanto eu significo para ele.

Aiden e eu não somos a escuridão e a luz. Nós dois temos mentes e almas manchadas.

Mas não somos almas gêmeas.

Somos almas perdidas que se encaixam em uma harmonia perfeitamente imperfeita.

E farei tudo o que puder para proteger o que temos.

— Espere — eu digo contra sua boca. — Sobre o que você e Agnus estavam falando antes?

— Estamos planejando algo. Vai ser divertido.

Aiden e Agnus estão planejando algo.

O que diabos dois psicopatas poderiam considerar “divertido”?

Passei alguns dias no hospital.

A quantidade de testes me esgota e nem tenho do que reclamar. Papai e tia Blair ficam ao meu lado como ceifadores, sem me deixar dizer nada. Acontece que Aiden é muito pior do que eles quando se trata da minha saúde. Ele esteve lá em todos os testes, empurrando minha cadeira de rodas de um departamento para o outro. Quando eu disse a ele que podia andar, ele me ignorou e continuou seu caminho.

À noite, porém, ele entrava furtivamente no meu quarto, abria minhas pernas e me chupava como jantar. Ele disse que eu estou fraca demais para ser fodida, mas ele ainda consegue me relaxar com sua língua.

Me relaxar. Até parece.

Tive que cobrir meu rosto com o travesseiro para que papai e tia não ouvissem meus gemidos de prazer do outro lado do quarto. Aiden é um Deus do sexo. Ele não precisa me estimular por muito tempo e logo estou gritando seu nome.

O ombro deslocado dele foi curado. Desde que removeram a tipoia, ele não deixa mais ninguém me tocar. Nem mesmo as enfermeiras. Uma delas me disse que ele é perturbado, e eu concordo. Nunca pensei que gostaria desse lado de Aiden, mas eu gosto. Meu peito vibra ao testemunhar seu cuidado e preocupação comigo. Isso me faz sentir especial e amada.

Afinal, esse é Aiden. Ele nunca mostra esse lado para ninguém, nem mesmo para sua família. Quando Levi e Astrid me visitaram ontem, eles ficaram me perguntando que tipo de feitiço vodu eu usei. Todos os outros

também vieram. Knox e Teal estavam esperando do lado de fora naquele primeiro dia em que acordei e passei a noite.

Hoje, eles estão aqui novamente com os três cavaleiros e Kim.

Aiden espreita no canto, cortando uma maçã para mim, seu rosto calmo. No entanto, a escuridão abaixo da superfície irradia dele em ondas. Eu posso sentir isso sem olhar para ele.

Eu sei exatamente por que seus demônios estão pensando em sair e brincar. Aiden é possessivo — do tipo exagerado. Ele não está nada satisfeito que Ronan, Xander e Knox estejam sentados na cama, me cercando, rindo e brincando sobre coisas mundanas.

Se dependesse de Aiden, todos seriam expulsos — exceto Kim e Teal. Na verdade, até as meninas são discutíveis.

No entanto, como ele sabe que estou feliz com a companhia deles, ele está tentando controlar esse lado dele.

Até agora, ele está tendo sucesso.

Finjo que não estou nem aí enquanto ouço Knox me contar sobre o último jogo deles e sua performance “heroica”.

— Estou te dizendo, Ellie — Knox aponta para si mesmo. — Eu sou o novo artilheiro do Elites.

— Desculpe, companheiro. — Xander sorri, exibindo suas covinhas charmosas. — Essa posição já está tomada por mim.

— Dane-se vocês dois. — Ronan os empurra fisicamente para fora do caminho e pega minha mão na dele. — Você sabe o quão preocupado eu estava, Ellie? Não dei uma festa por uma semana inteira.

— Que compromisso do diabo — Teal murmura de seu assento ao lado de Cole.

Eles são as únicas pessoas calmas neste lugar.

A camiseta do dia de Teal diz: *Eu concordaria com você, mas nós dois estaríamos errados.*

Ronan não lhe dá atenção e continua seu discurso exageradamente dramático.

— *Bah alors*, Ellie. Você não pode se machucar já que vamos nos casar.

— Você quer conhecer seu criador, Astor? — O tom sombrio de Aiden dispara em nossa direção como facas afiadas.

Contenho um sorriso com as costas da mão.

— Não? — Ronan inclina a cabeça como se pensasse seriamente na questão.

Ele se inclina e pega as minhas mãos e de Kim entre as suas.

— Sério, estive rezando para você sobreviver e King não, assim poderíamos ter aquele ménage à trois que combinamos.

— Eu ouvi isso — diz Aiden acima dele.

— Tire a porra da sua mão. — O humor despreocupado de Xander desaparece enquanto ele encara Ronan.

Kim cora intensamente antes de soltar a mão do aperto de Ronan. Aiden sorri para Ronan, mas não há humor algum nisso.

— Essa não é sua mão dominante, Astor? Seria uma pena se de alguma forma não funcionasse amanhã.

Uau. Aiden pode ser realmente assustador se ele quiser.

— Filho da puta doente — Ronan resmunga, largando minha mão.

Pego os lábios de Cole se movendo na minha visão periférica.

— Covarde — ele diz para Ronan.

— *Fais chier, connard.* — Este último mostra-lhe o dedo.

Cole apenas sorri. Ele é como um gato brincando com um rato. Um caçador com uma presa. Ele prepara a armadilha e se senta para observar sua presa sendo capturada.

Estou começando a aprender que Cole só mostra a ponta do iceberg para o mundo. Há muito segredo e escuridão sob a superfície.

Só posso imaginar como é ser inimigo dele.

Arrepios.

Depois de um tempo de brincadeiras e gracejos — e Aiden de cara amarrada no canto — eles se levantam para ir embora, prometendo me visitar quando eu tiver alta amanhã.

— Vocês não precisam vir. — Aiden empurra todos para fora do quarto. Ele pausa junto a Xander. — Você e eu precisamos conversar.

Os olhos oceânicos de Xander se voltam para Kim, que ainda está parada ao meu lado.

Ela empalidece, suas mãos cravando em sua saia antes de puxar as mangas de seu pulôver. Ela tem feito muito isso desde que chegou. Na verdade, ela está com esse olhar selvagem já faz alguns dias. Kim sorri, mas ela é péssima em fingir. Sua expressão desmancha quando ela se inclina para me beijar.

— Você está bem? — Eu agarro a mão dela.

— Quando você sair — Ela engole em seco. — Eu te conto tudo.

— Tá bom.

Ela me abraça novamente, fungando em meu pescoço.

— Tenho sorte de ter você na minha vida, Ellie.

— Eu também, Kim.

Xander não sai. Ele fica parado ao lado da porta, bloqueando-a levemente. Ele não dá passagem e Kim tem que parar.

— Dá para sair? — ela pergunta bruscamente, sem olhar para ele.

— Não. — Ele olha para o topo do cabelo verde dela, cruzando os braços sobre o peito.

— Só saia do caminho, Xan...

— Não diga a porra do meu nome — ele a interrompe.

O rosto de Kim fica vermelho quando ela bate o ombro no ombro dele e passa batido. Ele acena para Aiden e a segue. Aiden continua observando o corredor com aquele olhar calculista antes de fechar a porta e se juntar a mim.

O colchão se move quando ele se senta ao meu lado e passa o braço em volta dos meus ombros.

— Que diabos foi isso? — pergunto a ele. — Por que você disse a Xander que precisava conversar?

— É pelo bem de Reed.

— K-Kim? Ela está em perigo?

— Ainda não.

— Ainda não?

— Eu sei o quanto ela significa para você. — Ele suspira. — Eu vou garantir que ela esteja segura.

— O que diabos isso quer dizer?

— Ouça o lado dela da história primeiro. — Ele afasta meu cabelo do rosto. — E então conversaremos, ok?

Concordo lentamente. Por mais que eu queira que Aiden me conte tudo, Kim é minha melhor amiga. Preciso que ela me conte o que diabos está acontecendo com ela.

Aiden pega o prato com as maçãs cortadas e o coloca na minha frente. Ele volta a ficar de mau humor, mas ainda me alimenta com as fatias. Tento dizer a ele que posso usar minhas mãos, mas ele não escuta. Dou uma mordida e mastigo lentamente. Estudo seu perfil enquanto como. O maxilar forte, os olhos de metal e os fios escuros que estou louca para despentear.

Ele é meu.

Todo meu.

O pensamento me enche de um estranho tipo de poder.

Esse garoto que me disse que me destruiria agora é meu protetor e cuidador número um. Ele faria qualquer coisa para me fazer feliz.

Acabou que seu plano com Agnus era sobre o acordo com Rhodes. De alguma forma, Aiden e o braço direito do papai convenceram Tristan Rhodes de que ele obteria melhores resultados se contratasse a King Enterprises e a Steel Corporation em seus respectivos campos de atuação: King para importações e exportações, Steel para cobre e suas produções em massa.

Jonathan e Dad, ex-amigos e rivais, agora são parceiros.

Esse acordo trouxe um certo tipo de paz ao relacionamento tenso deles. Eu também não preciso mais me preocupar com Jonathan. Levi me contou sobre a ameaça que Aiden fez contra Jonathan. Se ele chegar perto de mim ou interferir em nosso relacionamento novamente, Aiden o deixará sem um herdeiro.

Eu nunca quis que Aiden fosse contra o pai, mas o fato de ele fazer isso por mim faz o meu corpo explodir em um milhão de borboletas.

— Você ainda está bravo pelo que aconteceu mais cedo? — pergunto depois da terceira mordida.

— Hmm. Então você sabia que eu estava bravo.

Ops.

Ele remove a mesa do hospital e se inclina para cima de mim. Antes que eu possa piscar, Aiden agarra meus dois pulsos e os prende no travesseiro acima da minha cabeça.

— Foi divertido, querida?

— Talvez. — Mordo meu lábio inferior, meu coração batendo tão alto que tenho certeza de que ele pode ouvir.

Esse lado de Aiden é meu vício e minha condenação. Adoro sua intensidade e sua loucura. Estou apaixonada por sua mente sombria e alma distorcida.

— Parece que preciso lembrar a quem você pertence. Não é mesmo?

Permaneço imóvel, a excitação e a emoção me preenchendo até o âmago.

— Responda — Sua mão livre acaricia meu lábio inferior.

— Sim.

E então seus lábios reivindicam os meus.

EPÍLOGO - AIDEN

Três meses depois

Energia negativa zumba sob a superfície. Ela aumenta e se espalha a cada segundo. A música alta e as pessoas bêbadas na casa de Astor não estão ajudando.

Knight me passa um baseado, mas eu balanço a cabeça.

Foda-se essa merda.

Estou puto.

E eu sei exatamente por que estou irritado.

Hoje à noite era um jogo de semifinal e Elsa veio assistir e ficou durante todo o jogo. Sim, ela finalmente veio a um dos meus jogos. Desta vez, foi por mim e não por algum outro filho da puta.

Para completar, ela vestiu minha camiseta. Número onze, King. Eu tive que me segurar para não voar para as escadas, tirar aquela camisa e transar com ela na hora. Todas essas pessoas irritantes presentes acabaram com minha fantasia.

Em vez disso, dei tudo de mim durante o jogo. Eu poderia ter marcado dois gols para ver aquele brilho nos olhos azuis dela. Ao contrário da crença comum, eu sei me doar. Eu apenas recebo mais do que dou.

Agora, voltando ao problema real desta noite. Elsa e eu deveríamos ir ao Meet Up onde eu poderia adorar o corpo dela a noite toda. Eu tinha planos que começavam com ela gemendo e terminavam com ela gritando meu nome.

Viu? Um doador.

No último minuto, Elsa decidiu que queria ir à festa do Astor. Eu disse a ele para cancelar, mas o idiota desapareceu em algum lugar para beber e foder — provavelmente ao mesmo tempo.

Estou preso aqui com um Knight mal-humorado que fuma mais maconha que um hippie e resmunga como um velho divorciado pensando na aposentadoria.

Nash desapareceu. Ele tem desaparecido sem aviso ultimamente.

Elsa não está em lugar nenhum. Pego meu telefone e leio nossa última conversa.

Espere por mim na festa do Ronan.

Não.

Vamos. Faça isso por mim?

Ainda é um não.

Por favor?

Vou te foder de todas as formas possíveis. Você não pode mudar de ideia.

Eu não mudei de ideia. Você pode me foder de todo jeito que quiser e mais se esperar na casa do Ronan.

Essa foi a mensagem que me convenceu.

Eu não deveria culpar Nash por pensar com o pau quando eu faço o mesmo às vezes.

Ok, na maioria das vezes.

Elsa enviou essa mensagem há mais de uma hora, mas ela ainda não chegou. Van Doren está no meio da pista, dançando e flertando com todas as garotas que vê. Sua irmã gótica está enfiada no canto, quase se misturando com uma planta. Se o Marquês de Sade e a Branca de Neve tivessem procriassem, ela seria o resultado.

Normalmente, Elsa estaria com eles. Se ela não estiver, sobra apenas uma opção.

Eu cutuco Knight com meu cotovelo.

— Onde está Reed?

— Foda-se se eu me importo.

— Eu não perguntei se você se importava, eu perguntei onde ela está. —

Eu levanto uma mão. — E nem finja que você não sabe onde ela está o tempo todo.

Ele me dá uma olhada.

— Mesmo se eu soubesse, eu não te contaria. Que tal, King?

Esse puto de merda. Estou prestes a arrancar a resposta dele quando meu telefone vibra.

Lembra do nosso quarto na casa do Ronan?

Nem preciso pensar sobre qual quarto ela está se referindo. Só tem um quarto na mansão de Astor que é completamente nosso.

— Ei, Knight?

— O quê? — ele resmunga do seu assento ao meu lado. Ele está sentado ali como um zumbi pela última hora.

— Você sabe o que Reed disse sobre você outro dia?

Os olhos dele brilham pela primeira vez esta noite. Quase me dá pena. Ele mascara sua reação bem rápido, no entanto.

— Eu não me importo.

— Você tem certeza? Era meio tabu.

Seu pomo de Adão move-se quando ele engole. Quando ele fala, sua voz é baixa.

— O que ela disse?

— Mesmo se eu soubesse, eu não te contaria. Que tal, Knight?

Eu sorrio, indo embora. Posso senti-lo me dando um dedo do meio, mesmo sem ter que me virar. Subindo os degraus dois de cada vez, chego ao segundo andar. A música do andar de baixo eventualmente desaparece.

Meus músculos se contraem com a promessa de encontrar Elsa. Não a toco desde ontem e algo parece estranho. Retiro minha ideia sobre a possibilidade de me cansar de Elsa. Isso não vai acontecer. Não nesta vida.

Meus amigos filhos da puta me dizem que sou muito possessivo. Ignoro os comentários deles na frente da Elsa, mas, pelas costas dela, perturbo com a vida deles sempre que posso.

Desde que Elsa recebeu alta do hospital, ela se tornou uma nova pessoa. Para começar, ela está mais aberta sobre sua afeição por mim. Ela está mais exigente quando se trata do que ela acha que é seu direito, mas, acima de tudo, ela está tão envolvida quanto eu.

Agora posso sentir quando ela abre os olhos e sorri em vez de franzir a testa. Quando ela me abraça em vez de se afastar. Ainda moramos separados,

mas pretendo mudar isso quando estivermos na universidade.

O susto que ela me deu no hospital nunca mais vai acontecer. O Dr. Albert, seu cardiologista, tem observado sua condição atentamente. Por enquanto, os medicamentos são suficientes para regular suas palpitações. Ela está estável e saudável, mas ele nos disse para ficarmos de olho nela caso ela esconda a piora de sua condição novamente.

Esqueça a tia, o tio e o pai dela. Eu me tornei muito pior do que eles quando se trata de monitorá-la. Posso dizer que Elsa não gosta às vezes, mas deixei claro que não haverá mais brincadeiras com a saúde dela.

Não há a mínima chance de eu deixá-la correr perigo como naquela vez no porão.

Assim que chego na porta, eu a abro. O abajur de cabeceira é a única luz acesa. Foi aqui que tive Elsa só para mim pela primeira vez e também foi o local da primeira vez que ela envolveu meu pau com seus lábios.

Minhas costas se apoiam na porta enquanto a tranco.

— Querida?

— Aqui — ela chama do banheiro. — Um segundo.

— Aproveite todos os segundos — eu digo de volta enquanto tiro minha jaqueta, minha camisa e depois minhas calças e cuecas boxer.

Se ela acha que estamos aqui para festejar, ela está enganada.

Estou de costas para o banheiro, colocando minhas roupas na cadeira quando braços minúsculos me cercam por trás. Agora eu sei por que ela consegue ser tão quieta quando se move. Ela adquiriu esse hábito há dez anos, quando ela se esgueirava para vir me encontrar.

— Uau — ela respira contra minhas costas. — Você está pronto.

— Estou sempre pronto, querida.

Seus lábios encostam em minhas costas em um beijo casto enquanto ela murmura:

— Eu também estou pronta.

O torso dela colado nas minhas costas está completamente vestido, então ela não pode estar nua.

Nós podemos consertar isso. Eu me viro e congelo. Elsa está na minha frente com o cabelo caindo pelas laterais dos seus seios. Ela está usando minha camisa do Elites com o número onze e meu sobrenome nela.

Ela obviamente não está usando nada por baixo, a julgar pelos bicos visíveis de seus mamilos. A coisa mal cobre sua boceta. Suas pernas longas e atléticas estão completamente nuas enquanto ela se move no lugar.

— O que você acha? — ela pergunta cuidadosamente. — Gosta?

— Se eu gosto? — eu rosno, investindo contra ela como a porra de um homem das cavernas.

Ela grita enquanto eu a pego e a jogo na cama. Seus braços envolvem meu pescoço e suas pernas envolvem minha cintura. Meus lábios encontram os dela em um beijo selvagem, longo e desesperado. Eu passei o dia todo faminto pelo gosto dela.

— Você sabe o quanto me fez esperar, querida?

— Valeu a pena? — ela ofega contra minha boca, seu peito subindo e descendo em um ritmo rápido.

— Porra, sim, mas você vai me compensar. — Eu passo minha língua sobre a concha da orelha dela. — Me prometeram que eu poderia te foder de tudo que é jeito de hoje até domingo.

Ela ri, a luxúria brilhando forte em seus olhos.

— E se eu disser não?

— Eu vou te foder de todo jeito que quiser até segunda-feira.

Desafio surge em seu olhar azul. É um jogo nosso, algo que fazemos quando Elsa quer que eu seja duro e implacável com ela.

— E se eu disser não de novo? — Sua voz é quase um murmúrio.

— Podemos continuar até terça-feira.

Ela enfia a mão entre nós e passa o dedo sobre meu pau. Estava semiduro desde que ela me abraçou. Ao seu toque, meu pau ganha vida em um instante. O traidor de merda está sobre o efeito do Viagra-Elsa. Ela é a única que consegue trazê-lo de volta à vida.

— Porra, querida. Se você não mover sua mão...

— O quê? — ela desafia.

— Vou te amarrar — sussurro sombriamente em seus ouvidos e sinto sua inspiração aguda.

Não fazemos isso com frequência, mas sempre que fazemos, Elsa se solta completamente. Minha pequena Frozen se excita em ter o controle tirado dela durante o sexo. Ela está lentamente admitindo esse fato para si mesma.

Pequenos passos.

Ela solta meu pau e se move para tirar a camiseta. Eu agarro a mão dela, parando-a no meio do caminho.

— Eu vou te foder com meu nome marcado em você, depois você vai me cavalgar usando a camisa. Então eu vou tirá-la, amarrar suas mãos com ela e foder sua bunda.

Um tom vermelho cobre suas bochechas. Eu me deleito com sua reação às minhas palavras enquanto ela mordisca o lábio inferior.

— Até domingo?

— Até domingo, querida.

Meus lábios encontram os dela enquanto eu a penetro de uma só vez. Meu abdômen se contrai com a força implacável da estocada. Ela se arqueia para fora da cama. Seus braços e pernas me envolvem como uma corda. Em momentos como esses, quando Elsa e eu somos um, o mundo inteiro desaparece.

A necessidade de possuí-la cresce sob minha pele e se infiltra em meus ossos. É mais do que uma obsessão ou mesmo um vício. É luz na escuridão me queimando de dentro para fora. Quanto mais ela se agarra a mim como se eu fosse sua âncora, mais forte eu caio em seu calor.

Estar com Elsa é exatamente como era há dez anos. Ela sempre trouxe paz para minha cabeça caótica.

A única diferença é que me tornei mais perverso em relação à companhia dela. Beijos e abraços não são mais o suficiente. Agora, ela é minha, corpo, coração e alma.

Primeiro, ela se gravou sob minha pele, depois em meu cérebro e depois em meu coração. Ela criou um lugar aconchegante para si mesma lá dentro. Agora, essa maldita coisa só bate por ela.

Depois que gozo profundamente dentro dela e a levo ao orgasmo duas vezes seguidas, Elsa fica inerte, parecendo exausta. Provavelmente terei que preparar um banho para ela.

— Eu já te disse o quão louca é sua resistência? — Ela rola para o lado e apoia o cotovelo, de frente para mim.

— Ainda não fizemos a rodada sem isso. — Puxo a camiseta que ainda cobre os peitos dela.

— Eu me rendo. — Ela ri. — Eu me rendo completamente.

— Bom. Porque eu não estava brincando. Eu cumpro minhas promessas, querida.

Um brilho surge em seus olhos enquanto ela mordisca o lábio inferior. Ela o solta rápido, pensando que eu não serei capaz de ler aquele gesto. É inútil. Eu já sei que ela tem algo naquela cabeça ocupada dela.

— O que é?

Ela não diz nada.

— Diga-me ou eu adicionarei outra rodada de uma foda demorada. —

Meus lábios se esticam em um sorriso irônico.

— Você disse que cumpre todas as suas promessas — ela começa.

— Eu cumpro.

— Que tal promessas de dez anos atrás?

Então é sobre isso. Eu sorrio por dentro, mas não mostro nada a ela.

— Não sei. Você ainda não decidiu sua universidade.

Nós temos falado sobre isso nos últimos meses. Eu estava mais do que disposto a abandonar Oxford e ir para Cambridge — mesmo que não seja o melhor para gestão empresarial e que isso irritasse Jonathan. Nada disso importava. Eu já decidi que Elsa e eu vamos morar juntos na universidade. Não vou fazer toda essa merda de longa distância.

— Vou abandonar Oxford — digo a ela com naturalidade. Não me importo com o que alguém tem a dizer sobre isso.

— Que pena. — Ela faz beicinho. — Eu estava pensando em me candidatar lá.

— Você estava?

— Sim. Papai e eu conversamos e decidi voltar ao meu sonho inicial.

— Seu sonho inicial?

— Sim. Eu te mostrei os desenhos quando eu era jovem.

— Construindo casas.

Ela concorda, balançando a cabeça freneticamente.

— Eu vou para a Escola de Arquitetura em Oxford.

— E viveremos juntos. — Sei que estou pulando etapas, mas tenho que bater no ferro enquanto ele está quente.

A verdade é que nunca me canso de Elsa. Me mata mandá-la de volta para casa a cada noite. Eu a quero comigo o tempo todo, porra. Eu quero dormir cercado pelo calor dela toda noite e acordar para ver o rosto dela toda manhã.

Espero que ela relute e me diga que precisa pensar sobre isso. Minha mente já está cheia de mil maneiras de convencê-la. Posso sabotar sua inscrição para o dormitório. Posso enganá-la fazendo-a pensar que alugou uma casa com uma colega de quarto e então surpreendê-la aparecendo. Eu posso...

Elsa alcança debaixo da cama e tira um balde de chocolates. Ela se ajoelha ao meu lado, embalando a coisa enquanto seu rosto fica vermelho brilhante.

Um balde de chocolate? Que porra é essa?

Espere.

O nome da marca me encara.

Maltesers.

— *Quando eu crescer, vou comprar um balde de Maltesers para você.*

— *Por quê?*

— *Porque o papai diz que você tem que comprar presentes para a pessoa com quem você se casa.*

— *Casar? — eu sussurro.*

— *Sim! — Ela sorri. — Quando eu crescer, vou me casar com você.*

— *Eu também vou cumprir a minha promessa — ela murmura.*

— *Não é você que vai propor, eu vou. — Eu resmungo, puxando ela e o balde idiota para junto de mim. — Eu vou me casar com você, Elsa. Você será minha esposa. Minha família. Meu maldito lar.*

Ela acena várias vezes, com lágrimas brilhando em seus olhos.

— *Você também será meu lar, Aiden. Sempre.*

Sempre.

Minha boca colide na dela.

Elsa é minha.

Só minha.

Assim como eu sou dela.

Sempre.

Em breve, vou colocar um bebê dentro dela.

EPÍLOGO - ELSA

Três anos depois

— Como eu estava dizendo, você não pode argumentar comigo usando alguma teoria. Seja um nerd de verdade e prove isso em tempo real.

Aiden encara nossos colegas com sua cara de pôquer característica. Juro que ele se tornou ainda mais tenaz em esconder suas emoções. Tive sorte de conhecê-lo aos dezoito anos, porque Aiden, com vinte e um, me deixaria louca.

Não, corta isso. Ele me deixa louca, mas eu o conheço bem o suficiente para enfrentá-lo a cada momento. Eu nem sempre ganho, mas o desafio vale a pena.

Nossos colegas olham para ele com perguntas e nenhuma resposta. Só Aiden chamaria universitários de nerds na cara deles. Quando eu disse para ele não fazer isso, ele disse que acredita firmemente em chamar as coisas pelos seus nomes.

— Alguém? — Ele desafia. — É, eu achei que não.

Ele tem sorte que Cole não esteja aqui. Teria se transformado em uma guerra total se ele estivesse, e estaríamos todos sentados aqui assistindo eles discutirem a noite toda. Ninguém nunca vence, mas Aiden continua insistindo que vai pegar leve com ele.

— Na verdade, tem um. — Uma voz sinistra vem da minha direita. Seu sotaque americano o diferencia imediatamente.

Eu gemo antes mesmo do idiota se juntar ao círculo. Achei que tínhamos sorte hoje à noite, já que Cole tinha coisas para cuidar. Acontece que não.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto. — Você não pertence a esse clube.

— Agora sim. — Olhos verdes profundos se enchem de travessura enquanto ele balança seu cartão de acesso. — Eu tinha que estar onde todas as crianças legais vão. Não é mesmo, Pres?

O presidente do nosso clube de debate, Oliver, acena com a cabeça para o sorriso encantador do americano. Reviro os olhos. A única razão pela qual ele se juntou é para desafiar Aiden e Cole. Juro que eles atraem lunáticos como esse americano como se fossem irmãos.

Nem Aiden entrou no clube por boa vontade. Eu entrei primeiro e ele simplesmente entrou porque “estava interessado”.

Interessado, uma ova. Ele quis ficar aqui para espantar as moscas, como ele as chama.

A possessividade de Aiden não conhece limites. Ele não gosta de quão próxima eu sou dos outros membros do clube, então ele invadiu para tornar a vida deles um inferno. Ele pode ser tão argumentativo quando quer, que deixa qualquer um frustrado.

— Que bom que você se juntou a nós, Ash. — Aiden sorri enquanto sadismo brilha em seus olhos. — Agora tire os olhos de cima da minha esposa antes que eu crie um problema diplomático entre a Inglaterra e os EUA.

O garoto de ouro americano cai na gargalhada, levantando as mãos.

— Tudo bem, tudo bem. Você é perturbado, cara.

Aiden envolve minha mão com a sua, entrelaçando nossos dedos como se quisesse provar algo. Nossos anéis estão um acima do outro. Algo que Aiden gosta muito de fazer.

Estamos casados há dois anos, e ele vem divulgando isso em todos os lugares. Sempre que alguém olha na minha direção, ele quase os cega com o enorme anel de diamante que ele me deu. Não é algo que eu usaria, mas aceitei assim mesmo. Este anel era de Alicia, e eu entendo seu valor emocional para Aiden.

Logo descobri que ele também o usa para marcar seu território em todas as oportunidades. A imprensa é o único meio que ele não usou para publicidade, mas ele não precisava. Nosso casamento, embora exclusivo para familiares e amigos, virou manchete.

O casamento de King e Steel foi comentado diversas vezes em colunas de negócios e jornais. É o começo de uma nova era para ambas as empresas. Embora papai e Jonathan não sejam os melhores amigos, eles aprenderam a trabalhar juntos.

Ainda não consigo confiar completamente em Agnus. Ele realmente é um psicopata e ainda tenho receio dele. No entanto, papai confia nele, mesmo que ele saiba exatamente sua natureza. Agnus desempenha um papel importante na parceria de papai e Jonathan. Ele se tornou um pilar de suporte para nossas famílias e não posso odiá-lo por isso.

Até a empresa dos meus tios, a Quinn Engineering, tem prosperado desde a parceria entre a King Enterprises e a Steel Corporation. Minha tia ficou um pouco triste quando escolhi Oxford em vez de Cambridge, mas ela superou rapidamente.

— Você tem algo a acrescentar à discussão, Ash? — Aiden pergunta ao seu amigo americano.

Todos os membros da equipe se concentram em Ash. Algumas garotas coram. Outras o encaram com olhos sonhadores. Se ao menos soubessem o que se esconde por trás dessa bela fachada.

Ele é como Aiden. Se não um pouco mais desequilibrado. Ainda não tenho ideia de porque ele deixou sua prestigiosa faculdade nos Estados Unidos para se juntar a nós aqui.

— Sim, na verdade. — Ele se solta em uma cadeira, com os braços pendurados na beirada. — Veja, Aiden. Não preciso provar isso para você porque não temos obrigação legal. Posso escolher provar, mas é apenas voluntário.

— Quando termina o voluntário começa a obrigação? — Aiden retruca.

Eles continuam a discussão sem fim. O público assiste os dois titãs se chocarem com bocas abertas. Até o presidente não ousa dizer nada. Eu, por outro lado? Cansei de assistir dois sociopatas tentando enganar um ao outro.

Enquanto Asher continua falando sobre textos legais e coisas do tipo, aperto a mão de Aiden e sussurro:

— Estou cansada. Vamos para casa.

Ele nem hesita. Ainda segurando minha mão, Aiden se levanta, me levando com ele e interrompe Asher.

— Minha esposa precisa descansar.

— Perdedor — Asher murmura.

— Continuamos depois — Aiden sorri.

— Eu estarei aqui — Asher grita para nós enquanto seguimos para a porta. — Agora, onde eu estava?

Ele inicia uma longa e unilateral argumentação.

— Por que você é amigo dele? — pergunto assim que ficamos sozinhos.

— Porque ele é divertido, querida. Precisamos de pessoas divertidas que não sejam politicamente corretas.

— Você quer dizer sociopatas.

— Toda sociedade precisa de vilões clássicos. — Ele sorri para mim, então suas sobrancelhas franzem. — Por que você está cansada?

— Eu...

Antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele coloca a palma da mão no meio do meu peito.

— Aiden! — Observo os arredores. Sei que ele está apenas verificando meus batimentos cardíacos — como faz todos os dias. Na verdade, às vezes ele dorme com a cabeça no meu coração para ter certeza de que está funcionando corretamente.

— Eu disse para você checar pelo meu pulso quando estivermos em público — eu sussurro. — As pessoas estão observando.

— Fodam-se as pessoas. Vou checar os batimentos da minha esposa do jeito que eu quiser. — Ele tira a mão e coloca dois dedos no meu pescoço. — Hmm. Seu pulso está bom.

— Está — digo enquanto entramos no ar frio.

— Então o que é? Você sente aperto no peito?

— Não.

— Palpitações?

Eu balanço minha cabeça.

Aiden é rigoroso pra caramba quando se trata da minha saúde. Ele é mais atento sobre minhas consultas do que eu. Ele está sempre estudando sobre problemas cardíacos como médicos com diplomas. Ele está até pensando em cursar mais uma faculdade, de medicina.

Sério, ele realmente está.

Ele para na minha frente, abotoa meu casaco até o queixo, tira o cachecol e o amarra em volta do meu pescoço. Tem o cheiro dele, limpo e masculino. Eu respiro profundamente, inspirando-o em meus pulmões. Aiden pega minha mão fria na dele e sopra ar quente nelas antes de colocá-las em meus bolsos.

Eu o observo com um sorriso no rosto. Esse lado de Aiden sempre me

deixa paralisada. Ele é tão carinhoso e atencioso, que eu realmente tenho pesadelos sobre uma vida sem ele.

Ele se tornou uma constante e não consigo mais respirar sem ele. Esqueça amor e adoração, Aiden é o ar que eu respiro. Ele é tudo que eu quero na vida e mais. Só por essa razão, eu fico na ponta dos pés e planto um beijo em seus lábios.

Ele sorri com charme juvenil.

Aiden gosta quando eu o surpreendo com beijos ou quando eu exijo prazer. Ele diz que isso o excita mais do que qualquer outra coisa.

— Vamos, está frio. — Ele aperta minha bochecha. — Preciso levar minha esposa para casa.

Certo. Casa.

Nossa casa fica a cerca de quinze minutos de carro do campus.

Passamos o tempo falando sobre aulas enquanto Aiden mantém a mão na minha coxa. Tenho sorte de estar usando jeans, se eu estivesse de saia, ele já estaria me levando ao orgasmo.

Aiden ainda é Aiden. Sem limites e sem vergonha.

Ele me deixa louca. Juro que me apaixono um pouco mais por ele a cada dia. Eu me apaixono pela forma como ele prepara o café da manhã para mim todas as manhãs. Como ele me leva para correr e observa meu batimento cardíaco durante o exercício. O jeito como ele me carrega da minha mesa para a cama todas as noites quando eu adormeço nela. E como ele me fode como se não se cansasse de mim.

Eu amo sua atenção e sua proteção. Caramba, eu até amo sua possessividade às vezes.

Eu o amo por inteiro.

Chegamos à nossa casa.

É uma casa de dois andares com um pequeno jardim que eu cuido. Aiden comprou o terreno ao lado no nosso aniversário de um ano. Ele disse que é um presente para que eu possa construir minha primeira casa.

Nossa casa de verdade.

Fiquei louca desde então, tendo mil e uma ideias. Estou até pensando em juntar os dois terrenos e me divertir muito com os planos. Por enquanto, moramos em uma casa aconchegante com um toque antigo.

Assim que entramos, paro para tirar meu casaco. Aiden arranca sua jaqueta e corre para a cozinha — para pegar meus remédios, sem dúvida.

Estudo nossa casa com o piso de madeira e decoração escura. Um toque

de excitação me atinge com a lembrança de Aiden me fodendo em cada canto desta casa. No sofá, contra o balcão e até no chão perto da entrada.

Este lugar está cheio de muitas lembranças emocionantes.

Depois de pendurar o casaco e o cachecol no gancho na parede, vou na ponta dos pés em direção à cozinha. Aiden está no balcão mexendo com os comprimidos. Ele ainda lê o rótulo toda vez. Não há risco de erro com ele. Envolver sua cintura com meus braços e esfrego minha bochecha em suas costas.

Aiden pode não ser mais um jogador de futebol — exceto em jogos ocasionais — mas seu físico ainda é forte e tonificado. Nós corremos juntos e ele se exercita quando tem insônia, embora isso tenha se tornado raro desde que nos casamos.

— O que você mais quer no mundo, Aiden?

— Você. — Ele nem perde o ritmo.

Eu sorrio.

— O que mais?

— Você. Saudável, feliz e só minha.

Deus. Esse homem será a minha morte.

— O que mais?

— Isso é tudo.

— Isso é tudo?

— Sim. — Ele se vira e me entrega os comprimidos com um copo de água.

Eu engulo os remédios enquanto ele me observa atentamente. Eu o observo também. Seu cabelo desganhado e escuro, a pinta no canto dos olhos de metal e a sugestão de suas tatuagens de flechas enquanto a manga da camisa se amontoa.

— Vamos descansar um pouco. — Ele agarra meu cotovelo.

— Não estou cansada. — Eu me contorço e me liberto.

Ele levanta uma sobancelha e inclina a cabeça.

— Se você não estiver cansada, eu vou te foder no chuveiro como ontem. Eu gosto quando você está excitada, subindo no meu corpo e arranhando minhas costas.

— Há uma razão para isso.

— Seja lá o que for, eu gosto do motivo. Vamos repetir hoje. — Ele sorri e volta a mexer nas pílulas.

Respiro fundo. Ok, aqui vai.

— Aiden?

— Hum, querida?

— Estou grávida. Seis semanas, para ser exata.

Ele congela, com o frasco de comprimidos meio suspenso em suas mãos. Aiden queria ter um filho há três anos, mas desistiu totalmente quando o Dr. Albert disse que isso poderia ser um perigo para minha vida naquele momento.

No entanto, há três meses, o Dr. Albert me disse que é seguro ter um filho. Desde então, não tomei mais o anticoncepcional. Eu queria fazer uma surpresa para ele no nosso segundo aniversário, há dois meses. No entanto, não engravidei.

Quase chorei toda vez que minha menstruação veio na hora certa nos últimos três meses.

Ontem completou duas semanas que minha menstruação está atrasada. Fiz um teste e bum, grávida. Fiquei tão feliz que queria contar ao Aiden imediatamente, mas guardei para mim até fazer os testes com o Dr. Albert e um obstetra.

Aiden gira. Minha boca se abre. Eu nunca esperei ver aquela expressão no rosto de Aiden.

Medo.

Terror completo.

— Vamos até o Dr. Albert. Ele vai nos dizer como lidar com isso — Ele agarra o meu braço.

— Não. — Eu me afasto dele. — Eu vou ter esse filho.

— E eu não vou ter um filho que vai arriscar sua vida. — A voz de Aiden é autoritária e decidida. — Eu prefiro não ter filhos do que ficar sem você.

Meus olhos se enchem de lágrimas com sua declaração porque sei que é verdade. Aiden ficaria feliz só comigo ao seu lado. Eu sinto isso na minha alma. Mas eu quero dar mais a ele. Eu quero dar tudo a ele. Eu quero ser a mãe dos filhos dele.

— Não estou em perigo. — Eu cubro sua bochecha com minha palma. — Falei com o Dr. Albert e o obstetra e fizemos exames. O bebê e eu estamos saudáveis.

— Você está dizendo isso só para que eu mude de ideia? — Ele estreita os olhos.

— Eu sei que você invadiria a casa do Dr. Albert para ter certeza de que minhas palavras são verdadeiras, então não, não estou blefando. Tenho os

resultados dos testes e tudo na minha bolsa.

Ele corre até lá e passa minutos lendo os resultados repetidamente. Eu fico ali, observando-o e esperando sua reação. Ele passou a olhar fixamente para o ultrassom de uma pequena vida. Uma vida que ele e eu criamos.

— Então — pergunto cuidadosamente. — O que você acha?

— Você está grávida — Ele olha entre mim e o ultrassom como se quisesse ter certeza.

— Sim, Aiden. — Eu embalo meu estômago. — Estou carregando seu bebê.

— Você está carregando meu bebê — ele repete, aproximando-se lentamente de mim.

Quando ele está a uma distância que me permite tocar, pego sua mão e a coloco em meu ventre. Ainda está plano, mas consigo sentir a vida zumbindo dentro de mim. Já consigo sentir a conexão. Ele olha para a mão e acaricia lentamente minha barriga.

— Nós criamos uma vida, Aiden — murmuro. — Você está feliz?

Ele levanta o olhar da minha barriga para encontrar meus olhos.

— Você está?

— Estou nas nuvens. Este é o melhor presente que você poderia ter me dado. — Pressiono meus lábios nos dele. — Eu te amo.

Ele me segura entre seus braços e eu grito enquanto ele me levanta do chão e me abraça. Envolver seu pescoço enquanto ele beija minha boca, minhas bochechas, meu nariz e minha testa.

— Você é o melhor presente que já ganhei, minha rainha.

— E você é meu, meu rei.



SOBRE A AUTORA

Rina Kent é autora de best-sellers internacionais de romances que vão de inimigos a amantes.

A escuridão é seu playground, o suspense é seu melhor amigo e as reviravoltas são o alimento do seu cérebro. No entanto, ela gosta de pensar que é uma romântica incorrigível, então não mate suas esperanças ainda.

Seus heróis são anti-heróis e vilões porque ela sempre foi a esquisita que se apaixonava pelos caras pelos quais ninguém torce. Seus livros são salpicados com um toque de mistério, uma dose saudável de angústia, uma pitada de violência e muita paixão intensa.

Rina passa seus dias privados em uma cidade pacífica no Norte da África, sonhando acordada com a próxima ideia ou rindo como uma vilã quando essas ideias se concretizam.